O CAOS DE UM COLAPSO DIGITAL,
MAIS PRÓXIMO DO QUE VOCÊ IMAGINA

MATTHEW MATHER

BEST-SELLER #1 DE FICÇÃO CIENTÍFICA

CYBERSTORM

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."


Tradução
Carolina Caires Coelho
MATTHEW MATHER
CYBERSTORM
ALEPH

SUMÁRIO

Capa
Folha de rosto
Dedicatória
CYBERSTORM
- PRÓLOGO
- 25 DE NOVEMBRO – CHELSEA, CIDADE DE NOVA YORK
- 27 DE NOVEMBRO
- 8 DE DEZEMBRO
- 17 DE DEZEMBRO
- DIA 1: 23 DE DEZEMBRO - 8:55
  - 11:55
  - 02:45
  - 05:30
  - 19:00
  - 3:35
- DIA 2: VÉSPERA DE NATAL, 24 DE DEZEMBRO - 7:05
  - 10:05
  - 19:20
  - 21:00
- DIA 3: DIA DE NATAL, 25 DE DEZEMBRO - 9:35
  - 20:45
- Dia 4: 26 DE DEZEMBRO - 07:35
  - 09:45
  - 15:40
- DIA 5: 27 DE DEZEMBRO - 09:00
  - 15:45
  - 20:00
  - 02:25
- DIA 6: 28 DE DEZEMBRO - 08:20
  - 15:30
- DIA 7: 29 DE DEZEMBRO
- DIA 8: 30 DE DEZEMBRO
- DIA 9: VÉSPERA DE ANO NOVO, 31 DE DEZEMBRO

DIA 10: ANO NOVO, 1º DE JANEIRO
DIA 11: 2 DE JANEIRO
DIA 12: 3 DE JANEIRO
DIA 13: 4 DE JANEIRO
DIA 14: 5 DE JANEIRO
DIA 15: 6 DE JANEIRO
DIA 16: 7 DE JANEIRO
DIA 17: 8 DE JANEIRO
DIA 18: 9 DE JANEIRO
DIA 19: 10 DE JANEIRO
DIA 20: 11 DE JANEIRO
DIA 21: 12 DE JANEIRO
DIA 22: 13 DE JANEIRO
DIA 23: 14 DE JANEIRO
DIA 24: 15 DE JANEIRO
DIA 25: 16 DE JANEIRO
DIA 26: 17 DE JANEIRO
DIA 27: 18 DE JANEIRO
DIA 28: 19 DE JANEIRO
DIA 29: 20 DE JANEIRO
DIA 30: 21 DE JANEIRO
DIA 31: 22 DE JANEIRO
DIA 32: 23 DE JANEIRO
DIA 33: 24 DE JANEIRO
DIA 34: 25 DE JANEIRO
DIA 35: 26 DE JANEIRO
DIA 36: 27 DE JANEIRO
DIA 40: 31 DE JANEIRO
DIA 47: 7 DE FEVEREIRO
DIA 53: 13 DE FEVEREIRO
DIA 59: 19 DE FEVEREIRO
Dia 63: 23 DE FEVEREIRO
Dia 64: 24 DE FEVEREIRO
29 DE JUNHO
4 DE JULHO
AGRADECIMENTOS
Sobre o autor
Notas de rodapé
Créditos e copyright

sempre nos manter seguros e, é
claro, por seu amor.

CYBERSTORM

PRÓLOGO

Levantei os óculos, parei e hesitei, observando a noite a olho nu. A noite estava muito escura e silenciosa, e minha mente parecia desligada. Sozinho, olhando para o vazio, me tornei um pontinho de vida flutuando solitário no universo. A princípio, a sensação foi aterrorizante, minha mente em confusão, mas logo ficou reconfortante. *Talvez a morte seja assim. Solitária, pacífica, flutuando, flutuando, sem medo...*

Ao colocar os óculos de visão noturna diante dos olhos de novo, vi flocos de neve verdes e fantasmagóricos caindo delicadamente ao meu redor.

Senti muita fome de manhã, a ponto de quase me forçar a sair durante o dia. Chuck me impediu, conversou comigo, me acalmou. Eu expliquei que não era por mim, era por Luke, Lauren e Ellarose – qualquer coisa que me permitisse conseguir uma dose, como se eu fosse um viciado.

Eu ri. *Sou viciado em comida.*

Os flocos de neve que caíam eram hipnóticos. Fechando os olhos, respirei fundo. *O que é real? O que é a realidade, afinal?* Eu sentia como se estivesse tendo alucinações. Minha mente vagava, sem conseguir se fixar em nada. *Segure a onda, Mike. Luke está contando com você. Lauren está contando com você.*

Abri os olhos, forcei-me a me concentrar naquele momento e toquei o telefone que estava em meu bolso para abrir o *display* de realidade aumentada. Um campo de pontos vermelhos se abriu a distância e, respirando fundo mais uma vez, coloquei cuidadosamente um pé na frente do outro, e segui pela rua 24, na direção de um amontoado de pontos na Sexta avenida.

25 DE NOVEMBRO

CHELSEA, CIDADE DE NOVA YORK

– Estamos vivendo uma época incrível!

Analisei o pedaço de carne queimada que eu segurava a minha frente.

– Uma época incrivelmente perigosa – riu Chuck, meu vizinho e melhor amigo, tomando um gole de cerveja. – Belo trabalho. Provavelmente ainda está congelado por dentro.

Balançando a cabeça, coloquei a salsicha queimada na beira da grelha.

Era uma semana excepcionalmente quente para o Dia de Ação de Graças, por isso decidi fazer um churrasco de última hora no terraço de nosso prédio, um antigo complexo de galpões reformado. A maioria de nossos vizinhos ainda estava aqui, de folga no feriado, então, meu filho Luke, de quase dois anos, e eu havíamos passado a manhã batendo de porta em porta, convidando todos eles para o nosso churrasco.

– Não reclame da minha comida, e nem comece com esse papo.

Foi um início espetacular de noite, com o sol se pondo e ainda brilhando forte. De nossa vista, sete andares acima, a paisagem de árvores de tons avermelhados e dourados do fim do outono estendia-se de um lado a outro pelo rio Hudson, complementada pelo barulho da rua e pelo horizonte da cidade ao fundo. Nova York continuava tendo uma intensidade que me animava, mesmo depois de passar dois anos morando aqui. Olhei ao redor, para nossos vizinhos. Havíamos reunido um grupo de trinta pessoas para a festa, e me senti secretamente orgulhoso por tantas terem comparecido.

– Então você não acha possível que uma erupção solar destrua o planeta? – Chuck perguntou, levantando as sobrancelhas.

Seu sotaque sulista nasalado fazia até mesmo desastres parecerem letras de música e, deitado em uma espreguiçadeira com calça jeans rasgada e uma camiseta dos Ramones, ele parecia um astro de rock. Seus olhos castanhos brilhavam alegres sob uma desgrenhada cabeleira loira e uma barba rala de dois dias completava o visual.

– Era exatamente esse papo que eu não queria que você começasse.

– Só quero dizer...

– O que você quer dizer sempre leva ao desastre. – Revirei meus olhos. – Acabamos de passar por uma das mais incríveis transições na história humana. – Espetando as linguiças na grelha, aticei as chamas de novo.

Tony, um de nossos porteiros, estava de pé ao meu lado, ainda vestindo as roupas de trabalho e a gravata, mas pelo menos havia tirado o paletó. De corpo avantajado, moreno com traços italianos marcantes, ele era tão do Brooklyn quanto o time dos Dodgers dos velhos tempos, e seu sotaque era um lembrete constante desse fato. Tony era o tipo de cara a quem as pessoas se afeiçoavam logo de cara, sempre disposto a ajudar e com um sorriso e uma piada para acompanhar. Luke também o adorava. Desde que aprendera a andar, sempre que ia ao andar de baixo, ele saía disparado do elevador assim que chegávamos no térreo e corria à mesa da recepção para encontrar Tony, dando gritos de alegria. O sentimento era mútuo.

Desviando o olhar das linguiças, falei diretamente para Chuck: – Mais de um bilhão de pessoas nasceu na última década... é como se uma *nova* cidade de Nova York surgisse a cada mês nos últimos dez anos, o crescimento populacional mais rápido que já houve ou que haverá. – Balancei a pinça de churrasco para enfatizar o que dizia. – Sim, houve algumas guerras, mas nenhuma de grandes proporções. Acredito que isso diga algo a respeito da raça humana. – Fiz uma pausa dramática. – Estamos amadurecendo.

– A maioria desses novos bilhões de pessoas ainda está engatinhando – Chuck disse. – Espere quinze anos até elas quererem carros e máquinas de lavar, e então veremos se estão maduras.

– A pobreza mundial, em termos de dinheiro e de renda *per capita*, é metade do que era há quarenta anos...

– E ainda assim, um em cada seis norte-americanos passa fome, e a maior parte da população é subnutrida – Chuck interrompeu.

– *E*, pela primeira vez na história mundial, daqui a um ou dois anos, mais seres humanos viverão nas cidades do que no interior – continuei.

– Você diz isso como se fosse algo bom.

Tony balançou a cabeça, tomou um gole da cerveja e sorriu. Ele já tinha testemunhado essa discussão.

– *É* uma coisa boa – eu disse. – O meio ambiente urbano usa a energia de modo muito mais eficiente do que o rural.

– Acontece que "urbano" não é um meio ambiente – Chuck contra-argumentou. – O *meio ambiente* é um meio ambiente. Você fala das cidades como se fossem bolhas autossuficientes, mas não são. Dependem totalmente do mundo natural que as cerca.

Apontei a pinça na direção dele.

– O mesmo mundo que estamos salvando vivendo juntos nas cidades.

Voltando a atenção ao churrasco, vi que a gordura que pingava das linguiças havia reavivado as chamas e torrava os peitos de frango.

– Só estou dizendo que no fim das contas...

– Quando um terrorista lançar uma bomba nuclear sobre os Estados Unidos? Um pulso eletromagnético? – perguntei enquanto ajeitava os pedaços de carne. – Ou uma superbactéria espalhada a esmo?

Chuck assentiu.

– Qualquer um desses.

– Sabe com o que você deveria estar preocupado?

– Com o quê?

Não precisava dar a ele nada novo com o que ficar obcecado, mas não me contive.

– Ciberataque.

Atrás dele, vi os pais de minha mulher chegando. Meu estômago embrulhou. Eu daria qualquer coisa para ter um relacionamento simples com meus sogros, mas a maioria das pessoas queria a mesma coisa.

– Já ouviu falar em algo chamado Dragão Noturno? – perguntei.

Chuck e Tony deram de ombros.

– Há alguns anos, começaram a encontrar um código de computador desconhecido, plantado em bases de sistemas de controle em todo o país. Rastrearam os comandos, chegando ao IP de alguns prédios comerciais na China. Essa coisa tinha sido desenvolvida especialmente para detonar toda a rede de energia dos Estados Unidos.

Chuck não se surpreendeu.

– E então? O que aconteceu?

– Não aconteceu nada, *ainda*, mas o problema é a sua atitude. É a atitude de todo mundo. Se chineses estivessem espalhados pelo país, colocando pacotes de explosivos C-4 em torres de transmissão, as pessoas estariam em polvorosa, gritando “malditos assassinos” e declarando guerra.

– Antes, eles jogavam bombas para derrubar fábricas, mas agora só clicam com o mouse?

– Isso mesmo.

– Viu? – Chuck disse, sorrindo. – Você é um sobrevivencialista, afinal.

Eu ri. De maneira alguma eu começaria a me preparar para desastres.

– Responda uma coisa: quem controla a Internet, essa coisa da qual nossas vidas dependem?

– Não sei. O governo?

– Na verdade, *ninguém* a controla. Todo mundo a gerencia, mas ninguém a controla.

Chuck riu.

– Isso, sim, parece uma fórmula para o desastre.

– Vocês estão me assustando – Tony disse, finalmente encontrando uma brecha para se intrometer: – Não podemos falar sobre beisebol, para variar? – As

chamas na churrasqueira aumentaram de novo, e ele se retraiu, fingindo medo. – E talvez seja melhor que eu assuma a churrasqueira. Você tem coisa mais importante a fazer, não?

– E gostaríamos de comer carne não queimada – Chuck acrescentou, sorrindo.

– Sim, com certeza. – Sem entusiasmo, entreguei os pegadores para Tony.

Lauren estava olhando para mim de novo. Eu tentava postergar o inevitável. Ela ria enquanto falava com alguém, afastando os cabelos compridos e acobreados com a mão.

Com altas maçãs do rosto e luminosos olhos verdes, Lauren atraía a atenção sempre que entrava em uma sala. Tinha as características marcantes e refinadas de sua família, um nariz e queixo finos que acentuavam seu rosto fino. Mesmo estando com ela há cinco anos, eu ainda perdia o fôlego ao olhar para ela... e ainda não conseguia acreditar que havia me escolhido.

Respirando fundo, ajeitei meus ombros.

– Deixo a churrasqueira aos seus cuidados – eu disse a ninguém em particular. Eles já tinham voltado a falar sobre o ciberapocalipse.

Deixei a cerveja sobre uma mesa ao lado da churrasqueira e me aproximei de minha esposa. Ela estava do outro lado da grande cobertura de nosso prédio, conversando com seus pais e alguns vizinhos.

Eu insisti para que convidássemos os pais dela para passar o Dia de Ação de Graças conosco, mas já estava me arrependendo. A família dela era tradicional de Boston, brâmanes fervorosos, e apesar de no início do casamento ter me esforçado para conseguir a aprovação deles, ultimamente eu havia desistido e compreendi que nunca seria bom o suficiente. Mas eu não era mal-educado.

– Sr. Seymour – cumprimentei, estendendo a mão –, muito obrigado por vir.

Vestindo um blazer de lã bem cortado com destaque para um lenço azul-marinho, uma camisa azul e gravata de caxemira marrom, o sr. Seymour olhou para a frente e contraiu os lábios num sorriso. Eu me senti inadequado com

minha calça jeans e camiseta. Vencendo os poucos metros que nos separavam, segurei a mão que ele me ofereceu e a apertei.

Olhei para a mãe de minha esposa: – Sra. Seymour, adorável como sempre. – Ela estava sentada na beirada do banco de madeira ao lado do marido e da filha, vestindo um terninho marrom com um grande chapéu combinando, além de um espesso colar de pérolas. Segurando a bolsa no colo, ela se inclinou para a frente como se fosse se levantar.

– Não, não, por favor, não se levante. – Eu me abaixei para beijar seu rosto. Ela sorriu e voltou a se acomodar. – Obrigado por vir passar o Dia de Ação de Graças conosco.

– Então, você vai pensar no assunto? – o sr. Seymour disse em voz alta para Lauren. Era quase possível distinguir as camadas sociais de seus ancestrais em sua voz, uma voz grave tomada por orgulho e responsabilidade, e, naquele dia, talvez um pouco de condescendência. Ele estava falando para que eu ouvisse.

– Sim, papai – Lauren sussurrou, olhando rapidamente para mim e depois para baixo. – Vou.

Não mordi a isca.

– Vocês foram apresentados aos Borodin? – Eu fiz um gesto em direção ao casal russo idoso sentado à mesa ao lado deles. Aleksandr, o marido, já estava dormindo em uma espreguiçadeira, roncando baixinho ao lado da esposa, Irena, que estava tricotando.

Os Borodin eram nossos vizinhos. Às vezes, eu passava horas ouvindo as histórias de Irena a respeito da Segunda Guerra Mundial. Eles tinham sobrevivido ao sítio em Leningrado, atual São Petersburgo, e eu achava fascinante o fato de ela ter sobrevivido a tamanho horror e ainda assim ser tão positiva e delicada com o mundo. Também fazia um *borscht* incrível.

– Lauren nos apresentou. Um prazer – o sr. Seymour murmurou, sorrindo para Irena. Ela tirou os olhos de seu tricô e retribuiu o sorriso, e então voltou a atenção para as meias que estavam pela metade.

– Então. – Eu abri os braços. – Vocês já viram o Luke?

– Não, ele está lá embaixo com Ellarose e a babá, na casa de Chuck e Susie – Lauren respondeu. – Não conseguimos vê-lo ainda.

A sra. Seymour se endireitou.

– Mas nós fomos convidados para ir ao Met... ingressos para o ensaio geral do novo espetáculo *Aida*.

– É mesmo?

Eu olhei para Lauren e então me virei na direção de Richard, outro de nossos vizinhos, que definitivamente *não* era um de meus preferidos.

– Obrigado, *Dick*.

De rosto bonito e quadrado, ele tinha sido um astro do futebol universitário na época em que cursava em Yale. Sua esposa, Sarah, era uma coisinha minúscula, e estava sentada atrás dele como uma cachorrinha tímida. Ela puxou as mangas da blusa para cobrir os braços nus quando olhei para ela.

– Sei que os Seymour adoram ópera – Richard explicou, como um corretor da bolsa de Manhattan descrevendo uma opção de investimento. Os Seymour eram uma família tradicional de Boston, e a família de Richard era tradicional de Nova York. – Temos os assentos de "amigos e familiares" no Met. Só tenho quatro ingressos, e a Sarah não quis ir – a esposa deu de ombros sem vigor atrás dele – e, sem querer tirar conclusões precipitadas, achei que não seria algo de seu interesse, meu velho. Pensei em levar Lauren e os Seymour, um presentinho de Dia de Ação de Graças.

O sotaque do sr. Seymour era verdadeiro, mas o modo de falar meio falso e afetado de um adolescente britânico adotado por Richard irritava meus ouvidos.

– Acho que não.

O que diabos ele está aprontando?

Pausa desconfortável.

– Precisamos ir já para chegar a tempo – Richard acrescentou, erguendo as sobrancelhas. – O ensaio começa cedo.

– Mas íamos começar a servir a comida. – Eu apontei em direção às mesas com toalha xadrez e tigelas de salada de batata e pratos de papel. Tony acenou

para nós com a pinça.

– Tudo bem, comemos algo no caminho – o sr. Seymour disse, de novo apertando os lábios. – Richard estava falando sobre um novo bistrô incrível no Upper East Side.

– Foi só uma ideia – Lauren acrescentou, sem graça. – Estávamos conversando e o Richard comentou.

Respirei fundo, cerrando os punhos, mas me controlei e suspirei. Minhas mãos relaxaram. Família era família, e eu queria que a Lauren se sentisse feliz. Talvez aquilo ajudasse. Cocei um olho e soltei o ar.

– Essa é uma ótima ideia. – Olhei para a minha esposa com um sorriso verdadeiro e senti que ela relaxou. – Cuidarei do Luke, portanto não se apressem para voltar. Divirtam-se.

– Tem certeza? – Lauren perguntou.

Um milímetro de gratidão recompôs nosso relacionamento.

– Absoluta. Vou tomar umas cervejas com os rapazes. – Pensando bem, aquela ideia parecia cada vez melhor. – É melhor vocês irem. Talvez possamos nos encontrar para uma saideira?

– Combinado, então? – o sr. Seymour perguntou.

Em poucos minutos, eles se foram e eu voltei a me reunir com os rapazes, enchi o prato de linguiça e procurei uma cerveja na caixa de isopor.

Eu me sentei em uma cadeira.

Chuck parou uma garfada de salada de batata a caminho da boca.

– É isso o que dá casar-se com uma mulher chamada Lauren Seymour.

Eu ri e abri a cerveja.

– E então, o que está sendo dito sobre essa confusão entre a China e a Índia por causa daquelas represas no Himalaia?

27 DE NOVEMBRO

A visita da família não deu muito certo.

O jantar do Dia de Ação de Graças deu início ao desastre, primeiro porque tínhamos encomendado um peru pré-cozido do Chelsea Market – “Ah, minha nossa, vocês não preparam o peru?”– e, então, a esquisita disposição dos lugares sobre o balcão da cozinha – “Quando vão comprar um apartamento maior?”– com o grande final, eu não conseguindo assistir ao jogo dos Steelers – “Não tem problema, se Michael quer assistir ao jogo, voltamos para o hotel”.

Richard havia nos convidado para ir ao apartamento dele, no fim do corredor, para os drinques depois do jantar, em seu triplex que parecia um palácio, com vista para o horizonte de Manhattan, onde a esposa dele, Sarah, nos serviu – “Claro que preparamos o peru. Vocês não?”.

A conversa logo tomou o rumo dos conhecidos em comum das duas famílias: “Incrível, não é? Richard, você deve ser quase um primo de terceiro grau de nossa Lauren”, rapidamente seguido por “Mike, você conhece a história de sua família?”.

Eu conhecia, e envolvia ferragens e boates, então eu disse que não sabia.

O sr. Seymour fechou a noite interrogando Lauren a respeito das perspectivas de um novo emprego, que eram inexistentes. Richard deu sugestões a respeito de contatos que ele podia apresentar a ela. Educadamente, perguntaram como meu trabalho estava indo – eu era sócio em um fundo de capital de risco especializado em mídias sociais –, e logo disseram que a Internet era complicada demais para sequer ser discutida, e então: “Richard, como seu fundo de previdência familiar está sendo gerenciado?”.

Devo admitir que a Lauren me defendeu, e tudo permaneceu civilizado.

Eu passei a maior parte do resto do tempo servindo de motorista, levando-os para encontrar amigos em lugares diferentes, como o Metropolitan Club, o Core Club e, claro, o Harvard Club. Os Seymour tiveram a honra de pelo menos um membro da família de cada geração ter estudado em Harvard desde sua fundação, e quando visitavam o clube homônimo, eram tratados como a realeza.

Richard até teve a delicadeza de nos convidar para ir ao Yale Club para um drinque na sexta à noite. Eu quase o esganei. Graças aos céus, foi uma visita de apenas dois dias, e finalmente tivemos o fim de semana livre.

Era início da manhã de sábado, e eu estava sentado ao balcão de granito da cozinha, dando de comer ao Luke, sentado em seu cadeirão enquanto eu me equilibrava em um banquinho, assistindo ao noticiário da manhã na CNN. Eu cortava maçãs e pêssegos em pedacinhos e os deixava na frente dele, em um prato. Ele pegava cada pedaço com satisfação e abria um sorriso cheio de dentes e de gengiva para mim, e então comia a fruta ou gritava e a jogava no chão para Gorbachev, o vira-lata adotado dos Borodin.

Ele não se cansava da brincadeira. “Gorby” parecia passar tanto tempo no nosso apartamento quanto em casa com Irena, e fugia para arranhar nossa porta sempre que eles abriam a porta da casa deles. Ao ver Luke jogando comida para ele, não era difícil entender o motivo. Eu queria um cachorro, mas Lauren era contra. “Pelos demais”, ela dizia – até mesmo a presença de Gorby testava sua paciência, como ficava claro sempre que ela me pedia ajuda para tirar os pelos de cachorro de um blazer ou de uma calça.

Batendo os punhos na bandeja, Luke gritou: “Pa!”, sua palavra universal para qualquer coisa relacionada a mim, e então esticou a mão – “mais maçã, por favor”.

Eu balancei a cabeça, rindo, e comecei a cortar mais pedaços.

Luke ainda não tinha dois anos, mas era do tamanho de um menino de três, e ele devia ter herdado isso do pai, pensei sorrindo. Cachinhos dourados emolduravam o rosto de bochechas sempre rosadas. Ele sempre estampava um sorriso travesso, mostrando uma boca cheia de dentinhos brancos, como se

estivesse prestes a fazer algo que ele sabia que não podia – o que quase sempre acontecia.

Lauren saiu de nosso quarto, os olhos ainda semicerrados.

– Não me sinto bem – ela murmurou, cambaleando até o banheiro pequeno, o único outro cômodo com porta em nosso apartamento de menos de noventa metros quadrados. Eu a ouvi tossir e então, o barulho do chuveiro sendo aberto.

– O café está pronto – eu resmunguei, pensando: *Ela não bebeu tanto assim ontem à noite*, enquanto assistia a estudantes chineses enfurecidos na cidade de Taiyuan queimando bandeiras norte-americanas. Eu nunca ouvira falar de Taiyuan, então, enquanto colocava mais pedaços de fruta na frente de Luke com uma das mãos, mexi no tablet com a outra.

Wikipédia: *Taiyuan é a capital e maior cidade da província de Shanxi, no norte da China. No censo de 2010, a população total era de 4.201.591.*

Caramba. Maior do que Los Angeles, a segunda maior cidade dos Estados Unidos, e Taiyuan era a vigésima maior da China. Teclando mais um pouco, descobri que a China tinha mais de 160 cidades com população superior a um milhão de habitantes, enquanto os Estados Unidos tinham exatamente nove.

Olhei para o telejornal. A imagem na tela era agora da vista aérea de um porta-aviões de aparência estranha. Um âncora da CNN descrevia a cena: "*Aqui, vemos o primeiro e, até agora, único porta-aviões da China, o* Liaoning, *cercado por muitos contratorpedeiros Lanzhou de frente para o* USS George Washington *no estreito de Luzon no mar da China Meridional"*.

– Peço desculpas por meus pais, querido – Lauren sussurrou quando apareceu atrás de mim, secando os cabelos com uma toalha, vestindo um roupão branco e felpudo. – Lembre-se de que foi sua ideia.

Inclinando-se para a frente para acariciar Luke, ela o beijou e ele gritou de alegria pela atenção recebida, e então ela me abraçou e beijou meu pescoço.

Eu retribuí o carinho, satisfeito com o afeto depois de alguns dias de tensão.

– Eu sei – respondi.

Um oficial da marinha norte-americana apareceu na CNN: "*Há menos de*

cinco anos, o Japão mandou que tirássemos nossos garotos de Okinawa, mas agora estão implorando por ajuda de novo. Os japas têm uma frota de porta-aviões vindo para cá, por que raios...”.

– Eu te amo, querido. – Lauren havia escorregado uma das mãos por baixo da minha camiseta e acariciava meu peito.

– Eu também te amo.

– Você pensou mais sobre irmos para o Havaí no Natal?

“... e Bangladesh será atingida com força se a China desviar o Brahmaputra. Eles precisam de amigos agora mais do que nunca, mas nunca pensei que a Sétima Frota fosse parar em Chittagong...”

Eu me afastei dela.

– Você sabe que não me sinto à vontade com a sua família pagando.

– Então, deixe que eu pago.

– Com dinheiro de seu pai.

– Só porque não estou *trabalhando* porque *pedi demissão* para ter o Luke. – Era um assunto delicado.

Ela se virou para pegar uma xícara e a encheu de café. Puro. Sem açúcar naquele dia. Recostando-se no fogão, ela envolveu a xícara do líquido quente com as mãos, afastando-se de mim.

“... começando operações cíclicas constantemente, lançamento ininterrupto e missões de recuperação dos três porta-aviões norte-americanos que agora estão em...”

– Não é só o dinheiro. Não me sentiria à vontade passando o Natal lá com sua mãe e seu pai, e já passamos o Dia de Ação de Graças com eles.

Ela me ignorou.

– Eu tinha acabado de fechar acordo com a Latham e passado no exame da ordem dos advogados – ela falava mais consigo mesma do que comigo –, e agora todo mundo está enxugando o quadro de funcionários. Joguei a oportunidade fora.

– Você não jogou fora, querida. – Olhei para Luke. – Estamos todos

sofrendo. Essa nova retração econômica está pegando todo mundo.

No silêncio que se fez, o âncora da CNN começou a abordar um novo assunto: "*Relatos de que os sites do governo norte-americano estão sendo hackeados e vandalizados. Com as forças navais chinesas e americanas em posição de confronto, as tensões só aumentam. Vamos falar agora com nosso correspondente na sede do Fort Meade Cyber Command...*".

– O que acha de irmos a Pittsburgh? – eu propus. – Ver minha família?

"*... os chineses argumentam que a invasão dos sites do governo norte-americano é o trabalho de cidadãos hacktivistas, e a maior parte da atividade parece se originar de fontes russas...*"

– Sério? Você não quer ir para o Havaí sem pagar nada e quer que eu vá para Pittsburgh? – Um músculo do pescoço dela se contraiu. – Seus dois irmãos são criminosos condenados. Não tenho certeza de que quero expor Luke a esse tipo de ambiente.

– Fala sério, eles eram adolescentes quando isso aconteceu. Já conversamos sobre isso.

Ela não disse nada.

– Um de seus primos não foi preso no verão passado? – eu disse em autodefesa.

– Preso. – Ela balançou a cabeça. – Não *condenado*. Há uma diferença.

Olhei fixamente nos olhos dela.

– Nem todo mundo tem a sorte de ter um tio no Congresso.

Luke olhava para nós dois.

– E então – eu comecei, falando mais alto –, em que seu pai queria que você pensasse a respeito? – Eu já sabia que era uma oferta nova para atraí-la de volta a Boston.

– Como assim?

– Não se lembra?

Ela suspirou e olhou para o café.

– Uma oferta de sociedade na Ropes & Gray.

– Não sabia que você tinha se candidatado.

– Eu não...

– Não vou me mudar para Boston, Lauren. Pensei que a ideia de nos mudarmos para cá era de que você desse início a sua própria vida.

– E era.

– Pensei que estivéssemos tentando dar um irmão ou uma irmã ao Luke. Não era isso o que você queria?

– Era mais um desejo seu do que meu.

Olhei para ela sem acreditar, minha visão de nosso futuro juntos começando a se desfazer apenas com aquelas palavras. Mas já tínhamos trocado mais do que palavras desconfortáveis ultimamente. Senti um nó na garganta.

– Vou completar trinta anos este ano. – Ela bateu a xícara de café no balcão. – Oportunidades como essa não aparecem com frequência. Pode ser minha última chance de ter uma carreira.

Silêncio enquanto encarávamos um ao outro.

– Vou para a entrevista.

– É essa a conversa? – Meu coração se acelerou. – Por quê? O que está havendo?

– Eu disse o porquê.

Nós nos observamos em um silêncio mutuamente acusador. Luke começou a se remexer na cadeira.

Lauren suspirou, abaixando os ombros.

– Não sei, está bem? Eu me sinto perdida. Não quero falar sobre isso agora.

Eu relaxei e minha pulsação diminuiu.

Lauren olhou para mim e então desviou o olhar.

– Vou encontrar o Richard para um *brunch* para conversar sobre algumas ideias que ele tinha para mim.

Senti meu rosto corar.

– Eu acho que ele bate na Sarah.

Lauren ficou tensa.

– *Por que* está dizendo isso?

– Você viu os braços dela no churrasco? Ela os estava cobrindo. Vi hematomas.

Balançando a cabeça, incrédula, ela rosnou: – Você está com ciúmes. Não seja ridículo.

– De que eu sentiria ciúmes?

Luke começou a chorar.

– Vou me vestir – ela desconversou, balançando a cabeça. – Não faça perguntas idiotas. Você sabe o que quero dizer.

Ela me ignorou, inclinou-se e beijou Luke, sussurrou um pedido de desculpas, dizendo que não queria ter gritado e que o amava. Depois de acalmar Luke, lançou para mim um olhar zangado e partiu para o quarto, onde fechou a porta com força.

Suspirando, peguei Luke no colo, recostei a cabecinha dele em meu ombro e passei a mão em suas costas.

– Por que ela se casou comigo, hein, Luke?

Depois de dois ou três suspiros, ele relaxou o corpinho e se aconchegou a mim.

– Vamos. Vou levar você para visitar Ellarose e a tia Susie.

8 DE DEZEMBRO

– Quantos destes você tem aí?

– Cinquenta. E isso é só a água.

– Você está de brincadeira. Só tenho meia hora, e depois preciso subir para dispensar a babá.

Chuck deu de ombros.

– Vou telefonar para a Susie. Ela pode cuidar do Luke.

– Maravilha. – Eu estava descendo a escada com dificuldade, segurando um galão de quinze litros de água em cada mão. – Então, você está pagando quinhentos dólares por mês para armazenar 760 litros de água?

Chuck era proprietário de uma rede de restaurantes cajun em Manhattan, e seria de se pensar que ele pudesse estocar coisas em um deles, mas ele dizia que precisava de tudo por perto. Um membro do Virginia Preppers, um grupo preparado para enfrentar situações de crise, não poderia ser cuidadoso demais, ele costumava dizer. Tinha certas sensibilidades que definitivamente não eram as de um nova-iorquino.

Sua família era do sul da linha Mason-Dixon. Ele era filho único, e os pais tinham morrido em um acidente de carro assim que ele terminara a faculdade; então, quando ele conheceu Susie, os dois decidiram começar do zero e tinham vindo para Nova York. Minha mãe morrera quando eu cursava a universidade, e eu mal conheci meu pai. Ele nos deixou quando eu era pequeno, portanto, foram meus irmãos quem me criaram. Nossas situações familiares parecidas nos uniu quando nos conhecemos.

– É mais ou menos do tamanho, e tenho sorte por ter conseguido esse armário extra. – Chuck riu, observando meus esforços. – Você precisa ir à

academia, meu amigo.

Eu desci com dificuldade os últimos degraus até o porão. Enquanto as outras partes de nosso condomínio eram muito bem decoradas e preservadas – jardins japoneses bem podados perto da academia e do spa, uma queda-d'água interna na entrada, segurança 24 horas por dia –, o sótão era mais funcional. Os degraus polidos de carvalho que desciam a partir da entrada dos fundos levavam a um chão de concreto áspero e lâmpadas sem proteção. Ninguém ia ali. Ou melhor, ninguém, a não ser Chuck.

Ri meio desanimado de sua crítica, sem prestar muita atenção. Eu não parava de pensar em Lauren. Quando nos conhecemos em Harvard, tudo parecia possível, mas, agora, sentia que ela estava se afastando de mim. Naquela noite, ela havia ido à entrevista em Boston e passaria a noite com a família lá. Luke havia ido para a pré-escola de manhã, mas eu não tinha conseguido encontrar uma babá para o período da tarde, por isso saí do trabalho e voltei para casa. Lauren e eu havíamos discutido por ela ir a Boston, mas havia algo a mais. *Tem alguma coisa que ela não me contou.*

No fim do corredor, parei e abri a porta do armário de estocagem de Chuck com o cotovelo. Gemendo, eu ergui os dois galões de água e os coloquei em cima da pilha que ele havia começado a arrumar.

– Uma do lado da outra – Chuck disse, aproximando-se por trás com seus galões. Colocou-os ali, e nós nos viramos para voltar e buscar mais.

– Você viu aquele lance online hoje? – ele perguntou. – A WikiLeaks divulgou os planos do Pentágono para bombardear Beijing.

Dei de ombros, ainda pensando em Lauren. Lembrei da primeira vez em que a vi caminhar entre os prédios de tijolos aparentes do *campus* de Harvard, rindo com as amigas dela. Eu havia acabado de começar o MBA, o qual eu estava pagando com o dinheiro que recebi pela venda de minha parte em uma *start-up* de mídia, e ela tinha acabado de começar a estudar direito. Nós dois tínhamos muito sonhos de tornar o mundo um lugar melhor.

– Estão fazendo muito barulho com isso na imprensa – Chuck continuou –,

mas acho que não é nada demais. Só teatro.

– Ah-hã. – Logo depois que Lauren e eu nos conhecemos, tivemos conversas intensas nos corredores do Harvard Square, onde ficávamos bebendo cerveja, o que levou a noites passionais. Eu fui o primeiro de minha família a frequentar uma faculdade, ainda mais Harvard, e eu sabia que ela era de uma família rica e tradicional, mas, na época, não dei importância. Ela queria escapar do cerco de sua família, e eu queria tudo o que ela era.

Nos casamos logo depois da formatura (na verdade, fugimos), e mudamos para Nova York. O pai dela não se surpreendeu. Logo depois do casamento, ela engravidou – um feliz imprevisto, mas que mudou para sempre o mundo novo no qual mal havíamos nos instalado.

– Você não escutou nem uma palavra do que eu disse, não é?

Olhei para a frente. Chuck e eu tínhamos passado pela porta de trás de nosso prédio e estávamos na calçada da rua 24. Chovia, e o céu cinzento e gélido combinavam com meu humor. Uma semana antes, o clima estava quente, mas a temperatura caíra de repente.

Aquela parte da rua 24, a menos de dois quarteirões de Chelsea Piers e do rio Hudson, era como um beco. Havia carros estacionados dos dois lados da rua estreita, logo abaixo de janelas cobertas com grades. Podia-se ouvir o barulho das buzinas dos carros ao longe, na Nona avenida.

De um lado de nosso prédio havia uma espécie de oficina de táxis, e alguns homens tinham se reunido do lado de fora, sob o toldo encardido, fumando cigarros e rindo. Chuck havia mandado a entrega da água ser feita na garagem.

Chuck pousou a mão nas minhas costas.

– Você está bem?

Passamos pelos taxistas e mecânicos até o estrado encostado na lateral da garagem, então pegamos mais alguns galões de água.

– Desculpe – eu respondi depois de uma pausa, resmungando enquanto pegava minha carga. – Lauren e eu...

– Sim, a Susie me disse. Ela foi para aquela entrevista em Boston?

Eu assenti.

– Moramos em um apartamento de um milhão de dólares, mas não é o suficiente. Na minha infância em Pittsburgh, eu nem sonhava que moraria em uma casa de um milhão. – A compra do apartamento tinha sido difícil com meu salário, mas ao mesmo tempo eu achava que não podia comprar nada mais barato.

– Nem ela, e quero dizer que ela não imaginava que moraria em uma casa de *apenas* um milhão de dólares. – Ele riu. – Olha, você sabia no que estava se metendo.

– E ela sempre está com Richard quando estou trabalhando.

Chuck parou e colocou os galões de água no chão.

– Pare de pensar nisso. Ele é um nojento, mas a Lauren não é assim. – Ele passou a identificação pelo dispositivo de segurança na entrada dos fundos. Tentou duas vezes sem sucesso, e então procurou uma chave nos bolsos. – Essa porcaria quase nunca funciona – ele disse baixinho. Abrindo a porta, ele se virou para mim. – Dê um tempo e um pouco de espaço para ela pensar nas coisas. Para as mulheres, fazer trinta anos é difícil.

Entrei na frente dele enquanto ele segurava a porta aberta.

– Acho que você tem razão. Sobre o que estávamos falando?

– Sobre o noticiário hoje. As coisas estão fugindo do controle na China. Você tem acompanhado? Mais bandeiras queimadas em frente de embaixadas, saques em lojas americanas. A FedEx disse que teria que interromper as operações na China, até mesmo a entrega de vacinas para o surto de gripe aviária, e agora o Anonymous está ameaçando atacá-los como retaliação.

Anonymous era o grupo de cidadãos hacktivistas sobre o qual líamos cada vez mais nos jornais.

Chegamos ao armário de estocagem de novo e empilhamos os galões de água.

– É por isso que você está estocando? – perguntei.

– Só coincidência, mas também li que os ciberataques ao Departamento de

Defesa aumentaram muito. – Chuck vinha pesquisando sobre o mundo cibernético desde que eu tocara no assunto durante o churrasco.

– O Departamento de Defesa está sendo atacado? – perguntei, preocupado. – É sério?

– Ele é atacado milhões de vezes até mesmo em um dia normal, mas, agora, alguns relatórios apontam que os ataques estão se tornando mais concentrados. Fico nervoso ao pensar que alguém está planejando algo no *carnespaço*.

– *Carnespaço?*

– A Internet fica no ciberespaço, mas *nós* – ele parou para enfatizar – ficamos no *carnespaço*, espaço físico, "de carne", entendeu?

Abrindo a porta dos fundos, saímos da chuva.

– Pelo amor de Deus, você descobriu algo novo com o que ficar obcecado.

Chuck riu.

– Tudo culpa sua.

Na volta para a garagem encontramos nosso vizinho Rory conversando com um dos homens.

– Está com sede? – Rory perguntou rindo. Provavelmente nos vira carregando os galões. – Para que toda essa água?

– Só gosto de estar preparado – Chuck respondeu. Ele fez um meneio com a cabeça para o homem com quem Rory estava conversando. – Mike, este é o Stan. Ele gerencia a oficina aqui.

Apertei a mão de Stan.

– Prazer em conhecê-lo.

– Não sei bem por quanto tempo mais cuidarei deste lugar, pelo jeito como as coisas estão indo – Stan disse.

– Antes, tínhamos Bob Hope e Johnny Cash – Chuck disse de modo solidário. – Agora, não temos mais *hope* nem *cash*.

– Pode crer – Stan riu, e todos os taxistas ali reunidos riram também.

– Precisa de ajuda? – Rory perguntou.

– Não, valeu, cara. – Chuck fez um gesto para a dezena de galões que havia

ali, aproximadamente. – Não falta muito.

Entramos na garagem para pegar mais.

17 DE DEZEMBRO

– Pode me dar seu cartão de crédito?

– Por quê?

– Porque os meus estão todos cancelados – Lauren respondeu com irritação.

Ela tinha sido vítima de roubo de identidade logo depois do Dia de Ação de Graças. Alguém havia começado a fazer empréstimos no nome dela, criando contas paralelas com sistemas de negociação online. Um caos.

– Posso dar meu cartão a você, mas nem pense em encomendar alguma coisa – eu disse.

Estávamos tomando café da manhã. Eu comia um mingau de aveia, Lauren bebia café e navegava pela Internet em seu laptop e Luke estava na brincadeira dos pedaços de frutas com o cachorro.

Ellarose balbuciava em seu colchonete no chão na frente da TV. Luke era um grandalhão, acima da média para a sua idade, mas Ellarose era pequena para um bebê de seis meses. Ainda não tinha muito cabelo, e os poucos fios que tinha pareciam estar sempre arrepiados para todos os lados, como as palhas do ninho de um passarinho. Seus olhinhos estavam sempre observando, arregalados, vendo o que acontecia no mundo. Nós estávamos cuidando dela por algumas horas para Susie poder ir às compras.

Eu estava em casa naquele dia. A semana que antecedia o Natal era completamente morta para os negócios, e um momento bom para ajeitar a papelada. O balcão da cozinha à minha frente estava repleto de pedaços de papel e anotações que eu tentava organizar. Inconscientemente, peguei meu smartphone e deslizei o dedo para checar os feeds das mídias sociais. Nada novo.

– O que quer dizer “nem pense em encomendar alguma coisa”? – Enquanto eu diminuía o ritmo para as festas, Lauren ainda estava agitada, e havia vestido um terninho para as entrevistas. – Ainda temos mais de uma semana até o Natal. Vou escolher a entrega em um dia. A Amazon disse que este ano...

– O problema não é a Amazon.

Peguei o controle remoto no balcão e aumentei o volume da CNN.

“*A FedEx e a UPS pararam totalmente hoje devido ao que dizem ser um vírus em seu software de logística de entregas...*”

– Que maravilha. – Lauren fechou seu laptop.

“*... culparam o grupo Anonymous depois de declararem sua intenção de punir as empresas de entrega por interromperem o envio de vacinas para a gripe na China. Representantes do Anonymous negam o ataque, dizendo que apenas iniciaram a negação de serviço...*”

– Aonde você vai hoje? – perguntei.

“*... projetando a perda de receita na casa de centenas de milhões de dólares para a época de festas, mergulhando ainda mais a economia em direção à recessão...*”

– Vou encontrar uns *headhunters* no centro. Vou começar a sondar alguns contatos para ver se encontro alguma oportunidade.

Forcei um sorriso incentivador.

– Que ótimo, querida. – Por que eu havia começado a mentir a ela sobre como me sentia?

Ela estava mais retraída desde que voltara de Boston. Eu estava tentando dar a ela espaço para lidar com o que precisava, mas parecia que eu a estava perdendo. Eu me comportava como se não me importasse, apesar de, no fundo, sentir vontade de chacoalhá-la e perguntar o que diabos estava acontecendo.

Ela suspirou, olhando na direção da televisão e, então, para mim. Nós nos entreolhamos e eu desviei o olhar, para lhe dar aquele espaço. Lauren continuou olhando para mim e então se inclinou para beijar Luke, sussurrando algo em seu ouvido. Pegou o laptop e rapidamente caminhou até a porta.

– Volto depois do almoço – ela comentou, olhando para trás.

– Até mais – eu respondi para a porta que já estava se fechando. *Ela nem me deu um beijo*.

Dei os últimos pedaços de maçã a Luke. Com um sorriso, ele pegou a fruta, e então gritou de felicidade ao jogá-la no chão para o todo grato Gorby. Um dos pedaços de fruta acabou voando e caindo no relatório que eu estava tentando ler.

Eu sorri e removi o pedaço de maçã.

– Acabou de tomar o café da manhã? Quer brincar com a Ellarose?

Peguei um guardanapo, limpei o rosto dele e o tirei do cadeirão para colocá-lo no chão. Luke se manteve de pé um pouco cambaleante por um momento, segurando na perna do banco em que eu estava para se equilibrar, antes de seguir em direção a Ellarose, correndo no estilo "à-beira-de-um-desastre" que ele vinha praticando. Esticou os braços, segurou-se no sofá e parou como um esquiador sem firmeza. Olhou para baixo, para Ellarose e então para mim, escancarando um sorriso.

Ellarose, por sua vez, não tinha dominado a arte de se virar de barriga para baixo. Estava deitada de costas no tapete, e olhou para Luke com os olhos arregalados. Luke gritou e caiu de joelhos para engatinhar até ela e colocou a mão em seu rosto.

– Cuidado, Luke, com carinho – eu avisei.

Ele olhou nos olhos de Ellarose e então se sentou ao lado dela, de modo protetor, e olhou para a televisão.

"*A dimensão do surto de gripe aviária na China ainda não está clara, mas o Departamento de Estado dos Estados Unidos publicou um alerta para quem vai viajar. Um movimento de boicote à China também tem ganhado força...*"

– Mundo louco, não? – eu disse a Luke, observando enquanto ele assistia à televisão. Gorby se aproximou e se encolheu atrás dele.

Voltei a ler um relatório sobre o potencial do mercado para realidade aumentada na Internet. Eu havia acabado de receber um novo par de óculos de realidade aumentada enviado por uma das grandes empresas de tecnologia. Era

uma tecnologia que me fascinava, e eu queria me envolver em uma *start-up*, mas a Lauren dizia que era muito arriscado.

Depois de passar quinze minutos lendo e fazendo minhas contas, percebi que Luke estava quieto demais e olhei para a frente para ver se ele havia dormido encostado em Gorby. Eu bocejei. Tirar um cochilo me pareceu uma ótima ideia, então coloquei Ellarose em seu cercadinho perto da janela. Peguei Luke, e a cabeça dele pendia feito um saco de batatas, e me deitei no sofá, aninhei meu filho em meu peito e dormi.

A CNN continuava ligada ao fundo.

"*Em que momento a ciberespionagem se torna um ciberataque? Para saber mais sobre isso, vamos ao nosso correspondente...*"

*

Uma batida forte na porta me acordou. Enquanto meu cérebro emergia de seu estado nebuloso, uma voz rouca se unia às batidas.

– Eu bufo, estufo, sopro e derrubo sua casa!

Luke havia babado em toda a minha camiseta. Meus músculos estavam preguiçosos. *Por quanto tempo dormi*? Resmunguei, esforçando-me para me sentar, segurando Luke com cuidado.

– Sim, sim, só um segundo – eu gritei.

Segurando Luke com um dos braços, fui até a porta e a destranquei.

Chuck entrou de uma vez, com sacolas de papel marrom nas mãos.

– Alguém a fim de almoçar? – ele perguntou entusiasmado, indo até o balcão da cozinha, no qual começou a desempacotar as coisas.

Luke observou Chuck com olhos semiabertos. Voltei para o sofá e o deitei, cobri com um cobertor e voltei para perto de Chuck. Ele já tinha colocado tudo nos pratos.

– Já é hora de almoçar? Apaguei. – Esfreguei os olhos e me espreguicei. – O que é isso?

– *Foie gras* e fritas, meu amigo. – Chuck balançou uma baguete no ar como se fosse uma varinha mágica. – E um pouco de camarão à creole acompanhado

de molho de manteiga.

Não era à toa que eu estava engordando.

– Já consigo sentir minhas artérias entupindo. – Dando a volta no balcão, abri uma gaveta para tirar dois garfos; entreguei um a ele enquanto espetava as batatas fritas com o outro. – Você não precisa ficar no restaurante nesta época do ano?

– É o período mais agitado do ano. – Chuck pegou um pedaço grande de *foie gras* de cima das batatas fritas. – Mas tenho coisas para fazer aqui.

– Colocar mais coisas em seu estoque para o fim dos tempos?

Ele riu e enfiou o pedaço inteiro de fígado gorduroso na boca.

Balancei a cabeça.

– Você acha *mesmo* que as coisas se descontrolarão?

Chuck limpou os lábios oleosos com a lateral de uma das mãos.

– Você *acha mesmo* que isso nunca vai acontecer?

– As pessoas estão sempre dizendo que o mundo está acabando, mas não acaba nunca. A sociedade está avançada demais.

– Diga isso aos moradores da Ilha de Páscoa e para os índios anasazi.

– Eles eram grupos isolados.

– E os romanos, então? E você está me dizendo que não estamos isolados nesse grãozinho azul chamado Terra?

Peguei um camarão e comecei a descascá-lo.

– Tenho pesquisado o mundo cibernético, seguindo a *sua* sugestão – Chuck disse –, e você está certo.

Eu me arrependi de ter dito alguma coisa.

– O que está acontecendo agora – ele sussurrou – faz a Guerra Fria parecer uma época de transparência e compreensão.

– Você está sendo dramático.

– Ao longo de toda a história humana, a capacidade que um país tinha de afetar outro se baseava no controle do território físico. Adivinhe o que quebrou esse paradigma pela primeira vez?

– A cibernética? – Enfiei o camarão na boca, saboreando o gosto forte da manteiga e das especiarias da cozinha cajun. *Hum, que gostoso.*

– Não. Sistemas espaciais. Desde que Sputnik foi lançado em 1957, o espaço sideral tem sido o ponto mais importante para as forças armadas.

– O que isso tem que ver com a cibernética?

– Porque a cibernética é a segunda coisa que quebrou esse paradigma. Está substituindo o espaço como o *novo* ponto mais importante para as forças armadas. – Chuck enfiou um monte de batatas fritas gordurosas na boca. – E o espaço sideral já faz *parte* do ciberespaço.

– O que isso quer dizer?

– Que a maioria dos sistemas espaciais são baseados na Internet. Para nós, as coisas no espaço parecem distantes, mas no ciberespaço não tem diferença.

– Então, qual é a diferença?

– Enquanto o *espaço* exige uma quantia enorme de dinheiro, para entrar no ciberespaço só precisamos de um laptop.

Trocando o camarão pelas batatas, escolhi um pedaço de *foie gras*.

– Você tem se preocupado com isso?

Ele negou, balançando a cabeça.

– O que tem me preocupado são essas bombas lógicas na rede de energia sobre a qual você falou. Os chineses queriam que nós as encontrássemos, para que soubéssemos que eles podem produzi-las. Caso contrário, nós nunca as teríamos localizado.

– Então, você está dizendo que a CIA, a NSA, todas essas agências de três letras que você ama odiar, nenhuma delas teria visto as bombas? – perguntei com ceticismo.

Ele negou com a cabeça.

– As pessoas adoram a ideia de uma guerra cibernética, e elas pensam em videogames e em tudo sendo limpo, mas não vai ser assim.

– E como vai ser?

– Em 1982, a CIA armou uma bomba lógica que explodiu um oleoduto

siberiano; causou uma explosão de três quilotons, como uma bomba nuclear de pequenas proporções. Só precisaram alterar um código de uma empresa canadense que o controlava.

Três quilotons? As bombas nucleares não entram nos megatons?

– Não parece *tão* ruim.

– Isso foi há trinta anos. As novas ciberarmas de destruição em massa que eles estão criando, ninguém testou ainda – Chuck continuou, mas não estava mais sorrindo. – Pelo menos com as armas nucleares, sabemos que elas são assustadoras, como em Hiroshima e Bikini, mas, com as ciberarmas, ninguém sabe o tamanho dos danos que elas causarão se forem lançadas, e eles as têm espalhado na infraestrutura uns dos outros como luzinhas em árvores de Natal do fim do mundo.

– Você acha mesmo que está tão ruim assim?

– Você sabia que quando eles detonaram a bomba atômica pela primeira vez, durante o Projeto Manhattan, os físicos que gerenciavam o lance fizeram uma aposta para ver se ela incendiaria a atmosfera?

Fiz que não, balançando a cabeça.

– A estimativa era de 50% de chance de que toda a vida no planeta fosse extinta, mas foram em frente mesmo assim. O planejamento do governo não mudou, meu amigo, e ninguém sabe o que esses brinquedos podem causar se forem liberados.

– Então, não temos mais para onde correr se as coisas derem errado, é isso o que está dizendo? – perguntei. – Se algo drástico acontecer, você quer lutar pela sobrevivência ou vai simplesmente observar todo mundo morrer? Eu preferiria escapar depressa.

Ele apontou para Luke no sofá.

– Você não lutaria com todas as suas forças, até seu último suspiro, para protegê-lo?

Olhei para Luke. Chuck tinha razão. Eu assenti com a cabeça, concordando com o argumento dele.

– Você tem confiança demais na segurança – ele disse. – Desde que os seres humanos começaram a criar coisas, perdemos mais tecnologias do que ganhamos. A sociedade regride de tempos em tempos.

– Tenho certeza de que você tem exemplos. – Não adiantava tentar fazer com que ele parasse naquela excitação toda.

– Em um ponto na Pompeia, eles encontraram tecnologia de um aqueduto melhor do que a que usamos hoje em dia. – Chuck pegou mais batatas fritas. – E ainda não conhecemos a tecnologia da construção das pirâmides.

– Agora estamos falando sobre homens do espaço da antiguidade?

– Estou falando sério. Quando o Almirante Zheng liderou sua frota para fora de Suzhou, na China, em 1405, ele tinha navios do tamanho de porta-aviões modernos e levou quase trinta mil tropas com ele.

– É mesmo?

– Pesquise. Zheng provavelmente esteve em contato com nossos índios da Costa Oeste quatrocentos anos antes de Lewis e Clark levarem Sacajawea para passar as férias lá. Aposto que os chineses fumaram cachimbos da paz com caciques do Oregon em navios maiores do que os modernos cruzadores de batalha, cem anos antes de Colombo “descobrir” a América. Você sabe qual era o tamanho da famosa nau *Niña*, de Cristóvão Colombo?

Dei de ombros.

– Era uma embarcação de cinquenta pés, e ele provavelmente estava acompanhado por cinquenta homens.

– Ele não tinha três naus?

Chuck espetou as batatas com o garfo.

– Antes de sequer conseguirmos sair remando da Europa com barquinhos, a China já estava navegando pelo mundo em frotas de navios de guerra do tamanho de porta-aviões, carregando trinta mil tropas.

Parei de comer.

– Aonde você quer chegar? Não estou entendendo.

– Só que a sociedade regride de vez em quando, e que toda essa coisa com a

China... tenho a sensação de que estamos nos enganando.

– Eles não são o inimigo?

– Perspectiva errada – ele disse. – Nós estamos fazendo com que eles *sejam* o inimigo, mas principalmente porque *nós* precisamos de um inimigo.

– Então, você está dizendo que está enganado a respeito da ciberameaça?

– Não, mas... – Chuck deixou seu garfo nas batatas e pegou um camarão com os dedos.

– Mas o quê?

– Talvez não estejamos vendo o verdadeiro inimigo.

– Que inimigo é esse, meu amigo que adora uma conspiração? – perguntei, revirando os olhos, esperando uma retórica a respeito da CIA ou da Segurança Nacional.

Chuck terminou de descascar o camarão e o apontou para mim.

– O medo. O medo é o verdadeiro inimigo. – Ele olhou para o teto. – Medo e ignorância.

Eu ri.

– Com todas essas coisas que você anda armazenando, não é *você* que está com medo?

– Não com medo – ele retrucou de modo deliberado, olhando bem nos meus olhos. – Preparado.

DIA 1: 23 DE DEZEMBRO

8:55

– Faltam dois dias para o Natal. Não está na hora de dar um tempo?

Lauren franziu o cenho para mim do outro lado do balcão da cozinha.

– Preciso ir a essa reunião. Richard se esforçou muito para fazer com que o cara me recebesse.

A porta do quarto estava fechada, mas ouvimos Luke chorando pela babá eletrônica em cima do balcão, e Lauren parou de falar. Ela pegou o aparelho e o desligou, como vinha me desligando no último mês.

Levantei as mãos.

– Bom, se o Richard marcou, então, claro, abandone sua família mais um dia.

– Não comece. – Ela cerrou os dentes. – Pelo menos, o Richard está tentando me ajudar.

Respirando fundo, contei até dez mentalmente. Já estávamos *quase* no Natal, e não fazia sentido brigar. Lauren ficou me encarando.

Passei a mão pelos cabelos e suspirei.

– Acho que o Luke está ficando doente. Precisamos comprar comida para a ceia e, como eu disse, preciso terminar de entregar esses brindes dos clientes. – Minha nova assistente administrativa tinha se esquecido de entregar uma dezena de brindes personalizados que havíamos preparado para os nossos clientes. Ela havia se esquecido dos de Manhattan porque eles não estavam na mala-direta de longa distância. Quando descobrimos o erro, ela estava se preparando para viajar para passar as festas com a família, e sem os serviços da FedEx e da UPS, eu fiz a besteira de me oferecer para entregá-los.

Claro, estávamos em cima da hora. No dia anterior, Luke e eu havíamos entregado metade deles, percorrendo os bairros de Little Italy e Chinatown atrás de alguns de nossos parceiros de *start-ups* de menor participação, mas eu ainda tinha que entregar alguns para nossos clientes mais importantes. Luke gostou de sair... ele era muito simpático e gostava de balbuciar para qualquer um que encontrasse no caminho.

– A entrega de alguns porta-canetas com o nome da empresa vai fazer diferença ou aumentar seus negócios?

– Não é essa a questão.

Ela respirou fundo e soltou os ombros.

– Eu me esqueci. Sinto muito. Mas isso é *muito* importante para mim.

Obviamente, mais importante do que nós, eu pensei, mas controlei minha língua e tentei tirar aquele pensamento de minha mente. Os pensamentos negativos conseguiam se multiplicar.

Lauren olhou para o teto.

– Você não pode pedir para a Susie...

– Eles passarão o dia fora.

– E os Borodin?

Ela não desistiria. Uma pausa pesou entre nós enquanto eu inspecionava a minúscula árvore de Natal de plástico que havíamos colocado na mesinha ao lado do sofá.

– Beleza. Dou um jeito. – Consegui sorrir. – Pode ir, vá.

– Obrigada. – Ela pegou o casaco e a bolsa. – E se for sair com o Luke, não se esqueça dos agasalhos... para vocês dois. Vou acalmá-lo antes de sair.

Assenti e voltei a navegar por algumas novas ferramentas de mídia social. A Internet estava incrivelmente lenta. Demorava muito tempo para carregar novas páginas.

Lauren entrou em nosso quarto, e eu a ouvi falando com Luke. Ela o pegou no colo e caminhou com ele, e o choro cessou. Ela apareceu um pouco depois vestindo o casaco e se aproximou de mim no balcão para me dar um abraço

rápido e um beijo no rosto. Eu me afastei dela. Ela me deu um tapinha de brincadeira, e então saiu pela porta.

Assim que saiu, fui ver como Luke estava no berço. Ainda choramingava, mas havia se acalmado e estava enrolado no cobertor. Voltei para o laptop e tentei fazer umas pesquisas, mas a conexão lenta tornou a tarefa quase impossível. Não quis checar o roteador, então desisti e decidi fazer outra coisa.

Deixando a porta da frente encostada para poder ouvir Luke, fui até a casa dos vizinhos, os Borodin. Nosso apartamento ficava no fim de um corredor estreito e acarpetado, iluminado por lâmpadas pouco potentes. Susie e Chuck moravam no apartamento à nossa esquerda, e os Borodin à direita. O apartamento vizinho ao de Chuck era de Pam e Rory, do outro lado de outro corredor que levava à direita para os elevadores. A saída de emergência era perto da porta de Rory, e a escada se estendia por seis andares abaixo. Havia mais cinco apartamentos no resto do corredor, terminando na entrada do triplex de Richard na extremidade oposta ao nosso.

Irena abriu a porta assim que bati. Eles sempre estavam em casa, e ela deveria estar perto da porta, cozinhando, como sempre. O cheiro de batatas e carnes assadas, além de pão, saiu assim que a porta foi aberta.

– Mih-kah-yal, *privyet* – Irena me cumprimentou, o sorriso caloroso marcando as rugas profundas de seu rosto.

Com quase noventa anos, ela era encurvada e caminhava com dificuldade, mas seus olhos sempre brilhavam. Apesar de ser muito velha, eu pensaria duas vezes antes de aprontar alguma com ela, pois havia servido no Exército Vermelho que derrotara os nazistas nas terras congeladas do norte da Rússia. Como ela gostava de dizer “Troia caiu, Roma caiu, mas Leningrado não caiu”.

Ela vestia um avental xadrez verde, levemente manchado, e segurava um pano de prato amassado em uma das mãos. Com a outra mão, fez um gesto para que eu entrasse.

– Entre, entre.

Eu olhei para o batente da porta e para a *mezuzah* presa ali, uma caixa

minúscula, mas muito bem entalhada, de mogno decorado. Antes, eu pensava que eles eram como “talismãs” judeus para dar sorte, mas acabei aprendendo que serviam mais para afastar o mal.

Resisti e não entrei. Quando entrava, sempre acabava ganhando um prato de linguiças e a reprimenda por estar magro demais. Eu adorava a comida dela, e gostava ainda mais do simples prazer de ser paparicado. Eu me sentia como um menino, protegido e mimado, e nenhuma avó russa de respeito agia de outro modo.

– Desculpe, estou com um pouco de pressa. – O que ela estava cozinhando exalava um cheiro ótimo, e me dei conta de que deixar Luke com ela me daria a desculpa perfeita para voltar mais tarde e ser bem tratado. – Não quero atrapalhar, mas a senhora poderia cuidar do Luke por algumas horas?

Ela deu de ombros.

– Claro, Mi-kay-yal, você sabe que não precisa pedir, *da*?

– Obrigado. Preciso fazer algumas entregas. – Espiando dentro da casa, vi o marido dela, Aleksandr, dormindo na poltrona na frente da televisão com uma novela russa sendo transmitida. Gorbachev estava encolhido no chão ao lado dele, dormindo.

Irena assentiu.

– Você traz Luke?

Eu assenti em resposta.

– E você se agasalhar. Está mais baixo que zero hoje.

Eu ri. Duas mulheres já tinham dito para que eu me agasalhasse e eu ainda nem tinha saído. *Talvez eu ainda* seja *um menino.*

– Usamos Fahrenheit aqui, Irena... está frio, mas não abaixo de zero. Acho que está fazendo uns dez graus ainda.

– Ah, você entendeu. – Apontando com o queixo para indicar que eu deveria me mexer, ela voltou a cozinhar, deixando a porta entreaberta.

De volta ao apartamento, vasculhei o armário da entrada, procurando casacos, luvas e cachecóis. Então, eu me lembrei: o clima andava tão quente que

Lauren só havia levado nossos casacos à lavanderia no dia anterior, e eles não conseguiram entregar as peças no mesmo dia por conta do aumento no movimento na época de Natal. Suspirando, eu tirei uma jaqueta preta e fina de um cabide, peguei a mochila com os brindes dentro e entrei no quarto para vestir uma blusa de lã.

Luke estava desperto, com o rosto bem vermelho.

– Você não está se sentindo muito bem, não é, amigo? – perguntei, e me abaixei para pegá-lo. Sua testa estava quente, e ele suava. Também havia molhado a fralda, então eu o troquei, vesti um macacão com meias brancas e camiseta de algodão, e o levei à casa da vizinha.

Mesmo se sentindo indisposto, Luke abriu um sorriso cheio de dentes ao ver Irena.

– Ah, *dorogoy*! – ela disse, pegando o Luke ainda sonolento de meu colo. – Ele está com febre, *nyet*?

Pousei a mão na cabeça de Luke, sentindo o suor em seus cabelos embaraçados.

– Sim, acho que sim.

Ela pegou Luke no colo.

– Não se preocupar, eu tomo conta. Pode ir.

– Obrigado. Volto na hora do almoço. – Ergui as sobrancelhas, e pelo modo com que ela sorriu para mim, eu sabia que haveria um banquete a minha espera quando eu voltasse.

Ela riu e fechou a porta.

Um filho era algo incrível. Durante toda a minha vida antes do nascimento de Luke, tentei imaginar como era, tentando avaliar minhas expectativas, sonhos e medos. E então, de repente, ali estava uma versão pequena de mim mesmo, e tudo se tornou claro. O sentido de minha vida era proteger e cuidar daquela nova vida, amá-lo e ensinar a ele tudo o que eu sabia.

– Você se esqueceu de alguma coisa?

– Quê?

Pam estava de pé no corredor, na frente da porta de seu apartamento. Ela era enfermeira, e estava de avental, a caminho do trabalho. Nós havíamos feito amizade com ela e seu marido, Rory, mas não tínhamos desenvolvido o tipo de elo e relacionamento fácil que tínhamos com Susie e Chuck. O problema era que Pam e Rory eram veganos convictos, e isso nos distanciava, de certo modo. Eu me sentia meio culpado quando comia carne perto deles, por mais que eles deixassem claro que não se importavam e que a escolha pelo veganismo era algo pessoal.

Eu gostava muito de Pam. Era uma loira muito atraente, de quem era difícil não gostar. Enquanto Lauren era considerada uma beleza clássica, Pam era mais voluptuosa.

– Não, só estava deixando Luke.

– Eu vi isso – ela riu. – Pensando muito, hein?

– Nem tanto. – Neguei com a cabeça e caminhei na direção dela. Ela trabalhava para a Cruz Vermelha e seu posto de trabalho era em um banco de sangue a poucos quarteirões dali. – Ainda está esvaziando veias, mesmo antes do Natal?

– É a época de doar, certo? Será que *você* finalmente vai aparecer por lá?

O elevador chegou ao nosso andar, e a porta se abriu. Eu estava encurralado.

– Ah, sabe como é – eu despistei. – Tenho muito o que fazer.

– É na época de festas quando mais precisamos de doadores – ela insistiu com sua voz melodiosa.

Deixei que ela entrasse no elevador antes de mim. Agora, eu me sentia duplamente culpado. Sem conseguir me controlar, eu disse: – Quer saber? Vou lá agora mesmo. – *Ei, é Natal*, eu pensei. *Por que não?*

– Sério? – Ela se animou. – Vou fazer um encaixe.

Corei ao imaginar uma insinuação.

– Seria ótimo.

Silêncio enquanto esperávamos o elevador descer ao térreo.

– Você vai precisar de mais do que só isso.

– Oi?

Ela estava olhando para a minha jaqueta fina.

– Está congelando lá fora. Você viu os alertas de tempestade? O Natal mais frio desde 1930. Aquecimento global? Que nada.

– Eles deveriam chamar de *avisamento* global.

Nós dois rimos.

Ela se virou para mim.

– Você mexe com Internet, certo?

Ergui os ombros e assenti.

– Você percebeu que estava quase impossível navegar na rede hoje cedo?

Aquilo chamou minha atenção.

– Percebi. Você também usa o Roadrunner? – *Deve ser um tipo de problema de servidor no prédio*.

– Não – ela respondeu. – Na CNN, estão dizendo que é um vírus ou algo assim.

O elevador parou no térreo e se abriu.

– Um vírus?

11:55

Doar sangue demorou mais do que eu previra. Pam me passou em primeiro na fila, mas já eram 9:55 quando eu finalmente saí da Cruz Vermelha, com um donut na mão, para pegar um táxi para Midtown.

Pensei em passar em quatro de nossos clientes no centro da cidade, deixar os brindes – cumprimentar se alguém estivesse por lá –, e então voltar correndo para comprar algumas coisas no mercado. Voltaria para casa, deixaria a comida lá e veria o Luke, aproveitando para comer alguma coisa enquanto estivesse na casa de Irena, e então iria ao Centro Financeiro para deixar os brindes de dois clientes que faltavam e talvez conseguisse beber alguns drinques.

Eu estava tomado pela boa sensação de doar sangue, ou talvez estivesse curtindo um barato pela falta de oxigênio e glóbulos vermelhos, e meu percurso a Midtown ganhou uma aura cinemática. Olhava pela janela do meu táxi, observando as pessoas fazendo as compras para as festas, tomadas pela animação de Nova York no Natal. Todo mundo usava chapéus e cachecóis no frio intenso, carregando sacolas de compras.

Minha primeira parada foi perto do Rockefeller Center, e depois de deixar o brinde, passei dez minutos olhando para a árvore montada ali fora, e até me ofereci para fotografar alguns turistas, curtindo a movimentação das pessoas.

Continuei meu percurso e passei pelo Plaza Hotel, pelo Central Park, e então voltei para o centro. Eu estava trocando mensagens de texto com Lauren a respeito de quais mantimentos precisávamos comprar, mas ela havia parado de responder às minhas mensagens. Depois de terminar minhas tarefas em Midtown, peguei um táxi e pedi que me levasse de volta a Chelsea, no mercado Whole Foods. Depois de percorrer os corredores de um lado a outro por meia

hora, enchendo o carrinho e entrando no clima natalino, finalmente cheguei à fila do caixa.

Estava enorme.

Esperei dez minutos, tentando, sem sucesso, conferir os e-mails pelo celular algumas vezes, e perguntei a uma mulher com cara de frustrada a minha frente: – O que está acontecendo?

– Não sei – ela respondeu olhando para trás. – Parece que eles estão tendo problemas com os computadores.

– Pode cuidar de meu carrinho para eu conferir?

Ela concordou.

Deixei meu carrinho na fila e caminhei em direção aos caixas registradores. A agitação da multidão aumentou conforme avancei, terminando em um grupo de clientes irados.

– Por que não pode simplesmente aceitar o pagamento em dinheiro? – um deles perguntava.

– Senhor, não podemos permitir que ninguém saia do mercado se os produtos não passarem pelo scanner – a caixa respondeu assustada, uma adolescente que balançava um scanner de mão.

Eu me enfiei atrás dos caixas para abordar a garota diretamente.

– O que está havendo? – perguntei.

Virando-se para mim, ela disse: – Ainda não está funcionando, senhor.

Ela estava nervosa e deve ter pensado que eu era um gerente.

– Explique para mim exatamente o que aconteceu, desde o começo.

– Os scanners pararam de funcionar. Estamos esperando o suporte técnico há uma hora, mas até agora nada. – Aos sussurros, ela acrescentou: – Minha prima, no Upper East Side, enviou uma mensagem de texto contando que está do mesmo jeito na loja em que ela trabalha.

Um cliente irritado, um hispânico corpulento, segurou meu braço.

– Só quero sair daqui, cara. Não podem aceitar pagamento em dinheiro?

Eu levantei as mãos.

– Não depende de mim.

Ele olhou para mim. Eu esperava ver raiva, mas ele parecia assustado.

– Que se dane. Estou esperando há uma hora. – Ele jogou algumas notas de vinte dólares em cima do balcão à nossa frente. – Pode ficar com o troco, cara.

Ele pegou as sacolas de compras e abriu caminho em meio à multidão. As pessoas ao redor dele observaram e algumas delas começaram a avançar pretendendo deixar o dinheiro no balcão também. Outras simplesmente começaram a sair, levando o que tinham pegado sem pagar.

– O que está acontecendo? – Não combinava com os nova-iorquinos roubar.

– São as notícias, senhor, os chineses – a garota do caixa respondeu.

– Que notícias?

– Aquela coisa com o porta-aviões – foi só o que ela conseguiu dizer, mas a essa altura eu já estava caminhando em direção à porta, repentina e irracionalmente temendo pela segurança de Luke.

02:45

– Por que você não me contou antes?

Eu andava de um lado a outro na frente da enorme televisão de tela plana que tomava uma parede inteira do apartamento de Chuck.

– Pensei que você diria que eu estava sendo paranoico – Chuck respondeu. Imagens borradas de um porta-aviões envolto em fumaça tomaram a tela atrás de mim.

Eu havia voltado correndo para a casa dos Borodin e bati à porta com força. Enquanto percorria depressa os poucos quarteirões do Whole Foods até a minha casa, eu havia procurado as notícias em meu smartphone, que demorou séculos para responder.

Ocorrera um incidente no mar da China Meridional. Um avião de guerra chinês havia caído. Os chineses afirmavam se tratar de um ataque das forças americanas, mas os norte-americanos negavam ter qualquer conexão com o fato, afirmando se tratar de um acidente. O governador da província de Shanxi, no norte da China, estava em todos os noticiários dizendo ser um ato de guerra.

Luke estava bem quando cheguei, mas a febre piorara. Ele suava muito, e Irena disse que ele havia chorado durante a maior parte do tempo em que fiquei fora. Eu o deixei com os Borodin, para que descansasse, e fui ao apartamento de Chuck.

– Você não pensou que talvez fosse importante o suficiente para me contar? – perguntei, incrédulo.

– Naquele momento, não.

Podia-se ouvir a CNN ao fundo.

“Fontes no Pentágono negam qualquer responsabilidade pela queda do avião de guerra chinês, dizendo ter sido o resultado da inexperiência das forças chinesas ao realizar operações em porta-aviões no mar...”

– Não entregaram alimentos em seus restaurantes nos últimos dias e você não pensou que eu me interessaria em saber?

“... o trojan Poison já infectou os servidores DNS no mundo todo. Os chineses negam responsabilidade, mas o maior problema agora é o vírus Scramble, que infectou sistemas de logística...”

– Não pensei que fosse relevante – Chuck respondeu. – Enfrentamos problemas com computadores o tempo todo.

O vírus que havia derrubado a FedEx e a UPS avançara e infectara os softwares de quase todas as empresas de transporte comercial, e a cadeia de fornecimento mundial começava a parar.

– Estive lendo os fóruns de hackers – Chuck disse. – Eles estão dizendo que a UPS e a FedEx são sistemas proprietários, e que a velocidade do vírus significa que deve ter centenas de dias-zero neles.

– O que é um dia-zero? – Susie perguntou, sentada no sofá ao lado de Chuck. Ela segurava Ellarose, que mexia a cabeça de um lado a outro enquanto me observava andar em círculos. Susie era uma beldade sulista, morena com sardinhas claras e um corpo esguio, mas seus belos olhos castanhos estavam agora tomados de preocupação.

– É um vírus novo, certo? – Chuck palpitou.

Eu não era especialista em segurança, mas tinha conhecimento de engenharia elétrica, e redes de computadores eram meu campo de especialização.

– Mais ou menos – tentei explicar. – Um dia-zero é uma vulnerabilidade em um software que ainda não foi documentada, e um ataque dia-zero usa essa falha para entrar em um sistema. É um ataque que ainda não teve como ser analisado.

Todo sistema tinha pontos fracos. Os conhecidos normalmente tinham patches ou correções, e a lista de novas vulnerabilidades de software se expandia à velocidade de centenas por semana pelos milhares de fornecedores comerciais

em todo o mundo. Com uma empresa grande, que usava milhares de programas individuais de software, a lista de vulnerabilidades podia figurar em dezenas de milhares a qualquer momento. Era um jogo de pega-pega inimaginável contra um adversário que só precisava de uma brecha entre literalmente milhões delas, que uma empresa tinha sempre que consertar.

Enquanto todos, empresas privadas e o governo, se esforçavam para se manter por dentro da lista de vulnerabilidades conhecidas, a situação era pior ainda contra vulnerabilidades desconhecidas, ou dias-zero. Quase não havia defesa, principalmente porque os vetores de ataque eram, por definição, desconhecidos.

Chuck e Susie olhavam para mim inexpressivos.

– Quer dizer que se trata de um ataque contra o qual não temos defesa.

Stuxnet, o vírus que se acreditava ser o responsável por derrubar as usinas de processamento nuclear iranianas em 2010, havia usado cerca de dez dias-zero para entrar nos sistemas que atacou. Era uma das primeiras variedades de um novo tipo de ciberarmas sofisticadas. Custavam muito tempo e dinheiro para serem desenvolvidos, de modo que uma pessoa não os usaria se não tivesse um propósito em mente.

– O que isso quer dizer, um tipo de ataque contra o qual não temos defesa? – Susie perguntou. – Quantos desses há? O governo não tem como impedir?

– O governo, na maior parte do tempo, conta com o setor privado para se proteger dessas coisas – respondi.

A CNN mostrava agora uma discussão entre quatro comentaristas e analistas.

“O que mais me preocupa, Roger, é o fato de que os vírus de computador, principalmente os sofisticados como esse, normalmente são feitos para infiltrarem redes para conseguir informações. Esses não parecem estar fazendo isso. Estão apenas derrubando os sistemas.”

– O que isso significa? – Susie perguntou, olhando para a tela da TV.

Como se respondesse à pergunta dela, o analista olhou diretamente na câmera.

“A única coisa que posso afirmar é que estamos sendo atacados deliberadamente, com o único objetivo de infligir o máximo de danos possível.”

Susie levou uma mão aos lábios, cobrindo-os. Calado, eu permaneci sentado ao lado deles e tentei telefonar para a Lauren pela décima vez.

Onde ela está?

05:30

– Me desculpa.

Lauren segurava Luke no colo, com os nós dos dedos brancos. Quando nós o pegamos na casa dos Borodin, ele chorava aos berros. Eu havia tentado alimentá-lo, mas ele não quis nada. Sua testa estava queimando.

– Pedir desculpas não corta a febre – eu reclamei. – Vamos, devolva-o para mim. Vou tentar alimentá-lo de novo.

– Sinto muito, amor – Lauren sussurrou, falando com Luke, não comigo. O rosto dela estava vermelho devido ao frio de fora e os cabelos estavam desgrenhados.

– Por que diabos você passou quatro horas sem responder às minhas mensagens de texto?

Estávamos de novo em nosso apartamento, e a escuridão tomava o lado de fora. Eu havia passado a tarde toda tentando entrar em contato com Lauren. Às cinco e meia, ela finalmente aparecera na casa do Chuck, perguntando o que estava acontecendo, querendo saber onde Luke estava.

– Desliguei meu celular. Eu me esqueci.

Evitei perguntar o que ela estava fazendo.

– E você não percebeu que tudo isso estava acontecendo?

– Não, Mike, não percebi. Nem todo mundo passa o dia ligado na CNN. Quando fiquei sabendo, vim direto para casa, mas não havia táxis nas ruas e as linhas Dois e Três não estavam operando, por isso tive que andar por vinte quarteirões neste frio de rachar. Você já tentou correr de salto alto?

Revirei os olhos. Os nervos de todos estavam à flor da pele e de nada ajudaria brigar. Suspirando, relaxei os ombros.

– Por que não tenta dar comida a ele? – perguntei. – Talvez, se a mamãe tentar, ele coma.

Luke tinha parado de chorar e estava fungando. Peguei um lenço umedecido de uma embalagem de plástico em cima da mesa de canto e tentei limpar o rosto dele. Ele resmungou e virou a cabeça de um lado a outro, jogando o corpo para trás.

Lauren olhou para ele e levou a mão a sua testa.

– Ele realmente está ardendo em febre.

Olhei para ele de novo.

– É só um resfriado de inverno. – Ele parecia indisposto, mas não muito ruim.

Meu celular apitou indicando a chegada de uma mensagem de texto. O telefone de Lauren também apitou, e, pela porta aberta de nosso apartamento, ouvi os telefones de Chuck e Susie apitarem também. Franzindo o cenho, peguei o telefone do bolso e deslizei o código para liberar a tela, e cliquei em abrir nova mensagem. Era do NY-ALERT, o serviço de notificação de emergência da cidade, que Chuck havia nos incentivado a assinar: *"Aviso do Departamento de Saúde: surto de gripe aviária H5N1 Nova York Connecticut. Altamente patogênico. Aconselha-se que as pessoas fiquem dentro de casa nas áreas críticas do condado de Fairfield, do distrito financeiro de Manhattan e adjacências"*.

– O que é isso?

Olhando para a frente horrorizado, observei Lauren limpar o muco do rosto de Luke com a mão, beijando o rosto dele. Lembrei-me de ter levado Luke para a rua comigo para encontrar clientes há poucos dias, e minha mente foi tomada por imagens de pessoas dando beijos nele em Chinatown, Little Italy. E também havia a família de chineses do fim do corredor – os pais da esposa tinham acabado de chegar da China. *Será que eu o expus a alguma coisa?*

– O que foi? – Lauren perguntou, falando mais alto quando viu meu rosto.

– Querida, solte um pouco o Luke e vá lavar as mãos.

As palavras que eu disse pareceram estranhas, como se estivessem sendo ditas por um ser desconhecido. Minha mente funcionava a mil por hora, meu coração batia acelerado em meu peito. *É só um alarme falso, é só um resfriado*. O medo irracional que eu sentira no Whole Foods percorreu minhas veias de novo.

– Como assim, soltar um pouco o Luke? – Lauren perguntou. – Mike! Sobre o que você está falando? O que estava escrito na mensagem?

Chuck apareceu à porta de nosso apartamento, e Lauren olhou para ele. Eu já havia me aproximado de Luke e Lauren, segurando um cobertor que peguei do sofá. Eu estava envolvendo meu filho com ele, tentando pegá-lo dela.

– É só uma precaução – Chuck explicou, entrando lentamente na sala com as mãos erguidas a frente do peito. – Certamente, é só coincidência. Não sabemos o que está acontecendo.

– O que vocês não sabem, o que está acontecendo?

Lauren olhou para mim e, confiando, mesmo sem entender, soltou Luke.

– Notícias de um surto de gripe aviária – eu sussurrei.

– O QUÊ?

– Não saiu nada no noticiário... – Chuck começou a dizer, e, então, ouvimos a voz do repórter da televisão vindo do apartamento ao lado.

"*Últimas notícias... registros de um surto de gripe aviária foram feito de hospitais da área de Connecticut...*"

Lauren se levantou e pegou Luke.

– Devolva-o para mim!

Eu não resisti. Ela me encarou e eu me retraí.

– Ele está certo, Lauren – Chuck insistiu, seguindo em frente para se aproximar dela. – Tenho certeza de que não é nada, mas isso não tem que ver apenas com ele ou com você. Estamos todos correndo riscos.

– Então, fique longe de nós! – Ela se virou para mim com as veias do pescoço saltadas. – Então foi aquela a sua primeira reação? Isolar seu bebê?

"*... O CDC, Centro de Controle e Prevenção de Doenças em Atlanta, não foi*

capaz de confirmar ou negar o surto, dizendo que não sabem onde o alerta foi originado, mas que os agentes de emergência da região...”

– Eu não estava fazendo isso. Eu estava preocupado com você. – Balancei o cobertor no ar. – Não sei... qual é a reação adequada quando um vírus mortal é anunciado?

Lauren estava prestes a rebater quando Susie apareceu atrás de Chuck. Ela segurava Ellarose com um dos braços.

– Pessoal, mantenham a calma. Não é hora de brigarmos uns com os outros. Sei que as coisas estão difíceis entre vocês dois ultimamente, mas isso tem que parar.

Susie entrou na sala, mantendo a mão livre levantada, com a palma virada para a frente em um gesto pedindo calma.

– Susie, acho que você deveria levar a Ellarose de volta para o... – comecei a dizer.

– Não, não – ela discordou. – Se já aconteceu, agora estamos todos juntos nessa.

Ellarose viu Luke e gritou. Luke, ofegante e com o nariz entupido, olhou para ela e tentou sorrir.

– Não vamos fazer tempestade em copo d’água – Susie continuou. – Luke só está resfriado. Hoje o dia está estranho, então vamos todos nos manter calmos.

Com a atitude firme dela, a tensão começou a desaparecer.

– O que acha de eu levar o Luke para o pronto-socorro, só para ter certeza? – eu perguntei depois de uma pausa. – Ele está doente, e eu não me importo em ir. – Eu sorri para Lauren. – Só para ficarmos tranquilos.

– Espere, isso poderia acabar sendo a pior atitude – Chuck disse. – Os hospitais são os piores lugares para se estar em caso de surto.

– Mas e se ele estiver infectado? – perguntei, com a voz alterada. – Preciso saber, independentemente do que aconteça, para cuidar dele.

Lauren olhou para mim.

– Vamos juntos.

– Vou buscar umas máscaras lá embaixo – Chuck disse. – Vocês devem, no mínimo, usar máscaras.

Susie olhou para ele com cara feia.

– Estou sendo prático. A gripe aviária é duas vezes mais mortal do que a peste bubônica.

– Qual é o seu problema? – Susie perguntou, exaltada.

– Não, é uma boa ideia – Lauren concordou, agarrando Luke. – Pegue as máscaras.

19:00

Chuck desceu as escadas até seu estoque enquanto voltávamos para o apartamento deles para assistir à CNN. Ele voltou com bolsas de hóquei cheias de equipamentos e provisões.

Depois de colocá-las no meio da sala, vasculhou o conteúdo e puxou sacos de comida congelada e equipamentos de *camping* até encontrar as máscaras médicas. Pareciam aquelas que usamos quando vamos pintar algo com tinta spray. Ele as entregou para nós e então começou a distribuir algumas para os vizinhos.

Chuck tentou fazer com que usássemos luvas de látex, mas Lauren se recusou, e eu também. Segurar nosso bebê com luvas, protegendo a nós mesmos como se ele fosse um tipo de pária, era demais para se considerar seriamente. Se ele tinha a doença sobre a qual estavam falando nos jornais, nós já estávamos infectados, então não fazia sentido usá-las. Colocar as máscaras era mais para proteger outras pessoas.

Mas lá fora, como saber? Luke provavelmente só estava resfriado, e nós poderíamos estar andando no meio de uma multidão de pessoas infectadas em um hospital. Era impossível saber, mas tínhamos que nos certificar de que Luke ficaria bem. Coloquei algumas das luvas de látex nos bolsos de minha calça jeans.

Susie foi até o fim do corredor para ver se Pam, a enfermeira, já estava em casa. Eu queria que ela desse uma olhada no Luke, ou nos levasse para dentro do hospital por alguma porta dos fundos, mas não tive sorte. Ela e Rory não estavam em casa. Tentamos telefonar para eles, mas as redes de celular estavam totalmente congestionadas.

Enquanto Chuck falava sobre como reconhecer os sinais de doenças infecciosas, dando conselhos para que não tocássemos nem esfregássemos o rosto, folheei uma lista telefônica à procura de clínicas e hospitais na região, anotando a informação em um pedaço de papel. Senti alívio ao encontrar o caderno de telefones dentro da última gaveta de um armário da cozinha. Há anos não via um daqueles. Meu primeiro impulso tinha sido pesquisar o mapa em meu smartphone, mas a tela continuava em branco. Eu não estava recebendo dados do feed de notícias. O fluxo comum de mensagens, depois de muitos e-mails de amigos preocupados, também havia cessado. Eu não conseguia acessar a Internet. Nem meu smartphone nem meu laptop carregavam páginas da Web, pelo menos nada que fosse inteligível. Quando tentei o Google, ou nada aparecia ou uma mensagem de erro surgia na tela, ou ainda uma página aleatória se abria: um site de turismo africano ou o blog de algum estudante universitário. Então, anotei no papel.

Quando saímos do apartamento, metade dos nossos vizinhos estava no corredor, conversando aos sussurros, com máscaras ao redor do pescoço. Eles se afastaram de nós enquanto saíamos, principalmente de Lauren, que segurava Luke. A família chinesa do fim do corredor foi sábia o bastante e ficou dentro de seu apartamento. Richard havia chamado o carro de sua empresa para nos levar, e eu quis agradecer a ele, mas quando estendi a mão ele se retraiu e ajeitou a máscara no rosto, dizendo que deveríamos nos apressar.

Do lado de fora, o Escalade preto de Richard e seu motorista estavam à nossa espera. O motorista, Marko, já estava usando uma máscara. Era a primeira vez que eu o encontrava, mas Lauren parecia conhecê-lo.

Primeiro, fomos à clínica presbiteriana na esquina da rua 24. Deveria estar aberta, mas quando chegamos as pessoas estavam saindo e nos disseram que estava fechada. Demos a volta até a Clínica Beth Israel ali perto, mas já havia uma fila comprida na rua. Nem chegamos a parar.

Lauren aninhara Luke em vários cobertores, e cantava canções de ninar a ele, que parara de chorar, só fungava e se remexia. Ele sentia que havia algo errado,

que estávamos assustados.

A peça mais quente que conseguimos encontrar em nosso armário para Lauren fora uma jaqueta de couro e um cachecol, e eu ainda estava usando a jaqueta fina e a blusa de lã que vestira pela manhã. Estava quente dentro do Escalade, mas muito frio lá fora.

Comecei a me preocupar, pensando se Marko poderia nos abandonar em algum lugar se demorássemos demais. *Ele também deve ter família por aqui*. Seria impossível encontrar um táxi, com tudo o que estava acontecendo, e Lauren dissera que os metrôs também não estavam funcionando. Tentei falar sobre isso com Marko, mas ele disse para eu não me preocupar, porque estava tudo bem, que podíamos confiar nele.

Ainda assim, continuei preocupado.

As ruas de Nova York, antes cheias com a agitação da proximidade das festas, agora estavam frias e vazias. Longas filas serpenteavam para fora de lojas de conveniência e mercados, diante de caixas eletrônicos e também em postos de gasolina. As pessoas desciam as ruas correndo, carregando sacolas e pacotes, ninguém falava, todos olhavam para o chão. Nenhum dos pacotes se parecia com presentes de Natal. Os nova-iorquinos sempre tinham a sensação de que a cidade onde viviam era um alvo; agora, ao que se podia entender por conta dos ombros curvados e dos olhares furtivos que eu via nas ruas, o monstro mostrava sua cara de novo.

Era uma ferida coletiva que nunca havia se fechado, afetando a todos que chegavam. Quando Lauren e eu nos mudamos para o apartamento em Chelsea, ela temeu por estarmos muito perto do distrito financeiro. Eu disse a ela para não ser tola. *Será que eu havia cometido um terrível erro?*

Paramos no pronto-socorro do Greater New York Hospital na rua Nove, entre as ruas Quinze e Dezesseis. O lugar estava lotado, e não apenas com pessoas que pareciam doentes, mas com outras que pareciam malucas. O pior da cidade estava aparecendo. Eu saí e tentei conversar com os policiais e seguranças da entrada, mas eles balançaram a cabeça e disseram que a cidade toda estava

daquele modo. Lauren esperou dentro do carro, seguindo meus movimentos com os olhos, enquanto eu tentava encontrar alguém com quem conversar, qualquer pessoa que pudesse me ajudar. Um dos policiais sugeriu o St. Jude Children's na Penn Plaza, na rua 34.

Voltei para o carro.

No percurso até o St. Jude's, Luke começou a chorar de novo, aos berros dessa vez, com o rosto ficando muito vermelho a cada grito estridente que soltava. Lauren estremeceu e começou a chorar também. Abracei os dois, dizendo com insistência que tudo ficaria bem. Quando finalmente chegamos ao St. Jude, vimos que não havia um monte de pessoas do lado de fora da emergência, então saímos do carro e corremos para dentro, mas nos deparamos com uma multidão do lado de dentro.

Uma enfermeira da triagem fez um exame rápido, trocando nossas máscaras por outras que ela chamou de N95, e fomos imediatamente restringidos a um conjunto de salas repletas de pais e filhos. Eu encontrei uma cadeira para Lauren se sentar em um canto, ao lado de uma fonte d'água vazando, perto de cartazes amarelados que retratavam a importância da pirâmide alimentar para a saúde de crianças pequenas. Pareceu que tivemos de esperar por horas. Finalmente, outra enfermeira apareceu e nos levou para dentro da sala de exames, dizendo que não poderíamos falar com um médico, mas que ela nos ajudaria.

Depois de examinar Luke rapidamente, ela disse que ele parecia estar resfriado e que não houvera nenhum caso de gripe aviária naquele hospital. Ela nos garantiu que eles não tinham ideia do que estava sendo dito nos noticiários e nos receitou Tylenol infantil, pedindo educadamente, mas de modo enfático, para que fôssemos para casa. Não tinha mais nada que pudéssemos fazer.

Eu me senti impotente.

Conforme havia prometido, Marko estava esperando do lado de fora quando saímos. Ao abrir a porta do carro para Lauren e Luke, percebi que minhas mãos estavam adormecidas. O vento entrava pela minha jaqueta fina, e o vapor saía de minhas narinas toda vez que expirava com cansaço. Alguns flocos minúsculos de

neve começaram a cair. Imaginar um Natal com neve costumava me deixar animado, mas a situação toda agora parecia nefasta.

No caminho de volta, Nova York estava silenciosa como um necrotério.

3:35

– Não vou deixá-los aqui! – escutei Susie gritar pela entrada.

– Não é isso o que estou dizendo! – Chuck respondeu com a voz mais baixa.

Esperei, hesitei, mas acabei batendo à porta. Ouvi passos em minha direção e a porta se abriu, iluminando o corredor com uma luz forte.

– Ah, olá! – Chuck disse de modo estranho, esfregando a nuca com uma mão. – Acho que você ouviu tudo, não é?

– Não tudo.

Ele sorriu.

– Sei, sei. Você está bem? Quer uma xícara de chá? Camomila ou outra coisa?

Balancei a cabeça e entrei.

– Não, obrigado.

A casa deles, um apartamento de dois quartos pouca coisa maior do que o nosso, estava cheia de caixas e sacolas. Susie estava sentada no sofá, um oásis no meio da confusão espalhada a seu redor, e parecia envergonhada. Eles não estavam usando máscaras, então tirei a minha.

– Você conseguiu uma máscara nova? – Chuck perguntou.

– Eles nos deram máscaras N95 ou coisa assim. Não sei o que isso quer dizer.

Chuck riu.

– N95, credo! A que eu dei a vocês era bem melhor do que uma 95%. Você não deveria ter deixado que eles a levassem. Vou pegar mais.

– Parece que ele está se preparando para a Terceira Guerra Mundial – Susie disse, rindo. – Tem certeza de que não quer uma xícara de alguma coisa quente?

– Não quente, mas talvez algo forte.

– Ah, sim – Chuck disse, caminhando em direção à cozinha. Ele pegou uma garrafa de uísque e dois copos de um armário.

– Com gelo ou sem?

– Pode ser puro.

Ele serviu doses generosas nos dois copos.

– Como está o Luke? – Susie perguntou. – O que os médicos disseram?

– Não conseguimos passar com um médico. Uma enfermeira o examinou e não disse muita coisa, só disse que não parecia gripe aviária. Ele está com febre de 39°C. A Lauren o levou para a cama e está deitada com ele. Estão dormindo.

– Isso é bom, não é? Pam voltou enquanto vocês estavam fora, disse que você pode acordá-la, se quiser. Ela é formada em medicina tropical, acho.

Eu não sabia como a medicina tropical poderia nos ser útil naquela situação, mas sabia que Chuck estava tentando me confortar. Era bom ter Pam por perto.

– Dá para esperar até amanhã cedo.

– Então, o que acha de umas férias na Virgínia? – Chuck perguntou, enquanto me passava o copo.

– Virgínia?

– Sim, a casa antiga de nossa família nas montanhas perto de Shenandoah? Fica no parque nacional, tem poucos chalés na montanha toda.

– Ahhh – respondi, entendendo a lógica. – Está na hora de dar o fora?

Ele caminhou em direção à televisão que continuava ligada, mas sem som. A notícia transmitida na CNN era sobre um surto de gripe aviária registrado na Califórnia.

– Ninguém sabe que diabos está acontecendo. Metade do país acha que são terroristas, a outra metade acha que é um ataque dos chineses, e outra metade acha que não é nada.

– Tem metades demais aí.

– Que bom que você tem senso de humor.

Bebendo um gole de seu drinque, ele pegou o controle remoto do balcão da

cozinha e aumentou o volume da CNN.

“*Relatos não confirmados de gripe aviária têm surgido em todo o país, e o mais recente foi feito em São Francisco e em Los Angeles, onde oficiais de saúde isolaram dois grandes hospitais...*”

Suspirei e tomei um bom gole de minha bebida.

– Eu não vejo graça nenhuma nisso.

– Os serviços de emergência do país estão ferrados, as redes de telefonia móvel estão congestionadas – Chuck disse. – Está uma bagunça total.

– Não precisa me dizer. Você tinha que ver os hospitais. O CDC confirmou alguma coisa?

– Eles confirmaram as notificações de emergência, mas ninguém conseguiu descobrir o que está havendo.

– Está demorando tanto assim? Já faz dez horas.

Chuck balançou a cabeça.

– Sem Internet e com esse vírus Scramble bagunçando a logística, ninguém sabe onde os outros estão nem o que devem fazer.

Esfreguei os olhos, tomei mais um gole e olhei pela janela. Estava nevando forte, e uma corrente constante de flocos aparecia na escuridão, girando e flutuando no vento.

Chuck seguiu meus olhos.

– Essas tempestades estão vindo, vai ser pior do que o Natal de alguns anos atrás, como um Sandy de gelo.

Eu não estava em Nova York na grande nevasca de 2010, quando caíra 60 centímetros de neve um dia depois do Natal, mas tinha ouvido falar: acúmulo de 2 metros de neve no Central Park, com neve na altura da cintura no meio das ruas. Ocorriam tempestades de neve quase tão pesadas todos os anos desde então. Eu estava na cidade quando o Furacão Sandy atingiu, e uma versão congelada daquilo me assustava. Nova York havia se tornado um ímã de grandes nevascas.

– Vocês deveriam ir logo – eu disse, observando a neve. – Não podemos sair.

Não com o Luke tão mal. Ele precisa descansar, e nós precisamos ficar perto de hospitais.

– Não vamos deixá-los aqui – Susie disse, decidida, olhando para Chuck. Ele deu de ombros e terminou sua bebida.

– Charles Mumford – ela continuou depois de uma pausa –, não seja ridículo. Tudo isso vai passar logo. Você está sendo dramático.

– Dramático? – Chuck respondeu, quase lançando o copo contra a televisão ao apontar. – Será que você está assistindo às mesmas coisas que eu? A China está declarando guerra, um ataque biológico se espalhou pelo país, a comunicação está afetada...

– Não exagere. Eles não declararam guerra. Aquilo foi só um ministro estufando o peito para as câmeras – Susie argumentou. – De qualquer modo, veja tudo isto. – Ela gesticulou indicando o apartamento. – Por Deus, nós poderíamos nos trancar aqui e sobreviveríamos até o *próximo* Natal.

Terminando minha bebida, tentei acalmar os ânimos.

– Não quero que vocês briguem. Eu acho que isso vai passar e amanhã cedo as coisas estarão mais calmas. – Eu me virei em direção a Chuck. – Se vocês quiserem ir, entenderei totalmente. Faça o que for o melhor para a sua família. Estou falando sério. – Olhei dentro dos olhos dele, sorrindo, tentando mostrar que estava falando sério. Suspirei e emendei: – Eu preciso dormir um pouco.

Chuck coçou a cabeça e colocou o copo no balcão da cozinha.

– Eu também. Até depois, amigo.

Ele se aproximou e me abraçou, pegando meu copo.

Susie se levantou e me deu um beijo no rosto.

– Até amanhã cedo – ela sussurrou em meu ouvido enquanto me abraçava forte.

– Por favor, se ele quiser, vá – eu respondi.

Fechei a porta quando saí e abri a porta de nosso apartamento sem fazer barulho. Depois de trancar a porta, eu entrei no quarto e fechei a porta com cuidado. Meu mundo inteiro estava na cama à minha frente. Sob o brilho

fantasmagórico do display de LED do rádio-relógio no criado-mudo, eu vi Lauren e Luke deitados. O quarto tinha uma atmosfera úmida e caseira, como um ninho, e sorri ao pensar isso. Fiquei parado e os observei, sentindo alegria e encantamento, e a respiração rítmica dos dois acalmou meus sentidos.

Luke tossiu e respirou fundo duas ou três vezes, como se não conseguisse respirar direito, mas então suspirou e se acalmou.

Silenciosamente, eu me despi e me enfiei embaixo das cobertas. Luke estava no meio da cama, então eu me acomodei ao redor dele, com Lauren do outro lado. Inclinei-me e afastei uma mecha de cabelo da testa dela, e a beijei. Ela resmungou e a beijei novamente; então, com um suspiro profundo, enfiei um dos travesseiros embaixo da cabeça e fechei os olhos.

Tudo vai ficar bem.

DIA 2: VÉSPERA DE NATAL, 24 DE DEZEMBRO

7:05

Acordei assustado.

Meus sonhos foram repletos de imagens confusas de homens irados em florestas. Eu estava voando, quase soltando Luke, e Lauren havia caído, deslizando por uma escada, em direção à terra, enquanto eu não parava de flutuar. Um grito me tirou da visão, as camadas de sonhos se desfizeram, até eu me sentar na cama, ofegante.

Ofegante, olhei ao redor. Estava muito escuro. *Espere, não totalmente.* Uma luz fraca estava pendurava como uma auréola cinza ao redor das cortinas do quarto. Luke e Lauren ainda estavam ao meu lado. Prendendo a respiração, eu me inclinei para Luke. *Ele ainda está respirando, graças a Deus*.

Tudo estava silencioso. Lauren se remexeu um pouco. Tudo estava bem. Tremendo, eu puxei os cobertores para me cobrir e recostei a cabeça no travesseiro. Lentamente, meu coração se acalmou, e um silêncio mortal tomou conta.

Está escuro demais. Olhei para o relógio ao lado da cabeceira. Estava apagado, preto. *Pode ser que estejamos sem eletricidade.* Peguei meu celular do criado-mudo: 7:05. Estava cedo, e muito frio.

Silenciosamente, saí pela lateral da cama, vasculhei o cesto de roupas em busca do meu roupão, e então tateei com os pés atrás de meus chinelos no chão. Envolvendo o corpo com o roupão, estremeci e deixei o quarto.

A sala principal de nosso apartamento estava igualmente silenciosa. Nenhuma luz familiar, nenhum dos displays acesos nos equipamentos. A arvorezinha de Natal na mesa de canto estava totalmente apagada. Do lado de

fora, a neve batia nas janelas à meia-luz, o vento batendo contra o vidro era a única coisa que se ouvia, um martelar surdo a cada rajada de neve.

Ao caminhar para a entrada, toquei o termostato digital na parede. Também estava apagado. Voltei ao quarto, silenciosamente peguei um cobertor extra do armário, cobri Luke e Lauren, e então peguei uma blusa para mim, sentindo-me despreparado para o que quer que estivesse acontecendo.

Decidi ver se Susie e Chuck estavam de pé. Vesti uma calça jeans, tênis e uma blusa, e saí do apartamento na ponta dos pés.

No corredor, a luz de emergência estava acesa, uma luz branca forte que se espalhava pelos refletores acima da escada de saída, lançando sombras compridas atrás de mim no espaço vazio. Na frente da casa de Chuck, hesitei, mas então bati, e insisti depois de uma pausa.

Ninguém atendeu. *Será que eles foram embora*? Era difícil imaginar que eles pudessem ter ido embora daquele jeito, mas era possível...

Bati mais uma vez, com firmeza, exigindo a atenção deles, mas ninguém atendeu. Tentei a maçaneta e, girando-a com facilidade, a porta se abriu à minha frente silenciosamente. Do lado de dentro, as cortinas tinham sido fechadas, e sob a luz fraca, consegui ver o monte de sacolas ainda no chão. Olhei nos quartos e no banheiro, mas não vi Chuck, Susie nem Ellarose.

Será que eles deixaram todas essas coisas para nós?

Tirei o cobertor da cama deles, enrolei-o em meu corpo e fui para a sala de estar, onde me joguei no sofá. Senti o medo na boca do estômago. *O que aconteceu? Por que estamos sem eletricidade? E por que Chuck não me acordou se algo aconteceu?*

Pensei em tentar telefonar para meus irmãos, para saber se estavam bem. Eles tinham uma caldeira a óleo na casa antiga e combustível suficiente para todo o inverno, então, pelo menos, se manteriam aquecidos se alguma coisa acontecesse por lá. Meus irmãos tinham recursos, eu não deveria me preocupar com eles.

O vento batia forte nas janelas, ecoando pela sala sem vida. *Sem vida*. Era a

impressão que a falta do reconfortante zumbido baixinho dos aparelhos passava, sem as luzinhas piscando, sem o murmurar dos motores ocultos mas presentes, envolvendo-me em meu casulo eletrônico.

Mas uma luz ainda funcionava. Meu celular ainda tinha bateria, pelo menos por enquanto. Eu sentia sua presença como um membro fantasma. *Talvez eu devesse olhar o celular, ver se tenho mensagens e tirar a bateria, economizar carga, só para garantir*. Talvez as redes de telefonia celular não estivessem mais tão congestionadas. *Ou talvez um telefone fixo? Eles têm energia própria?* Eu acreditava que sim, tentei lembrar-me se havia usado um telefone fixo durante um queda de energia no passado, mas não conseguia me lembrar de ninguém que ainda tivesse um.

Eu precisava descobrir o que estava acontecendo, mas como? *Um rádio*. Ainda haveria transmissão. Eu não tinha rádio de pilha, mas estava certo de que Chuck deveria ter deixado um em uma daquelas sacolas. *Graças a Deus ele deixou todas essas coisas*.

Olhei pelas janelas de novo. Lá fora, a situação parecia séria. No dia anterior de manhã, meu maior problema era decidir como entregar alguns brindes de Natal... como o mundo havia mudado depressa!

E se Luke estivesse realmente doente? E se uma epidemia estivesse se espalhando naquela nevasca?

– Pode me dar uma força?

Eu virei a cabeça e vi Chuck na porta, carregando muitas sacolas e mochilas. Ele estava tentando entrar.

Parado na entrada, Chuck franziu o cenho.

– Ei, você está bem? O Luke está bem?

Acho que nunca me senti tão feliz por ver alguém na minha vida. Sequei os olhos com as costas de uma mão.

– Está tudo bem.

– Se você está dizendo... – Mais uma vez, ele tentou passar pela porta, e mais uma vez perguntou: – Pode me dar uma força?

Chacoalhando a cabeça para limpar a mente, levantei-me para pegar algumas sacolas. Susie, que também carregava sacolas, apareceu atrás dele com Ellarose presa com amarras em seu peito. Tony, nosso porteiro, estava atrás dela e carregava ainda mais sacolas do que Chuck. Todos suavam, e largavam suas cargas a esmo ao entrar.

– Quer que eu faça outra viagem? – Tony perguntou, ofegante, inclinando-se para a frente.

– Por que não descansa um pouco com Susie e Ellarose? – Chuck suspirou, passando um braço na testa. – Que tal fazer um pouco de café no fogão a gás? Eu e Mike pegaremos o gerador.

O gerador? Fiquei confuso.

– Parece pesado.

– É pesado – Chuck riu. – Vamos, gorducho, está na hora de se exercitar.

Deixando os outros ali, Chuck e eu fomos até a saída de emergência para descer a escada. Os elevadores não estavam funcionando. Era a primeira vez que eu entrava naquela escada, e o som de nossos pés nos degraus de metal ecoava nas paredes de blocos de concreto.

– Então, o que aconteceu? – perguntei assim que começamos a descer o primeiro lance de escadas.

– A eletricidade foi cortada às cinco e estou subindo e descendo desde então, pegando o máximo de coisas antes que os outros acordem.

– Antes que os outros acordem?

– Pode me chamar de paranoico, mas prefiro que o mínimo de pessoas saiba quanta coisa temos estocadas no Forte Mumford.

O apartamento dele já era uma base militar. Eu me perguntava até onde ia o perímetro.

– Perguntei o que *aconteceu* com a eletricidade? Por que está tão frio?

– Está frio porque a eletricidade foi cortada, e este prédio é todo controlado via Internet. Tem combustível na caldeira, mas todos os controles são digitais e as redes não estão funcionando.

– Ah. – Lembrei de que uma característica muito importante no ato da venda daquele novo prédio tinha sido a série de controles modernos que funcionavam via Internet, permitindo que você controlasse a temperatura de cada cômodo da casa à distância, até de Hong Kong, se quisesse. O problema era que os comandos eram transmitidos por redes de IP, e, pelo que Chuck estava dizendo, elas estavam fora do ar. – O gerador reserva não deveria ter sido acionado?

– Deveria, mas não foi, e não acionaria as saídas de aquecimento. Todos os funcionários do prédio se foram. Já temos trinta centímetros de neve, e vai nevar mais ainda. A Guarda Nacional foi chamada, e eles estão mandando todo mundo ficar em casa. Temos que fazer isso sozinhos.

– Por que o Tony ficou?

– Ele mandou a mãe para Tampa para visitar a irmã dela e passar as festas por lá, lembra?

Eu assenti.

– Então, *o que aconteceu* com a eletricidade?

Chuck parou no terceiro lance, na metade do caminho.

– Eu estava vendo os canais de notícias aproximadamente às quinze para as cinco quando começaram a anunciar queda de energia em Connecticut e então, logo depois das cinco, as luzes se apagaram.

– Foi por causa da nevasca? – As alternativas eram assustadoras.

– Talvez.

– Eles disseram alguma coisa sobre a gripe aviária?

– Está uma bagunça total – ele respondeu, dando de ombros. – Ninguém sabe o que está acontecendo. – Ele desceu mais alguns degraus. – As fronteiras estão fechadas, os voos internacionais foram cancelados – ele prosseguiu, detalhando uma crise mundial, como itens de um cardápio. – O CDC não confirma nem nega nada, mas os hospitais de todos os lados estão repletos de pessoas com sintomas. Eles estão dizendo se tratar de um tipo de ataque biológico coordenado, mas não acredito.

– Por quê?

A mente de Chuck, dada às conspirações, estava sempre analisando as notícias à procura da história “real”, mas, pela primeira vez, eu estava disposto a ouvir suas teorias. Chegamos ao térreo e saímos para o hall para descermos a escada que levava ao porão. Paramos na salinha de mármore branco ao lado do jardim japonês, agora iluminado fortemente pelas luzes de emergência.

– Você sabia que quase 90% dos sistemas de notificação de emergência nos Estados Unidos são mantidos pela mesma empresa?

– E daí?

– Se essa empresa sofrer com a ação de hackers, pronto, abre-se a porta para o caos no país todo.

– Por que alguém faria isso?

– Caos, terror. Mas tenho outra teoria. – Ele abriu a porta para o porão. – Invasão. – Ele saiu na minha frente.

Corri atrás dele.

– Invasão?

Chuck abriu a porta do primeiro armário e começou a checar as etiquetas das caixas com uma lanterna.

– Pense bem. Interrompa os serviços do governo, corte as linhas de fornecimento e de transporte, elimine as comunicações e então confine os civis em suas casas antes de dizimar a base industrial, nesse caso, interrompendo o fornecimento de eletricidade. É o mesmo perfil de ciberataque que os russos usaram quando entraram na Geórgia, em 2008, mais ou menos.

– Não faz o menor sentido.

Ele encontrou a caixa que estava procurando e a arrastou para fora.

– Quero dizer Geórgia na Ásia, não Geórgia em Atlanta.

– Entendi isso.

Ele abriu a caixa e olhou para mim.

– Venha, filho, segure uma ponta.

Inclinando-me, peguei uma ponta do gerador na caixa, grunhindo para suportar o peso enquanto ele erguia o outro lado, e começamos a levá-lo em

direção à escada. Durante os minutos seguintes, nós nos esforçamos para subir. Não era *tão* pesado, mas era desajeitado, e parecia que estávamos carregando um corpo. Eu precisei de um tempo quando chegamos ao terceiro lance de escadas.

– Pare – eu disse, ofegando e pousando o gerador no chão, resmungando enquanto alongava as costas. – Quanto essa coisa pesa?

– Na caixa, está escrito cinquenta e cinco quilos. É uma beleza, funciona a gasolina, diesel, ou qualquer coisa que exploda.

– Vodca?

– Isso nós bebemos. – Ele riu.

Respirando fundo, sequei o suor que descia pelas minhas têmporas.

– Ninguém nunca invadiu os Estados Unidos. Você não pode estar falando sério.

Chuck riu.

– Os canadenses invadiram. Chegaram até a incendiar a Casa Branca.

– Isso foi há muito tempo, e foi mais um truque do que uma invasão.

– A história costuma se repetir. – Ele fez um gesto indicando o gerador. – Vamos, rapaz.

Respirei fundo, alonguei as costas de novo e me abaixei para pegar o gerador.

– Então, a sua grande ideia é que estamos sendo invadidos pelos canadenses?

– Explicaria a neve, não? – Ele riu. – Talvez não literalmente a mesma coisa, mas é uma ideia.

– É uma ideia. – Rolei meus olhos. *Culpa do Canadá*.

Grunhi e resmunguei enquanto subia mais dois lances de escada e implorei por outra pausa. Chuck suava, mas parecia bem, e estava fazendo aquilo há horas. Eu não conseguia ouvir nem mesmo a respiração dele, mas percebi que seria difícil reparar em qualquer coisa além da minha própria respiração ofegante e do meu coração acelerado. Decidi que a promessa de Ano Novo seria me matricular em uma academia, e, mais do que isso, começar a frequentar de verdade.

Naquele momento, a porta ao nosso lado, no quinto andar, abriu-se e bateu com força em Chuck. Na abertura, eu dei de cara com a lanterna de alguém.

– Puxa, me desculpe! – quem quer que fosse exclamou.

Chuck gritou de dor no momento do impacto, saiu pulando e chacoalhando a mão. O homem pisou na escada, olhando ao redor.

– Me desculpe, eu não pensei...

– Não se preocupe – Chuck disse, recompondo-se, mas ainda massageando a mão atingida pela porta.

Nós todos nos entreolhamos por um segundo.

– Vocês sabem o que aconteceu com a eletricidade?

– Sabemos tanto quanto você – respondi. – Sou o Mike, e este é o Chuck.

– Sim, conheço vocês. Já vi vocês entrando e saindo algumas vezes.

Eu não o reconheci, mas havia muitas pessoas no prédio.

– Sou o Paul – ele se apresentou, e, então, depois de uma pausa: – do 514.

Ele estendeu a mão, e eu comecei a estender a minha, mas Chuck me puxou para trás.

– Desculpe – Chuck explicou, estreitando os olhos sob a luz da lanterna de Paul. – Todo cuidado é pouco com essa história do alerta da gripe aviária e tal. Ei, pode desligar isso?

– Claro. – Paul desligou a lanterna e olhou para o gerador. – O que é isso?

Chuck hesitou.

– É um gerador.

– Tipo, do prédio ou algo assim?

– Não, é nosso.

– Tem alguma coisa que poderia emprestar?

– Desculpe, mas acabamos de conseguir isto – Chuck mentiu. – Sobrou de um lugar em que trabalhei.

– É mesmo?

Chuck olhou para ele fixamente. A pausa se tornou desconfortável.

– É. E se não se importa, precisamos ir.

Paul deu de ombros.

– Tudo bem, só estava procurando uma ajuda dos vizinhos. O que está acontecendo é bem esquisito. Vocês viram a neve lá fora? Mal dá para ver os carros.

Mais um ou dois segundos de silêncio desconfortável.

– Bem, boa sorte – Chuck concluiu, fazendo um gesto para que eu pegasse minha ponta de novo. Ele pegou a dele com apenas uma mão dessa vez. – Tenho certeza de que a eletricidade voltará logo e estamos apenas perdendo nosso tempo.

Começamos a subir e Paul desceu, abriu a porta do quarto andar e desapareceu.

Assim que chegamos ao nosso andar, Chuck soltou a ponta que segurava.

– Você viu a calça dele?

Eu neguei balançando a cabeça.

– Por quê?

– Ensopada dos joelhos para baixo, e os tênis também estavam ensopados. Ele deve ter saído.

– E daí? Talvez ele tenha saído para dar uma olhada.

– Às sete da manhã? Nunca vi esse cara antes. Tony deve ter deixado aberta a porta da frente do prédio. E por que diabos ele foi direto para o quarto andar daquele jeito?

– Talvez seja só um vizinho que você não conhece – respondi, mas senti um arrepio no pescoço. *Um invasor*.

– Leve isto pelo resto do caminho até nosso apartamento. Vou descer para trancar tudo.

Chuck desceu a escada, de dois em dois degraus, e eu o observei se afastar conforme os ecos de seus passos diminuíam. Abri a porta de nosso andar, inclinei-me, resmunguei e puxei o gerador.

10:05

Apesar de tudo, o resto da manhã ganhou um ar festivo.

Assim que Chuck trancou a porta de entrada, fui ao apartamento de Pam pedir para ela dar uma olhada em Luke. Tony desceu e conferiu novamente se a porta da frente estava trancada e deixou um bilhete avisando que estaria na casa de Chuck.

Chuck estabeleceu a regra rígida de que apenas nosso grupo, que incluía Tony, poderia entrar no apartamento deles. Abriu uma exceção para Pam, e depois de algumas reclamações, também ao marido dela, Rory. Depois que ele acendeu um aquecedor a querosene, o apartamento esquentou depressa, acordamos Lauren e Luke e fomos para o quarto de visitas de Chuck e Susie.

Depois de um exame rápido, Pam disse que Luke de fato não parecia apresentar sintomas da gripe aviária, pelo menos até onde ela sabia, e que a febre estava cedendo. Ele ainda estava com 39°C, o que era perigoso, mas controlável, e ela prometeu que estaria por perto e ficaria de olho nele.

Pam passara a noite toda acordada no banco de sangue da Cruz Vermelha. Ele havia sido transformado em uma clínica de emergência, com médicos voluntários aparecendo quase tão depressa quanto as pessoas que diziam estar com os sintomas. Um dos médicos de lá havia trabalhado no CDC realizando pesquisa sobre a gripe aviária. Pam conversou com ele por muito tempo a respeito do que estava acontecendo, e ele havia explicado que as notícias não faziam o menor sentido – incubação, transmissão, sintomas e assim por diante. Parecia mesmo ser um alarme falso, ou falsificado.

Nosso encontro com o suposto invasor logo foi esquecido, e Chuck insistiu em abrir uma garrafa de champanhe para servir coquetéis de mimosa a todos.

Era véspera de Natal, ele disse, e um Natal nevado, acrescentou, olhando pela janela para a nevasca inclemente. Todos acabamos rindo.

Juntos na sala naquela manhã, aquecidos, seguros e tirando os equipamentos das sacolas de Chuck como se estivéssemos em um acampamento *indoor*, a sensação de perigo desapareceu. Meu filhinho estava com febre, mas tamanho era o alívio em saber que era apenas uma gripe ou resfriado normal que eu quase me senti radiante.

Deixamos um rádio ligado com o volume baixo. O repórter dava detalhes sobre as estradas que tinham sido fechadas: I-95, I-89, a rodovia expressa para Nova Jersey; e as residências sem energia elétrica, um número estimado de dez milhões em todo o nordeste. As linhas do metrô estavam fechadas. Disseram que a falta de eletricidade era um tipo de cascata elétrica na rede, como já tinha acontecido alguns anos antes, e a tempestade de neve deixava tudo pior.

A voz do repórter, uma pequena ligação com o mundo lá fora, dava à manhã uma sensação de familiaridade, a mesma de qualquer outro dia fatídico sofrido pelos nova-iorquinos a partir do qual teriam de começar o processo de reconstrução. Os relatos que vinham sobre o pânico com a gripe aviária reforçavam essa sensação – o CDC não podia confirmar nenhum caso, e eles não tinham conseguido identificar a fonte do alerta.

Animado pelo álcool dos coquetéis, fui ao apartamento do lado para ver como estavam os Borodin. Eu me lembrei de que a filha e a família de Irena, que moravam em um prédio vizinho, tinham viajado de férias, por isso eles estavam sozinhos. O rádio nos lembrava de cuidar dos idosos, mas eu tinha a sensação de que os Borodin estavam bem.

Fui mesmo assim.

Bati à porta e escutei Irena dizendo para eu entrar. Entrei e os encontrei como sempre. Irena estava sentada em sua cadeira de balanço, tricotando, e Aleksandr estava adormecido na poltrona na frente da TV desligada, com Gorbachev ao lado. A única diferença é que eles estavam envolvidos em cobertores. Estava gelado dentro do apartamento.

– Quer um pouco de chá? – Irena ofereceu.

Observando-a terminar mais um ponto cuidadosamente, pensei que gostaria de ter mãos tão ágeis quanto as dela aos noventa anos. *Eu ficaria feliz se chegasse aos noventa.*

– Sim, por favor.

Eles tinham montado o que parecia ser um fogão de acampamento antigo na cozinha, e havia uma chaleira com chá quente sobre ele. Os Borodin eram judeus, mas tinham uma grande árvore para as festas, muito bem decorada, ocupando quase metade da sala de estar. No ano anterior, fiquei surpreso quando eles me pediram ajuda para conseguir uma árvore, mas logo descobri que não era uma árvore de Natal, mas sim de Ano Novo. Era a mais bacana do nosso andar, independentemente de como fosse chamada.

Irena foi até o armário da despensa e o abriu para pegar um pouco de açúcar para o chá, e, pela primeira vez, eu percebi que a despensa estava cheia, do chão ao teto, de latas e sacos de arroz e feijão. Ela percebeu que eu estava olhando.

– É a força do hábito – ela comentou, sorrindo ao voltar para servir o chá. – Como está o principezinho?

– Está bem. Ou melhor, está doente, mas vai ficar bem – respondi, envolvendo a xícara de chá com as mãos. – Não está muito frio aqui? Querem ir para a casa de Chuck?

– Ah – ela disse, fazendo um gesto despreocupado –, isso não ser frio. Passei invernos em casebres na Sibéria depois da guerra. Peço desculpa, mas abri as janelas para entrar um pouco de ar fresco.

Aleksandr soltou um ronco mais alto. Nós rimos.

– Vocês precisam de alguma coisa? – Fiz um gesto com o polegar indicando o apartamento de Chuck. – É só nos procurar, a qualquer momento.

Ela balançou a cabeça.

– Ah, não. Ficaremos bem. Ficaremos quietos, sem incomodar ninguém. – Tomando um gole de chá, ela pensou em algo e olhou para mim. – Se *vocês*

precisarem de algo, Mih-kah-yal, lembrem, podem vir aqui, *da*? Estaremos de olho.

Eu disse que faria isso, e conversamos um pouco. Fiquei surpreso com a calma de Irena. A falta de eletricidade havia me afetado profundamente, dando a impressão de que eu havia perdido um de meus sentidos, como se estivesse cego ou surdo sem o zunir das máquinas. No apartamento ao lado, cercado pelos equipamentos e bugigangas de Chuck e pelo som constante das notícias no rádio, eu me sentia quase normal de novo. Mas na casa de Irena, a sensação era diferente: estava mais frio, claro, mas havia uma sensação maior de calma e segurança. Ela era de uma geração diferente. Achei que as máquinas não eram parte deles como eram de nós.

Agradeci pelo chá e voltei para ver como Luke estava. Vários vizinhos tinham se reunido no hall. Encapotados, vestindo jaquetas de inverno e cachecóis, eles pareciam muito menos felizes do que eu me sentia.

– Maldita administração! – Richard resmungou quando eu saí do apartamento dos Borodin. – Alguém vai perder o emprego por isso. Vocês têm aquecimento?

– Não, mas Chuck tem uns equipamentos de aquecimento. Você sabe como ele é.

– Será que ele tem para vender? – Richard perguntou, vindo em minha direção. – Meu apartamento está congelando.

Levantei a mão e fazendo um gesto para afastá-lo.

– Desculpe, mas com essa coisa da gripe aviária, é melhor nos mantermos afastados. Vou perguntar ao Chuck, mas acho que não.

Richard franziu o cenho, mas parou.

Eu me virei e abri a porta do apartamento de Chuck, sentindo o calor em meu rosto, pronto para rir com ele depois de contar sobre meu encontro com Richard, mas vi todo mundo sentado sem se mexer, olhando para o rádio.

– O que foi? – perguntei, fechando a porta.

– Shhhh – Lauren ordenou de modo tenso.

“Não se sabe ainda a extensão da batida, tampouco se foi um descarrilamento ou uma colisão’”, o radialista dizia.

– O que aconteceu?

Chuck se virou no sofá, afastando as caixas e sacolas. Ele estava tomando cuidado com a mão que tinha sido atingida pela porta, e a mantinha contra o peito. A neve batia com força nos vidros das janelas e o vento uivava do lado de fora. Eu não conseguia ver nem mesmo o prédio ao lado, a vinte metros.

Tudo estava branco.

– Houve uma batida – Chuck explicou. – Um acidente de trem. Amtrak. No caminho entre Nova York e Boston logo cedo, mas eles só descobriram agora. Pelo menos, foi o primeiro anúncio.

“... grande número de mortos, por volta de uma centena, se não pelo acidente em si, por congelamento na nevasca...”

12:30

– Por que não deixamos isto lá dentro?

Mesmo com luvas grossas, minhas mãos estavam adormecidas, e eu estava ficando cansado por ter de me debruçar para fora de uma janela a quase trinta metros do chão. Por mais que tentasse evitar, a neve cobria meu rosto e pescoço, se derretia e entrava pela minha roupa de modo desconfortável.

– Não temos tempo para soldar nem prender nenhuma parte – Chuck respondeu.

Colocar o gerador do lado de fora da janela da sala de estar se provou ser mais difícil do que imaginamos. Ainda mais porque Chuck praticamente usava uma mão só. A mão machucada havia inchado e agora parecia uma berinjela.

Tony havia saído para ajudar alguns moradores do segundo andar, e Pam retornara ao posto da Cruz Vermelha. Pedimos a Lauren e Susie que levassem as crianças ao quarto de visitas para brincar enquanto abríamos as janelas. O apartamento estava congelante e inundado por neve derretida.

– Uma morte lenta devido a envenenamento por monóxido de carbono *é* tranquila – Chuck disse –, mas não é bem o que eu tinha em mente para o Natal.

– Você já está terminando? – resmunguei.

– Só estou conectando uns cabos.

Ouvi Chuck mexendo nos fios e xingando.

– Certo, pode soltar.

Com um suspiro aliviado, soltei a plataforma de compensado na qual havíamos colocado o gerador e me inclinei para dentro do apartamento, fechando a janela. Ao meu lado, Chuck sorriu, a mão machucada pousada delicadamente sobre o gerador. Ele puxou o acionador com a mão boa, e o gerador roncou e ligou.

– Espero que essa coisa não congele ali fora – Chuck comentou, fechando a janela com o gerador do lado de fora, deixando uma fresta para que os cabos de força passassem para dentro.

O apartamento não tinha varanda, e não quisemos correr o risco de colocá-lo na saída de emergência, pois alguém poderia roubá-lo. Por isso, nós o equilibramos do lado de fora de uma janela em uma plataforma improvisada.

– Estou mais preocupado com a água que pode entrar nele – eu disse. – Não sei se foi feito para ficar em espaços abertos e aguentar trinta centímetros de neve derretida.

– Veremos, não é mesmo? – Recostando-se na janela, ele rasgou pedaços de fita adesiva de um rolo e os entregou a mim para que eu pudesse fechar a fresta. – Com fita adesiva o suficiente, podemos consertar qualquer coisa – ele disse, rindo.

– Perfeito. Vou lhe dar mil rolos de fita e mandar você para a Con Edison para você restabelecer o fornecimento de energia.

Nós dois rimos disso.

O rádio fazia atualizações constantes a respeito do trem acidentado, da intensidade crescente da tempestade e da falta de eletricidade. Toda New England estava paralisada. Era mais uma Frankenstorm – nesse caso, uma poderosa tempestade do nordeste que se chocou contra um sistema de baixa pressão vindo do sudeste. Eles previam que cairia pouco mais de um metro de

neve na área de Nova York quando chegasse à costa. Mais de quinze milhões de pessoas não tinham energia elétrica, e muitas não tinham comida, aquecimento nem acesso a serviços de emergência.

As notícias sobre o acidente de trem eram uma confusão de informações conflitantes. Algumas testemunhas disseram que o exército chegou quase imediatamente, mas os canais de notícia só falaram sobre o acidente horas depois, levantando especulações de que o exército estava tentando esconder o ocorrido por algum motivo, e não foram divulgadas as causas.

Conforme as proporções da tempestade se tornavam mais claras, e os boatos a respeito do trem acidentado foram se espalhando, o clima no apartamento deixou de ser alegre e passou a ser tenso.

Tirei o chapéu e o cachecol, abri o zíper da parca que Chuck havia me emprestado e tirei a crosta de neve que havia se alojado em minhas costas pela gola da blusa. Chuck foi até o balcão da cozinha, desviando de caixas e sacolas, para acender o aquecedor movido a querosene, e então começou a procurar extensores.

Naquele momento, ouvimos uma batida na porta e Pam apareceu.

– Já de volta? – perguntei.

Lauren e Susie escutaram a batida e foram para a sala.

Pam olhou ao redor como se estivesse encurralada.

– Precisei ir embora.

– O que aconteceu? – eu perguntei.

– Apenas um médico e metade das enfermeiras apareceram hoje. Fizemos o melhor que conseguimos, mas as coisas acabaram passando de pessoas preocupadas com a gripe aviária a pessoas pedindo remédios e exigindo abrigo, até que o gerador da emergência parou de funcionar.

– Meu Deus – Lauren exclamou, cobrindo a boca com uma das mãos.

– Tentamos fechar, mas as pessoas se recusaram a sair. As luzes de emergência que funcionavam a bateria se acenderam, mas quando nós tentamos tirar todo mundo dali, as pessoas entraram em pânico e começaram a pegar

qualquer coisa que conseguiam alcançar... – Pam começou a chorar, estremecendo e cobrindo o rosto com as mãos. – As pessoas não estão preparadas, porque elas acreditam que outras pessoas sempre resolverão o problema, e normalmente é o que acontece. – Ela soluçou. – Mas dessa vez, não temos ajuda.

Era verdade. De certo modo, os nova-iorquinos se sentiam invencíveis, por mais dependentes que fossem de sua infraestrutura complexa para sobreviver. Na cidade pequena perto de Pittsburgh, onde eu havia nascido, o fornecimento de energia podia ser interrompido a qualquer momento devido a tempestades, ou mesmo depois de um carro bater em um poste, mas em Manhattan um blecaute por qualquer período que fosse era quase incompreensível. As listas de compras de emergência dos moradores de Nova York incluíam coisas como vinho, pipoca de microondas e sorvete Häagen-Dazs, e o maior problema que enfrentavam durante um desastre costumava ser o tédio.

– Há ajuda aqui, Pam – Chuck disse. – Venha, sente-se e tome uma xícara de chá. Estamos prestes a começar o show. – Ele segurava uma extensão e a balançou no ar.

Lauren abraçou Pam, falando baixinho, e levou-a para a cozinha para esquentar água no fogão portátil. Chuck e eu voltamos a conectar os extensores no gerador. Tentaríamos acender umas luzes e ligar a TV para ver o que estava acontecendo na CNN.

– As fofocas no corredor dizem que tem mais coisas além do acidente de trem – Chuck sussurrou para mim. – Estão dizendo que houve um acidente aéreo no JFK, e mais coisas pelo país.

– Quem disse isso? – perguntei com a voz bem baixa, sentando-me em uma caixa. – Não disseram nada no rádio. – Eu permaneci em silêncio por um momento. – Não diga nada a ninguém.

Chuck olhou para Lauren.

– A família dela partiu antes do alerta de gripe aviária?

A mãe e o pai dela viajariam para o Havaí no dia anterior.

– Não tivemos notícias – respondi, percebendo que não havia como recebermos notícias.

– Espero que o GPS não tenha caído com toda essa bagunça – Chuck resmungou. – Há mais de meio milhão de pessoas voando a todo momento e, sem GPS, os pilotos voando sobre mares teriam de operar manualmente.

Conectei o último cabo.

– Vamos ligar na CNN. Devo fazer as honras?

Chuck me deu a régua de força na qual havíamos ligado a TV e conectado as lâmpadas. Ele foi até o sofá e pegou o controle remoto da televisão com a mão boa.

– Pessoal! – chamei. – Estamos prontos. Vamos fazer uma contagem regressiva?

Lauren entrou na sala.

– Ligue logo, Michael. Deixe de enrolação.

Eu dei de ombros.

– Certo, vamos lá.

Quando liguei o cabo de força no gerador, várias das luzes que havíamos espalhado pela casa se acenderam, e a TV ligou. Ao mesmo tempo, todas as outras luzes na casa se acenderam, e os equipamentos da cozinha começaram a emitir sons.

Olhei para o plugue em minha mão, estupefato.

– Como isso é possível?

Chuck apontou para que eu olhasse para trás. Eu me virei e vi luzes acesas no prédio a nossa frente, brilhando fracas em meio a rajadas de neve, e então eu percebi: – A eletricidade voltou?

Chuck assentiu enquanto apertava os botões do controle. Todo mundo pegou uma xícara de chá e se reuniu no sofá. A tela da TV brilhou quando Chuck encontrou o canal certo.

Eu me preparei para o pior, esperando ver os destroços ardentes de algum avião em uma paisagem tomada por neve. A imagem tremeu, apareceu em

blocos, pixelada, ficou preta, voltou e finalmente se estabilizou. Um campo verde apareceu, instável como se estivesse sendo filmado de um helicóptero, e, então, o que parecia um campo de casas destruídas. *Casas destruídas.* Diminuíram o zoom e a imagem aberta revelou uma cena de devastação em um vale verde, com as encostas rochosas de um cânion subindo até o topo das montanhas a distância.

– Onde é isso? Parece Montana – eu disse, tentando entender o que estávamos vendo. A legenda embaçada embaixo da imagem parecia trazer algo sobre a China. – Os chineses fizeram isso?

– Não – Chuck respondeu. – Aí *é* a China.

A imagem tremeu de novo. O som vinha em intervalos. Eu li o que estava escrito: *Falha na represa da Província Shanxi na China destrói a cidade, centenas podem ter morrido.*

Então, o som ficou claro.

"... alertando as forças norte-americanas para recuarem. Os dois lados negam qualquer responsabilidade. Uma reunião de emergência do Conselho de Segurança da ONU foi marcada, mas a China se recusou a participar, enquanto os Estados Unidos já invocaram o Artigo Cinco do tratado de defesa coletiva da OTAN."

– Eles estão declarando guerra? – Chuck perguntou. Ele se levantou, caminhou até a televisão e bateu no decodificador. A imagem cheia de blocos se estabilizou.

"*Este é o Professor Grant Latham, de Annapolis, um especialista em guerra de informação"*, o âncora da CNN apresentou. "*O que o senhor pode nos falar sobre o que está acontecendo, professor?"*

"Isso é ciberescalada *básica"*, o professor Latham disse. "*Ouvimos relatos de quedas de energia por toda a China, e esse acidente na represa parece ser uma de várias falhas de infraestruturas críticas, mas não fazemos ideia da abrangência"*.

"*Ciberescalada*?", o âncora perguntou.

“Um ataque total contra sistemas e redes de computador.”

O âncora pensou um pouco.

“*O senhor tem alguma recomendação sobre como a população pode se preparar? Há algo que possa ser feito?”*

O professor Latham respirou fundo e fechou os olhos antes de abri-los e olhar diretamente para a câmera.

“Rezar.”

19:20

– A febre dele finalmente cedeu – Pam disse, olhando para o visor no termômetro.

Ela o mostrou a mim – 38 °C – e então o passou a Lauren, que se inclinou no berço para acalmar Luke. O rosto dele ainda estava bem vermelho, mas ele se mostrava menos inquieto e chorava menos.

– E tenho *certeza* que essa aí *está* quebrada – Pam acrescentou, examinando a mão esquerda e inchada de Chuck.

Chuck fez uma careta.

– Não dá pra fazer muita coisa agora – ele resmungou.

– Posso fazer um curativo – Pam sugeriu.

– Talvez depois. Não está tão ruim.

Nós havíamos convidado Pam e Rory, além de Chuck e Susie, para jantar em nosso apartamento. Com a eletricidade restabelecida, o clima era animado, embora ainda nervoso, e a nevasca estava piorando. Quase 60 centímetros de neve tinham caído nas últimas 24 horas, e, segundo a CNN, mais uma tempestade estava a caminho.

O clima lá fora, no entanto, era menos preocupante do que o drama surreal transmitido nas redes de notícias do mundo. Imagens do vilarejo destruído na China e da embaixada norte-americana dos Estados Unidos em Taiyuan tinham sido substituídas por imagens de bandeiras dos Estados Unidos em chamas no Teerã. Um vídeo denigrindo Maomé havia aparecido em uma rede iraniana e rapidamente se espalhou, criando conflitos no Paquistão e em Bangladesh.

Parecia que o mundo havia se voltado contra nós.

A fonte do vídeo era desconhecida, e os iranianos diziam ser do governo norte-americano. O presidente do Irã dizia que as tempestades na Costa Leste, a falta de eletricidade e o surto de gripe aviária eram a mão divina de Deus punindo os malignos Estados Unidos.

Pensar que o vídeo tinha sido enviado pelo governo americano era um absurdo completo, e claro que negaram tal acusação, mas era apenas um item na longa lista de coisas que os governos do mundo estavam negando naquele dia. Ninguém assumia responsabilidade pelos acontecimentos recentes; ainda assim, *alguém* tinha causado aquele caos ao mundo. A Internet de todo o planeta se arrastava, derrubando serviços de empresa e de comunicação. A Europa foi quase tão afetada quanto os Estados Unidos – o caos havia causado problemas em bancos e filas intermináveis para a compra de alimentos, além de manifestações na Espanha e em Portugal. As únicas áreas relativamente não afetadas eram a Internet Halal do Irã, a China atrás de seu Grande Firewall, e a Coreia do Norte, que mal tinha acesso à Internet. Mas a América era a mais conectada, e era a que mais sofria com o que quer que estivesse acontecendo. Teorias de conspiração entupiam as ondas de rádio e TV.

Apesar de tudo isso, ou talvez por causa disso, Susie insistira em preparar uma ceia de Natal adequada. Tony iria ao nosso apartamento. Eu até sugeri convidar Richard e sua esposa, mas a Lauren não se sentiu à vontade com a sugestão.

– Por que, de repente, você não quer o Richard aqui? – perguntei, provocando. Chuck revirou os olhos para mim, mas eu não consegui resistir. – Ele tem sido um amigão ultimamente.

– Não acho uma boa ideia – ela respondeu. Naquele momento, Chuck balançava a cabeça em sinal de reprovação, e Susie olhava para mim também, então deixei para lá.

Estávamos ceando em nosso apartamento, uma vez que o deles estava atulhado de sacolas e garrafas de água. Dividíamos a tarefa de preparar a comida, assistir à CNN e beber cerveja. A imagem da TV aparecia em blocos e

pixelada o dia todo e o som estava intermitente, mas não era apenas um problema da região. A CNN informara que as redes de transmissão a cabo de todo o país enfrentavam problemas técnicos com a banda larga.

Imagens de tanques de guerra cercando o prédio da CNN apareciam de vez em quando, aparentemente para destacar como a operação constante da CNN era essencial à nação. Tentei imaginar onde os tanques estavam em nossa cidade. *Seria bom ter uns tanques por perto agora.*

– Está nevando como nunca lá fora – Rory comentou. Durante o dia, ele havia se esforçado para ir ao prédio do *New York Times*, onde ele trabalhava como jornalista, uma profissão paralela à de romancista.

A CNN continuava transmitindo as notícias no fundo, enquanto conversávamos.

"O Pentágono deixou muito claro, anos atrás, que se os Estados Unidos sofressem um ciberataque que resultasse na perda de vidas, o exército norte-americano responderia com um ataque cinético."

Eu passara a maior parte do dia tentando ajudar os vizinhos a fazer com que o sistema de aquecimento funcionasse. A eletricidade havia voltado, mas a Internet estava congestionada, e o prédio todo era comandando por redes de IP. Os corredores já estavam aquecidos, então, grande parte da solução era simplesmente deixar abertas as portas dos apartamentos.

"*... ataque cinético significa o uso de armas convencionais, bombas e tanques...*"

Claro, os Borodin estavam bem e não precisavam de ajuda. Quando fui vê-los, novelas russas estavam sendo transmitidas de novo, enquanto Aleksandr dormia em frente da televisão. Depois do jantar, eu levaria um prato de comida para eles.

– Eles estão removendo a neve apenas das avenidas principais – Rory continuou. – A neve acumulada na calçada da rua Oito está mais alta do que eu. A autoridade portuária e a Penn Station já estão cheias de pessoas.

"*... o presidente acaba de declarar estado de emergência nacional,*

invocando o Ato de Stafford para trazer o exército para território...”

Eu havia acabado de ir até a porta da frente de nosso prédio. Além do toldo da entrada, a neve chegava quase à altura da cintura, a temperatura estava abaixo de zero e o vento era forte. Não era o tipo de clima que me atraía para fora de casa, e fiquei impressionado por Rory ter enfrentado praticamente vinte quarteirões para chegar ao trabalho num dia como aquele.

A CNN prosseguia.

“*Sessenta milhões de pessoas são afetadas por essa tempestade na Costa Leste, e, apesar de a eletricidade ter sido restaurada em diversos locais, vários milhões de pessoas ainda estão sem energia elétrica, e os serviços de emergência estão totalmente interrompidos.”*

Olhei para a televisão, e então para Rory.

– Estamos em guerra? Eles já estão bombardeando a China? – Eu não estava brincando.

Rory deu de ombros.

– Nosso maior inimigo no momento é essa tempestade. Aquele professor Latham que deu entrevista para a CNN hoje de manhã estava só sendo dramático diante das câmeras.

– Ah, fala sério! – Eu apontei para a televisão. – Você está me dizendo que tudo isso é uma coincidência? A China estava declarando guerra ontem depois de nos acusar de afundar um de seus aviões. Em seguida, a falta de eletricidade, a batida do trem...

– Ele tem razão – Chuck concordou. – Alguém está fazendo alguma coisa.

– Sim – Rory respondeu –, alguém está fazendo alguma coisa, mas não se pode bombardear todo mundo no planeta quando a Internet cai.

– Deve ser a China – insisti, balançando a cabeça. – Por qual outro motivo nós os teríamos contra-atacado?

– Está se referindo àquele vilarejo destruído pela represa? – Rory perguntou. Eu assenti, e ele coçou a nuca, contraindo os lábios. – O exército norte-americano não admitiu ter atacado. E a China não declarou guerra. Eles estão

negando tudo. Aquele cara na TV era apenas o governador da província de Shanxi tentando chamar a atenção. Ele tinha sido tirado do processo do Politburo...

– Ninguém está admitindo nada! Pode ser um ataque virtual – eu protestei, minha voz ficando mais alta quando me levantei e apontei pela janela a neve que caía –, mas pessoas de *verdade* estão morrendo por aí!

– Rapazes! – alguém chamou nossa atenção. Era Susie, olhando para nós com os olhos arregalados. – Fiquem quietos, por favor! As crianças estão dormindo.

– Desculpa – eu disse, encabulado.

– Podem desligar isso, por favor? Acho que já vimos o suficiente por hoje – ela acrescentou.

– Mas podemos perder alguma notícia...

– Mike, se você não desligar, vai perder uma refeição muito boa – Lauren disse. – Venham, vocês arrumam a mesa.

Peguei o controle remoto e olhei para a televisão.

"... neste momento, a questão é o que constitui uso de força, mas com certeza houve perda de vidas. Houve a confirmação de mais de cem mortos no acidente da Amtrak nesta manhã, e dezenas de pessoas ainda estão desaparecidas; oito mortes por suspeita de gripe aviária; e outras doze devido à falta de eletricidade e dos saques."

Desliguei.

21:00

Velas lançavam uma luz fraca e estávamos de mãos dadas. No silêncio, o vento uivava pela escuridão lá fora, balançando as persianas e querendo entrar. Tentei imaginar o que seria das pobres almas que estavam presas lá fora naquele momento, nos caminhos intrincados que as obrigava a lutar contra a natureza, sozinhas e passando frio.

Os dedos de Lauren apertaram os meus, e eu sorri para ela, para que não se sentisse sozinha.

– Deus, por favor, cuide de nós e mantenha estas pessoas, nossas famílias, em segurança – Susie orou. – Agradecemos por esta comida, e pelo dom da vida. Rezamos pela segurança de todos, e que o Senhor nos guie até a luz.

Silêncio de novo. Estávamos sentados nos banquinhos do nosso bar, dispostos em semicírculo ao redor do balcão preto de granito da cozinha. Era a coisa mais próxima de uma mesa de jantar que tínhamos. Eu havia posicionado nossa pequena árvore de Natal em uma ponta do balcão, perto da parede. Ela piscava com suas lâmpadas vermelhas, amarelas e azuis sob a iluminação do teto. Lauren havia acendido algumas velas com perfume de baunilha que tremulavam entre nós.

– Amém! Vamos comer! – Chuck exclamou com entusiasmo, e o ruído de seres humanos sendo seres humanos tomou a sala enquanto comíamos.

Eu não estava sentindo muita fome, mas quando começaram a dispor os pratos sobre o balcão com peru, farofa, purê de batata doce e batata assada e mais, meu estômago começou a roncar. Pelo modo como os outros estavam enchendo seus pratos, eu não era o único.

– Vocês têm frequentado a igreja nos últimos tempos? – Chuck perguntou com um sorriso, pegando uma das coxas do peru. Ele notara minha hesitação quando Susie pediu para que todos dessem as mãos para rezarmos.

Ele estava me provocando. A igreja trazia lembranças de manhãs tediosas de domingo quando eu era criança, sentado irrequieto nos bancos com meus irmãos. Enquanto o pastor falava sem parar sobre coisas que eu não entendia, eu puxava as costuras das almofadas, balançando as perninhas acima do piso de linóleo desgastado.

– Talvez seja o castigo de Deus aos pecadores de Nova York – Chuck brincou enquanto colocava molho no prato. – Aposto que tem um bando de amish na Pensilvânia neste exato momento que está rindo por último.

Prestando pouca atenção ao que ele dizia, apenas assenti. À minha direita, Pam perguntava a Lauren se a família dela havia chegado no Havaí. Lauren respondeu que acreditava que sim, mas deu de ombros, e Pam perguntou por que ela não havia ido com eles. Lauren hesitou, e então mentiu, dizendo que não teve vontade de ir. Lauren havia praticamente implorado para que eu fosse; eu me perguntei se ela estava apenas contando uma mentira inofensiva para me proteger, ou se estava envergonhada demais para dizer a verdade. Se eu tivesse deixado a família dela pagar a viagem, poderíamos estar a milhões de quilômetros, assistindo ao desenrolar de todo esse drama em alguma praia ensolarada, e Chuck provavelmente teria se trancado em segurança em seu esconderijo. Mas estávamos presos em Nova York, e era minha culpa.

Ao ouvir Luke gorgolejar pela babá eletrônica, senti o estômago revirar e pousei o garfo cheio de carne de peru no prato.

– Você conseguiu fazê-la funcionar?

Hesitei.

– O quê?

– A Internet, você conseguiu fazê-la funcionar hoje à tarde? – Rory perguntou do outro lado do balcão.

Demorei um instante para pensar.

– Sim, hum... bem, não – gaguejei. – Consegui acesso, mas estava extremamente lenta.

Rory assentiu.

– O pessoal de T.I. do *New York Times* diz que a Internet está totalmente afetada, de ponta a ponta. Eles terão de trocar tudo e reiniciar pontos, um por um, no mundo todo, como limpar uma cidade casa por casa.

Eu assenti, sem entender muito bem.

– Quando foi a última vez que você comeu carne? – Chuck perguntou, apontando o frango falso, feito com vegetais, no prato de Rory. Susie havia feito alguns pratos especiais para eles.

– Há mais de uma década – Rory respondeu. – Acho que não conseguiria mais comer.

– Carne *é* assassinato. – Chuck riu. – Assassinato saboroso, bem saboroso. Você se surpreenderia se soubesse o que é capaz de comer em caso de necessidade.

Rory sorriu.

– Talvez.

– O que estão dizendo no *Times*? – Lauren perguntou a Rory.

– Ei! – Susie resmungou, contrariada. – Pensei que não falaríamos sobre isso.

– Só queria saber se eles sabem de algo que não foi anunciado no noticiário, sabe? Aviões...

Todos se calaram.

– Nada a respeito de nenhum acidente aéreo ou de outros meios de transporte – Rory explicou. – Mas mal estamos recebendo informações, e o que estamos ouvindo é uma baita contradição.

– Como assim?

– Mesmo depois do 11 de Setembro, demoraram semanas para entender o que estava acontecendo. Esses ciberataques parecem estar vindo da Rússia, do

Oriente Médio, da China, do Brasil, da Europa, até mesmo de dentro dos próprios Estados Unidos...

– Chega! – Susie exclamou, erguendo o garfo. – Por favor, podemos falar de outra coisa?

– Eu só... – Rory começou a dizer, mas Susie o interrompeu.

– A eletricidade voltou, algo pelo que me esqueci de agradecer a Deus – ela o interrompeu, sorrindo –, e tudo isso provavelmente terminará amanhã e vocês poderão falar sobre o assunto até se cansarem. Mas eu gostaria de fazer uma ceia de Natal bacana e normal, então, por favor.

– Esse peru não está incrível? – Chuck perguntou em voz alta, mudando o assunto. – Vamos fazer um brinde a nossas lindas esposas!

Ergui minha taça juntamente com Chuck e Rory.

– À minha linda esposa – eu disse a Lauren. Ela fixou o olhar em meus olhos, mas logo o desviou. Estiquei o braço e tentei virar o queixo dela para mim, mas ela se afastou.

– O que foi? – sussurrei.

– Não foi nada. – Ela olhou em meus olhos. – Feliz Natal.

Eu bebi bastante vinho da taça que estava segurando, mas Lauren mal bebericou o dela.

– Feliz Natal para você também, querida.

*

– Só por um minuto? – perguntei de novo.

Lauren suspirou e pegou uma tigela da pia da cozinha, cheia de água com sabão. Ela começou a esfregá-la. Nós havíamos mandado todos embora, oferecendo-nos para lavar a louça, já que Susie havia preparado todo o jantar. Estávamos tomando uma taça de vinho à luz de velas enquanto lavávamos os pratos.

Eu queria ligar na CNN para ver o que estava acontecendo. Passara a noite toda ansioso para fazer isso.

– Certo, só um minuto, mas quero conversar logo – ela cedeu, olhando insistentemente para mim. – Precisamos conversar, Mike.

Aquilo pareceu ser ruim, e eu parei de secar a panela que estava segurando. Depois de encher o prato de comida durante o jantar, tinha perdido totalmente o apetite. Lauren permanecera calada, evitando meu olhar, mas podia estar só preocupada com sua família...

– Sobre o que quer conversar? – perguntei, tentando parecer casual. Meu couro cabeludo formigava.

Ela respirou fundo.

– Vamos terminar de lavar a louça primeiro.

Olhei para ela, segurando a panela com uma das mãos e o pano de prato com a outra, mas ela voltou a atenção para a pia, esfregando cuidadosamente. Balançando a cabeça, guardei as últimas panelas e tigelas, coloquei os últimos copos na lava-louça, e então joguei o pano de prato em cima do balcão. Sequei as mãos na calça jeans e peguei o controle remoto.

Lauren suspirou alto de novo.

Imediatamente, a CNN apareceu.

"*Esta é a quarta vez na história que as forças armadas elevaram o nível de alerta para DEFCON 3.*"

– Como é? – Eu me sentei em nosso sofá. Lauren havia largado a panela que estivera esfregando. Imagens de um porta-aviões tomaram a tela gigante na parede da sala. Dessa vez era um dos nossos.

"*As outras três vezes em que nosso exército esteve em DEFCON 3 foram a Crise dos Mísseis de Cuba em 1962, quando chegamos à beira de uma guerra nuclear com a Rússia...*"

– O que está acontecendo? – Lauren perguntou.

"*... a Guerra do Yom Kippur, de 1973, quando Síria e Egito fizeram um ataque-surpresa em Israel, quase dando início a outra guerra nuclear...*"

– Não sei – respondi, balançando a cabeça. Lauren se sentou ao meu lado.

"*... e, é claro, no 11 de Setembro, quando fomos atacados por forças*

desconhecidas que se provaram vindos da Al-Qaeda.”

Comecei a me levantar para ir ao apartamento de Chuck para ver se ele sabia de mais alguma coisa, mas Lauren esticou o braço e me segurou. Sem questionar, eu me sentei e voltei minha atenção para a televisão.

“*A única informação que recebemos é que o CENTCOM, uma das redes de comunicação do Comando e Controle do exército dos Estados Unidos, foi comprometida...*”

– Mike, podemos desligar isso um pouco?

Franzi o cenho ao olhar para a televisão, tentando entender o que estava acontecendo. Várias redes secretas tinham sido infiltradas, desde a NSA (a Agência de Segurança Nacional) até as unidades militares em posições avançadas. Eles não sabiam a extensão da infecção, nem seu propósito. Nosso exército se preparava para algum tipo de ataque.

– Por favor, Mike, desligue – Lauren repetiu.

Eu me virei para ela, balançando a cabeça, sem acreditar.

– Está falando sério? Quer conversar agora? O mundo está prestes a explodir e você quer conversar?

Os olhos dela se encheram de lágrimas.

– Então, deixe o mundo se incendiar, mas eu preciso falar com você *agora mesmo*. Preciso lhe contar uma coisa.

Meu coração se acelerou. Eu sabia o que ela ia dizer, e não queria ouvir. Cerrei os dentes e balancei a cabeça.

– Isso não pode esperar? – perguntei.

– Não. – Lágrimas escorriam por seu rosto. – Eu... – ela gaguejou. – Eu, hum...

“*Acabamos de receber um alerta de emergência do Departamento de Segurança Nacional. Ai, meu Deus...*”

O âncora da CNN não sabia o que dizer. Lauren e eu nos viramos para a televisão.

“*... o DHS (o Departamento de Segurança Nacional) está relatando vários*

alvos aéreos desconhecidos e não identificados sobre o território americano, e está pedindo ao público quaisquer informações...”

E então, tudo ficou escuro.

O ruído das máquinas ao fundo parou, e fiquei olhando para a escuridão na qual o âncora da CNN estivera um segundo antes. Só consegui ouvir as batidas de meu coração e o sangue correndo em meus ouvidos. Esperei prendendo a respiração, uma parte de mim esperando que o flash de uma explosão termonuclear queimasse minhas retinas. Mas só ouvi o uivo baixo do vento do lado de fora, enquanto meus olhos se ajustavam à luz fraca das velas ainda acesas no balcão da cozinha.

Os segundos se passavam.

– Vamos pegar o Luke e ir para o apartamento ao lado, está bem? – falei, vacilante. – Vamos descobrir o que está acontecendo.

Lauren segurou meu braço.

– Por favor – ela implorou. – Preciso colocar isso para fora.

– Sério? – A raiva e o medo que eu sentia fervilhavam. – Você precisa conversar agora?

– Sim.

– Não quero ouvir isso – rebati. – Não quero ouvir que você está dormindo com o Richard, que sente muito, que nunca quis magoar ninguém.

Ela começou a chorar.

– Você escolhe *este* momento – gritei –, este maldito momento...

– Não seja um cretino, Mike – ela disse aos prantos. – Por favor, não fique tão bravo.

– Eu sou o cretino? Você está dormindo com outra pessoa e eu sou o cretino? Vou matar aquele filho da puta.

– Por favor...

Eu a encarei, e ela olhou para mim de modo desafiador.

– O QUE FOI? – eu gritei, erguendo as mãos. Luke começou a chorar ao fundo.

À luz instável da vela, ela cobriu a boca com uma mão trêmula e respondeu:
– Estou grávida.

DIA 3: DIA DE NATAL, 25 DE DEZEMBRO

9:35

– Você não perguntou se era seu, perguntou?

Parei de cavar e bufei.

– Você perguntou, né? – Chuck riu. – Você *é* um cretino.

Abaixei a cabeça e esfreguei o rosto com a luva cheia de neve.

– E digo isso da melhor maneira possível, meu amigo.

– Obrigado. – Suspirei, balançando a cabeça, e me abaixei para tirar mais uma pá de neve.

Chuck recostou-se na porta.

– Não se torture tanto. Ela vai perdoar você. É Natal.

Resmunguei e me dediquei a terminar de cavar. Pam havia enfaixado a mão de Chuck, por isso sua mão estava imobilizada, e ele, incapaz de cavar. *Sorte minha.*

– Você precisa parar de imaginar coisas – Chuck continuou –, parar de ver coisas onde não existem. A mulher é louca por você.

– Sei – murmurei, nem um pouco convencido.

Ainda estava nevando, não tão forte quanto o dia anterior, mas ainda assim... era o Natal mais branco que Nova York já tinha visto. Tudo do lado de fora estava coberto, e mal se podia adivinhar que os montes embaixo do grosso carpete de neve eram os carros estacionados na rua 24. Essa Nova York silenciosa e coberta era horripilante.

Depois do blecaute, não vimos nuvens em formato de cogumelo no horizonte, então acreditamos que o pior não havia acontecido. Alguns de nós saíram e atravessaram dois quarteirões que levavam até os píeres de Chelsea,

forçando os olhos para ver na escuridão nevada além do rio Hudson. Eu esperava ver ou ouvir alguma coisa, um avião de combate lutando contra um inimigo invisível, mas não. Depois de algumas horas tensas, nada aconteceu, a não ser a neve que ficara cada vez mais alta.

Quando a eletricidade caíra, Chuck acionara o gerador. O cabo de fibra óptica da Verizon em nosso prédio deveria ter funcionado mesmo em caso de blecaute – assumindo que fosse possível fornecer energia para ligar a TV e o decodificador. Quando tentamos a CNN, a imagem e o som ficaram embaralhados por algumas horas, e, então, a imagem sumiu totalmente. Era a mesma coisa com todos os canais. As estações de rádio ainda transmitiam, mas as notícias eram conflitantes demais. Algumas diziam que os alvos aéreos não identificados eram *drones* que tinham invadido o espaço aéreo norte-americano; outras diziam que eram mísseis e que cidades inteiras tinham sido destruídas.

Perto de meia-noite, o presidente fez um pronunciamento breve dizendo que houvera um tipo de ciberataque. Ele informou que a extensão ainda estava sendo avaliada, e que o governo ainda não tinha informações a respeito dos alvos aéreos não identificados, exceto que não haviam recebido notícias de cidades do país que tivessem sido atacadas fisicamente. Ele não disse nada sobre *drones*. A eletricidade havia voltado em muitas regiões; pelo menos, era o que dizia o pronunciamento. Mas nós ainda estávamos sem eletricidade.

– Tem certeza de que precisamos fazer isso? – perguntei. – Ontem, a eletricidade voltou depois de algumas horas. Provavelmente voltará até de tarde.

Chuck tivera a ideia de tirar o combustível dos carros da rua. Não tiraríamos tudo de um carro só, ele argumentara, e, de qualquer modo, os veículos não iriam a lugar nenhum no futuro próximo. Precisávamos de mais combustível para o gerador. Gasolina não era algo que era permitido se estocar em locais fechados, e imaginamos que os postos de combustível estariam fechados.

– O prevenido vale por dois, meu avô sempre dizia – Chuck respondeu.

Enquanto estávamos dentro de casa, o plano parecera bom; do lado de fora, a história era outra. A simples tarefa de abrir a porta dos fundos foi uma aventura,

por conta da neve acumulada contra ela. Mal consegui empurrá-la, e passei 20 minutos tirando a neve do lado de fora da porta, apenas o suficiente para ser capaz de abrir o resto.

– Muito bem, vamos lá – eu disse a Chuck enquanto terminava de tirar o resto da neve. Ele abriu a porta, pisou na neve do lado de fora e caminhamos com a neve na altura da cintura até o carro mais próximo. Por baixo de todas as camadas de roupa, eu estava suando, minha pele pinicava e a sensação predominante era a de desconforto, enquanto meu rosto e meus pés estavam adormecidos pelo frio.

– Me lembre de comprar botas de andar na neve para o próximo desastre – Chuck comentou, rindo.

Depois de tirar sessenta centímetros de neve de cima do primeiro carro, descobrimos que a tampa do compartimento de combustível estava trancada, então passamos para o veículo seguinte. Com ele, tivemos mais sorte. Depois de passar cinco minutos afastando a neve, colocamos o galão vazio na posição mais baixa que conseguimos e inserimos um tubo de borracha no tanque de combustível.

– Eu me lembro de ter comprado esse tubo para procedimentos médicos e, na ocasião, fiquei tentando imaginar como iria usá-lo – Chuck recordou, ajoelhando-se na neve. – Agora, eu sei.

Segurei a ponta do tubo para ele.

– Eu escavei. Acho que puxar é com você. – Eu nunca tinha feito aquilo.

– Tá bom. – Ele se abaixou e encostou os lábios no tubo. Depois de tentar algumas vezes, ele parou para tossir, mantendo o polegar firme na ponta do tubo. Por fim, ele conseguiu.

– Feliz Natal! – provoquei enquanto ele continuava curvado, tossindo e cuspindo gasolina.

Ele se abaixou e enfiou a ponta do tubo no galão, e tirou o polegar. O som agradável do líquido ecoava do galão. Estava dando certo.

Eu fiquei impressionado.

– Nada mau.

Ele secou a saliva no canto da boca com a mão enfaixada e sorriu para mim.

– Aliás, parabéns pela gravidez.

Sentado ali na neve, um lampejo de memória da minha infância me veio à mente, de quando meus irmãos e eu saíamos pela porta dos fundos de nossa casa pequena em Pittsburgh para construir fortes de neve depois de uma tempestade. Eu era o mais jovem, e me lembrei de minha mãe saindo de casa para nos ver. Na verdade, ela ficava de olho em mim, conferindo se meus irmãos travessos não tinham me enterrado na neve.

Agora eu tinha minha própria família a proteger. Talvez, sozinho, eu pudesse partir em direção ao mundo hostil com uma mochila, sobreviver e enfrentar o que surgisse, mas com filhos tudo se tornava totalmente diferente. Respirei fundo e olhei para a neve que caía.

– É sério, parabéns. Sei que é o que você queria. – Chuck se inclinou e colocou a mão no meu ombro.

Olhei dentro do galão de doze litros apoiado na neve. Cerca de 30% dele já tinha sido cheio.

– Mas não é o que ela queria.

– O quê?

Quanto quero contar? Mas não fazia sentido guardar aquilo.

– Ela ia fazer um aborto.

Chuck tirou a mão de meu ombro. Flocos de neve caíam ao nosso redor.

– Um aborto?

Senti meu rosto corando.

– Sei lá. Foi o que ela me disse. Ela estava esperando as festas passarem.

– De quantos meses ela está?

– Talvez dez semanas. Ela soube quando fizemos a festa do Dia de Ação de Graças, quando a família dela estava aqui e seu pai ofereceu aquela vaga na firma de Boston.

Chuck contraiu os lábios, sem nada dizer.

– Você sabe que o Luke foi um acidente... um acidente feliz, mas, ainda assim, um acidente. O pai de Lauren queria que ela fosse a primeira mulher no Senado por Massachusetts ou coisa assim. Ela estava sob forte pressão, e acho que eu não estava prestando atenção.

– E ter outro bebê agora...

– Ela não ia contar a ninguém. Ia a Boston no Ano Novo.

– Você concordou em ir a Boston?

– Ela iria sozinha, e se separaria se eu não fosse.

Chuck desviou o olhar quando uma lágrima desceu pelo meu rosto. Ela congelou no meio do caminho.

– Sinto muito, cara.

Eu me endireitei e balancei a cabeça.

– Bem, isso tudo acabou, pelo menos por enquanto.

O galão estava quase cheio.

– Ela vai completar 30 anos no mês que vem – Chuck lembrou. – Datas importantes assim podem causar muita confusão nas pessoas, sobre o que é realmente importante.

– Está claro que ela determinou o que era importante. – Eu tirei o tubo do galão, e a gasolina esguichou em mim, molhando minha luva. Soltei um palavrão e comecei a rosquear a tampa para fechar o galão. Ela emperrou e xinguei de novo.

Chuck se inclinou para a frente e apoiou a mão com luva na minha para me deter.

– Vai com calma, Mike. Vai com calma com você mesmo e ainda mais com ela. Ela não fez nada. Apenas *pensou* em fazer alguma coisa. Aposto que você já pensou em fazer muitas coisas que não deixariam muita gente bem impressionada.

– Mas pensar em fazer algo assim...

– Ela está confusa, e não fez nada. Ela *precisa* de você agora. O Luke precisa de você agora. – Ele pegou o galão com a mão boa e se levantou, voltando a

afundar-se na neve e escorregando para o lado. Ele olhou para mim e emendou: – Eu preciso de você, agora.

Balancei a cabeça, peguei o galão dele. Começamos a voltar para o nosso prédio.

– Por que você acha que a CNN não voltou ao ar ontem à noite? – Chuck perguntou.

– As redes de transmissão locais provavelmente estão congestionadas – especulei. – Ou os geradores ficaram sem energia.

– Ou a CNN foi bombardeada – Chuck falou de brincadeira. – Não que eu seja totalmente contra isso.

– Os grandes centros de processamento de dados costumam manter combustível o suficiente para fazer os geradores reservas trabalharem umas cem horas. Não foi isso o que o Rory tinha dito?

– Acho que ele disse que o *New York Times* tem tudo isso. – Ele olhou ao redor para a neve acumulada nas ruas. – Não haverá como reabastecer por um bom tempo.

Ao chegarmos ao prédio, vimos que a neve já tinha se acumulado na porta. *É melhor virmos limpar essa saída com frequência se quisermos sair.* Tony ainda estava em seu posto do outro lado do saguão. Ele acenou para nós.

De modo reconfortante, escutamos o ronco de um grande trator limpa-neve descendo a rua Nove e o vimos passar ao longe entre os prédios. Era praticamente a única evidência de que a cidade ainda estava funcionando.

Quando a eletricidade caiu pela segunda vez, as emissoras de rádio da região ainda estavam transmitindo, mas, naquela manhã, muitas delas estavam estáticas. As emissoras que ainda se mantinham no ar especulavam sobre o que havia acontecido, mas, assim como nós, estavam às escuras. A única informação real era que o segundo blecaute não havia afetado apenas New England, mas todos os Estados Unidos, e pelo menos cem milhões de pessoas estavam sem energia elétrica. O melhor que os jornalistas da rádio podiam fazer era relatar as

condições locais. Não fazíamos ideia do que estava acontecendo no mundo, nem mesmo se ainda havia um mundo lá fora.

Era como se Nova York tivesse sido desconectada do resto do planeta e flutuasse sozinha, silenciosamente, em uma nuvem cinza de neve.

20:45

Os rostos à minha frente brilhavam em um tom forte de verde, e, então, a luz verde atravessou o corredor, revelando os batentes das portas.

– Bacana, não?

– Muito bacana. –Tirei os óculos de visão noturna. – Luzes, por favor?

Com um clique, as luzes que havíamos improvisado no corredor, ligadas ao gerador de Chuck, voltaram a ser acesas.

– Não acredito que você gastou dez mil dólares em óculos de visão noturna e lanternas com infravermelho. – Olhei para a parafernália militar espalhada ao redor de Chuck. – E você não tem um rádio de ondas curtas.

– Tenho um, mas está em Virgínia, no esconderijo.

No exato lugar onde ele deveria estar, mas não acrescentou isso.

– Mais uma vez, obrigado por ter ficado – eu disse baixinho.

– Sim, obrigado por ter ficado – repetiu Ryan. Ele era um de nossos vizinhos do fim do corredor. Ergueu uma xícara fumegante de rum amanteigado.

Seu parceiro, Rex, também ergueu seu copo.

– Um brinde a nosso amigo prevenido, Chuck!

– Tim-tim! – Foi a resposta meio desanimada do restante das pessoas que abarrotavam o corredor, quase vinte de nós reunidos em cadeiras e sofás retirados dos apartamentos. Todos levantamos nossos copos para beber.

Susie havia decidido fazer uma festa do rum no Natal, e todos os nossos vizinhos estavam encasacados e amontoados, segurando copos da bebida alcoólica e quente.

O prédio retivera o calor, mas estava esfriando depressa. Nós havíamos começado a usar aquecedores elétricos no apartamento de Chuck. O aquecedor a

querosene era mais forte, mas produzia níveis baixos de monóxido de carbono, e Susie estava preocupada com as crianças. Para aquela reunião, nós havíamos colocado o aquecedor a querosene para fora, bem no centro do corredor. As pessoas se aqueciam ao redor dele como se fosse uma fogueira.

O hall havia se tornado nossa sala de estar comunitária, um lugar onde podíamos nos reunir e bater papo. Havíamos ligado um rádio que transmitia notícias ao fundo, e, na maior parte do tempo, relacionava locais para abrigo emergencial na cidade e dizia que a eletricidade voltaria em breve e que deveríamos ficar em casa. A maioria das ruas e estradas estava inacessível, de todo modo.

Todos estavam distribuídos mais ou menos na mesma posição de localização de seu apartamento no hall. A família chinesa do fim do corredor, vizinhos de Richard, finalmente havia saído e se acomodado em um sofá com os pais da esposa, que tinham chegado para visitar antes de tudo acontecer. Era um momento ruim para se visitar pela primeira vez os Estados Unidos, e nenhum deles falava inglês muito bem.

Ao lado da família chinesa, havia uma família japonesa – Hiro era o nome do marido; eu não havia entendido o da esposa – e na frente deles estavam Rex e Ryan. Os Borodin estavam sentados à minha direita. Para variar um pouco, Aleksandr estava acordado, mas ainda meio sonolento enquanto bebericava o rum, com Irena a seu lado. Chuck, Susie, Pam e Rory estavam à minha esquerda, e a pequena Ellarose estava sentada no colo de Tony.

A única ausente era Lauren. Eu não soube bem o que dizer a ela, e ela também não quisera conversar. Tentei abraçá-la e pedir para que saísse do apartamento, mas ela queria ficar sozinha. Ela ficara no quarto de Susie, dormindo.

Luke não fazia ideia do que estava acontecendo. Para ele, aquilo era uma grande brincadeira, uma festa, e ele corria por ali, com seu macacão de neve, cumprimentando todo mundo e mostrando o caminhão de bombeiros vermelho que ganhara de Natal. O brinquedo se acendia e fazia barulho, e teria sido

irritante, mas, de certo modo, era confortante. Eu não sabia quanto tempo as pilhas durariam.

Richard saiu de onde estava, na outra ponta do grupo, e se sentou no braço da poltrona de couro que eu havia levado de nosso apartamento.

– E então, podemos pegá-lo?

Ele estava nos perturbando o dia todo, querendo pegar o aquecedor a querosene.

– Tenho um pouco de comida, poderia trocar.

De alguma maneira, ele havia adquirido uma carga grande de comida em lata e mantimentos, provavelmente oferecendo uma pequena fortuna a alguém.

– Se continuar esfriando, vamos morrer congelados se ficarmos dentro dos apartamentos. Vou acomodar aquela família chinesa, o casal gay, Hiro e a esposa dele. Sarah e eu organizaremos um abrigo do nosso lado, e vocês podem fazer a mesma coisa do seu lado. Só preciso do aquecedor a querosene e de mais algumas coisas.

Fiquei impressionado por ele estar se oferecendo para criar um abrigo em seu apartamento. *Talvez eu o julgue mal.*

– Você precisa conversar com o Chuck – respondi.

Richard olhou para Chuck, e eu tinha certeza de que ele estava ouvindo a conversa. Ele insistia que deveríamos guardar as coisas para nosso próprio uso, mas Susie insistia que deveríamos dividir.

– Charles Mumford – Susie sussurrou a Chuck –, não precisamos dessa coisa. Vá em frente.

Chuck suspirou.

– Certo, tudo bem. – Ele se virou para Richard. – E vou pegar mais algumas outras coisas para vocês. Montar um abrigo no andar é uma boa ideia.

– E podemos pegar também um cabo para eletricidade?

Chuck suspirou mais fundo dessa vez. Nós havíamos passado uma extensão na casa de Pam e Rory para ligar um pequeno aquecedor elétrico e a luz. O apartamento deles era minúsculo, menor do que o meu e de Lauren, então deu

certo, mas havíamos criado outro problema. Agora todo mundo queria uma conexão.

– O gerador tem só seis mil watts, e já temos três aquecedores conectados.

Susie chutou o pé dele.

– Ah, esquece. Tudo bem. Só para a luz? À noite? E todo mundo busca gasolina?

– Com certeza – Richard concordou. – Cara bacana. – Ele se levantou para sair, mas antes perguntou para mim: – A Lauren está bem?

– Sim, está bem – respondi sem entusiasmo.

Richard franziu o cenho, mas deu de ombros e voltou para perto da esposa, que tentava conversar com a família chinesa. Luke estava com eles, e o avô admirava seu novo brinquedo. Sorri para eles e eles retribuíram. Concluímos que o boato sobre a gripe aviária era mentira.

Naquele momento, a porta da escada se abriu, e todos se sobressaltaram. Um rosto apareceu, sorrindo de um jeito estranho. Era Paul, o suposto invasor do dia anterior. Chuck estreitou os olhos. Sussurrou a Tony, que olhou para Paul e então deu de ombros para Chuck.

– Ei, pessoal – Paul cumprimentou, acenando discretamente. A luz da lanterna dele estava diretamente em meus olhos. – Uau. Está confortável aqui.

Semicerrando os olhos, levantei uma mão.

– Você poderia desligar isso?

– Desculpa, me esqueci. Vocês são os únicos com luzes de verdade.

– Paul, do 514, certo?

– Isso.

Chuck inclinou-se na minha direção e sussurrou.

– Tony trancou a porta da frente há algumas horas, e está dizendo que esse cara é meio familiar. Acho que eu estava errado.

Todo mundo se calou, esperando que falássemos. Eu sorri para Paul.

– Aceita uma bebida?

– Seria ótimo.

As conversas foram retomadas, e eu apresentei Paul às pessoas enquanto Susie buscava rum para ele. Paul apertou a mão de todos, desejando feliz Natal efusivamente, até chegar a Irena e Aleksandr.

– Feliz Natal! – ele disse, estendendo a mão.

Irena olhou para ele, contraindo os lábios e franzindo o cenho.

– Boas festas – ela respondeu, assentindo com a cabeça, mas nem ela nem Aleksandr apertaram a mão dele.

Será que ele os ofendeu por achar que eles comemoram o Natal? Eu não os via irritados com frequência, mas o estresse estava afetando a todos.

Paul abaixou a mão, ainda sorrindo, e apontou para um espaço perto deles no sofá. Irena deu de ombros e foi mais para o lado. Ele se espremeu ao lado dela, segurando a xícara que Susie lhe dera com as duas mãos. Ele soprou e tomou um gole.

– Vocês parecem muito organizados. Têm ideia do que está acontecendo?

Eu balancei a cabeça.

– Sabemos tanto quanto todo mundo.

– Mas todo mundo tem um palpite – Chuck disse, erguendo a xícara –, então, o que acham de discutirmos as opiniões? – Ele fez um gesto a Paul. – Você começa.

– Fácil, devem ser os chineses. Estamos ensaiando um confronto com eles há anos. – Ele olhou na direção dos asiáticos. – Sem querer ofender.

A família chinesa sorriu, provavelmente sem entender, mas Hiro balançou a cabeça.

– Somos japoneses.

Chuck riu alto.

– Provavelmente não foram vocês dessa vez, mas o que *vocês* acham?

Hiro olhou para a esposa, segurando a mão dela.

– A China?

– Concordo plenamente, irmão – Paul concordou, levantando sua bebida. – Espero que eles estejam bombardeando aqueles malditos para mandá-los para a

Idade da Pedra de novo.

Dessa vez, ele nem se preocupou em pedir desculpas.

– Índia e China estão no meio daquela briga enorme por causa das represas no Himalaia – Chuck argumentou. – Como podemos saber se os indianos não causaram aquela falha na represa?

– É possível que os indianos estejam envolvidos – Rory contrapôs –, mas para os chineses, destruir os Estados Unidos seria como incendiar sua própria casa para se livrar dos inquilinos. Eles são donos de metade.

– Líderes políticos fazem burradas o tempo todo – eu os lembrei.

– Não os chineses – Chuck observou. – Eles têm aquele planejamento de mil anos.

– Não se deixe impressionar tanto – Rory retrucou. – Os políticos deles são tão ruins quanto os nossos. Mas meu palpite são os iranianos. Vocês viram o aiatolá deles na TV um pouco antes do blecaute?

Tony gostou da sugestão.

– Se temos comprado briga com alguém, é com os árabes. Eles estão nos provocando desde que fizeram nossa embaixada de refém, em 1979.

– Derrubamos o governo que eles elegeram democraticamente e colocamos um ditador que os aterrorizou – Rory recordou. – E eles não são árabes, são persas.

Tony parecia confuso.

– Pensei que você acreditasse que eles tinham feito isso.

– Talvez – Rory suspirou. – É difícil saber.

– Russos – Richard sugeriu. – Foram os russos. Quem mais teria invadido nosso espaço aéreo?

– Ah, sim – Chuck riu. – Os comunistas estão em todos os lugares.

– Você sabia que eles acabaram de reativar voos estratégicos de bombardeiros no Ártico? – Richard disse a Chuck. – As mesmas manobras de voo realizadas durante a Guerra Fria.

– Não sabia disso – Chuck admitiu.

– É, eles fizeram isso mesmo – Rory confirmou.

– Os russos ficaram sem dinheiro durante alguns anos na década de 1990 – Richard prosseguiu –, mas pode apostar que eles não gostam de ficar atrás dos Estados Unidos e da China. Provavelmente estão atacando os dois ao mesmo tempo. – Uma pausa. – Aposto que metade dos Estados Unidos virou uma cratera fumegante. É por isso que ninguém do exército apareceu. Estamos ferrados.

– Você não precisa assustar todo mundo – disse alguém de voz fina. – Acredito que tudo isso não passa de algum tipo de acidente.

Era a esposa de Richard, Sarah, e ele se virou para ela irritado.

– Como se você soubesse de alguma coisa – ele rosnou. – Os porta-aviões, aquele vilarejo destruído na China, DEFCON 3, acidentes com trens, mais de cem milhões de pessoas sem eletricidade. Não é acidente nenhum.

Todos olharam para eles, e ela se retraiu.

Eu me virei para Irena e Aleksandr, tentando tirar a atenção de Sarah.

– Vocês acham que foram seus compatriotas que nos atacaram?

– Isto – Irena garantiu, movendo as mãos em direção ao teto e fungando – não é um ataque. Um ataque é quando alguém aponta uma arma para sua cabeça. Isto ser criminosos, rastejando no escuro.

– A senhora acha que criminosos poderiam abalar os Estados Unidos inteiros e invadir nosso espaço aéreo?

Irena deu de ombros, sem se impressionar.

– Muitos criminosos. Criminosos até mesmo no governo.

– Finalmente, chegamos às teorias de conspiração – observei, e me virei para Chuck. – Então, tudo isso é coisa interna?

– De um jeito ou de outro, provavelmente *causamos* isso a nós mesmos.

– Pensei que você gostasse da teoria canadense.

– Neve como arma estratégica é a cara do Canadá – Chuck concordou, sorrindo. – Mas eu concordo com Irena... a única maneira de isso fazer sentido é pensando que se trata de um elemento criminoso.

– Alguém mais pensa assim? – perguntei. Ninguém disse nada, então eu me levantei para recapitular. – Temos os russos e um acidente com um voto cada, Irã e criminosos com dois votos. – Fui levantando meus dedos à minha frente para contabilizar os votos. – E a vencedora, a China, com três votos!

A porta do apartamento de Chuck se abriu e Lauren apareceu, com uma expressão aterrorizada.

O que aconteceu?

Dei um passo em direção a ela.

– Você está bem? O bebê está bem?

Foi a primeira coisa que me veio à mente.

– Bebê? – Susie disse. – Que bebê?

Chuck balançou a cabeça, levantando uma mão para que ela se calasse.

Lauren mostrou o telefone celular para mim.

– São meus pais.

– Eles estão no telefone?

– Não, eles deixaram uma mensagem. Meu celular deve ter recebido antes de as redes de telefonia sofrerem a pane.

– Houve um acidente?

– Não houve um acidente, mas o voo deles para o Havaí foi cancelado no último minuto quando o surto de gripe aviária começou. Eles estavam em Newark e ligaram para saber se podíamos acomodá-los.

Precisei de um momento para entender.

– Eles ainda estão em Newark?

– Eles estão *presos* em Newark.

DIA 4: 26 DE DEZEMBRO

07:35

– Acorde.

Abri os olhos na escuridão.

– Você está acordado? – Chuck perguntou, baixinho, mas com urgência.

– Agora estou – resmunguei, apoiando-me em meus cotovelos.

Lauren estava adormecida ao meu lado, segurando Luke. Ainda estava escuro lá fora. No escuro, só consegui ver Chuck ajoelhado ao meu lado. Nós tínhamos dormido no quarto de hóspedes.

– Está tudo bem?

– Não, tudo *não* está bem.

O medo despertou meus sentidos, e eu saí da cama, ainda totalmente vestido.

– O que aconteceu?

– Alguém roubou nossas coisas.

Calcei meus tênis.

– Daqui de dentro?

Ele balançou a cabeça.

– Lá embaixo.

Respirei fundo, e minha pulsação começou a se acalmar. *Pelo menos, ninguém entrou aqui enquanto dormíamos.*

Assentindo, Chuck me levou para a sala de estar. O ruído baixo do gerador se fez notar novamente pelos meus sentidos. Tony estava dormindo no sofá. Chuck o cutucou para que acordasse.

– Está tudo bem? – Tony perguntou, sobressaltado.

– Não – Chuck respondeu, ajoelhando-se para pegar alguns casacos e uma bolsa. Ele jogou as jaquetas para nós. – Vistam isto e calcem as botas. – Ele pegou seu rifle de caça. – Vamos sair.

*

– Maldição!

Chuck segurava um cadeado arrebentado e olhava para seu estoque quase vazio. Todos os armários tinham sido arrombados, mas enquanto na maioria dos outros eram armazenadas bicicletas e caixas com roupas e livros velhos, no de Chuck ainda estava metade dos equipamentos de emergência e mantimentos.

– Acho que aquilo era muito pesado para levarem embora – Tony observou, apontando os galões de água.

Ele usava um capacete com lanterna acoplada, e a luz me cegou quando Tony se virou na minha direção. Eu desviei o olhar e olhei para o armário de novo.

– Sou tão idiota – Chuck disse, xingando baixinho.

Nós havíamos checado o térreo, e a entrada da frente estava trancada e protegida, mas a porta de trás estava aberta. Chuck tinha as chaves, e provavelmente era a única pessoa no prédio, além de Tony, a ter cópias das chaves. Acho que nos esquecemos de trancar a porta depois de voltarmos, no dia anterior. Eu estava com tanto frio e tão exausto que nem pensei nisso.

– É minha culpa também – falei. – Pelo menos, já levamos muitas coisas para cima.

– A maior parte do que levamos era só equipamento – Chuck suspirou.

Enquanto descíamos, paramos no quinto andar e batemos à porta do apartamento 514, onde Paul disse que morava. Ninguém atendeu. Num acesso de ira, Chuck arrombou a porta. O lugar estava vazio. Quem quer que morasse ali tinha viajado. Procuramos contas antigas nas gavetas da cozinha e só encontramos os nomes de Nathan e Belinda Demarco. Nada de Paul.

Depois disso, decidimos bater em todas as portas do quinto andar. Ninguém atendeu na maioria dos apartamentos. Em um deles, os moradores se recusaram

a abrir a porta, apesar de termos tentado explicar quem éramos. Em outro, um casal jovem e com cara de assustado, vestindo roupas grossas de inverno, pensou que éramos agentes do resgate ou da polícia. Eles nos disseram que a maioria das pessoas daquele andar havia viajado por causa das festas ou partido quando souberam da nevasca que atingiria a região. Eles mesmos iriam aos abrigos de emergência naquela manhã, para conseguir transporte para sair da cidade.

A maior parte do prédio já estava vazia. Nosso andar era o único cheio de pessoas, provavelmente graças a todo o equipamento que Chuck tinha. Ninguém com quem conversamos se lembrava de algum Paul que morasse ali.

Chuck olhou dentro de um armário ao lado do dele.

– Eles devem ter usado os trenós dos filhos dos Rutherford, e levaram algumas botas de neve de Mike e Christine. Pelo menos, deixaram alguns esquis.

Havia uma dúzia de armários, e ele conhecia todo mundo que os usava.

– Precisamos partir depressa se quisermos ir atrás deles.

Nós tínhamos visto pegadas que iam até a porta dos fundos a partir do lobby, um rastro que mostrava por onde as coisas tinham sido arrastadas pela neve pura que ainda caía. O rastro logo seria coberto por mais neve.

– Ir atrás deles? – perguntei, surpreso. – Vamos persegui-los e, se encontrarmos quem pegou nossas coisas, vamos pedir que devolvam tudo?

Chuck tirou uma pistola de uma bolsa que levava no ombro.

– Pode apostar que sim. – Ele entregou uma a Tony e ofereceu outra a mim.

– Ficou maluco? – Levantei as mãos, recusando-me a pegar a arma. – Nem sei como usar essa coisa.

Eu não havia dito nada sobre o rifle de caça, mas o fato de Chuck ter revólveres me deixou chocado. Criminosos conseguiam armas com facilidade em Nova York, mas era quase impossível para um cidadão comum comprar uma legalmente. Nem me dei ao trabalho de perguntar se ele tinha porte de arma.

– Está na hora de aprender – Chuck resmungou. – Tony, você sabe atirar?

– Sim, senhor. Servi no Iraque.

Olhei para ele.

– Sério?

De repente, percebi que eu sabia muito pouco sobre Tony. Ele era sempre o cara jovial que ficava na entrada do prédio, alguém em quem confiar e sempre disposto a ajudar, mas nunca tinha conversado a sério com ele. Ele foi o único funcionário do prédio a ficar ali, e eu tinha a sensação de que ele só havia ficado por nossa causa e pelo Luke.

– Sério.

– Mike, por que você não sobe enquanto Tony e eu saímos?

Respirei fundo, acalmei meus pensamentos. *Não posso me esconder lá em cima. Quero saber o que está acontecendo aqui.* Talvez eu fosse capaz de descobrir o que acontecera em Newark, se as pessoas tinham sido levadas para a cidade, alguma coisa que pudesse animar Lauren.

Senti que precisava fazer alguma coisa.

– Quer saber? Acho que eu me sentiria mais seguro se o Tony ficasse aqui, onde estão as crianças.

– Tem certeza, sr. Mitchell? Com toda essa história de Lauren estar grávida?

Todo mundo já sabia.

– Tenho certeza. – Eu sabia que ele cuidaria de todos como se fossem de sua família, e para ser sincero, se eles precisassem de proteção física, ele era uma opção melhor do que eu. – Não acho que conseguiremos encontrar os ladrões, e quero visitar um dos abrigos de emergência.

Meu tom de voz não deixou espaço para discussão, então Tony deu de ombros.

Subimos e fomos ao lobby, onde Chuck e eu vestimos as calças para andar na neve que havíamos trazido, enquanto Tony explicava o mecanismo de acionamento das armas. Enfiou alguns cartuchos nos bolsos da parca que eu vestia. Uma sensação de irrealidade tomou conta da situação.

– Está pronto? – Chuck perguntou, colocando as luvas grossas.

Concordei com a cabeça e calcei as minhas luvas, notando que elas não tinham secado totalmente do dia anterior. E que fediam a gasolina.

Tony abriu o cadeado da porta dos fundos e empurrou com o ombro, afastando a neve que havia se acumulado de novo. O lobby foi invadido pelo ar frio e pela neve. Chuck olhou para mim e saiu pela abertura. Eu respirei fundo e o segui em meio à neve.

09:45

Caminhando com dificuldade pela neve funda na rua 24, seguimos os rastros dos trenós até chegar na beirada íngreme dos bancos de neve que ladeavam a Nona avenida. Chuck estava determinado a encontrar os ladrões e me apressava, mas eu torcia para que não os achássemos, com medo do que poderia acontecer caso conseguíssemos.

Meus medos se provaram infundados quando chegamos à Nona. As marcas dos trenós se misturaram com os passos dos transeuntes. Qualquer esperança de seguir adiante se evaporou na neve que não cessava.

Chuck parou irritado, olhando de um lado a outro da rua.

Sombras escuras se materializaram a partir do ar branco e passaram por nós, caminhando ao longo da ravina formada à margem dos prédios onde os bancos de neve terminavam. Assenti com a cabeça para um deles, mas não obtive resposta.

Bati uma bota na outra e senti um arrepio.

– Vamos subir até a Penn Station? – Eu queria levar notícias para Lauren. Eu me sentia culpado.

Desistindo, Chuck concordou com um aceno e começamos a subir, escalando com as mãos, a ladeira do banco de neve ao longo da Nona avenida. Eu o segui até o topo, e descemos escorregando pelo outro lado, onde a neve mal chegava à altura dos tornozelos.

Ao longe, faróis brilhavam em meio ao granizo, e senti uma vibração baixa ressoando sob meus pés. *Pelo menos, eles ainda estão retirando a neve*. Seguimos em meio às luzes que vinham em nossa direção.

– Você é tão obcecado com suas coisas que arriscaria nossas vidas? – perguntei a Chuck caminhando ao lado dele.

– Estaríamos arriscando as nossas vidas se *não* fôssemos obcecados em relação a proteger nossas coisas.

– Fala sério. A eletricidade voltou em menos de um dia na véspera do Natal, e, mesmo depois do Sandy, a maior parte de Nova York voltou ao normal depois de alguns dias. Não houve alagamentos nem ventos fortes, só essa neve.

– As pessoas não aprendem. – Chuck olhou para baixo e balançou a cabeça. – Todos os sistemas críticos estão interligados, e isso não é *apenas* uma tempestade.

– Então, você acha que vai demorar uma semana? Até mesmo a maior parte de Long Island...

– Tem alguma coisa acontecendo aqui que nunca aconteceu antes. – Ele parou e olhou para mim.

– Você é sempre tão dramático. A eletricidade provavelmente voltará dentro de algumas horas.

– Você já ouviu falar do Aurora Test? – Chuck perguntou, voltando a andar.

Neguei, balançando a cabeça.

– Em 2007, o Idaho National Labs realizou uma simulação de um ciberataque com o DOE, o Departamento de Energia. Enviaram um vírus dentro de um e-mail, que consistia em um pacote de 21 linhas de código de software, para um prédio do DOE a 1.600 quilômetros de distância. Ele fez com que um gerador elétrico se autodestruisse, reciclando rapidamente seus interruptores de circuito.

– É só arranjar um novo gerador.

– Não dá para comprar esses geradores no supermercado. Eles são grandes, pesam centenas de toneladas e demoram meses para ser construídos.

– O DOE não resolveu o problema quando o detectou?

– Não exatamente. A maioria dos geradores é formada por equipamentos antigos, construídos antes do advento da Internet, e são praticamente

insubstituíveis.

– Se foram construídos antes da Internet, não deveriam ser imunes a ela?

– Costumavam ser, mas alguém teve a brilhante ideia de reprogramá-los para acessar a Internet para economizar dinheiro, assim como em nosso prédio. Economizaram dinheiro, mas agora tudo pode ser atacado *via* Internet. – Ele suspirou. – Mas a coisa piorou.

O limpa-neve se aproximava de nós, por isso fomos mais para o lado e subimos no banco de neve, onde esperamos a máquina passar rosnando. Uma luz fraca acima da cabeça do motorista iluminava o lado de dentro da cabine através das janelas manchadas pela neve derretida. Ele estava curvado para a frente, usando uma máscara, e eu vi uma foto presa no painel, que imaginei ser da família dele, uma família da qual ele estava longe.

O limpa-neve se afastou.

– Piorou como?

– Os Estados Unidos já não fazem mais geradores como aqueles.

– E quem faz?

Chuck caminhou em silêncio por um momento, e então disse: – Adivinhe.

Já sabia onde ele queria chegar.

– China?

– É.

– Então, eles podem ser destruídos remotamente, e talvez não sejamos capazes de substituí-los?

– Pode ser que *já* tenham sido destruídos. Talvez não tenhamos rede elétrica durante meses ou anos. E isso piora ainda mais.

Eu suspirei.

Chuck chutou um monte de gelo.

– É mais ou menos a mesma história com todos os sistemas críticos: água, barragens, reatores nucleares, transporte e navegação, alimentos, emergência e serviços governamentais, até mesmo o exército. Diga algo que não está ligado à Internet e que não use peças chinesas.

– Eles não diriam a mesma coisa sobre nós? Afinal, se eles nos atacarem, não faríamos a mesma coisa com eles? Ciberdestruição bilateral garantida?

– Não a mesma coisa. Somos o país mais ligado à Internet em todo o planeta. Tudo aqui é acessível via Internet, muito mais do que para qualquer outro, e muito mais do que os países com os quais estamos em conflito. Estamos totalmente vulneráveis a ciberataques em grande escala, mas eles estão muito menos expostos.

– Mas então, nós simplesmente iríamos bombardeá-los, certo? – observei. – Quem correria esse risco?

– Não é tão simples. Como descobrir quem atacou? Metade do mundo tem alguma divergência conosco, por um motivo ou outro. Não podemos bombardear o mundo todo.

– E esse tem sido o plano até agora, não?

Chuck riu.

– Eu realmente gosto como você consegue manter seu senso de humor.

Chegamos à rua 31 e começamos a percorrer o quarteirão para chegar à entrada traseira da Penn Station. Buscando apoio nas paredes de concreto do enorme prédio dos correios de Nova York, passando primeiro pelas portas da doca de cargas, e então ao longo de um muro baixo que formava a margem de um fosso de proteção ao redor do prédio. O topo escuro do Empire State Building se avultava sobre o Madison Square Garden conforme nos aproximávamos.

A guarita no meio do prédio estava vazia, mas havia luzes acesas em muitas janelas. Olhando para uma das janelas quando passamos, perguntei: – Como é o ditado? – Eu estava pensando no slogan dos correios na frente do prédio.

Chuck entendeu o que eu queria dizer.

– Nem a neve, nem a chuva, nem o calor, nem... não sei. Podemos voltar para ver, se você quiser.

– Não, mas acho que o correio vai se atrasar hoje. Não me lembro de ter visto ciberataque naquela lista.

Chuck riu, e continuamos andando.

Escalando o banco de neve na calçada da rua Oito, vimos pela primeira vez o que os serviços de emergência tinham conseguido realizar até então. Senti um aperto no peito. Centenas de pessoas estavam reunidas nas entradas dos fundos da Penn Station e do Madison Square Garden, e havia mais uma multidão na rua 31.

– Meu Deus, tantas pessoas assim?

– Estamos aqui, não estamos? – Chuck respondeu. – As pessoas estão com medo, querem saber o que está havendo.

Depois de mais alguns passos, descemos do banco de neve, atravessamos a rua Oito, subimos para o outro lado para nos unir à multidão. Enquanto passávamos, ouvimos pessoas falando sobre guerra e bombardeios. Homens da Guarda Nacional estavam na entrada, tentando colocar um pouco de ordem no caos. Uma fila de pessoas serpenteava a extensão da rua Oito sob a proteção de andaimes e grandes placas de plástico presas de qualquer jeito para proteger do vento. Cobertores cinza com os símbolos da Cruz Vermelha estavam sendo dados às pessoas que esperavam.

Reunida na entrada havia uma multidão enfurecida; algumas pessoas gritavam e choravam, todas querendo entrar. Os homens da Guarda se mantinham firmes, balançando a cabeça com reprovação, indicando o fim da fila que se tornava cada vez mais comprida. Chuck esperou por alguns momentos num canto e então se misturou, puxando-me com ele.

– Desculpe, senhor, fim da fila – um guarda jovem disse, erguendo a mão para nos impedir e apontando em direção à rua Oito.

– Não queremos entrar – Chuck disse em voz alta. – Estamos em guerra?

– Não estamos em guerra, senhor.

– Então, não estamos bombardeando ninguém?

– Até onde sei, não, senhor.

– Você me diria se estivéssemos?

O guarda suspirou e olhou para a longa fila de pessoas.

– Só sei que a ajuda está a caminho, a eletricidade deve voltar em breve, e vocês devem permanecer dentro de casa, aquecidos e seguros. – Ele olhou nos olhos de Chuck e acrescentou: – *Senhor*.

Chuck se aproximou, e o guarda ficou tenso, segurando com firmeza sua M16.

– Máscara, senhor – ele disse, indicando um cartaz alertando sobre a gripe aviária.

– Desculpe – Chuck murmurou, pegando as máscaras que havia levado. Ele me deu uma, e eu a coloquei. – Então, essa história de gripe aviária é real?

– Sim, *senhor*.

– Mas você não sabe muito mais do que eu sei, certo?

O guarda encolheu os ombros.

– Mantenha-se aquecido e em segurança, senhor, e, por favor, afaste-se.

– Não tem ninguém aí dentro com quem eu possa falar que saiba algo mais?

Ele negou balançando a cabeça, e sua expressão se tornou mais suave.

– Vocês poderiam esperar na fila, mas está uma bagunça lá dentro.

O rapaz parecia já ter chegado ao limite.

– Obrigado – Chuck disse com simpatia. – Aposto que gostaria de estar com sua família.

O guarda hesitou e olhou para o céu.

– Verdade. Peço a Deus para que eles estejam bem.

– Como eles te chamaram? – Chuck perguntou. – As linhas telefônicas caíram, não tem Internet...

– Eu já estava a serviço. Não conseguimos convocar muitos mais quando a ordem veio. E a coordenação está infernal... algumas linhas fixas de rádio, mas pouca coisa além disso.

– Devemos voltar amanhã, para ver quais são as novidades?

– Podem tentar, senhor.

– Você soube de pessoas que foram trazidas para cá, vindas do aeroporto de Newark? – perguntei.

Uma multidão nos empurrou, na direção dele.

– Para trás! – ele gritou, com o rosto mais sério conforme nos empurrava com sua M16. Olhou em meus olhos e balançou negativamente a cabeça antes de gritar de novo: – Para trás, droga!

Chuck puxou minha roupa por trás e me afastou dali.

– Vamos, acho que já está na hora de sairmos daqui.

15:40

– Qual?

– O preto, cinco fileiras para cima.

– Aquele? – perguntei, apontando para o alto.

Estava escurecendo e a neve se adensara, quase se tornando uma nevasca. Atravessamos com esforço quase 30 quarteirões para chegar à vaga de garagem de Chuck no Meatpacking District. A cidade estava quase deserta no nível da rua, exceto pelo moderno Hotel Gansevoort pelo qual passamos na rua Nove. Ainda estava iluminado como uma árvore de Natal, e havia uma multidão do lado de fora tentando entrar. Vários porteiros robustos balançavam a cabeça, reprovando. Todos gritavam. Passamos e tentamos ignorar.

– Não, o do lado daquele – Chuck disse.

Estreitei os olhos.

– Ah, uau! Aquela é uma caminhonete bacana. Pena estar a quinze metros do chão.

Estávamos na frente de um estacionamento vertical, bem na esquina do Gansevoort com a rua Dez, na saída para a West Side Highway. O local perfeito para sair depressa de Nova York, se o carro de fuga não estivesse preso em uma vaga cinco andares acima.

Chuck rosnou e xingou de novo.

– Eu mandei o pessoal descer a caminhonete para o primeiro andar.

O estacionamento era um conjunto de plataformas abertas – cada plataforma grande o bastante para acomodar um carro – suspensas entre vigas verticais de metal que acomodavam os veículos contra a parede do prédio logo atrás. Cada conjunto de vigas verticais de metal tinha elevadores operados hidraulicamente,

que podiam erguer e baixar as plataformas para que os manobristas tirassem os carros, mas é claro que os controles do elevador precisavam de eletricidade para funcionar.

– Ninguém virá agora. Não podemos fazer uma ligação direta em uma caminhonete diferente? Alguma que esteja na rua?

A neve havia coberto totalmente todos os carros do térreo.

– De jeito nenhum. Precisamos da minha caminhonete. Nenhum outro veículo vai nos tirar daqui, não com toda essa neve e esse gelo. – Ele olhou para cima, para a neve que caía em sua queridinha. – Land Rover Wolf 1994 XD 110, blindada, snorkel, cabrestante, pneus para neve IROK Radial de 36 polegadas...

– É bonita – concordei. – Bem alta. Ainda que conseguíssemos trazê-la para baixo, você acha que poderíamos passar por cima daquele banco de neve? – Apontei na direção do monte de dois metros e meio de neve e gelo margeando a rua Dez. Era o único obstáculo para que pudéssemos chegar à West Side Highway a partir do estacionamento, mas era gigantesco.

Ele analisou o monte.

– De um jeito ou de outro. Mas não podemos descê-la para cá. Nem mesmo a Wolf sobreviveria a uma queda assim.

– Melhor irmos. – A temperatura havia caído, e eu tremia muito. – Vamos pensar. Pelo menos, não foi roubada.

Chuck olhou para sua caminhonete uma última vez e se virou. Saímos do estacionamento e começamos a subir a rua Nove. Grande parte da multidão que estava na Gansevoort havia se dispersado na escuridão. Quando passamos, muitas das pessoas ainda do lado de fora nos observava com atenção, claramente interessadas nas mochilas que carregávamos. Chuck enfiou a mão no bolso de sua parca e, com sua .38 em punho, olhou para elas de novo, mas nada aconteceu. Suspirando aliviado enquanto nos afastávamos delas, passamos pela Apple Store. Todas as vitrines estavam quebradas, e a neve havia entrado.

– Um momento esquisito para decidir comprar um iPad novo. – Eu ri. E então, notei outra coisa. – A neve está ficando mais funda.

Estávamos no meio da Nona avenida. Havíamos passado o dia subindo e descendo avenidas, e os limpa-neves iam de um lado a outro. Nas ruas pelas quais eles haviam passado, a neve mal chegava à altura do tornozelo. Naquele momento, ela passava de nossa panturrilha.

Apertei os olhos para enxergar na escuridão, mas não consegui ver nenhum farol vindo em nossa direção.

– Se eles pararam de retirar a neve, é porque os serviços da cidade devem estar totalmente ferrados – Chuck disse. – A coisa vai ficar feia.

– Talvez seja apenas uma parada.

– Talvez – Chuck respondeu sem convicção.

Decidimos que seria melhor levarmos o que pudéssemos dos restaurantes de Chuck antes que alguém o fizesse, então voltamos ao centro, paramos no restaurante mais próximo de nossa casa e enchemos as sacolas com o máximo de alimentos enlatados e calóricos que conseguimos encontrar.

Quando saímos de novo, a rua estava quase totalmente tomada pelo breu. Subimos o resto da rua 24, e eu imaginei as chaves não funcionando, nos deixando presos do lado de fora. O frio era inacreditável. *Poderíamos morrer aqui fora*. Apertei o passo.

Quando chegamos à porta dos fundos de nosso prédio, eu estava congelado. Quando Chuck enfiou a chave na fechadura, a porta se abriu por dentro, e o rosto de Tony apareceu, sorrindo para nós de modo brincalhão.

– Puxa! Como estou feliz por ver vocês!

– Não tão feliz quanto nós estamos por ver você!

Chuck e eu estávamos com a lanterna acesa, mas Tony estava sentado no escuro. Nós perguntamos o porquê. Assim, ele não chamaria atenção, ele disse, e deixamos assim.

Tony ficou para trás, para trancar a porta e limpar o piso, dizendo para que subíssemos, que todos estavam muito preocupados. De modo animado, começamos a subir a escada, tirando nossas peças de roupa, toucas e luvas,

aproveitando o calor ali dentro e pensando em uma refeição quente com um café e uma cama aquecida.

Ao chegarmos no sexto andar, paramos e respirando fundo, então abri a porta. Esperava ouvir Luke vir correndo, e dei um salto para surpreendê-lo.

Mas fui recebido por um grupo de pessoas desconhecidas com caras assustadas. Um homenzarrão sem-teto estava jogado no sofá do lado de fora de meu apartamento, enquanto uma mãe e duas crianças estavam encolhidas no sofá dos Borodin. Havia pelo menos mais uma dúzia de pessoas que eu não conhecia reunida no corredor. Um jovem enrolado em um dos cobertores caros de Richard se levantou e estendeu a mão a mim, mas Chuck saiu porta afora e apontou seu .38 bem no rosto do rapaz.

– O que você fez com Susie e Lauren?

O rapaz ergueu as mãos e fez um gesto em direção ao apartamento de Chuck.

– Está tudo bem. Elas estão ali dentro.

Atrás de nós, Tony veio subindo a escada.

– Espere, espere, eu me esqueci!

Chuck ainda apontava a arma para o rosto do garoto quando Tony apareceu na porta atrás de nós, ofegante. Ele colocou uma das mãos na arma de Chuck e a abaixou.

– Eu deixei que eles entrassem.

– Você o quê? – Chuck gritou. – Tony, não cabe a você tomar esse tipo de decisão...

– Não, a decisão foi minha – Susie explicou, saindo do apartamento deles. Ela abraçou Chuck.

Lauren apareceu na porta, com Luke logo atrás dela. Ela correu para me abraçar.

– Pensei que alguma coisa tivesse acontecido com vocês – ela sussurrou em meu ouvido enquanto soluçava aliviada.

– Estou bem, querida, estou bem.

Respirando fundo, ela me soltou, e eu me inclinei para a frente para beijar

Luke, que estava agarrado a uma de minhas pernas.

– Tudo certo? – o garoto perguntou, com as mãos ainda levantadas. Ele parecia assustado.

– Acho que sim – Chuck respondeu, guardando a arma. – Qual é o seu nome?

– Damon – o rapaz disse, estendendo a mão para me cumprimentar. – Damon Indigo.

DIA 5: 27 DE DEZEMBRO

09:00

A luz do sol entrava pela janela. Era cedo, mas eu não fazia ideia de que horas seriam. Meu telefone estava sem bateria e fazia anos que eu não usava um relógio de pulso.

Foi então que me dei conta: céu azul. Eu estava vendo o céu azul pela janela.

Lauren estava encolhida embaixo dos cobertores, com Luke aninhado entre nós dois. Eu me inclinei por cima deles, beijei o rosto dela e tentei puxar o braço que estava embaixo de sua cabeça. Ela protestou sonolenta.

– Desculpa, amor, preciso me levantar – sussurrei. Ela fez um bico, mas deixou que eu saísse, e me ergui da cama, ajeitando os cobertores cuidadosamente ao redor dos dois. Tremendo, vesti minha calça jeans dura e fria e uma blusa e rapidamente saí do quarto de visitas de Chuck, que agora era nosso quarto.

O gerador continuava ronronando do lado de fora da janela, mas os pequenos aquecedores elétricos ligados a ele não conseguiam mais afastar o frio como antes. Mesmo assim, admirei o céu azul de novo.

Peguei um copo do armário de Chuck, me inclinando sobre a pia para enchê-lo com água. Abri a torneira, mas nada aconteceu. Franzindo o cenho, fechei a torneira e voltei a girá-la, e então tentei usar a torneira de água quente. Nada.

A porta da frente se abriu com um rangido, e som de um programa de rádio tomou o espaço. A cabeça de Chuck apareceu, e ele me viu mexendo nas torneiras.

– Não tem mais água – ele confirmou, colocando dois galões de quinze litros cada no chão. – Pelo menos, não nas torneiras.

– Você não dorme?

Ele riu.

– Acabou a água às cinco, quando acordei. Não sei se a pressão da distribuidora do município não é suficiente para trazer a água aqui em cima com as bombas desligadas, se os canos estão congelados ou se os reservatórios da cidade estão fechados, mas uma coisa é certa.

– O quê?

– Está congelando lá fora; no mínimo, dez graus abaixo de zero e ventando demais. Céu azul traz mais frio. Prefiro a neve.

– Podemos dar um jeito na água?

– Acho que não.

– Quer que eu vá buscar água com você?

– Acho que não.

Esperei. Notei que ele tinha algo desagradável para me dizer.

– Preciso que você busque gasolina para o gerador.

Resmunguei.

– E o Richard, todas essas pessoas aí fora?

– Eu pedi para o Richard ir ontem à noite, e não deu certo. Ele é bem inútil para coisas assim. Leve o garoto.

– O garoto?

– Ei, Indy! – Chuck gritou, espiando no corredor. Ao longe, um “Oi?” ecoou na sala. – Vista uma roupa de frio. Você e o Mike partirão em uma aventura.

Chuck virou-se para sair, mas parou e sorriu para mim.

– E encham *dois* galões de quinze litros cada, pode ser?

*

– De onde vem o sobrenome Indigo?

Eu estava agachado, tentando me proteger do vento, deixando o garoto trabalhar. Ele se mantivera calado no caminho, só olhando para o horizonte. Quando pedi a ele para escavar o primeiro carro, ele começou a trabalhar sem questionar.

– Minha família é de Louisiana. Costumavam plantar coisas lá. Deram a nós os nomes dessas coisas.

Ele não parecia afro-americano, mas também não parecia caucasiano – negro, cabelos curtos e características exóticas, quase asiáticas. A coisa que mais chamava a atenção nele, pelo menos por ser incomum, era uma corrente de ouro com pingente de cristal que usava no pescoço.

– Venenoso, não é? – perguntei, referindo-me ao índigo, tentando conversar.

Estávamos na rua 24, do outro lado da rua, alguns prédios depois do nosso. Nosso grupo já havia retirado a gasolina da maioria dos carros perto dali.

O rapaz assentiu e continuou cavando.

– É o que parece.

Olhei para os dois lados da rua e imaginei os milhões de pessoas que estavam presas naquele deserto conosco. Dali, a cidade parecia abandonada, mas eu sentia a presença da enorme quantidade de pessoas escondidas nos monolíticos prédios acinzentados que se estendiam lado a lado à distância – um deserto congelado entre torres de concreto.

Ouvi um som sibilante e temi que fosse um vazamento de gás, até perceber que era o ruído das partículas finas de gelo sendo carregadas pelo vento através da superfície da neve.

– Então, por que você decidiu bater à nossa porta?

Ele apontou nossas janelas no sexto andar.

– Não havia muitas luzes acesas em outros lugares. Eu não teria tentado, mas Vicky e a família dela precisavam de ajuda.

Ele estava se referindo à mãe e aos dois filhos ainda adormecidos no sofá do corredor. Eles pareciam exaustos.

– Ela não está com você?

Ele negou balançando a cabeça.

– Mas eles estavam no trem comigo.

– Qual trem?

Ele enfiou a pá na neve e se abaixou para tirar o gelo da tampa do

compartimento de gasolina, deu uma batida leve e a abriu.

– No Amtrak.

– Você estavam nele? Ficaram feridos?

– Eu não estava... – Ele ficou visivelmente incomodado, fechou os olhos. – Podemos falar de outra coisa? – Ele pegou um dos galões. Olhou para mim, o céu era refletido em seus olhos azuis cristalinos. – Seu prédio não tem um gerador de emergência?

Assenti.

– Não consegui ligá-lo. Por quê? Acha que conseguiria?

– Não acionaria o sistema de aquecimento mesmo se eu conseguisse.

– Então, por que você perguntou?

Apoiando-se em um joelho, ele apontou nosso prédio.

– O Chuck disse que o gerador dele é movido à gasolina *ou* a diesel. Vocês conferiram quanto diesel havia no tanque do gerador de emergência do prédio?

O vento assoviou ao passar por nós.

– Não, não conferimos. – Eu ri.

Menos de cinco minutos depois, estávamos no porão do prédio, ouvindo o barulho do segundo galão enchendo. Estava frio, mas muito menos do que lá fora. Nem sequer precisamos sugar o combustível, porque havia uma válvula de escape no fundo do tanque.

– Oitocentos litros! – exclamei, animado, lendo a lateral do tanque. – Nosso pequeno gerador poderá ser alimentado por semanas.

Damon sorriu, fechando a válvula de escape e rosqueando a tampa do galão de plástico.

Eu queria saber o que havia acontecido no acidente do Amtrak, mas ele parecia sensível em relação ao assunto, por isso precisaria ir com cuidado.

– Só peço uma coisa – sussurrei, apesar de não haver ninguém mais ali. – Isso será nosso segredinho, certo?

Ele franziu o cenho.

– Quero pedir para não contar a ninguém a respeito do tanque do gerador.

Vamos assumir a tarefa de conseguir combustível. Enquanto todo mundo pensa que estamos por aí sugando gasolina de carros na neve e no frio, podemos nos sentar aqui embaixo e relaxar, bater um papo. O que você acha?

Ele riu.

– Claro. Mas será que não vão perceber que estamos voltando com diesel e não com gasolina?

O garoto era ligeiro.

– Acho que ninguém além do Chuck vai perceber, e ele é bom em guardar segredos.

Damon assentiu.

– Está a fim de conversar agora? – perguntei.

– Acho que não.

– Vamos lá, converse comigo.

15:45

– Posso subir?

Olhei para o carpete, evitando os olhos dela.

– Já temos mais pessoas do que conseguimos manter – Chuck respondeu por mim.

A mulher do apartamento 315, Rebecca, parecia assustada. Todo mundo no andar dela já havia partido. Ela vestia uma jaqueta preta, grossa e brilhante, com uma gola de pele falsa. Mechas de cabelos loiros escapavam das beiradas do capuz que ela havia puxado para cobrir a cabeça, dando a seu rosto pálido um halo etéreo na luz que vinha por trás dela. Pelo menos, parecia estar aquecida.

– Você não deveria ficar aqui sozinha – falei, imaginando-a ali à noite, no escuro e no frio, sem ninguém.

Ela mexeu no batente da porta com a mão envolta pela luva.

Eu cedi.

– O que acha de subir para passar a tarde conosco, tomar um café quente, e, mais tarde, nós acompanharmos você até o Javits?

– Muito obrigada! – Ela quase começou a chorar. – O que devo levar?

– Leve o máximo de roupas quentes que puder – Chuck respondeu, balançando a cabeça –, e precisa ser uma bolsa que você consiga *carregar*.

Na cidade, ainda havia quatro estações de rádio transmitindo notícias, e aquela que fazia a cobertura de emergência no centro da cidade anunciara que o Centro de Convenções Javits, entre a rua 34 e a 40, tinha sido transformado em um abrigo para a região oeste de Manhattan.

– Podemos pegar alguns cobertores emprestados, qualquer coisa quente? – perguntei.

Ela assentiu.

– Levarei tudo o que tiver.

– E qualquer alimento de que não precise – acrescentei.

Ela assentiu mais uma vez e voltou a seu apartamento, fechou a porta e nos deixou no escuro. Ainda estava claro lá fora, mas, sem janelas para o mundo exterior, os corredores eram como cavernas sombrias, com metros de corredores iluminados apenas pelas duas luzes de emergência, uma acima dos elevadores e a outra acima da escada.

Estávamos batendo de porta em porta, fazendo uma lista para termos uma "consciência situacional", como Chuck chamara. A maioria dos moradores do prédio havia partido. Aquela tarefa me fez lembrar de semanas antes, quando batemos às portas para convidar nossos amigos para o churrasco do Dia de Ação de Graças – poucas semanas antes, mas um mundo totalmente diferente.

– Cinquenta e seis pessoas no prédio – Chuck informou quando abrimos a porta da escada e começamos a subir – e cerca de metade delas estão em nosso andar.

– Por quanto tempo você acha que o grupo no segundo andar vai durar?

O apartamento 212 tinha um pequeno gerador funcionando. Um grupo de nove pessoas havia se unido em uma versão menor do que tínhamos lá em cima, mas não tão bem equipada.

Chuck deu de ombros.

– Não sei.

Nosso andar estava se tornando um abrigo de emergência conforme pessoas de outros andares subiam. Richard continuou me impressionando. Ele havia conseguido sair e encontrar outro aquecedor a querosene e muito combustível, além de mais alimentos. O dinheiro continuava comprando coisas lá fora, pelo menos por enquanto.

– Não há água em lugar nenhum– eu disse. Não era uma pergunta. Soubemos, pelo rádio, que não havia água em nenhuma parte da cidade.

– Em situações de sobrevivência, a ordem de importância é aquecimento,

depois água e então alimentos – Chuck explicou. – Uma pessoa consegue passar semanas ou meses sem alimentos, mas apenas dois dias sem água, e pode morrer congelada em poucas horas. Precisamos nos manter aquecidos e separar quatro litros de água por dia para cada pessoa.

Subimos a escada, nossos passos ecoavam ao nosso redor. A temperatura na escada estava caindo e ficando a mesma do lado de fora, e nossa respiração produzia uma nuvem espessa e branca à frente de nosso rosto. Com um braço em uma tipoia para proteger a mão machucada, Chuck estava usando a outra para se segurar no corrimão, subindo um degrau por vez.

– Há um metro e meio de neve lá fora. Com certeza, não ficaremos sem água.

– Os exploradores do Ártico sentiam tanta sede quanto os do deserto do Saara – Chuck disse. – É preciso derreter a neve primeiro, e, para isso, gasta-se energia. Comer neve baixa a temperatura corporal e dá cãibras, o que pode ser fatal. A diarreia e a desidratação são inimigos tão grandes quanto o frio.

Eu subi mais alguns degraus. *A hidratação é o de menos. Como vamos manter nossa higiene, a limpeza dos banheiros e de todo o resto?* Eu ainda me sentia culpado por Chuck ter ficado ali por nós.

– Você acha que deveríamos partir? Levar todo mundo ao centro de evacuação?

Apesar de a maioria dos apartamentos estarem vazios, todo mundo do nosso andar continuava ali, juntamente com os refugiados, e só porque tínhamos o gerador e o aquecimento. Talvez estivéssemos cometendo um erro terrível. Não tínhamos alimentos para manter as quase 30 pessoas de nosso andar por muito tempo. Fiquei surpreso ao perceber que via as pessoas que tinham migrado para o nosso andar como “refugiados”.

– Luke ainda não está muito bom para viajar, e Ellarose é pequena demais para enfrentar muita coisa. Acredito que os centros de evacuação serão desastres enormes. Se formos embora, perderemos o que temos aqui, e se ficarmos sem saída lá fora... estaríamos em sérios problemas.

Escutei o ritmo metódico das botas enquanto continuávamos subindo. Eu devia ter subido aquelas escadas umas vinte vezes nos últimos dois dias. *Então é isso que precisa acontecer para me obrigar a fazer exercícios*. Apesar de tudo, sorri.

No sexto andar, Chuck se virou para mim.

– Estamos nessa agora, Mike, e precisamos fazer a coisa dar certo, independentemente do que acontecer. Você está comigo?

Respirei fundo.

– Estou com você.

Chuck estendeu a mão para a maçaneta, mas antes de conseguir alcançá-la, a porta se abriu, e ele quase despencou escada abaixo.

A cabeça de Tony apareceu.

– Mas que diabos! – Chuck xingou. – Você poderia ser mais cuidadoso?

– É o Presbyterian – Tony exclamou, ofegante. – Estão pedindo a ajuda de voluntários no rádio.

Nós olhamos para ele sem entender.

– O hospital no fim da rua. Pessoas estão morrendo ali.

20:00

– Continue ventilando.

A escadaria do hospital parecia um pesadelo. Corpos inertes estavam abandonados em macas sob as luzes de emergência nas portas, com tubos e bolsas de sangue suspensas em uma floresta de hastes e suportes de metal. Em meio à luz fraca, as pessoas gritavam e se remexiam, reluzindo com lanternas de mão e capacetes com lâmpadas, todos correndo loucamente para baixo, em direção ao frio congelante.

Desesperadamente, tentei manter o ritmo enquanto descíamos as escadas depressa, segurando um respirador manual de plástico azul entre os dedos, equilibrando-o sobre a boca e o nariz de um bebezinho. A cada cinco segundos, eu o apertava, fornecendo um sopro de ar fresco. O bebê era da unidade neonatal, nascido na noite anterior, prematuro de sete meses.

Onde está o pai dele? O que aconteceu com a mãe?

Uma enfermeira aninhava o bebê nos braços, descendo a escada comigo o mais rápido que conseguíamos. Quando chegamos ao térreo, corremos em direção à entrada principal.

– Para onde vai levá-lo? – perguntei à enfermeira.

Ela estava concentrada no caminho a sua frente.

– Não sei. Disseram que o Madison Square Garden está atendendo.

Passamos pelas portas duplas da entrada principal e então esperamos atrás de uma maca que dois funcionários tentavam levar para fora. O senhor na cama olhou para mim, com os braços retorcidos ao redor do corpo, tentando dizer algo. Fiquei olhando para ele, tentando adivinhar o que ele queria.

– Eu cuido disso.

Um policial da delegacia de Nova York estava esticando o braço para pegar o respirador de mim. Graças a Deus, o Presbyterian ficava quase na Sexta avenida, uma das únicas vias principais que o limpa-neve continuava a desobstruir. Saindo, vi alguns carros de polícia e ambulâncias, além de veículos civis por meio de uma abertura feita em um enorme banco de neve às margens da Sexta avenida.

A enfermeira e o policial seguiram, e uma onda de pessoas passou por mim. Ao ver que a enfermeira estava apenas com uma blusa de mangas curtas, corri atrás deles, tirando minha parca e colocando-a sobre os ombros dela, e voltei correndo para dentro do lobby, tremendo.

Ao ver aquele recém-nascido enquanto descíamos a escada, eu só conseguia pensar em Lauren. Era como se aquele bebezinho nos braços da enfermeira fosse meu filho ainda não nascido. Eu estava prestes a chorar, com a respiração rápida e curta.

– Você está bem, amigo?

Era mais um policial. Respirei fundo e assenti.

– Precisamos de pessoas aqui fora para levar os pacientes à Penn Station. Pode fazer isso?

Eu não tinha certeza, mas assenti de novo mesmo assim.

– Você tem uma jaqueta?

– Dei a minha à enfermeira – expliquei, apontando a porta.

Ele fez um gesto em direção a um contêiner ao lado das portas de saída.

– Pegue alguma coisa na seção de achados e perdidos e vá lá para fora. Eles dirão o que você deve fazer.

Minutos depois, eu estava empurrando uma maca subindo a Sexta avenida, usando um sobretudo desbotado vermelho-cereja, com mangas de babados brancos manchadas e meias-luvas de lã cinza. Eu havia deixado as luvas grossas que Chuck havia me dado nos bolsos da parca que dei à enfermeira.

O casaco era um número bem menor que o meu, e feito para uma mulher, por isso tive que forçar o zíper para subi-lo pela minha barriga. Eu me sentia igual a

um salsichão.

O mundo dentro do hospital estava frenético, mas a tranquilidade do lado de fora era surreal. Quase totalmente escura e silenciosa, a rua estava iluminada apenas pelas lanternas dos veículos intermitentes que passavam para cima e para baixo, levando os enfermos. Uma ambulância passou por mim, iluminando a procissão fantasmagórica à frente, um desfile heterogêneo de equipamentos e pessoas se arrastando pela neve.

Na primeira metade do quarteirão, o frio estava suportável, mas quando cheguei à esquina da rua 25, dois quarteirões depois, ele estava cortante. Caminhando contra o vento forte, esquentei meu rosto pressionando as meias-luvas de lã nele, e quando tirei uma delas, senti algo duro na minha face. *Será que tinha ulcerado por conta do frio*? Meus pés estavam dormentes.

Neve grossa e gelo cobriam a rua, e precisei me concentrar para evitar que as rodas da maca se prendessem nos sulcos do caminho, recuando e avançando com frequência sempre que elas enroscavam. A mulher na maca estava enrolada feito uma múmia, envolta em camadas de finos lençóis azuis e brancos. Ela estava consciente, acordada e olhava para mim com olhos assustados. Eu conversava com ela, dizendo para não se preocupar.

Uma bolsa com fluídos estava pendurada em um suporte ao lado da maca, balançando para cá e para lá, o tubo serpenteando por debaixo dos cobertores. Tentei estabilizá-lo, xingando por não ter ninguém para segurá-lo, tentando imaginar o que havia ali dentro. *Será que vai congelar? O que acontece se cair? Vai arrancar o tubo da veia dela?*

A maca atolou na neve de novo, quase virou, e a mulher soltou um gritinho. Com toda a minha força, ajeitei a maca, ofegante, e continuei.

No intervalo de tempo entre as luzes dos carros e das ambulâncias que passavam, meu mundo se tornava um casulo escuro de gelo e frio, meu coração acelerava e meus olhos se esforçavam para enxergar na luz fraca da lanterna em minha cabeça. Éramos apenas eu e aquela mulher, unidos entre a vida e a morte.

A fina lua crescente no céu escuro parecia uma foice, e eu não me lembrava

de ter visto a lua em Nova York antes.

Sete quarteirões se tornaram uma eternidade. *Eu perdi a entrada?* Com esforço, espiei na escuridão. Ainda havia pessoas à minha frente, e então, dois quarteirões adiante, avistei o azul e o branco de uma van da polícia de Nova York. Segurando com força o metal frio da maca, segui em frente. Enquanto meu rosto, as mãos e os pés congelavam, os braços e as pernas ardiam.

– Assumimos a partir daqui, amigo.

Dois policiais deram a volta na maca para segurar sua extremidade.

Eu estava encharcado de suor.

Enquanto era levada em direção a uma abertura no banco de neve na rua 31, a mulher murmurou um obrigado com fraqueza, mas eu estava cansado demais para responder. Curvado e ofegante, sorri para ela. Endireitei-me e desci a rua na escuridão, em direção ao hospital mais uma vez.

02:25

– Gostaria de poder oferecer mais – o sargento Williams disse.

Balancei a cabeça.

– Já está ótimo, muito obrigado. – Segurei a tigela de sopa com as duas mãos, deleitando-me com o calor. Meus dedos formigavam de modo dolorido quando o sangue voltou, mas meus pés continuavam adormecidos. Ao entrar, eu me olhei no espelho do banheiro. Estava inchado e vermelho, mas não havia ulceração de frio, ou pelo menos nada que parecesse o que eu acreditava ser ulceração de frio.

Na fila do refeitório, peguei um pão duro e um potinho de manteiga. Não havia nada além de alguns biscoitos e uns pacotes de salgadinhos.

O segundo andar do prédio ao lado da Penn Station e do Madison Square Garden havia sido transformado em um quartel do departamento da polícia de Nova York, e estava lotado. Depois de eu ter feito mais algumas viagens indo e voltando, o sargento Williams me deteve, vendo que eu estava à beira de um colapso, e se ofereceu para me levar ao refeitório deles. Ninguém achou estranho quando entrei vestindo meu casaco vermelho de babados. Eles estavam exaustos demais.

Procurando entre as pessoas, não vi ninguém que eu conhecesse. Chuck havia permanecido em nosso apartamento. Ele não estava sendo muito útil com sua mão quebrada. Richard havia desaparecido quando anunciamos a intenção de ajudar. Tony, Damon e eu fomos ao hospital, mas eu havia me perdido dos outros na confusão.

Todos usavam máscaras durante a evacuação do hospital, mas, no refeitório, ninguém estava de rosto coberto. Ou eles sabiam de algo que a população não

sabia, ou tinham desistido.

O sargento Williams indicou um lugar vazio às mesas, e passamos em meio à multidão para nos sentarmos. Desviando de alguns policiais, coloquei a tigela de sopa quente na mesa para cumprimentar as pessoas ao meu redor. O sargento Williams se sentou à minha frente, tirou o quepe e o cachecol e os jogou em cima de um monte de roupas pesadas sobre a mesa. Coloquei a minha jaqueta sobre a pilha. O cheiro ali era igual ao de um vestiário.

– Está uma baita bagunça lá fora – um dos policiais reclamou, inclinando-se para tomar a sopa.

– O que aconteceu? – outro perguntou.

– Os chineses aconteceram – o primeiro homem resmungou em resposta. – Espero que eles não deixem pedra sobre pedra em Beijing.

– Chega disso – o sargento Williams retrucou. – Já tem muita coisa ruim acontecendo e não precisamos piorar a situação. Ainda não sabemos o que aconteceu, e não quero mais ouvir esse tipo de papo.

– Não sabemos o que aconteceu? – outro policial disse. – É como se estivéssemos no meio de uma maldita guerra na nossa própria cidade.

O sargento olhou para o policial com cara feia.

– Para cada pessoa que está causando transtornos, há outras cinco como o Michael – ele acenou com a cabeça na minha direção –, que estão arriscando a vida para ajudar.

O policial balançou a cabeça.

– Transtornos? Vou dar um transtorno para você. Podem todos ir para o inferno. Já me cansei disso. – Ele se levantou, pegou a tigela de sopa e partiu depressa para outro canto do refeitório. Os policiais ao redor dele desviaram o olhar, mas, um de cada vez, também se levantaram e saíram.

– Perdoe o policial Romales – o sargento Williams disse. – Perdemos algumas pessoas hoje em um tiroteio na Quinta avenida. Uns idiotas decidiram saquear as lojas chiques por lá, uma multidão inteira.

Inclinei-me para a frente, desamarrei os cadarços de minhas botas e as

afrouxei, mexendo os dedos do pés. Eles ardiam e doíam.

– Tire as botas – o sargento Williams sugeriu. – Aqui dentro está quente, mas suas botas são térmicas. Se você mantiver seus pés nelas, eles continuarão gelados. – Ele suspirou e olhou ao redor. – Corpos e sangue por todos os lados depois do tiroteio na Quinta, e nenhum lugar para colocá-los, nem os carros do serviço funerário nem as ambulâncias conseguiam chegar lá, por isso tivemos que deixá-los congelando na rua. Coisa pesada.

Tirei as botas, dobrei uma das pernas sobre a outra e comecei a massagear meus dedos.

– Sinto muito por isso. – Eu não sabia o que eu deveria dizer, e talvez nada fosse adequado. Troquei de perna para mexer nos dedos do outro pé.

– Os necrotérios da cidade estão lotados, e os hospitais estão se tornando frigoríficos.

Senti uma dor aguda no pé que estava massageando. Fiz uma careta.

– O que aconteceu no Presbyterian?

O sargento Williams balançou a cabeça.

– Uma emenda explodiu na bomba de combustível do gerador quando eles estavam trocando os tanques. Oitenta hospitais grandes na cidade, mais centenas de clínicas vão fechar logo. Estamos há quase três dias sem eletricidade. Mesmo sem falha nos equipamentos, nenhum deles possui reservas para sobreviver mais de cinco dias com o gerador, e há pouco combustível. – Ele mergulhou o pão na sopa. – Pior ainda é a questão da água. O Departamento de Proteção Ambiental fechou os túneis 2 e 3 no reservatório Hillview quando um defeito no sistema indicou que esgoto havia vazado, mas quando descobriram que era apenas uma falha técnica, não conseguiram reabrir os túneis de novo. Genial. Os sistemas de controle estão ferrados, ou algo absurdo assim.

– Eles não podem fazer alguma coisa?

– Noventa por cento da água da cidade vem de lá. Eles terão que mexer nos controles do túnel, mas, mesmo assim, sem água corrente há alguns dias a essas temperaturas, os canos menores provavelmente já congelaram. Não vai demorar

para as pessoas começarem a pegar o gelo do rio East e beber aquela porcaria poluída. Oito milhões de pessoas desta ilha morrerão de sede antes de morrerem congeladas.

Parei de tomar minha sopa e apoiei os dois pés de novo no chão, apesar da dor que senti subindo minhas pernas.

– Onde está a cavalaria?

– A FEMA? – Ele riu, mas logo se controlou. – Eles estão fazendo o melhor que podem, mas não há contingente para resgatar sessenta milhões de pessoas. As redes de comunicação pararam de funcionar e eles nem sabem onde encontrar seus funcionários e seus equipamentos. Boston está tão mal quanto nós, e ainda teve aquela nevasca vinda do nordeste, e é a mesma história em Hartford, Filadélfia, Baltimore.

– O presidente não chamou o exército?

Ele suspirou.

– Até mesmo Washington está numa pior, filho. Não temos notícia deles há um dia, é como se eles tivessem caído em um buraco negro. Desde o pânico com a gripe aviária, o país se tornou um caos. Pelo menos até onde sabemos, e sabemos muito pouco.

– O senhor viu o exército?

– Eles apareceram, mas estão focados nos alvos não identificados, pensando que estamos em um tipo de guerra com *drones* e ainda estão em DEFCON 2 para proteger um país que está se desintegrando. Idiotas estão conseguindo causar uma guerra do outro lado do mundo enquanto estamos passando fome e congelando. E, ainda assim, ninguém faz ideia do que diabos aconteceu.

– Mas alguém fez alguma coisa.

– Sim, *alguém* fez alguma coisa.

Olhei ao redor na sala lotada.

– Minha família está em casa. Devemos sair e procurar um abrigo?

– Abrigar-se onde? Lá fora virou um deserto congelado, e ainda que vocês tivessem um lugar aonde ir, como chegariam lá? – Ele respirou fundo e esticou o

braço para segurar uma de minhas mãos. Foi um gesto íntimo que eu não estava esperando. – Vocês têm um lugar seguro e aquecido?

Assenti, balançando a cabeça.

– Então, fique lá, consiga água potável, espere. Vamos resolver isso. A Con Edison disse que o fornecimento de energia será reestabelecido em alguns dias, e, depois disso, o resto se resolverá. – Ele soltou a minha mão e se reclinou para trás para esfregar os olhos. – Mais uma coisa.

Soltei a colher e esperei.

– Mais uma tempestade está vindo, quase tão pesada quanto a primeira.

– Quando?

– Amanhã.

Fiquei olhando para ele.

Quase sussurrando, ele disse: – Que Deus ajude todos nós.

DIA 6: 28 DE DEZEMBRO

08:20

O bebê gritava sem parar em meus braços. Tentei segurá-lo, mas ele escorregava, ainda envolto em placenta. Eu estava sozinho na mata, minhas mãos imundas, cobertas por folhas, com terra embaixo das unhas. Esfreguei as mãos sem parar, tentando limpá-las, tentando segurar o bebê, mas ele continuava escorregando. *Meu Deus, não permita que ele caia. Por favor, alguém me ajude.*

Ofegando, eu me sentei na cama. Do lado de fora, havia uma luz fraca e acinzentada. *Nublado*. Nenhum som além do ronronar do aquecedor elétrico ao lado da cama. Lauren estava dormindo comigo, Luke acomodado entre nós. Ele estava acordado, olhava para mim e sorria.

– Oi, amigão – eu disse a ele delicadamente.

Eu estava suando, meu coração ainda acelerado, enquanto a visão do bebê escorregando ainda perturbava minha consciência. Eu me abaixei, beijei a bochecha gordinha de Luke e ele balbuciou e gritou. Estava com fome.

Lauren se remexeu, abrindo os olhos.

– Você está bem? – ela perguntou, piscando e apoiando-se em um dos cotovelos.

Ela vestia uma blusa com capuz cinza e estava coberta com vários cobertores. Eu me inclinei, procurei embaixo das cobertas e ela se retraiu de leve quando toquei sua pele quente com meus dedos frios. Delicadamente, escorreguei a mão para acariciar sua barriga. Onze semanas, talvez, mas a barriga de grávida ainda não aparecia. Ela sorriu e desviou o olhar.

– Ontem à noite... – Eu suspirei. – Foi horrível. Não conseguia parar de pensar em você.

– Porque sou horrível?

O aquecedor elétrico zuniu. Eu escorreguei a mão pelas costas de Lauren e a puxei na minha direção, beijando seu rosto. Ela estremeceu.

– Não, porque você é maravilhosa.

– Sou horrível, Michael. Me desculpe.

– Eu preciso pedir desculpa. Eu não estava ouvindo o que você dizia e eu te acusei de modo injusto.

Os olhos dela ficaram marejados.

– Não é sua culpa.

– Aquele rapaz, o Damon, perdeu a noiva no acidente do Amtrak. Ele me contou enquanto estávamos lá fora, cavando.

– Meu Deus.

– E me fez pensar que se eu perdesse você...

Luke gritou entre nós. Eu sorri para ele, lutando contra minhas lágrimas.

– Um segundinho, amigo, preciso conversar um pouco com a sua mãe, está bem? – Voltei a olhar para Lauren. – Você é tudo para mim. Sinto muito por não ter te escutado. Quando tudo isso acabar, se você quiser voltar para Boston, vou com você. Fico em casa com as crianças, você aceita o emprego que quiser, seja ele qual for. Só quero que fiquemos juntos, que sejamos uma família.

– Também quero isso. Sinto muito.

O abismo entre nós desapareceu, e ela se esticou para me beijar. Luke voltou a gritar.

– Certo, vamos preparar seu café da manhã. – Lauren riu e me beijou de novo.

*

O corredor principal havia se tornado um espaço comunitário, com sofás servindo como camas dos dois lados e cadeiras dispostas ao redor de duas mesas no centro. Alguém havia puxado uma estante, que servia como apoio para algumas luminárias, para o rádio e para a cafeteira. O aquecedor a querosene estava sobre uma das mesas, aquecendo o lugar.

O morador de rua havia partido, mas a jovem e suas crianças ainda estavam ali, dormindo em um ninho de cobertores no sofá em frente ao apartamento dos Borodin. Rebecca, a mulher do 315, passara a noite lá. A família chinesa estava na casa de Richard, e Tony passava as noites na sala principal da casa de Chuck, no sofá em frente de nosso quarto.

Quando me levantei, o rapaz, Damon, já havia improvisado um sistema de cordas e polias na escada, e havia organizado uma equipe de trabalho. O corredor do elevador estava cheio de galões com neve que eles estavam subindo para deixar derreter e separá-los para beber.

Esfregando os olhos para me livrar do sono, acenei para Tony quando ele apareceu pela porta da escada com dois baldes de neve. Eu parti em direção à cafeteira quente na estante.

Pam estava enchendo uma xícara, e ela a entregou a mim.

– Podemos conversar por um minuto? – ela sussurrou.

– Claro – murmurei, pegando a xícara enquanto ela me puxava para um lado. Bebi um grande gole de café.

– Você vai precisar tomar muito cuidado com Lauren. Desidratação e desnutrição moderadas podem causar um aborto.

– Claro que tomarei cuidado. – Tomei mais um gole de café.

– O bebê depende de você.

– Eu sei disso, Pam. – Naquele momento, eu me senti irritado. Eu estava fazendo tudo o que podia. – E agradeço pela preocupação.

Ela olhou em meus olhos.

– Você pode me procurar se alguma coisa...

– Pode deixar.

Ela assentiu e voltou a puxar a neve.

Rory e Chuck estavam sentados no sofá perto de nossa porta, brincando com seus telefones.

– Os celulares estão funcionando? – perguntei com esperança enquanto enchia a xícara de novo, feliz por mudar de assunto.

– Não exatamente – Chuck respondeu sem olhar para mim.

“*Mais hospitais devem ser fechados hoje*”, dizia o locutor do rádio, “*e a polícia de Nova York está chamando voluntários...*”.

– Não exatamente? Como assim?

– O rapaz me mostrou como usar um aplicativo de mensagem ponto a ponto. Estou instalando no telefone de Rory.

– Um aplicativo de mensagem ponto a ponto?

– Chama-se *mesh network*.

“*... neve e ventos fortes são esperados, atrapalhando os esforços do exército...*”

Bebi um gole de café e me sentei ao lado deles, inclinando o corpo para ver o que eles estavam fazendo.

Chuck pegou um chip de memória pequeno de trás do telefone de Rory, encaixou a bateria de novo e o ligou.

– Reunimos um monte de coisas úteis nisto – Chuck disse, segurando o cartão de memória entre os dedos. – O aplicativo de mensagens do cara é demais. Podemos enviar mensagem de texto um ao outro, diretamente de telefone a telefone, e também em uma rede de telefones, desde que estejamos a uma distância de algumas dezenas de metros. Não precisa da rede do celular. Tem até uma versão Wi-Fi dele.

“*Esta emissora de rádio será desligada às quatro da tarde de hoje devido ao tempo ruim que se aproxima e também à falta de alimentação de nossa estação de transmissão. Para continuar acompanhando as notícias de emergência, sintonize a...*”

– Pode baixá-lo em meu telefone?

Chuck fez um gesto em direção a uma caixa de plástico cheia de celulares na estante, embaixo da cafeteira. Cada um deles estava marcado com fita crepe.

– Já fiz no seu e deixei ele carregando, e vamos instalar no máximo de telefones que pudermos. Eles precisam estar destravados, e não funciona em todos os modelos, mas em boa parte deles.

– Acho que você já ouviu falar sobre a nova tempestade?

Ele assentiu.

– Mais 30 ou 60 centímetros de neve vindo em nossa direção. Vamos sair logo para ajudar a evacuar o Beth Israel e o Veterans para Bellevue. – Ele olhou em meus olhos. – Eles precisam de qualquer ajuda que conseguirem. Você pode vir?

Ele estava falando sobre vários hospitais grandes no lado leste, perto do Stuyvesant Town e do Alphabet City.

Pensei por um momento.

– Se a Lauren não se importar, sim.

O telefone que Chuck segurava emitiu um bipe. Ele começou a digitar algo.

– Tem certeza de que está a fim de ir? – perguntei a ele.

– Sim. O garoto vai ficar aqui, ajeitando todos os telefones e falando com os vizinhos.

Ele tentava usar a mão quebrada para segurar o telefone enquanto teclava com a outra. A mão machucada estava roxa e inchada.

Balancei a cabeça e então pensei em algo.

– Você foi ver Irena e Aleksandr?

– Já faz um tempo. Por que não vai ver como eles estão antes de sair? – Chuck apontou com a cabeça em direção à porta deles. – Ah, e mais uma coisa. Você sabe esquiar?

15:30

Começou a nevar de novo conforme o dia se transformava em escuridão absoluta.

Evacuar os hospitais Beth Israel e Veterans para o Bellevue foi uma tarefa muito mais metódica se comparada ao que enfrentamos no Presbyterian, na noite anterior. Foi um fechamento organizado, ou o mais organizado possível naquelas condições. Recursos de emergência e combustível estavam sendo concentrados em alguns dos maiores centros médicos. Os hospitais sabiam quando o gerador deixaria de funcionar e providenciaram as transferências com antecedência. Apenas os casos graves estavam sendo transferidos ao Bellevue, e o resto era encaminhado a centros de evacuação.

Chuck e eu esquiamos até lá, usando o equipamento que os ladrões tinham deixado nos armários. Não fomos os primeiros a ter aquela ideia. Um grupo grande de esquiadores havia aparecido nas ruas. Os nova-iorquinos estavam se adaptando depressa, e vimos todos os tipos de equipamento improvisado de neve no caminho, e até pessoas de bicicleta descendo a rua Seis.

Havia carros soterrados, mas algumas almas aventureiras tinham desenterrado os seus e se arriscavam na rua, mas a maioria voltava a ficar presa.

Depois dos pedidos no rádio, centenas de pessoas apareceram no Beth Israel para ajudar a polícia de Nova York e os serviços de emergência, deixando a Primeira avenida bastante movimentada. A cidade parecera deserta antes, mas a missão daquele dia havia inspirado um senso de camaradagem e união. A cidade ainda não fora derrotada.

Fui ao apartamento dos Borodin antes de sair. Parecia que nada havia acontecido. Irena e Aleksandr estavam sentados nos lugares de sempre –

Aleksandr dormindo no sofá com Gorby ao lado dele, Irena tricotando um par de meias. Ela até me ofereceu umas linguiças que havia preparado para o café da manhã, e claro que eu aceitei, juntamente com uma xícara fumegante de chá.

Os Borodin não queriam se unir a nós. Irena explicou que eles ficariam no canto deles, que já tinham passado por aquilo.

Na evacuação de hospital, encontrei o sargento Williams de novo. Ele buzinou e acenou de uma viatura da polícia enquanto eu subia a Primeira avenida e ele descia no sentido contrário.

*

– Está na hora de voltar? – Chuck perguntou quando os primeiros flocos de neve começaram a cair.

Nós havíamos feito sete viagens de ida e volta, e eu estava exausto.

– Sem dúvida.

Eles ainda estavam limpando a neve da Primeira avenida, e nós descemos até a esquina da Stuyvesant Town. Suas torres se assomavam no céu acima de nós. A placa de bronze na entrada relacionava uma centena de prédios residenciais naquele complexo, cinquenta mil pessoas dentro de suas paredes de tijolos à vista.

Eu sentia muita sede. A Cruz Vermelha havia chegado para entregar cobertores e mantimentos, mas tinham pouca água. Conseguimos uma garrafa cada, mas mesmo com a água que havíamos levado, não foi suficiente. O tempo havia esquentado cerca de quinze graus durante o dia – ainda estava frio, embora não tanto quanto antes, e eu estava suando, mas meu corpo esfriou depressa quando o sol começou a se pôr.

Pegamos nossos esquis do armário dentro do lobby do VA Hospital, no meio do caminho entre o Beth Israel e o Bellevue, nos preparamos e partimos de volta ao lado oeste. Tínhamos uma distância de pouco mais de 3 quilômetros pela rua 23. A nevasca se tornava mais pesada. Pela milésima vez, resisti à vontade de checar meu telefone celular para ver se havia recebido e-mails.

A evacuação tinha se tornado uma fábrica de boatos, e eu ouvia várias teorias diferentes a respeito do que estava acontecendo.

– O que você ouviu? – Chuck perguntou.

– Que o Air Force One foi abatido, e que os russos e chineses se uniram para invadir – eu disse. Com uma nova camada de neve, os caminhos para os esquis no meio da rua eram rápidos, e Chuck estava impondo um ritmo acelerado à minha frente. – As pessoas querem saber por que ninguém teve notícias de Washington, por que o exército não está nas ruas.

– Foi mais ou menos o que eu ouvi, mas a minha teoria preferida é a dos alienígenas – Chuck gritou, olhando para trás. – Eu estava com um grupo do Village que estava prestes a usar capacetes de papel alumínio para impedir os ETs de lerem nossa mente.

– Seria tão eficaz quanto qualquer coisa que esteja sendo feita no momento.

– A maioria das pessoas quer saber onde diabos está a ajuda de emergência. E estão com medo da próxima tempestade.

Esquiamos em silêncio por alguns segundos, olhando para a neve que caía e se intensificava.

– Está me assustando pra caramba também – confessei.

À frente, a rua 23 parecia um cânion congelado. Uma pista dupla de esqui, flanqueada por marcas de passos, desaparecia à distância para o centro da passagem. No meio da rua, a neve se acumulava mais nas beiradas, cobrindo os carros estacionados e era soprada em direção aos bancos de neve contra os prédios, às vezes cobrindo os toldos sobre o primeiro andar e também os andaimes. Canais eram cavados na neve em intervalos irregulares para portas e entradas, buracos feitos pelos animais humanos que lutavam para sobreviver no sofrimento.

Ao passarmos pela esquina da Segunda avenida, escutamos o barulho de vidro sendo quebrado, e uma multidão se materializou no escuro. Algumas delas tinham quebrado a vitrine de um supermercado, e o restante esperava enquanto os líderes retiravam os cacos nas beiradas.

Além da vitrine quebrada da Apple Store em Chelsea, eu não tinha visto nenhum saque, mas as pessoas deveriam estar ficando sem alimentos e sem água. Enquanto algumas se aproveitavam da situação, a maioria dos nova-iorquinos estava se controlando. Mas sem qualquer ajuda à vista, os amedrontados e famintos esperaram quatro dias para infringir a lei. Sob aquelas circunstâncias, era algo inevitável, e ver a situação acontecer dava asas a horrores que se escondiam em minha mente – as histórias de Irena sobre Leningrado, quando grupos de nômades começaram a atacar e a comer pessoas, e a polícia foi forçada a dar início a uma unidade anticanibalismo para combater tal ação.

Paramos e observamos à distância.

Longe de ser um grande empurra-empurra, aquele saque foi organizado, quase com pesar. Dois homem pararam para ajudar uma senhora a passar por cima do vidro quebrado da vitrine. Ao ver que observávamos, um deles deu de ombros.

– Fazer o quê? – ele gritou em meio à neve que caía. – Preciso alimentar minha família. Voltarei para deixar um pouco de dinheiro quando tudo acabar.

Chuck olhou para mim.

– O que você acha?

– O quê? Devemos tentar impedi-los?

Ele riu, balançando a cabeça.

– Quer pegar alguma coisa?

Eu olhei para o branco à nossa frente, em direção à minha casa e à minha família.

– Sim, devemos pegar tudo o que pudermos.

Nós soltamos os esquis, prendemos os equipamentos na mochila e entramos na fila de pessoas que esperava para entrar no mercado. Chuck pegou nossas lanternas de cabeça, e entramos pela vitrine. Pegamos sacolas de plástico e fomos para a parte dos fundos, onde estava mais escuro e havia menos pessoas.

– Qualquer alimento calórico, mas tente não pegar *junk food* – Chuck me

orientou.

Mesmo com as lanternas, foi confuso, e eu peguei o que consegui. Queria sair dali. Em poucos minutos, saímos pela vitrine da frente, carregando tudo o que conseguíamos. Meus dedos já estavam doendo de segurar as sacolas.

– Isso não vai ser divertido – reclamei. O vento estava mais forte, soprando a neve em nosso rosto. *Talvez tenhamos pegado coisas demais*. – Não sei se consigo carregar tudo isso até a nossa casa.

– Não faz sentido tentar esquiar com tudo isto – Chuck respondeu. – Vamos ter que caminhar, e talvez deixemos uma ou outra sacola no caminho, se ficarem pesadas demais.

Aquilo me deu uma ideia. Coloquei as sacolas no chão e peguei, embaixo das camadas de roupa, meu telefone, e tirei uma das luvas com os dentes. Abri um aplicativo de caça ao tesouro que havíamos usado no verão passado em uma excursão com a pré-escola de Luke. Soprando meus dedos para esquentá-los, toquei em alguns ícones.

– Precisamos descer a rua 23 – Chuck disse, franzindo o cenho. – Posso mostrar a você como mexer na bússola mais tarde, mas é melhor irmos...

Balançando a cabeça, eu olhei para ele.

– Deixe suas sacolas aqui e entre para pegar mais. Tive uma ideia. Você disse que o GPS ainda está funcionando, certo?

Ele assentiu.

– Qual é a ideia?

– Confie em mim, e entre de novo antes que o lugar seja esvaziado.

Ele deu de ombros, largou as sacolas e voltou para a loja.

Guardei meu telefone e peguei as sacolas dele e as minhas. Voltando para a Segunda avenida, longe das pessoas na loja, caminhei com dificuldade com neve na altura dos joelhos, carregando as sacolas. Parei na frente de uma loja de telefone celular que ainda tinha uma placa visível, fiz um buraco grande na neve e cuidadosamente olhei ao redor para ter certeza de que não havia ninguém olhando. Quando me senti seguro, enfiei algumas sacolas no buraco e as enterrei,

e então tirei uma foto da frente da loja usando o aplicativo de caça ao tesouro. Repeti o procedimento algumas vezes, em alguns pontos diferentes, até ter escondido todas as sacolas.

Chuck esperava por mim, com mais sacolas, quando voltei.

– Está pronto para explicar?

Peguei as sacolas da mão dele.

– Nós as enterramos na neve e marcamos a localização com este aplicativo de caça ao tesouro que tenho. Se pudermos adicionar uma imagem do local aos dados de localização, conseguiremos escavá-las depois.

Ele riu.

– Ciberesquilos, hein?

– Alguma coisa assim.

O vento soprou forte, quase nos derrubou.

– É melhor nos apressarmos.

Depois de entrarmos mais duas vezes no mercado, o local ficou totalmente vazio, e, conforme seguimos para casa, vimos lojas sendo saqueadas em todas as partes. Aquela tempestade estava gerando medo nas pessoas, despertando seu instinto de sobrevivência. A lei havia sido infringida, mas não a ordem. Regras eram feitas para manter uma comunidade, e, naquele momento, a comunidade precisava infringir as regras para sobreviver, estava aplicando seus próprios recursos de emergência.

Paramos em todos os lugares em que vimos saques, e pegamos todas as coisas úteis e comestíveis que encontramos e as enterramos do lado de fora conforme seguíamos em frente.

A escuridão e a neve teriam nos deixado amedrontados se não tivéssemos o software de mapas que Chuck havia instalado em nossos telefones. Ele nos dava uma ligação confortante, uma telinha brilhando que podíamos abrir de vez em quando para ver o pequeno ponto onde estávamos e, mais importante, onde estava a nossa casa.

Perto das dez da noite, chegamos à nossa porta dos fundos. Eu estava

exausto e com o corpo dormente por causa do frio. Tony e Damon estavam à nossa espera, mantendo a entrada desobstruída. Lá em cima, Lauren ainda estava acordada, e preocupada, claro, mas eu caí na cama sem nada dizer e dormi.

DIA 7: 29 DE DEZEMBRO

– A degradação graciosa é o problema.

Peguei uma tigela de cima do balcão.

– Como uma estrela pornô envelhecendo?

Chuck franziu o cenho, tentando entender a associação.

– Se você vir a tecnologia como sexo – ele disse depois de uma pausa –, sim, talvez. Precisa continuar funcionando mesmo se ficar velho.

– E muitas pessoas gostam *mais* de tecnologia do que de sexo.

– Você, por exemplo – ele respondeu sorrindo. Pegou uma tigela e gesticulou com ela na minha direção. – Tenho notado sua impaciência para ler seus e-mails.

– Rapazes, rapazes, temos crianças aqui – Susie disse, balançando a cabeça, mas sorrindo, cobrindo as orelhas de Ellarose com as mãos.

Estávamos todos juntos na casa de Richard, o único lugar grande o bastante para acomodar 28 pessoas ao mesmo tempo. Havíamos recebido mais três refugiados de outros andares, mas Rex e Ryan decidiram ir para os abrigos de emergência, para tentar encontrar uma saída. Richard se oferecera para preparar o almoço para todo mundo, por isso estávamos reunidos no primeiro andar amplo de seu apartamento.

– Quanto tempo vocês acham que ainda ficaremos sem energia elétrica? – Sarah perguntou, enchendo a minha tigela com o ensopado que ela fizera. Eram incríveis as coisas que Richard tinha conseguido encontrar.

– Eu diria mais uma semana. Essa nova nevasca termina até amanhã, e o sargento da delegacia de Nova York disse que a Con Edison já tinha resolvido as coisas, pelo menos em Manhattan. Devemos ter luz de novo para o Ano Novo.

Chuck ergueu as sobrancelhas. Eu dei de ombros. Ele era um pessimista, eu era um otimista, e não fazia sentido assustar as pessoas com as teorias dele.

– Pra mim, parece bom – Tony disse.

Estávamos tentando revezar a guarda na entrada, mas ele estava fazendo turnos ali mais do que qualquer pessoa. Eu havia acabado de enviar uma mensagem de texto a ele usando o aplicativo de mensagem de Damon, para que subisse e pegasse um prato de comida.

O vento soprava forte e uivava lá fora. Algumas emissoras de rádio ainda estavam transmitindo, e, por consenso, sintonizamos na New York Public Radio para ouvir as notícias constantes dos anúncios de emergência. Muitas delas eram pedidos de ajuda, mas nenhum lugar era perto o bastante para nós, e, de qualquer forma, era perigoso demais sair.

– O que quero dizer com degradação graciosa – Chuck continuou enquanto Sarah enchia seu prato –, é que não há mais maneiras de revertermos para tecnologias anteriores se algo falhar.

– Por exemplo?

– Como essa coisa da logística que prejudicou as entregas. Tudo é entrega "imediata", com alguns depósitos centrais localizados no meio do nada que não estocam quase nada.

– Então, não há estoque local se a cadeia de fornecimento for prejudicada?

– Exatamente. Os sistemas complexos que alimentam as cidades ficam por um fio. Se uma perna de apoio for retirada, a logística, por exemplo, puf – Chuck disse, soprando a própria mão. – Tudo cai. O ataque à cadeia de fornecimento é o ponto mais fraco.

– Então, deveríamos voltar aos cavalos e às carroças? – Richard perguntou, sentado ao balcão da cozinha com Damon, Chuck, Rory e eu. As crianças estavam espalhadas nos sofás com Lauren e Susie.

Chuck riu.

– Onde estão os cavalos?

– No campo?

– Não há mais cavalos, não como antigamente. A população quintuplicou desde a época em que seres humanos usavam cavalos para o transporte, e talvez tenhamos um quinto dos cavalos daquela época. E antes, oitenta por cento das pessoas moravam na zona rural e tinham como se sustentar. Agora, esses oitenta por cento moram nas cidades.

– Cavalos? – eu disse. – Está mesmo falando sobre cavalos?

Richard balançou a cabeça e sorriu.

– Vou deixar vocês se divertirem. Preciso ir ao banheiro. – Ele se levantou para sair.

Sem água encanada, começamos a usar apartamentos que arrombamos no quinto andar como latrina comunitária para manter um pouco a higiene. Recolhíamos a água que usávamos em baldes para acionar a descarga nos vasos sanitários. Richard pegou um balde de água que estava perto da porta quando saiu.

– Vou dizer qual é o problema – Damon disse. – Não existe uma estrutura jurídica.

– Você acha que advogados poderiam conter essa tempestade de neve? – Chuck riu.

– Não a nevasca, mas a cibertempestade, talvez.

Era a primeira vez que eu ouvia o termo “cibertempestade”.

Todos se calaram.

– Nova York não está sendo vencida pela neve. Já sofreu outras nevascas – Damon prosseguiu. – Está sendo vencida pela cibernética.

– E você acha que advogados poderiam conter isso?

Damon olhou para o teto e então de volta a Chuck.

– Você sabe o que é uma *botnet*?

– Uma rede de computadores que foi infectada para ser usada em um ciberataque?

– Isso, mas não apenas infectada. As pessoas podem permitir, voluntariamente, que seus computadores sejam usados como parte de uma

botnet.

– Por que fariam isso? – Chuck perguntou, franzindo o cenho.

Rory balançou a colher no ar.

– Há bons motivos alguém fazer parte de uma *botnet*.

Rory e Chuck podiam ser descritos como liberais, mas Chuck pendia um pouco mais para a direita.

– Está curtindo a comida de coelho? – Chuck perguntou, erguendo as sobrancelhas. Rory estava tentando manter a dieta vegana, comendo um prato de cenouras e feijões. – Talvez seja um bom momento para optar por uma fonte alimentar com mais octano.

– A dieta vegetariana é a melhor opção em situações de sobrevivência e, por enquanto, ainda temos outros alimentos além de salgadinhos – Rory respondeu, sorrindo. – E voltando às *botnets*, ataques de negação de serviço são uma forma justificável de desobediência civil, como uma versão cibernética de uma manifestação pacífica dos anos 1960.

– Você é o blogueiro do *Times* que cobriu o *Anonymous*, certo? – Damon perguntou.

Rory assentiu.

– Então, você apoia o que o *Anonymous* fez às empresas de logística, o que nos enfiou nessa bagunça? – Chuck perguntou de modo incisivo.

– Apoio o direito que eles têm defender e expressar seu ponto de vista – Rory respondeu –, mas não acho que eles tenham sido...

– Veremos o quanto você os apoia quando trancarmos você no topo do prédio no meio desta tempestade.

– Ei, vamos com calma – eu disse, erguendo as mãos.

– É criminoso, isso sim – Chuck disse.

– Na verdade, não é – Damon objetou. – E é isso o que quero dizer com estrutura jurídica.

– Então, é legal gerenciar uma *botnet* e usá-la para atacar?

– É ilegal *gerenciar* uma *botnet* – Damon explicou –, mas é perfeitamente

legal unir-se a uma, como indivíduo. Em ataques de negação de serviço, cada computador lança um comando *ping* a um alvo algumas vezes por segundo, e não tem nada de errado em instruir o computador a fazer isso. Mas controlar centenas de milhares de computadores e direcioná-los para fazer a mesma coisa é quando o problema começa.

– Então, é ilegal gerenciar uma *botnet*, mas legal unir-se a uma? Isso não faz muito sentido.

Damon deu de ombros.

– E o que é ilegal em um lugar é legal em outro. É possível contratar uma *botnet* pela Internet, pagar via PayPal, para atacar um concorrente. Como o FBI vai prender alguém no Khuzistão? Eles têm leis internacionais para lavagem de dinheiro, drogas, terroristas, mas poucas para o que envolve a cibernética.

Chuck franziu o cenho olhando para Damon.

– Precisamos cuidar para que quem mexe com essas coisas saiba que será localizado. Precisamos assustar essa gente.

– Usar o medo como arma? – Rory deu de ombros. – A dissuasão com base no medo é um resquício da Guerra Fria. É essa a sua ideia?

– Funcionou bem pra caramba por quarenta anos.

– E veja aonde nos levou – Rory disse, falando mais alto. – Uma democracia baseada no medo não é uma democracia. Medo dos comunistas, medo dos terroristas... nunca termina! Você sabe quem mais usou o medo para manter o controle sobre as pessoas? Stalin, Hitler...

– Que monte de babaquice de esquerda. Você quer culpar alguém? – Chuck apontou a família chinesa agrupada na escada no canto da sala. Então, ele abaixou a mão. – Quer saber? Estou com medo – ele continuou. – Estou com medo do que diabos possa estar acontecendo lá fora. *Estou* com medo.

Todos ficaram em silêncio, o único som era o do vento soprando lá fora.

– Vocês querem algo mais concreto para ter medo?

Todos olharam para a porta.

Era Paul, o invasor de alguns dias atrás, e ele apontava uma arma na cabeça

de Richard. Um grupo de homens apareceu atrás dele. Stan, o dono da oficina, estava com eles, também armado.

– Desculpem – Stan disse, olhando na direção de Chuck e Rory. – Mas também temos famílias. Ninguém precisa se ferir.

Paul empurrou Richard para dentro da sala e apontou a arma diretamente a Tony.

– Não queremos nenhum herói aqui, certo?

*

– Sinto muito.

O vento uivava lá fora. Estava escurecendo.

– Não é sua culpa, Tony. Eu pedi para você subir, lembra? E eu, com certeza, não queria um tiroteio com as crianças aqui.

Ele assentiu, sem se convencer.

Eles tinham entrado no prédio durante os poucos minutos em que ele ficou lá em cima e a entrada ficara vazia. Ao entrarem no apartamento de Richard, eles logo renderam Tony e tiraram o .38 de seu bolso. Deveriam estar de olho em nós há muito tempo.

– Poderíamos colocá-los para correr – Chuck sussurrou.

– Está maluco?

Lauren segurava Luke no colo e olhava fixamente para mim, pedindo para que eu ficasse parado. A ideia de levar um tiro na frente de meu filho era algo assustador. Tínhamos que deixar que eles levassem o que quisessem. Ainda que levassem tudo, ainda tínhamos o que havíamos escondido lá fora. Era melhor esperar tudo aquilo acabar.

– Calem a boca aí! – Paul gritou.

Ele estava sentado na porta com Stan, e eles tinham nos encurralado no canto oposto do apartamento. Conseguíamos ouvir o resto do grupo arrastando e puxando coisas pelo corredor. *Nossas coisas*.

– Não podemos permitir que eles levem tudo – Chuck disse baixinho. A cada barulho de objetos sendo arrastados e batidos, ele ficava mais tenso, xingava e

olhava para Paul.

– Chuck, não faça nada – sussurrei. – Está me ouvindo?

Chuck assentiu.

– Eu mandei vocês CALAREM A BOCA! – Paul gritou, agitando a arma na nossa direção.

Do lado de fora, ouvimos um grunhido, e algo pesado bateu no chão. Parecia que eles estavam arrastando o gerador. E então, silêncio. Paul mexeu no revólver, sorrindo.

A porta foi entreaberta e Paul se virou na direção dela.

– Vocês acabaram?

– *Inda não*.

O cano comprido de um rifle apareceu na fresta da porta, abrindo-a. Irena apareceu, segurando uma escopeta antiga de dois canos. Ela ainda vestia o avental de cozinha, manchado como sempre, com um pano de prato jogado sobre um dos ombros. Inclinada sobre a arma, ela passou pela porta, e o cano tremia enquanto ela tentava mantê-lo firme.

Paul e Stan se afastaram da porta, separando-se.

– Larga isso, vovó – Paul disse lentamente, apontando seu revólver na direção dela. – Não quero ter que acabar com você.

Aleksandr apareceu na escuridão atrás de Irena. As luzes estavam apagadas no corredor. Ele segurava o machado da caixa de emergência, e estava pingando sangue.

Irena mirou a arma bem no peito de Paul.

– Sabe quantas vezes levei tiros? – Ela riu. – Os nazistas e Stalin não conseguiram me matar. Acha que um verme como você conseguiria?

– Abaixe essa maldita arma, senhora! – Stan gritou, balançando a arma na nossa direção. – Vou atirar em um deles, juro por Deus.

Grunhindo, Aleksandr fez uma careta e parou ao lado da esposa.

– Acerte um fio de cabelo dela e eu como seu fígado no jantar enquanto você observa. Eu já matava idiotas como você antes de a vaca da sua mãe nascer.

– Estou avisando, vovó, abaixe essa arma! – Paul gritou, a voz hesitante.

Ele apontava a arma para a cabeça de Irena, mas olhava para a lâmina do machado suja de sangue que Aleksandr segurava.

Irena riu.

– *Tupoy*. Tão burro. Quer matar, não atire cabeça. – Ela estreitou os olhos. – Mire peito, mais doloroso, menos arriscado. – Sorrindo, ela expôs os dentes de ouro e começou a apertar o gatilho da arma. – Diga adeus, *dolboeb durak*...

– Certo, certo, pare – Paul choramingou, erguendo a arma.

Irena fez um gesto com o queixo para que ele soltasse a arma, e ele a largou no chão com um baque.

– O que está fazendo, porra? – Stan gritou. Ele apontou a arma a Irena. – Você nunca disse nada sobre esses psicopatas.

– Não apontar isso minha esposa – Aleksandr rosnou, dando dois passos decididos na direção de Stan, com o machado erguido. Stan largou a arma que segurava e se afastou, levantando as mãos para se proteger.

– Certo, certo! – eu gritei, levantei-me e corri na direção deles. Esticando o braço, fechei a porta atrás de Irena. – Onde estão os outros?

– Um, fim do corredor – Irena disse. – Morto, acho. Outros fugiram.

– Temos que ter certeza de que eles não estão mais aqui dentro – Chuck falou, pegando as duas armas do chão e enfiando a mão na jaqueta de Paul para tirar o .38 que ele pegara de Tony, e o entregou a mim. – Fique de olho nestes caras enquanto Tony, Richard e eu saímos para ver se eles realmente foram embora.

Chuck olhou para as pernas de Paul e sorriu de modo irônico.

– Parece que a *vovó* fez você molhar as calças.

DIA 8: 30 DE DEZEMBRO

Alguma coisa cheirava muito mal.

– Continuem andando.

Estávamos levando nossos prisioneiros à Penn Station, para entregá-los nas tendas da polícia de Nova York que tinham sido montadas ali. A nevasca se estendera noite adentro, e ainda nevava, mas bem pouco. Flocos de neve minúsculos caíam suavemente do céu nebuloso, e Nova York se transformara em uma tumba hibernal em tons de cinza e brancos.

O lixo começava a aparecer em meio à neve pristina, a maioria em sacos verdes e pretos, mas também coisas descartadas sem qualquer cuidado. Embalagens de papel e plástico rodopiavam em meio à neve nas rajadas de vento. Eu cheirava alguns sacos de lixo à beira da rua, tentando encontrar a fonte do cheiro nauseante, quando quase fui atingido por um esguicho de neve suja e amarronzada.

Percebi o que era, as pessoas estavam jogando seus dejetos pelas janelas: urina, fezes e qualquer coisa de que precisassem se livrar. A neve escondia o lixo, não o cheiro. As temperaturas naquele dia estavam abaixo de zero, e pela primeira vez fiquei feliz por estar frio.

Paul riu quando me encolhi para não ser atingido.

Quem jogou isso? Eu olhei para cima. O prédio à minha frente desaparecia no céu branco depois de vinte andares. Não era possível ver ninguém na parede imensa de janelas que se estendia sem fim.

– Continue rindo, idiota – Chuck disse. – Algo me diz que você vai se afundar na sua *própria* merda em breve.

Eu não disse nada, só fiquei olhando para as janelas. Não era frequente, para mim, olhar para cima enquanto andava na rua, e a imensidão do mundo acima de mim era surpreendente. *Tantas pessoas. Meu Deus, tantas pessoas.*

– Você está bem, Mike? – Tony perguntou.

Respirei fundo e me concentrei.

– Mais ou menos.

Depois de verificar nosso andar, Chuck liderara um grupo pelo prédio, para termos certeza de que os invasores tinham partido. A gangue de Paul invadira quase todos os apartamentos, levando o que podiam, e tinham tirado muitos alimentos e equipamentos de nosso andar. Irena e Aleksandr tinham conseguido impedi-los de levar tudo, e o gerador continuava ali.

O homem que Aleksandr acertara com o machado não havia morrido. Ele estava se remexendo e gemendo em uma poça escura de sangue quando nos aproximamos dele. Paul havia conseguido cobrir com faixas o ferimento profundo entre o ombro e o pescoço dele, mas ele havia perdido muito sangue.

Era o irmão de Paul.

Richard e Chuck tinham forçado Paul e Stan a dar seus nomes e endereços. Aleksandr e Irena haviam permanecido ali conosco, sem dizer nada, só olhando enquanto nós os interrogávamos. Paul estava claramente aterrorizado com a possibilidade de nós os deixarmos sozinhos com os Borodin. Ele respondera a todas as nossas perguntas quase de imediato. Eles não tinham arrombado o prédio; ele havia roubado as chaves do armário da entrada alguns dias antes.

– Quer subir a rua Nove? – Chuck perguntou, parando no cruzamento.

Eu balancei a cabeça, negando.

– De jeito nenhum. Vamos atravessar a rua Sete e ir reto. A entrada para as tendas da polícia fica naquele lado, e não quero ficar preso no meio da multidão na Penn.

– Certeza?

– Não vamos subir a Nove.

Chuck empurrava Paul diante de si. Damon também estava conosco,

ajudando o irmão ferido de Paul a andar.

Chuck, Tony e alguns outros se aventuraram, quando o dia raiou, até um endereço dobrando a esquina, que Paul havia fornecido. Eu me recusara a ir. A defesa havia se armado. Claro, as pessoas que estavam na entrada se recusaram a deixar Chuck entrar enquanto continuasse empunhando a arma e gritando por causa da comida roubada.

Tony sussurrou para mim que Chuck havia ameaçado levar Paul e Stan para a frente do prédio para executá-los se não devolvessem nossas coisas. Mas as pessoas pediram a Chuck para ir embora, dizendo que não sabiam de nada, e que havia familiares e crianças do lado de dentro.

O prédio ficava na rua Nove, e de jeito nenhum eu passaria por ele em nossa marcha em direção à Penn. Chuck estava de mau humor.

Seguimos em fila indiana pelo caminho cheio de neve no meio da rua 24 e então começamos a subir a Sete em direção à Penn. Todos os vidros do andar térreo estavam quebrados, e os montes de neve estavam cheios de lixo e resíduos. Havia muitas pessoas na rua naquele momento, agasalhadas, carregando mochilas e bolsas, indo para algum lugar, qualquer lugar. Esse tráfego humano se misturava a um rio de pessoas que subia a rua Sete. Ao nos verem com armas nas mãos e levando os prisioneiros, todos nos evitavam, mas ninguém parava para nos observar ou para perguntar o que estava acontecendo.

Quando chegamos à esquina da rua 31 com a Penn Station, vimos uma multidão. Milhares de pessoas estavam reunidas, gritando e se acotovelando. Alguém gritava em um megafone, tentando direcionar todo mundo. Em uma faixa pendurada acima da entrada norte, estava escrito *Alimentos de emergência*. A fila dobrava o quarteirão.

Tony e Chuck tinham amarrado as mãos de Paul e Stan para trás, e eles os seguravam com cordas. Chuck se inclinou para Paul e disse: – Quero ver você correr, imbecil, para eu dar um tiro na sua cabeça. Tente fugir para ver.

Paul olhava para os pés.

– Sigam-me – eu disse, fazendo um gesto para eles se enfiarem entre as

pessoas. Vi um grupo de policiais na porta principal do prédio comercial na Penn. Passando pela multidão, conseguimos chegar à primeira barricada.

– Preciso falar com o sargento Williams! – eu gritei para o policial que estava ali. Apontando Paul e Stan, acrescentei: – Estes homens nos atacaram, assalto à mão armada.

O policial levou a mão à arma enquanto observava Damon segurando o irmão ferido de Paul.

– Vocês precisam abaixar essas armas!

– Por favor, pode encontrar o sargento Williams? – pedi de novo. – Ele é meu amigo. Meu nome é Michael Mitchell.

O policial sacou a arma do coldre.

– Vocês precisam...

– Ele é meu amigo. Por favor, chame-o.

O policial deu um passo para trás e falou no *walkie-talkie*, e olhava para nós de vez em quando. Ele assentiu e então guardou a arma, acenou em nossa direção e abriu caminho.

– Sigam-me! – ele gritou mais alto que o barulho. – Vocês têm sorte por ele estar aqui. Mas terão que me entregar suas armas.

Chuck e Tony ofereceram as deles, e eu entreguei a ele o .38 que eu havia enfiado em meu casaco. Ele nos guiou por uma escada e pelo lobby principal até o refeitório em que eu já estivera. Deixamos o irmão de Paul aos cuidados de um dos paramédicos. O sargento Williams estava à nossa espera. O policial disse algumas palavras para ele e então deu um passo para trás.

O sargento Williams olhou para nós com olhos cansados.

– Vocês tiveram algum problema?

Pensei que ele nos levaria a algum lugar formal, para nos sentarmos a uma mesa e preencher papéis, e que levaria nossos prisioneiros a uma sala de concreto com vidro. Mas ele só fez um gesto para que nos sentássemos.

– Estes homens nos atacaram ontem à noite...

– Nós atacamos vocês? Vocês retalharam o meu irmão, Vinny, com um

maldito machado! – Paul gritou. – Animais malditos.

– Cale a boca – o sargento Williams ordenou. Ele se virou para mim. – Isso é verdade?

Eu assenti.

– Mas eles estavam mantendo a nós, nossas esposas e filhos, sob a mira de uma arma, roubando as nossas coisas. Não tivemos escolha...

Levantando a mão, o sargento Williams me interrompeu.

– Acredito em você, filho, de verdade, e podemos mantê-los por um tempo, mas não posso prometer nada no momento.

– Como assim? – Chuck perguntou. – Prenda-os. Vamos dar depoimentos.

O sargento Williams suspirou.

– Vou colher os depoimentos, mas não temos onde colocá-los. Esta manhã, a Penitenciária do Estado de Nova York está soltando os presos de crimes mais brandos. Temos alimentos, água, funcionários, geradores e não dá para abrir e fechar as celas de modo eletrônico. Tiveram que soltá-los. Quase trinta prisões esvaziadas. Deus nos proteja se eles soltarem algum dos malditos da Attica ou da Sing Sing.

– Então, vocês vão soltar estes caras?

– Vamos prendê-los lá em cima por enquanto, mas talvez tenhamos que soltá-los, dependendo de quanto isso durar. Mas se nós o soltarmos, não serão perdoados, apenas terão a situação postergada. – Ele franziu o cenho ao olhar para Paul e Stan. – Isso ou damos um tiro na cabeça deles no porão.

Ele está falando sério? Prendi a respiração, esperando.

O sargento Williams bateu a mão na mesa e riu alto.

– Vocês deveriam ter visto a cara que fizeram. – Ele riu para Paul e Stan. – Idiotas do inferno. – Ele voltou a olhar para nós. – O exército está aqui agora, tomando controle dos pontos de emergência. Mais tarde, a lei marcial será declarada. A partir de agora, se isso acontecer, vocês *levarão* um tiro, entenderam? – ele disse, voltando a olhar para Paul e Stan.

Os dois assentiram, e ficaram menos pálidos.

– Certo, Ramirez, leve esses dois daqui.

O policial que nos recebera segurou Paul e Stan pelos braços e os puxou da mesa, e os levou para fora do refeitório. Ele deixou nossas armas na mesa do sargento Williams.

– Desculpem, rapazes, é o máximo que podemos fazer agora. Aconteceu mais alguma coisa? – o sargento Williams perguntou. – A família de vocês está bem?

– Estamos bem, sim – respondi.

Pela primeira vez desde que entrei, olhei ao redor no refeitório. Antes, o lugar era muito movimentado, cheio de coisas, mas limpo, no entanto, em poucos dias, ele havia ficado imundo. Estava quase vazio.

Ao ver a minha cara, o sargento Williams imaginou o que eu estava pensando.

– Perdi a maioria de meus homens. Eles não morreram... alguns, sim, mas a maioria foi para casa. Não dormimos, não temos equipamentos. Graças a Deus, o exército chegou, mas, por enquanto, eles não contam com um décimo dos homens de que precisam.

– Você não vai ficar com sua família?

Ele riu.

– A corporação é minha família. Sou divorciado, meus filhos me odeiam e vivem em qualquer lugar que seja longe de mim.

– Sinto muito – murmurei.

– Aqui é o melhor lugar para mim, no momento – ele continuou, dando um tapa na mesa. – E pode ser que eu precise da ajuda de *vocês* antes que tudo isso termine.

– Temos uma coisa que talvez possa usar – Chuck disse.

– É mesmo? – o sargento Williams perguntou. – Têm algo que pode nos ajudar nessa bagunça?

Chuck pegou um pequeno chip de memória de dentro do bolso.

– Temos.

DIA 9: VÉSPERA DE ANO NOVO, 31 DE DEZEMBRO

– Vontade de se arriscar – Chuck disse, meio embriagado. – É esse o problema com os Estados Unidos, é por isso que estamos nessa bagunça.

– Por se arriscar? – perguntei.

– Sim – foi a resposta meio arrastada –, ou, melhor dizendo, nossa falta de vontade de se arriscar.

Estávamos no apartamento de Richard para uma festa de Ano Novo, com quase todo mundo do prédio, mais de quarenta pessoas. Depois da invasão e do drama do dia anterior, fixamos turnos de duas pessoas para vigiar a portaria, cada uma delas armada com um .38 e um celular que poderia transmitir mensagens de alerta a todos no prédio por meio da rede de Damon.

Uma luz, finalmente, havia aparecido no fim do túnel. As duas emissoras de rádio que ainda estavam transmitindo, a New York Public Radio e a New York Public Services, previam que a energia voltaria à região mais baixa de Manhattan dentro de um dia. O Corpo de Engenheiros do Exército havia chegado e eles estavam se dedicando ao conserto do que quer que fosse. Helicópteros grandes do exército sobrevoavam a cidade o dia todo, e o barulho e a comoção davam uma sensação de segurança, a sensação de que os caras importantes estavam aqui.

Continuávamos trazendo neve para derreter em nosso andar, saíamos para buscar suprimentos e fazíamos permutas com prédios vizinhos. Do lado de dentro, fazíamos o melhor que podíamos para limpar, decorar e cozinhar comida boa. Chuck ligou o gerador ao rádio e à televisão na casa de Richard e estava

passando vídeos e tocando música a partir do telefone de Damon. Havia flâmulas penduradas no teto.

Nós havíamos convidado o grupo do segundo andar, nove pessoas, para subir para a festa. Na invasão, dois dias antes, a gangue de Paul também havia roubado uma parte dos suprimentos deles. Eles estavam comemorando por Irena e Aleksandr terem sido heróis a ponto de impedi-los, um papel com o qual o casal de idosos não se sentia à vontade, mas aceitava com sorrisos e meneios de cabeça.

As pessoas estavam espalhadas em grupos, conversando; algumas até dançavam. Ao fechar os olhos, era quase como se tudo estivesse normal... quase. Ninguém tomava banho há cinco dias.

– Vontade de se arriscar? – Rory perguntou. – Ontem, você estava dizendo que precisamos de mais medo, e hoje você está dizendo que precisamos nos arriscar mais?

– Estou concordando com você – Chuck respondeu.

– Está? – Rory perguntou, surpreso.

– Pensei no assunto, e você está certo. O medo não é a resposta. Se tivermos medo de tudo, então teremos medo de fazer o que quer que seja, e isso quer dizer que vamos *abrir mão* de nossa liberdade. Você estava certo!

Além de onde Chuck estava, vi Susie e Lauren sentadas no carpete da sala de estar, segurando Luke e Ellarose juntos, ajudando-os a dançar. Todos pareciam felizes.

Chuck sorriu, pegou uma garrafa do meio da mesa e se serviu de novo. Estávamos sentados à mesa da cozinha de Richard, com vários de seus uísques mais refinados no meio.

– Há algumas semanas, em um de meus restaurantes – Chuck disse –, adivinhem quem entrou?

Lá vem uma das histórias dele.

– Quem?

– Gene Kranz.

Todos deram de ombros, exceto Damon.

– O chefe de missão da Apollo?

– Isso! Na época do Gene, eles se afivelavam a foguetes e acendiam o pavio com um charuto. Vocês sabem qual era a idade média de um chefe de missão durante o programa Apollo?

Ninguém sabia, mas aquela era uma pergunta retórica.

– Vinte e sete!

– E daí?

– E daí que, atualmente, as pessoas mal confiam que um cara de 27 anos consiga fritar um bife, muito menos pousar na Lua. Tudo precisa ser avaliado por um milhão de comitês, e sentimos medo de praticamente tudo. Simplesmente não estamos mais dispostos a aceitar riscos, e isso está matando este país.

– Exatamente – Rory concordou. – Temos medo de terroristas, então deixamos o governo começar a reunir informações pessoais sobre onde estamos e o que estamos fazendo, colocando câmeras em todos os lados.

– Não correr riscos – Chuck disse, balançando um dedo – é a mesma coisa que não ter liberdade.

– Mas se você não está fazendo nada de errado – eu disse –, não tem nada a temer. Não me importo em perder um pouco de privacidade em troca de segurança.

– É aí que você se engana – Rory contrapôs. – Você tem *tudo* a temer. Para onde essa informação está indo?

Eu dei de ombros. No negócio de contratos de mídia no qual eu trabalhava, nós reuníamos enormes quantidades de informação a respeito de consumidores online e as vendíamos às empresas. Eu não via nada de errado nisso.

– Você sabia que existem regras novas que dão ao governo o direito de ver tudo o que você faz online, ver tudo o que você acessa?

Neguei balançando a cabeça.

– Sempre que existe o menor indício de que o governo está limitando a possibilidade de os cidadãos comprarem armas, as pessoas enlouquecem porque

sentem que sua liberdade está sendo tirada, mas sobre essa nova lei que dá ao governo o direito de espionar todos os aspectos de sua vida, sem sua permissão... nem um pio. Uma violação clara da terceira e da quarta emendas, mas ninguém diz nada. – Ele respirou fundo.

– Você sabe o que é liberdade, de verdade? – Rory perguntou. – Liberdade é a liberdade civil, e a base da liberdade civil é a privacidade. Não ter privacidade significa não ter autonomia civil, que significa não ser livre. Vocês sabem por que eles não tiram as impressões digitais de todo mundo?

– Me parece uma boa ideia – Chuck riu.

– Porque uma vez que eles ficham suas impressões digitais – Rory continuou, ignorando Chuck –, você instantaneamente se torna um suspeito de todos os crimes. Eles vão cruzar suas impressões digitais em tudo que eles encontram em uma cena de crime. Você deixa de ser um cidadão livre e passa a ser um suspeito criminal.

– E as impressões digitais são apenas uma maneira de identificar você – Damon disse. – Localização, seu rosto em uma câmera, coisas que você compra... todas as suas informações pessoais criam uma impressão digital *digital*.

Chuck não se convenceu.

– Mas quem se importa de fato se o governo tiver um monte de informações sobre mim? Para que eles as usarão?

– Para que eles as usarão? A pergunta é *exatamente* essa. E se eles as têm, qualquer pessoa pode roubá-las – Rory respondeu. Ele apontou para mim. – E os aplicativos de novas mídias com os quais você trabalha são ainda piores.

Ergui minha mão.

– Ah, espera um pouco.

Estava claro que Rory agora estava ainda mais bêbado do que Chuck. Os olhos dele não se fixaram quando ele olhou para mim.

– Se você não está pagando por um produto, *você é* esse produto. Não é? Você não está vendendo toda a informação particular que consegue sobre os

consumidores a empresas de marketing?

Chuck balançou a cabeça, contrariado.

– Aonde você quer chegar com isso?

– Aonde quero chegar? – Rory perguntou, levantando-se da cadeira. Hesitou e tomou mais um gole de sua bebida. – Vou dizer aonde quero chegar. Nossos avós avançaram pela costa da Normandia para proteger nossa liberdade. E agora, porque temos medo e não estamos dispostos a aceitar o risco pessoal, estamos abrindo mão das mesmas liberdades pelas quais eles lutaram e morreram. Estamos entregando a liberdade porque sentimos medo.

Ele tinha um bom argumento.

Damon assentiu com a cabeça.

– Não se pode proteger a liberdade abrindo mão dela.

– Exatamente – Rory disse, sentando-se de novo.

Naquele momento, a música parou e uma voz foi ouvida no rádio.

"A cena é inacreditável, não sei nem como descrevê-la..."

– Vocês estão bonzinhos, meninos? – Susie perguntou, segurando Ellarose. Susie havia aparecido atrás de Chuck durante nossa conversa animada.

– Estamos apenas batendo papo – respondi.

Chuck olhou para cima e passou um braço pela cintura de Susie, inclinando-se para beijar Ellarose.

– Venham se sentar conosco – Susie disse a mim e a Chuck. – Estamos acompanhando a contagem regressiva pelo rádio.

"*... milhares de pessoas estão de pé na neve, segurando velas, lanternas, tudo o que conseguiram encontrar...*"

Eu me levantei, franzindo o cenho.

– De onde?

Ela riu.

– Da Times Square, claro.

Peguei minha bebida, fui até os sofás e me enfiei ao lado de Lauren, peguei Luke e o sentei em meu colo.

“*Pela primeira vez em mais de cem anos, desde que a Times Square passou a ser chamada Times Square*”, o radialista continuou, “*estamos tendo um Ano Novo escuro, mas apesar de os letreiros de neon estarem apagados, a luz ainda arde forte nos corações dos nova-iorquinos. As pessoas saem da escuridão por toda a parte...*”.

A sala ficou silenciosa, como se estivesse encantada. Do lado de fora, grandes flocos de neve apareceram na escuridão, iluminados brevemente pela luz de nosso santuário, e então sumiram, desapareceram na noite outra vez.

“*... a celebração oficial foi cancelada, e as autoridades recomendaram que as pessoas não se reunissem, mas multidões continuam chegando. Uma estrutura improvisada foi montada no meio da neve, uma tela de projeção e geradores...*”

– Lembre-se desse momento – sussurrei a Luke.

“*Faltando um minuto para a meia-noite, a multidão se reuniu espontaneamente para a execução de nosso hino nacional. Tentarei posicionar meu microfone...*”

Nós já conseguíamos escutar, acima do barulho e da estática, o som inconfundível de *The Star-Spangled Banner*. Todo mundo foi tomado pela emoção. Era o nosso hino, de outra época em que este país estava sob sítio, outra ocasião em que estávamos alquebrados, mas não caídos. As palavras se estendiam através do tempo, conectando-nos com o passado e com o futuro ao mesmo tempo.

E, então, o barulho de palmas e gritos.

“*Dez... nove... oito...*”

– Amo você, Luke – eu disse, apertando e beijando meu filho. Lauren também o beijou. – E também amo você, Lauren. – Eu a beijei e ela também me beijou.

“*... dois... um... Feliz Ano Novo!*”

O cômodo foi tomado por gritos de comemoração, e todo mundo se levantou para trocar beijos e abraços.

– Ei – alguém gritou –, olhem para lá!

Eu estava ocupado beijando Ellarose quando Chuck me cutucou no ombro. As pessoas se reuniam perto da janela do outro lado do apartamento. Damon apontava.

– As luzes estão acesas! – ele gritou, apontando para fora da janela.

Onde antes só havia a escuridão, os flocos de neve do outro lado da janela estavam sendo iluminados por trás com um brilho suave. Eu peguei Luke e me aproximei.

Não era só uma única lanterna ou poste: a rua inteira e o prédio a nossa frente estavam iluminados. Daquele ângulo, entre os prédios, não conseguíamos ver as luzes, apenas o reflexo tremeluzente. Mas quando olhei para cima, eu vi que até o céu estava iluminado. A eletricidade do quarteirão vizinho deveria ter sido restabelecida, conforme havia sido prometido.

– Vamos! – Chuck gritou. – Vamos descer e olhar!

– Vou ficar aqui com as crianças – Lauren disse. – Vocês podem olhar.

Eu a beijei de novo.

– Não, venha, quero que o Luke veja!

Numa corrida maluca alimentada pelo álcool em nosso organismo, todo mundo procurou um agasalho para vestir. Não estava tão frio lá fora, então peguei o que consegui encontrar, tomei o cuidado de agasalhar Luke muito bem, e então desci a escada com todos. No lobby, a porta da frente estava emperrada por causa da neve, portanto saímos com dificuldade, um a um, pela porta dos fundos, que dava para a rua 24.

Luke estava confuso, mas sorria em meio àquela movimentação.

Segurando o capacete com a lanterna, fui para o meio da rua 24. O caminho ali estava tomado pela neve e era difícil de atravessar, e na semiescuridão, segui com calma, olhando bem por onde pisava, segurando Luke com firmeza. Chuck e Tony estavam bem à minha frente, e Damon estava logo atrás. A luz se estendia pela Nona avenida à nossa frente, e já havia uma multidão na rua, olhando em direção à rua 23.

Começou a nevar mais pesado, e o vento também se intensificou. Ao dobrar a esquina, passei por Chuck, enfiei-me em um espaço aberto e olhei para cima, esperando ver luzes da rua, letreiros em neon.

Fui recebido por fumaça e chamas.

O edifício alto na esquina da rua 23 com a Nona estava em chamas. Luke olhou para cima, seu rostinho refletindo as chamas. Ao ver o fogo, ele sorriu e apontou, no exato momento em que alguém pulou entre a fumaça de uma janela do andar mais alto, navegando silenciosamente pelo ar, batendo na neve do chão com um baque.

As pessoas se afastaram, e então duas pessoas correram para tentar ajudar quem havia saltado. Lauren estava atrás de nós, e eu olhei em sua direção enquanto ela caminhava na nossa direção, ainda no escuro. Ela estava sorrindo, pois não conseguia ver o que eu via, mas quando olhou para meu rosto, ela soube que havia algo de muito errado acontecendo. Pulei sobre a neve até ela, segurei Damon e perguntei: – Pode subir com Lauren, levar Luke para cima?

Olhando para cima, horrorizada, Lauren finalmente viu as chamas. Eu a virei e olhei bem dentro de seus olhos.

– Volte para dentro, amor. Por favor, volte para dentro com o Luke. – Eu o entreguei a ela.

Não era apenas um prédio. Outras construções no quarteirão já estavam incendiadas. A fumaça preta subia em meio à neve branca, uma nuvem ominosa iluminada pelo inferno que a alimentava. Milhares de pessoas estavam reunidas nas ruas, estendendo-se ao longe até onde a vista alcançava, hipnotizadas pelas chamas. Não havia sirenes, nenhum barulho, apenas o rosnado e o crepitar do fogo em conflito com o frio e a neve.

Nova York congelava e ardia ao mesmo tempo.

DIA 10: ANO NOVO, 1º DE JANEIRO

– Tente não se mexer. – O homem no colchão gemeu e olhou para mim. Seu rosto estava muito queimado. – Vamos chamar ajuda.

Ele fechou os olhos, fazendo uma careta.

Nós havíamos transformado o lobby de nosso prédio em uma enfermaria improvisada, pegando os colchões dos apartamentos vazios e os colocando no chão. Pam cuidava das coisas com um médico e paramédicos dos prédios vizinhos. O odor forte de fumaça e de fogo se misturava com o cheiro de suor e de ferimentos não tratados. Levamos um aquecedor a querosene para o lobby, mas estávamos com pouco combustível, por isso começamos a usar diesel. Na queima, o fedor de fuligem e petróleo era forte.

Havíamos aberto a porta de trás para ventilar a área, e pelo menos o lado de fora estava mais quente. Pela primeira vez na semana, as temperaturas estavam acima de zero, e havia parado de nevar. O sol havia aparecido pela primeira vez em dias.

O incêndio do lado de fora ainda não tinha sido apagado, e agradeci a Deus por nosso prédio não ser do lado da construção atingida.

Um vento constante soprara a noite toda, levando as chamas de prédio a prédio. E aquele não era o único incêndio. A New York Public Radio anunciou que dois outros tinham começado em Manhattan durante as comemorações de Ano Novo – lareiras e velas não combinavam com álcool. As autoridades agora alertavam as pessoas para que não acendessem fogo dentro de casa e para que tomassem cuidado com velas e aquecedores.

É meio tarde agora, e além disso, o que as pessoas devem fazer se estiverem com frio e no escuro?

Muitas pessoas tinham saído correndo dos prédios em chamas na noite anterior. Muitas estavam sofrendo com intoxicação por fumaça, e algumas estavam gravemente feridas, mas a maioria saíra ilesa. Mas todas elas estavam morrendo de medo de ficar sem teto, no frio e no escuro, agarrando-se a todos os pertences que conseguiam carregar, tentando encontrar um lugar para ir.

Um comboio de utilitários militares Humvee havia aparecido da escuridão, passando por cima da neve pela rua 23, vindo da West Side Highway. Eles não podiam fazer nada em relação aos incêndios. Não havia água, não havia corpo de bombeiros nem serviços de emergência. Eles pegaram as informações que conseguiram, carregaram os feridos, e meia hora depois, eles já tinham partido, substituídos por um segundo comboio cerca de uma hora depois.

Um terceiro comboio não apareceu.

Um grupo composto por diversos bombeiros, médicos, enfermeiras da região e policiais de folga havia começado a tentar reestabelecer um pouco de ordem em meio ao caos. Sem saber o que mais poderíamos fazer, começamos a levar alguns dos feridos para o nosso prédio, e tentamos convencer os moradores de edifícios próximos a fazerem a mesma coisa.

Os novos sem-teto tinham pedido, chorosos, para serem levados aos apartamentos de seus vizinhos. Alguns tinham encontrado pessoas dispostas a recebê-los, e nós havíamos concordado em aceitar dois casais, mas os pedidos eram muitos. Parados, vimos pessoas começarem sua marcha solitária em direção ao Javits e à Penn, desesperançadas, aterrorizadas, muitas com filhos pequenos. Um fluxo constante de novos refugiados havia desaparecido escuridão e neve adentro, implorando abrigo a quem passava, muitos com apenas o telefone para usar como lanterna para afastar o breu.

Um barulho na entrada dos fundos chamou minha atenção para o presente de novo. Damon apareceu na porta com um rapaz de um dos prédios vizinhos. Ele fez um sinal para que Pam e eu nos aproximássemos. Segurava o que parecia ser um cachimbo enorme.

– Andei por aí pedindo analgésicos e antibióticos – Damon disse num

sussurro para Pam. – Quase tudo o que consegui foi só Advil e aspirina. – Ele abriu a mão e mostrou alguns frascos. – Foi difícil convencer o pessoal a nos dar até mesmo isto, mas tive outra ideia.

– E qual é? – Pam perguntou.

Damon hesitou.

– Podemos fazer com que elas fumem erva. É um ótimo analgésico. – Ele fez um sinal para o rapaz atrás dele, que devia ter cerca de dezesseis anos. Ele riu de um jeito esquisito e mostrou um saco enorme de maconha.

– Essas pessoas estão sofrendo de intoxicação causada pela fumaça, até queimaduras nos pulmões – Pam sibilou, com os olhos arregalados e fazendo um gesto para as vinte camas espalhadas no chão –, e você quer que elas *fumem*?

Damon pareceu desanimar.

– Espere! – o garoto disse. – Poderíamos fazer, tipo, *brownies*, ou não... chá! Poderíamos fazer chá. E acrescentaríamos um pouco de álcool para dissolver o tetraidrocanabinol. Deve funcionar.

A expressão de Pam se suavizou.

– É uma ideia excelente.

Alguém em uma cama gritou de dor.

– Você consegue fazer agora mesmo? – Pam perguntou.

O garoto assentiu, e Damon o instruiu a ir ao sexto andar e pedir a Chuck o que fosse preciso.

Naquele momento, o telefone celular de Damon apitou. Vinha apitando dia e noite indicando as pessoas que entravam na rede que ele iniciara.

Depois de mostrar ao sargento Williams como instalar o software, nós havíamos pedido a ele para fazer com que o máximo de pessoas começasse a usá-lo. Quanto mais gente estivesse conectada, mais longe as mensagens chegariam. Damon também havia ido a prédios vizinhos com chips de memória para explicar o procedimento. A julgar por todas as mensagens que chegavam, Damon e sargento Williams se mantiveram ocupados. A rede havia se espalhado. Centenas de pessoas já tinham entrado, e mais dezenas se conectavam a toda

hora. As pessoas estavam encontrando maneiras de carregar seus telefones, fosse por meio de geradores, células solares ou desenterrando e ligando carros. Alguém havia postado uma mensagem de longo alcance para todos os conectados, explicando como tirar a bateria de um carro e usá-la para carregar telefones.

– Pode transmitir uma mensagem pedindo mais maconha às pessoas de nossa região? –perguntei a Damon.

Ele assentiu e pegou o telefone.

– Podemos pegá-la no caminho de volta – acrescentei.

Íamos à Penn com os feridos em estado mais grave. Duas pessoas em nosso lobby precisavam de cuidados especializados, além do que conseguíamos oferecer. Tony estava prendendo mochilas com cordões a trenós improvisados que pudéssemos puxar pela neve, e eu me aproximei da escada do porão para ver como ele estava se saindo.

Quando cheguei, ele estava subindo, puxando a carga atrás de si. Luke o estava "ajudando"; na verdade só estava correndo por ali e juntando montes de garrafas vazias de água, mas ele adorava ficar perto do Tony, que o segurava com um braço enquanto subia a escada.

– As luzes de emergência se apagaram – ele disse quando me viu. Colocou Luke no chão e Pam se aproximou para levá-lo para cima. – É melhor começarmos a controlar a carga das lâmpadas dos capacetes. Não temos muitas pilhas.

Eu me abaixei para ajudá-lo a puxar os trenós. Nós os deslizamos até o lobby.

– Você é o melhor esquiador – Tony disse, pegando a mochila que ele havia prendido junto, demonstrando como usá-la. – Acho que você e eu deveríamos puxar os trenós e trazer Damon como substituto, para garantir.

Damon deu de ombros.

– Posso tentar, cara, mas surfar tem mais a ver comigo do que esquiar.

Como um cara de Louisiana, que estuda em Boston, acaba aprendendo a

surfar?

Eu suspirei. Quando vesti minha calça jeans naquela manhã, precisei prender o cinto um furo acima do normal. O lado bom é que eu parecia estar perdendo um pouco do peso sobre o qual Lauren vinha fazendo piadinha. Por outro lado, eu estava com fome – morrendo de fome, na verdade.

Morrendo de fome. Assustado, percebi que poderia sentir na pele o que isso realmente significava.

Tony, Damon e eu vestimos nossos casacos enquanto alguns dos paramédicos levavam os trenós para perto de duas pessoas com queimaduras graves que levaríamos à Penn. Apesar dos gemidos e queixas abafadas dos feridos, eles começaram a agasalhá-los para enfrentar o frio e fizeram o melhor que puderam para prendê-los nos trenós.

Abrimos a porta dos fundos e subimos no monte de neve acumulada do lado de fora. O céu estava cinza, e o ar parecia quente. Era incrível ver quão rapidamente o corpo se ajustava ao frio. Duas semanas antes, eu estaria reclamando da temperatura, tremendo, mas agora, alguns graus acima de zero, o clima era quase tropical.

De pé no monte de neve, nossas botas estavam no mesmo nível das cabeças das pessoas dentro do lobby. Alguém abriu a porta, e o resto empurrou para o topo do monte de neve os trenós com pacientes. Foi um trabalho desajeitado, e cada sacudida dos trenós rendia um grito de dor de seus ocupantes.

Em pouco tempo, calçamos os esquis e estávamos descendo a rua 24 em fila indiana, com Damon atrás. Os caminhos duplos abertos pelos esquis e pelos pés já estavam bem marcados, abertos nos montes de neve que margeavam as árvores, por isso nosso ritmo era rápido.

Virando a esquina da Nona, paramos para olhar para baixo. O prédio na esquina da Nona com a 23 era agora uma casca queimada, mas os incêndios ainda tomavam prédios mais abaixo na avenida e dobrando a esquina da rua 22. Uma fumaça preta e grossa manchava o céu cinza.

Conforme continuamos pela rua 24, o tráfego de pedestres se tornou mais

pesado, com pessoas seguindo em todas as direções, arrastando e carregando o que conseguiam.

O lixo que eu havia notado pela primeira vez dois dias antes se acumulava em pilhas nas calçadas e, como o tempo estava mais quente, cada rajada de vento trazia o fedor de excremento humano em meio à neve que se derretia. Nos montes maiores perto dos cruzamentos, ratos competiam com grupos de catadores humanos, vasculhando o lixo, à procura de alimentos.

Como se estivesse em transe, passei por aquela paisagem de degradação urbana, observando os rostos das pessoas, inspecionando suas sacolas, fascinado pelo que elas decidiam levar: uma cadeira aqui, uma bolsa de livros ali. Alguém, ao longe, carregava uma gaiola dourada.

Espiando pelas vitrines destruídas das lojas, vi pessoas reunidas ali dentro ao redor de barris de combustível e a fumaça preta saía pelas vitrines, escurecendo a lateral dos prédios. Apesar de tudo isso, fazia silêncio, só se ouvia o som de passos na neve e os murmúrios dos feridos que não tinham para onde ir.

– Espere um pouco! – Damon gritou.

Olhei para trás enquanto dobrava a esquina da Sétima avenida para começar a subir em direção à Penn, e vi Damon agachado no meio-fio perto de um monte de sacos de lixo, usando o telefone para tirar uma foto de alguém que estava sentado ali.

O que ele está fazendo? Não era o momento para começar se distrair. Eu diminuí o passo, sem querer deixá-lo para trás. Alguns segundos depois, ele voltou em nossa direção, correndo para nos alcançar e então nos passou e atravessou a neve para o meio-fio de novo. Procurou nos sacos, mas não encontrou o que procurava. Em seguida, correu para seguir ao meu lado.

– Aquele cara ali atrás está morto – ele explicou, ofegante. Mexeu no telefone, digitou algo, enquanto caminhava do meu lado.

Muita gente vai morrer, e se morrerem, não há nada que possamos fazer por elas. Sem me impressionar, eu não disse nada.

– Deveríamos fazer um registro do que aconteceu. Aquela pessoa pode ser o

ente querido de alguém – Damon continuou, terminando de digitar, guardando o telefone. – Criei um endereço de rede, conectado a meu laptop em nossa casa, para que as pessoas enviem fotos e digitem mensagens e explicações de onde, quando e o quê. Quando tudo isso acabar, talvez possamos ajudar a unir as peças, encontrar algumas soluções.

Respirando fundo, percebi que estava enganado. Ainda havia algo que podíamos fazer. *Podemos dar uma resposta aos entes queridos dessas pessoas*.

– Ótima ideia. Pode me mandar o endereço?

– Já mandei.

Outra coisa chamou a atenção dele, e ele saiu correndo.

– Garoto esperto – Tony disse atrás de mim.

Mais à frente, a multidão na Penn Station estava muito maior do que dois dias antes. A neve estava escura e toda pisada, coberta por lixo e excremento, e milhares de pessoas se amontoavam nas entradas. Soldados fardados tinham substituído os policiais de Nova York que cuidavam das barricadas, com as armas à vista e um posto de comando feito com sacos de areia escondendo armamento mais pesado logo atrás.

Conforme nos aproximamos, um murmúrio baixo se tornou uma algazarra de vozes, sirenes e instruções dadas com megafones. Paramos e observamos as pessoas.

– Não vamos conseguir entrar ali de jeito nenhum – Tony disse. – Talvez devêssemos tentar a Autoridade Portuária ou seguir para a Grand Central ou Javits?

– Esses locais estarão tão ruins quanto aqui. – Tive uma ideia e peguei meu telefone. – Vou mandar uma mensagem para o sargento Williams. Talvez ele possa enviar alguém aqui.

Enquanto eu enviava a mensagem, Damon e Tony soltaram as cordas, verificaram as condições de nossos passageiros e explicaram o que estávamos fazendo. Poucos segundos depois do envio da mensagem, antes mesmo de eu guardar o telefone, ele apitou indicando que uma mensagem havia chegado.

– Ele está mandando alguém até nós – eu disse. A rede de comunicação era salvadora.

Tony ajustou os cobertores em um dos trenós e sussurrou que alguém estava chegando.

– Você recebeu minha mensagem sobre... – comecei a perguntar a Damon, mas fui interrompido por um grito na multidão à nossa frente.

– Dê-me essa bolsa, cadela! – um homem grande gritou, puxando uma mochila de uma pequena mulher asiática.

Os cabelos loiros do homem estavam ensebados e cheios de *dreadlocks* que se balançavam ao redor da cabeça dele enquanto ele puxava a bolsa. A mulher se agarrava a uma das alças da bolsa, e ele a arrastou pela neve enquanto pegava um revólver de um bolso. A multidão ao redor deles se dispersou.

– Estou avisando – ele rosnou, puxando a bolsa com uma mão e apontando a arma com a outra.

A mulher olhou para ele, gritando algo em coreano ou chinês, mas soltou a mochila e caiu na neve.

– É a minha bolsa – ela chorou falando inglês, com a cabeça baixa. – É tudo o que tenho.

– Maldita cadela, eu devia dar um tiro em você agora mesmo.

Ao meu lado, Tony puxou seu .38 e o manteve escondido entre nós. Olhando para ele, balancei a cabeça e estendi a mão, impedindo-o. Com minha outra mão, levantei o telefone, acionei a câmera com o polegar, e tirei uma foto.

O homem sorriu para mim.

– Você gostou?

Tirei mais uma foto e toquei em alguns botões.

– Não, não gostei. Acabei de tirar sua foto e a enviei por e-mail para o oficial da delegacia que está vindo para cá.

O sorriso dele desapareceu, substituído por um semblante confuso.

– Nenhum telefone está funcionando.

– É aí que você se engana, e o que você está fazendo é errado.

A confusão se transformou em raiva. Eu não era muito afeito a conflitos, e nunca havia brigado na vida, mas o que é certo é certo.

– O fato de estarmos passando por um momento ruim não é desculpa para começar a machucar as pessoas.

O homem se endireitou. Ele era muito mais alto do que eu havia pensado.

– Você chama isso de *momento ruim*? Está brincando? É o fim dos tempos, irmão, e os chineses...

– O que você está fazendo não vai adiantar de nada.

– Vai adiantar para mim. – Ele riu.

– As pessoas saberão o que você fez. Cometeu um crime, e eu o registrei. – Levantei o telefone. – Um dia isso vai acabar, e você terá que responder.

Ele riu de novo.

– Com toda essa merda acontecendo, você acha que alguém vai se importar por eu ter roubado uma bolsa?

– Eu me importo – Tony disse, ainda escondendo a arma. Uma pequena multidão havia se reunido ao nosso redor.

– Mais alguém aqui se importa com essa cadela? – o homem gritou, olhando ao redor para todos. A maioria das pessoas olhava sem nada dizer, mas muitas assentiram, concordando com Tony.

– Não está certo – alguém gritou da parte de trás.

– Devolva a bolsa para a senhora – outra pessoa disse na parte da frente.

O homem balançou a cabeça.

– Danem-se todos vocês.

Ele se afastou de nós, e Tony começou a erguer a arma, mas o homem jogou a bolsa de volta para a senhora depois de pegar algumas coisas de dentro.

– Deixe que ele se vá – falei de modo hesitante, segurando Tony. Eu tremia. – Não vale a pena.

Tony resmungou, não concordava comigo, mas guardou a arma mesmo assim. A multidão começou a se dispersar de novo, e duas mulheres foram ajudar a mulher a se levantar. Várias pessoas se aproximaram de nós.

– Seu telefone está mesmo funcionando? – uma adolescente perguntou.

– Mais ou menos – respondi, fazendo um gesto na direção de Damon. – Você vai ter que perguntar a ele.

Minutos depois, muitas pessoas tinham se reunido ao redor de Damon. A maioria ainda tinha seus telefones celulares, mas descarregados. Ele começou explicando modos como as pessoas podiam carregar os aparelhos, e então começou a tirar os chips de memória de alguns dos telefones para copiar a rede de comunicação neles.

– Foi uma boa ideia fotografar o cara – Tony disse.

Observamos Damon orientar as pessoas a respeito da rede de comunicação. Ele era como uma versão cibernética de Johnny Appleseed.

– Sem polícia, as pessoas acham que podem se safar de tudo – Tony disse. – Tirar fotos pode fazer com que elas pensem duas vezes.

– Talvez – suspirei. – Melhor do que nada.

– *Bem melhor* do que nada, e melhor do que começarmos a trocar tiros.

Em meio às pessoas perto da barricada na entrada da Penn, vi certa comoção, e então o policial Ramirez apareceu, desviando de todos com dois policiais a seu lado. Quando ele se aproximou, balançava a cabeça negativamente.

– Não podemos receber mais ninguém.

Apontei os trenós.

– Essas pessoas são vítimas do incêndio da noite passada. Elas vão morrer se não conseguirem ajuda.

– Muitas pessoas morrerão – Ramirez murmurou, ajoelhando-se ao lado de um dos trenós e afastando os cobertores. Ao ver a extensão das queimaduras, ele fez uma careta e fechou os olhos, levantando-se.

– Certo, pessoal, peguem estes trenós – ele disse aos oficiais que o acompanhavam. Ele se virou para mim e acrescentou: – Vamos levar estes dois, mas depois deles, mais ninguém. Está tão mal ou pior lá dentro. – Ele apontou na direção da Madison Square Garden. – Compreende?

Eu assenti. *Já está tão mal assim*?

– Mais uma coisa – ele disse ao se virar. – Sabe aquele tal de Paul que vocês trouxeram? O irmão dele morreu ontem à noite devido aos ferimentos, e talvez tenhamos que soltá-lo.

– Soltá-lo? – Eu me lembrei do que o sargento Williams havia dito, mas ainda assim não consegui acreditar.

Ramirez deu de ombros.

– Eles soltaram todos os detentos de risco médio hoje. Não temos onde deixá-los. Estamos segurando, por um ou dois dias, todo mundo que está sendo trazido. Estamos colhendo os depoimentos, mas precisamos soltá-los até que tudo termine.

Esfregando o rosto, olhei em direção ao céu. *Meu Deus, se o irmão do Paul morreu e eles o soltarem...*

– Quando?

– Talvez amanhã, talvez depois de amanhã... – Ramirez disse antes de desaparecer em meio à multidão.

Eu o observei se afastar, e senti um desconforto em meu estômago faminto.

– Você está bem?

Era Damon. As pessoas ao redor dele haviam partido. Ele tinha encerrado a aula sobre a rede de comunicação.

– Não muito.

Tony também havia escutado o que Ramirez dissera, e vi que ele levou a mão ao revólver que mantinha no bolso.

Damon nos observou por um momento.

– Um pouco antes de aquele cara atacar a senhora, você estava perguntando alguma coisa, se eu havia recebido mensagens de alguém?

Eu ri.

– Ah, sim.

– O que queria saber?

– Alguém enviou um e-mail dizendo ter erva para nós?

– Sim, recebi duas mensagens.

– Ótimo, porque eu adoraria fumar um baseado agora.

DIA 11: 2 DE JANEIRO

– Dois dias. Talvez três.

– Só dois dias?

Chuck assentiu.

– E Ellarose ainda não come de tudo – Susie acrescentou, aninhando o bebê em seus braços. – Ela parou de mamar fórmula infantil há pouco tempo. – Ela suspirou e olhou para baixo. – Não que tenhamos tido opção.

Eu pensei em mencionar o aleitamento materno, mas era esquisito. De qualquer modo, as calorias seriam de Susie, e ela já estava muito magra.

Lauren havia notado a falta de algumas coisas no dia anterior, quando saímos, e descera para ajudar Pam com as vítimas queimadas. Estávamos no apartamento de Chuck e Susie fazendo um inventário, sentados no sofá que ficava no meio da sala de estar. Luke corria de um lado a outro com os óculos de visão noturna de Chuck, gritando e apontando para nós.

– Cuidado com isso, Luke – eu disse, pegando os óculos.

Ele tentou pegá-los de volta, então vasculhei uma bolsa que estava perto do sofá à procura de outro objeto. Peguei um tubo de papelão e entreguei a ele, que o enfiou na boca.

Um dos celulares estava ligado servindo de rádio, usando um aplicativo que Damon havia encontrado. No dia anterior, Manhattan tinha apenas duas rádios oficiais ainda em transmissão, mas, naquele dia, nós havíamos descoberto que dezenas de emissoras locais haviam surgido; eram estações “piratas”, operadas por cidadãos da região, e cada uma delas transmitindo em um raio de alguns quarteirões.

“O país todo está em ruínas”, dizia Jike Mike, o locutor da rádio pirata na qual sintonizamos, ao fundo.

Chuck olhou para mim, perplexo.

– Você viu que acabou de dar um sinalizador a seu filho, certo?

– Mike, por favor, seja mais cuidadoso! – Lauren exclamou, passando por mim para pegar o sinalizador de Luke.

Ele gritou, mas então viu Tony no corredor e correu até ele. Lauren balançou a cabeça olhando para mim.

– Me desculpe – eu disse, ainda em choque. Eu ainda não tinha aceitado que aquilo poderia se arrastar por mais tempo; uma parte de mim estava convicta de que a eletricidade voltaria a qualquer momento e poria fim ao jogo de sobrevivência que estávamos jogando. – Só temos comida para mais dois dias?

Chuck silenciou o celular sobre a mesa de centro.

– Cerca de dois dias se continuarmos dividindo nossos alimentos com todo mundo de nosso andar. – Temos... – ele olhou para o teto, fazendo um cálculo de cabeça –, trinta e oito pessoas aqui agora, mais quatro no andar térreo, na enfermaria. Não podemos continuar dividindo o que temos. As pessoas andam roubando nossas coisas. Isso tudo não vai terminar em um, dois ou três dias, apesar do que está sendo dito.

A emissora de rádio oficial do governo ainda anunciava que a companhia de eletricidade de Nova York voltaria a abastecer a Con Edison e a parte baixa de Manhattan no dia seguinte, embora mais ninguém acreditasse nisso.

Nas primeiras notícias reais que tivemos a respeito do que estava acontecendo fora de Nova York, soubemos que um grande incêndio havia arrasado o sul de Boston, e que Filadélfia, Baltimore e Hartford estavam quase tão destruídas. Mas Nova York era a única cidade sem água, pelo menos por enquanto. Não tivemos notícias sobre Washington, mas boatos davam conta de que a Europa também estava em maus lençóis, ainda sem Internet.

Haviam confirmado que um tipo de ciberataque à infraestrutura fora a causa principal da queda dos sistemas, mas ninguém sabia precisar de onde vinham os

ataques. Os servidores do comando e controle, espalhados por todo o mundo, a maioria dentro dos próprios Estados Unidos, estavam sendo desligados, um por um.

O exército norte-americano ainda mantinha o DEFCON 2, uma condição que indicava forte possibilidade de ataque iminente, mas não determinava a origem nem a autoria de tal ofensiva. O exército continuava procurando entidades desconhecidas que haviam invadido o espaço aéreo norte-americano pouco antes das primeiras ocorrências de falta de energia. As emissoras piratas especulavam que as cidades do centro-oeste tinham sido invadidas como em um *Amanhecer violento* cibernético.

A notícia era interessante, mas havia se tornado irrelevante para a nossa situação naquele momento.

– Alguma coisa está errada – Chuck continuou. – Quando Paul e aqueles caras entraram aqui, Paul disse que havia roubado as chaves na entrada. Mas nenhuma chave sumiu, o Tony foi confirmar. Alguém deve tê-los deixado entrar.

– Então, o que vamos fazer? – perguntei.

– Precisamos começar a nos preparar para o que vem por aí. Não podemos mais tentar salvar o mundo. – Chuck ergueu a mão, impedindo uma objeção de Susie. – Precisamos *nos* salvar.

– Não podemos assumir tudo. Começaríamos uma guerra em nosso próprio prédio.

– Não estou sugerindo isso. Acho que devemos dividir o que temos e explicar para as pessoas que elas estão por conta própria daqui em diante. Com as coisas que enterramos lá fora, conseguiremos nos manter.

– Se nós conseguirmos encontrá-las – respondi. Parecera uma ideia inteligente no momento, mas depender daquilo para sobreviver parecia muito arriscado.

– Então, vamos sair e ver se conseguimos recuperá-las. Mas *não podemos* dividi-las nem contar a ninguém.

– Isso não está certo – Susie disse, mas com menos convicção dessa vez.

– A coisa vai ficar *feia* – Chuck disse. – Já está feia, e até aqui fomos bonzinhos. Não podemos mais continuar assim. – Ele olhou para mim. – Peça a Damon para enviar uma mensagem convocando uma reunião no hall.

– Para quando?

– Para o fim do dia, quando o sol se puser. – Esticando um dedo, ele voltou a ligar o rádio.

"... Acho que não estamos recebendo notícias de Washington e Los Angeles porque eles foram arrasados por um ataque biológico, uma nova forma daquela gripe aviária. Não vou sair de Nova York, de jeito nenhum, e se alguém bater à minha porta, tenho a minha escopeta..."

*

Damon havia montado seu centro de controle no fim de nosso corredor, entre a porta da minha casa e a porta da casa de Chuck e Susie. Dois telefones celulares estavam presos à parte de trás de um laptop com cabos USB.

– Agora, eles estão ligados à nossa rede – ele explicou. – Fui a prédios vizinhos, e temos pessoas por perto mantendo os telefones celulares ativos na rede em pontos fixos. – Ele apontou para um bloco de papel com anotações e diagramas esboçados. – Normalmente, no terceiro andar dos prédios nas esquinas dos quarteirões, e mais ou menos a cada cem metros. Algo como nossas torres de celular. Elas nos dão pelo menos alguns pontos fixos próximos da rede, mas o resto é totalmente dinâmico.

Eu havia pedido para ele explicar o que estava fazendo, mas há muito eu não estudava engenharia.

– Não se trata de uma rede de distribuição radial, ou *hub and spoke*, como estamos acostumados, mas ponto a ponto, e usa um roteamento reativo em vez de proativo.

Não entendi.

– Como as pessoas aprendem a usá-lo?

– Funciona como um *proxy* transparente na parte inferior da pilha de rede – ele explicou, rindo ao ver meu rosto. – É totalmente transparente ao usuário. Ele

simplesmente usa seu telefone celular normalmente, mas precisam acrescentar um novo endereço de rede para as pessoas de sua lista de contatos.

– Quantas pessoas estão conectadas até agora?

– Difícil dizer com exatidão, mas já são mais de mil.

Damon havia criado um endereço de texto “rede 911”, enviando-o para os telefones celulares do grupo do sargento Williams. Estava recebendo dezenas de chamadas por hora.

– E as pessoas têm enviado fotos?

Estávamos pedindo a todos na rede para enviar imagens de pessoas feridas ou mortas, e de crimes que estavam sendo cometidos, juntamente com bilhetes, detalhes, qualquer coisa em que pudessem pensar. Tudo estava sendo arquivado no *hard drive* do laptop de Damon.

– Sim – ele respondeu –, já são dezenas. Estou animado por estar funcionando, mas as fotos... – Ele abaixou a cabeça.

– Talvez você deva parar de vê-las.

Ele suspirou.

– Difícil não ver.

Pousei a mão no ombro dele.

Damon se mantivera ocupado. Também havia criado um repositório de rede no qual as pessoas pudessem compartilhar dicas úteis, técnicas de sobrevivência para o inverno, e aplicativos de celular, como uma rádio de emergência, lanterna, bússola e mapa da cidade de Nova York, tratamento de queimaduras, e primeiros socorros. A primeira dica de sobrevivência foi enviada pelo próprio Damon: como destilar maconha para usar como analgésico líquido.

– Você está fazendo muitas coisas boas, Damon, salvando vidas. Não há mais nada que possa fazer.

– Talvez pudéssemos ter evitado tudo isso se tivéssemos sido capazes de prever o futuro.

– Não se pode prever o futuro, Damon.

Ele olhou em meus olhos, totalmente sério.

– Um dia, vou mudar isso.

Parei, sem saber o que fazer, e então decidi simplesmente nos levar de volta ao presente.

– Você poderia enviar uma mensagem de texto a todos que estão em nosso andar, e pedir a eles para virem para uma reunião aqui, ao pôr-do-sol?

– Reunião para quê?

Respirei fundo e olhei para o fim do corredor. Tony estava brincando com Luke, um tipo de esconde-esconde.

– Chame todo mundo. Precisamos conversar.

*

– Nenhum de nós pensou que duraria tanto tempo assim – Chuck explicou. – Vamos continuar dividindo a eletricidade, o aquecedor e as ferramentas, mas vocês terão que assumir mais responsabilidade sobre si mesmos.

– E o que isso significa? – Rory perguntou.

Contei trinta e três pessoas, todas espremidas no hall. Apesar de nosso esforço, o local estava ficando sujo. Havia manchas nos montes de cobertores e lençóis que cobriam os móveis. Ninguém tomava banho há uma semana ou mais, e a maioria ali não trocava de roupa desde então. O cheiro forte de suor permeava o ar. A área da latrina no quinto andar já havia se tornado uma grande sujeira, e o fedor parecia passar pelas paredes e pelo piso. O carpete estava ensopado por trazer neve para o hall, e essa umidade havia se alojado nos móveis e nas almofadas. O bolor subia pelos rodapés.

– Estamos tentando dizer que vocês terão que começar a procurar seus alimentos – eu disse, olhando para a sujeira embaixo de minhas unhas. – Não podemos continuar dividindo o que temos.

O que *Chuck* tinha seria o mais correto de se dizer, e todos compreendiam o que estava sendo dito. As pessoas com quem Chuck e Susie dividiriam suas coisas, e as pessoas com quem eles não dividiriam nada.

– Então, é cada um por si? É isso que você está dizendo? – Richard perguntou.

Ele havia abrigado vários refugiados do fogo e ainda estava hospedando a família chinesa. Eu havia começado a sentir algum respeito por ele, ainda que relutantemente.

– Não, ainda precisamos dividir as tarefas de proteção do prédio, de água e limpeza, mas no caso da comida, precisamos começar a racionar o que temos aqui. – Eu apontei os alimentos que havíamos empilhado na mesa de canto. – Dividimos o que podemos oferecer. Acrescentem isso ao que já têm. Vocês precisarão começar a procurar as filas de alimentação de emergência.

Mais cedo, Chuck e eu havíamos saído e usado meu aplicativo de caça ao tesouro para recuperar parte dos mantimentos que havíamos escondido. Tinha funcionado. Conseguimos desenterrar três sacolas na primeira tentativa.

– Cada pessoa leva um pacote – Chuck disse, apontando de novo a pilha sobre a mesa –, e então, vocês se tornam responsáveis pelo tempo que levarão para consumi-lo. Depois disso, terão que sair para encontrar mais.

Balançando a cabeça, Richard caminhou até a mesa e pegou um monte de pacotes.

Chuck o observou.

– O que você está fazendo?

– Somos dez pessoas. – Richard indicou a família chinesa e os refugiados no canto do hall. – *Nós* vamos dividir o que temos. – Ele voltou a seu apartamento de mau humor, e seu grupo o seguiu.

Rory pegou quatro pacotes, olhando para Chuck enquanto o fazia. Ele e Pam haviam abrigado um casal do andar de baixo.

– Acho que agora sabemos quem são nossos amigos.

– Sinto muito – eu disse –, mas precisamos estabelecer um limite.

Rory olhou para Damon, mas virou-se em silêncio e voltou para seu apartamento, levando Pam e o outro casal com ele.

Das nove pessoas que restaram, três eram da jovem família que Damon havia levado com ele e seis pessoas dos apartamentos dos andares inferiores. Eles murmuraram um agradecimento e pegaram os pacotes.

Chuck, Damon e eu entramos no apartamento de Chuck para preparar o jantar, e Tony desceu as escadas.

– Tudo correu bem – falei depois de uma pausa.

– Quero erguer uma barricada no nosso lado no hall – Chuck disse. – Não quero que ninguém além de nós volte a entrar aqui.

– Você acha que isso é uma boa ideia? – Damon perguntou.

Meu telefone apitou indicando a chegada de uma mensagem do sargento Williams. *Tivemos de libertar Paul e Stan. Nós os alertamos para que não se aproximem de vocês, mas fiquem atentos. Eu não pude fazer mais nada*.

– Sim – respondi ao Damon, lendo a mensagem de novo antes de entregar o telefone a Chuck. – Acho que uma barricada é uma boa ideia.

Damon olhou para mim enquanto Chuck lia a mensagem, tenso.

– E precisamos de mais armas – Chuck disse entredentes.

DIA 12: 3 DE JANEIRO

Estávamos reunidos ao redor da mesa de centro no apartamento de Chuck, olhando para a tela do laptop de Damon. Lauren estava sentada ao meu lado com Luke acomodado entre seus joelhos. Ele brincava com uma espátula. Ellarose estava chorando no colo de Susie, mas ficou quieta e então soltou um pum. Ela começou a gritar de novo.

– Acho que é sua vez de limpar – Susie disse para Chuck, entregando Ellarose a ele. – Vou tentar encontrar roupas limpas e água.

Chuck cheirou o traseiro de Ellarose, mas deu de ombros quando não sentiu cheiro nenhum. Havíamos contornado os primeiros dias sem fraldas descartáveis usando toalhas, mas não estávamos conseguindo reciclar as fraldas improvisadas.

Ellarose se aquietou quando Chuck a embalou, murmurando uma canção de ninar, com um locutor de rádio falando de um modo monótono ao fundo. *"Se você pretende sair em busca de auxílio de emergência hoje na região central, a Cruz Vermelha avisa para que evite a Penn e o Madison e procure uma das estações menores."*

Nós tínhamos um balde de fraldas em um dos apartamentos de latrina no andar de baixo, cheio de alvejante, mas para secá-las, era preciso pendurá-las perto do aquecedor a querosene. Não era uma solução agradável a todos.

– Usando a força do sinal dos telefones celulares que estabeleci em pontos fixos – Damon explicou –, posso triangular a posição de qualquer pessoa na rede de comunicação em nosso bairro.

– Você os encontrou? – perguntou.

Damon meneou a cabeça.

– Mais ou menos, supondo que eles estejam conectados, o que podemos supor. – Ele apontou vários pontos pulsantes na tela do mapa no qual ele vinha trabalhando a noite toda. – Os endereços de rede são como números de telefone, e quando as pessoas os criam, elas normalmente ligam seus nomes. É uma rede aberta, então, qualquer pessoa com um pouco de habilidade técnica consegue ver todo mundo no momento. Os endereços de rede que estou localizando usam nomes como “Paul” ou “Stan” e recentemente estiveram em nosso bairro.

– Eles não desconfiarão de que poderemos localizá-los se estabeleceram conexão?

Damon deu de ombros.

– Duvido que eles saibam que nós demos início à rede. As pessoas estão apenas compartilhando agora... tornou-se viral por conta própria. De qualquer modo, as pessoas costumam não pensar nesse tipo de coisa.

– E eles não parecem ser muito espertos – Chuck acrescentou. – Você pode criar um tipo de alerta para o caso de algum deles chegar a uma distância de menos de um quarteirão daqui?

Damon desviou os olhos da tela.

– Posso fazer isso, mandar uma mensagem de texto a todos.

– Não para todos – Chuck disse. – Só para o nosso grupo. Não confio em todo mundo.

– Então, vocês acham mesmo que alguém de nosso andar está envolvido com Paul e o grupo dele? – Lauren perguntou. – Não consigo imaginar quem...

– Alguém permitiu a entrada ele – Chuck respondeu. – Não demos a falta de nenhuma chave, certo, Tony?

Tony assentiu.

– E como eles sabiam que nós estaríamos no apartamento de Richard naquele grupo? Sorte? Acho difícil.

– Quem você acha que foi?

– Não sei – Chuck disse, balançando a cabeça. – Não conheço os casais dos andares de baixo, e Rory...

– Rory? – Lauren perguntou. – Está falando sério?

– Ele é amigo do Stan, e conhece bem aquele lance de *Anonymous*, hackers, criminosos...

– Eles não são criminosos – eu disse.

Chuck balançou a cabeça.

– Bem, o que vocês acham?

– E o Richard?

Lauren bufou.

– Qual é o seu problema, Mike? Ainda está com ciúme?

– Foi ele quem nos reuniu na casa dele – respondi.

– E alimentou todo mundo, com muita generosidade, pelo que me lembro.

Chuck levantou uma mão, segurando Ellarose com a outra.

– Ei! Estamos só especulando. Só estou dizendo que alguma coisa está errada, e precisamos manter segredo sobre essa ferramenta de localização. – Ele se virou para Damon. – Então, podemos encontrar qualquer pessoa, até mesmo em nosso prédio?

Lauren balançou a cabeça.

– Esse é o tipo de comportamento idiota que colocou o mundo nesse caos, para começo de conversa. – Ela pegou Luke no colo e saiu do apartamento. Chuck coçou a cabeça, esperando a porta se fechar depois da saída de Lauren, e olhou para Damon de novo.

Damon olhou para ele também.

– Enquanto eles estiverem em nosso bairro e na rede, sim, podemos localizá-los.

O rosto de Ellarose ficou vermelho, e ela recomeçou a gritar. Chuck a levantou e cheirou seu traseiro de novo.

– O que foi? – ele sussurrou a ela, e então virou-se para nós. – Vocês se importam?

Ele queria conferir a fralda dela.

– Claro que não – Damon e eu murmuramos.

Chuck deitou Ellarose na mesa de centro ao lado do laptop. Quando ele afastou a fralda, pensei que veria uma mancha marrom, mas só vi uma assadura feia e bem vermelha. Parecia dolorida e inflamada, e Ellarose gritou. Chuck fechou os olhos e então disse: – Vocês podem me dar alguns minutos? Precisamos conversar mais sobre isso, mas eu tenho que... – Ele titubeou.

– Sem problema – Damon disse, pegando o laptop.

Assaduras naquelas condições sem higiene era perigosas. Susie não conseguia produzir muito leite devido ao estresse, e o organismo de Ellarose não estava se adaptando aos alimentos que oferecíamos. Estava perdendo muito peso, mas não havia muito que pudéssemos fazer. Eu conseguia enfrentar qualquer dor ou desconforto, mas as crianças...

Olhei para a porta fechada.

– Acho melhor eu conversar com a Lauren. – E eu queria ver o Luke.

DIA 13: 4 DE JANEIRO

– Ponha isso sobre seu nariz e sua boca – ofereci a Chuck, estendendo-lhe uma bandana. Eu já havia amarrado uma em meu rosto, e não era por causa do frio, mas pelo fedor que estava do lado de fora.

A temperatura havia subido para quase dez graus acima de zero, e sob o céu claro e sob a luz do sol, a neve derretida havia transformado os caminhos marcados no meio das ruas em rios de sujeira amarronzada.

Nós havíamos deixado os esquis de lado para aquela exploração, optando pelas grossas botas de borracha. O cheiro era tão forte quanto nas latrinas do quinto andar.

– O argumento que Lauren levantou ontem é válido – continuei enquanto observava Chuck amarrar o tecido. Com bandana e óculos de sol, ele parecia um criminoso.

Lauren havia me passado um sermão, na noite anterior, a respeito de montarmos nossa própria agência de espionagem. Apesar de precisarmos ficar de olho em Paul e Stan, ela foi incisiva em dizer que não deveríamos espiar outras pessoas sem que estas soubessem. Por mais que eu tentasse, não consegui afastar a desconfiança a respeito dos motivos dela, pensando que ela poderia estar tentando esconder algo de mim.

Ela me fez prometer que eu conversaria com Chuck.

– É errado espiar nossos vizinhos – continuei meio desanimado. – É exatamente o que estávamos dizendo ser o problema do governo.

– Você não quer saber onde Paul e Stan estão?

Demos mais alguns passos na neve granulada às margens do caminho encharcado, afundando nela até o tornozelo, a cada passo. De vez em quando,

meu pé descia ainda mais e eu tinha que tirá-lo com cuidado, geralmente acabando com um monte de neve suja dentro da bota. Meus pés estavam ensopados.

– Claro, mas não é a mesma coisa de espiar nossos vizinhos.

– Qual é a diferença se sabemos que um deles está do lado dos vilões?

– Porque você *não* sabe – respondi. – Está vendo conspirações, tirando a liberdade de alguém para alimentar sua paranoia.

– Paranoia, né? Olha quem está falando. Você ainda está achando que Lauren está tramando algo pelas suas costas.

Suspirei, mas não disse nada. Caminhamos em silêncio por um quarteirão.

O tempo quente havia motivado as pessoas a saírem, e algumas andavam sem rumo, mas a maioria procurava alimentos. Pelas vitrines quebradas das lojas, vimos pessoas vasculhando as prateleiras vazias, procurando coisas deixadas para trás. Os moradores estavam se esforçando para deixar os sacos de lixo empilhados, e havia montes deles crescendo nos cruzamentos, unidos pela neve soprada pelo vento e pelos detritos.

Percebi que havia cabos saindo de carros enterrados e entrando pelas janelas do primeiro andar de alguns apartamentos mais adiante naquela rua. Era outra ideia de Damon: ligar os carros e usá-los como geradores. A ideia havia se espalhado pela rede de comunicação.

– Sabe de uma coisa? Precisamos de criminosos – eu disse.

– *Precisamos* de criminosos?

– A sociedade precisa. Sem eles, estaríamos arruinados.

Chuck riu.

– Sou obrigado a ouvir isso.

– Qualquer jogo que simula a sociedade é mais robusto quando um elemento criminoso é incluído.

– Simulação, é?

– Os criminosos forçam a sociedade a melhorar. Eles atacam os fracos, obrigando-nos a fortalecer nossas instituições e redes.

– Então, eles são os lobos e nós somos os carneiros?

– Mais ou menos isso.

O marcador mais próximo que apontava os mantimentos enterrados no meu aplicativo de caça ao tesouro era na esquina da Oitava avenida com a rua 22, e peguei meu telefone para conferir o mapa outra vez. O vento começara a ficar mais forte, e estremeci, indicando que tínhamos que descer a Oitava.

– Sem uma determinada quantidade de pessoas para se aproveitar das outras, a sociedade simplesmente não avança – continuei.

– Parece um negócio ruim para quem sofre na mão dos criminosos.

– Mas é um bom negócio para a sociedade de modo geral. Não estou dizendo para não pegarmos e punirmos os criminosos. Só estou dizendo que precisamos deles.

Estávamos nos aproximando do ponto onde as sacolas estavam enterradas.

Chuck balançou a cabeça.

– Boa teoria, mas espere até encontrar um criminoso em um beco escuro. Depois disso, pode me dizer o que acha, de verdade.

– Os criminosos ajudam a sociedade a se *desenvolver* – continuei. – A escravidão era legalizada quando Colombo chegou aqui, por isso você não o julga, mas ele seria um criminoso nos dias de hoje. E Gandhi foi um criminoso quando infringiu as leis do sal na Índia. Os dois são heróis agora. Os criminosos ajudam a aumentar os limites.

– Então, você está comparando Paul a Gandhi?

Bufei.

– Não, mas há criminosos que admiro.

– Quem, o Al Capone? – Chuck riu.

– Talvez aqueles hackers do *Anonymous* – respondi.

Chuck balançou a cabeça.

– Pode ficar com seus criminosos.

Nós havíamos chegado ao local, e peguei minha câmera e a foto que eu havia tirado do local onde havíamos enterrado nossa carga. Peguei a pá da minha

mochila.

– Aqui. – Caí de joelhos e comecei a cavar. Depois de retirar bastante neve com movimentos rápidos, a pá bateu em alguma coisa. Afastei a neve com a mão protegida pela luva e encontrei a ponta de uma sacola de plástico, e puxei. Uma sacola lotada de mantimentos apareceu.

Chuck riu e pegou a sacola de mim.

– Legal. Eu me lembro dessa... carne e salsichas. Pote de ouro!

Escavei a neve com as mãos, encontrei mais duas sacolas e as puxei. Eu estava prestes a dizer a Chuck que acreditava que as outras estivessem cheias com os mesmos produtos, quando vi que uma multidão havia se reunido ao nosso redor.

– Como vocês sabiam que isso estava aí? – um deles perguntou. Ele parecia não se alimentar há uma semana. – Dou um milhão de dólares por essas sacolas. Sou gerente de fundos de multimercados. Juro que posso pagar.

Chuck levava o .38 no bolso da parca. Quando ele se virou, vi que ele segurava a arma, prestes a sacá-la.

– Chuck, não... – comecei a dizer quando vi, pelo canto do olho, algo brilhar.

Com um golpe firme, acertaram uma tora de madeira na cabeça de Chuck, que tombou para a frente, caindo de cara no chão como uma boneca de pano. A sacola que ele segurava se abriu e o conteúdo se espalhou, e a multidão atacou como cães famintos, segurando a mochila de Chuck para arrastá-lo para fora do caminho, deixando uma mancha vermelha e escura na neve no ponto em que a cabeça dele bateu.

DIA 14: 5 DE JANEIRO

– Ele perdeu muito sangue.

– Vai ficar bem? – O rosto de Susie estava banhado em lágrimas.

Chuck retomara e voltara a perder a consciência várias vezes ao longo do dia, e mal sabia quem éramos quando acordou de vez. Nós o havíamos deitado na cama que ele dividia com Susie no quarto do casal, depois de levá-lo de volta ao prédio.

– Acho que sim – Pam respondeu, sentindo a pulsação dele. – Seus batimentos cardíacos estão fortes e regulares, o que é bom. Ele precisa dormir e ingerir muito líquido... – Ela hesitou.

– O que foi? – perguntei.

– E ele precisa comer o máximo que puder.

Por um momento, ninguém disse nada.

– Obrigado, Pam, vamos cuidar para que ele coma – respondi, por fim.

Deixando Susie com Chuck, acompanhei Pam até a porta e passamos pela barricada no nosso lado do hall.

O hall permanecera vazio o dia todo. Nos últimos três dias, desde que havíamos deixado clara a gravidade da situação da comida, todos estavam saindo cedo para esperar na fila da comida e da água em um dos postos de auxílio. A Cruz Vermelha estava distribuindo um pacote de comida por pessoa por dia, aproximadamente o índice calórico indicado para um dia, e depois de três dias, as outras pessoas de nosso andar – o grupo do hall, aqueles com Rory e aqueles com Richard – haviam aumentado os mantimentos, sobrevivendo com porções muito pequenas, enquanto os nossos alimentos já estavam quase esgotados.

Como a situação havia mudado depressa.

Susie estava preparando um mingau de arroz para o jantar, usando quase todo o resto de nossa comida, e ninguém no resto do andar estava disposto a compartilhar depois de Chuck ter deixado claro que não dividiríamos com eles.

Nós tínhamos a esperança de recuperar o alimento que havíamos enterrado na rua, mas perdemos tudo no ataque do dia anterior. Entre os cuidados com as crianças, com Chuck, Damon controlando a rede de comunicação e Tony se responsabilizando pela segurança, ninguém no grupo tinha as cinco ou seis horas necessárias para ficar nas filas de alimentos ou procurar mais uma de nossas sacolas.

Ninguém nunca tinha me dito que a fome causava dor. Eu estava cuidando para que Lauren e Luke consumissem a maior parte dos meus alimentos, e, às vezes, a fome era só um incômodo, mas, com frequência, era uma dor intensa que fazia meu estômago arder, impossibilitando a concentração. O pior era à noite. A falta de alimento estava se traduzindo em falta de sono.

Suspirando, eu me sentei em uma cadeira perto de Damon. Ele estava quase grudado ao laptop que usava como centro de controle da rede de comunicação. Parecia que ele só precisava de uma ingestão constante de café para sobreviver, mas o café também já estava quase acabando.

– Então, as pessoas simplesmente pegaram o telefone e começaram a tirar fotos? – ele perguntou.

– Isso provavelmente salvou nossa vida – respondi, balançando a cabeça. – Você salvou a nossa vida.

Quando Chuck fora golpeado na cabeça, eu jogara minha comida para a multidão e me ajoelhei para ajudá-lo, agarrando uma de suas pernas enquanto os agressores arrancavam sua mochila. Mexendo nos bolsos dele, eu havia tentado pegar a arma, mas ela caiu na neve. O cara que havia acertado Chuck com a tábua tentara me agredir também, e eu me encolhera na neve, erguendo as mãos para me proteger.

Naquele instante, alguém havia gritado “Pare!”, erguendo o telefone para tirar uma foto. O homem se agigantara à minha frente, segurando o pedaço de

madeira acima da cabeça, hesitando, e então, outra pessoa acabou registrando uma foto, também com o celular. Por estar sendo observado, o agressor se afastara, largando a tora e se apressara a pegar os alimentos.

Procurando na neve, eu havia encontrado a arma enterrada embaixo de Chuck, e acabei guardando-a em meu bolso. Eu enviara uma mensagem de texto dizendo que precisávamos de ajuda. Tony e Damon chegaram poucos minutos depois. Até lá, a multidão já havia se dispersado, e nós levamos Chuck de volta ao apartamento como um saco de batata, e o ferimento de sua cabeça sangrara sem parar.

– Mídia social como ferramenta para salvar vidas... não seria a primeira vez. A propósito, tenho fotos do cara que atacou você e o Chuck.

– É mesmo?

A rede de comunicação era incrível, mas, até ali, a conexão estava lenta e instável.

– Alguns hackers no East Village encontraram uma maneira de fazer o upload do software de rede sem fio, e agora se espalhou. Dezenas de milhares de pessoas já se conectaram.

No dia anterior, não aparecera imagem alguma de nosso incidente. Eu me levantei e observei a tela.

– Você o reconhece?

As imagens estavam granuladas, mas reconhecíveis.

Um homem grande com uma jaqueta xadrez vermelha e preta e um chapéu de lã ameaçando uma figura patética, encolhendo-se na neve. Minha cabeça estava virada na imagem, e eu mantinha uma das mãos erguidas para tentar conter o golpe, mas o rosto do homem estava totalmente exposto.

Damon aplicou o zoom.

– Somos nós. – Eu não tinha visto direito no momento do ocorrido. *Onde eu já tinha visto o homem antes*? – Ei! Ele é um dos caras da oficina lá embaixo.

Eu me lembrava de tê-lo visto perto do armário de Chuck quando nós o esvaziamos. Ele estava conversando com Rory.

– Tem certeza?

Olhei de novo com mais cuidado. *É, sem dúvida, o cara com quem Rory estava falando naquele dia.*

– Absoluta.

Damon balançou a cabeça.

– Os malditos estão nos perseguindo. Vou abrir um mapa de rede para ver se consigo filtrar esse cara, para ver se um desses nós coincidem com a localização de Stan ou Paul.

– O Rory já voltou da fila da comida?

Damon digitou durante alguns segundos antes de responder.

– Ainda não, por quê?

– Por nada. – Eu não queria alimentar mais boatos.

Damon olhou para mim com uma cara estranha, mas deu de ombros e continuou trabalhando.

– Pode acrescentar um alerta de texto se algum desses caras estiver a menos de cem metros de nós?

– Vai ser complicado fazer em tempo real, com toda a demora, mas, sim, mais ou menos.

Eu estremeci e me cocei.

Uma rajada de vento frio entrou pelo hall, mesmo com o aquecedor a querosene ligado no máximo. A temperatura voltara a cair. Eu não tinha saído, mas depois da neve derretida no dia anterior, a queda repentina para menos de zero de novo havia transformado as ruas em rinques de patinação, como uma pista congelada de obstáculos.

– O que mais está acontecendo?

– Eu me conectei com aqueles hackers no East Village, e eles já criaram um tipo de Twitter de rede e estabeleceram outras estações-base como a minha. As pessoas estão criando vigilância nos bairros, postos de troca, estações de carga, denúncias de crimes... a comunicação é a chave para a civilização.

– Hackers, huh?

Damon balançou a cabeça de um lado para o outro, ainda digitando no teclado, e então parou para coçar a cabeça e olhar para mim.

– Estou usando o termo “hacker” em seu sentido original de brincar com códigos, de criar, não abusar. Os hackers têm fama ruim. Eles não tiveram nada que ver com isso.

– Aqueles caras do *Anonymous* admitiram ter atacado as empresas de logística, o que causou metade dessa bagunça.

Damon coçou a cabeça de novo.

– Eles não fizeram isso.

Ele parece bem seguro disso. Chacoalhei a cabeça e deixei para lá.

– Está congelando aqui – reclamei, me cocei de novo e estremeci quando outra rajada de vento me atingiu.

– A janela no fim do hall ainda está aberta, desde ontem, quando estava quente – Damon respondeu, inserindo códigos em sua máquina. – Por que não vai fechá-la?

Assenti e me levantei. Fiquei tentando imaginar até que ponto Damon estava envolvido com o *Anonymous*.

DIA 15: 6 DE JANEIRO

Havia um teto de estrelas brilhantes acima de nós.

– Não pensei que houvesse estrelas em Nova York – Damon disse, inclinando a cabeça para trás para ver todas elas. – Pelo menos, não essas do céu.

Olhei para cima.

– Toda a Costa Leste não tem produzido muita poluição nas últimas duas semanas, e o tempo frio ajuda.

Aquela era a primeira vez que eu subia à cobertura desde que tudo começara, e a camada densa de estrelas que nos recebeu era surpreendente. A noite sem lua era um fator a ser levado em consideração, mas, ainda assim, eu só tinha visto tantas estrelas em noites no interior do Estado.

Parecia que os deuses olhavam para baixo, regozijando-se por verem a luta de Gotham logo abaixo.

– Tem certeza de que quer fazer isso hoje à noite? – Damon perguntou.

Olhei para a escuridão entre os prédios.

– Esta é a noite perfeita. E, além disso, não temos muita escolha, não é?

Lembranças das aulas de catecismo tomaram minha mente. Aquela noite era a epifania, a noite em que os reis magos seguiram as estrelas para trazerem seus tesouros ao menino Jesus. Estaríamos usando nossa própria magia para encontrar o tesouro naquela noite, e eu esperava que as estrelas, e os deuses, fossem gentis.

– Você é um homem sábio, Damon?

– Sou esperto, com certeza, só não sei se sou sábio.

Tremendo de frio, puxei o zíper de meu casaco até o pescoço. Irena e Aleksandr tinham tirado a neve da cobertura para derreter e armazenar água potável; era mais fácil carregar um balde um lance de escada abaixo do que subir

seis. A temperatura havia caído; estava bem abaixo de zero. Um vento forte começou a soprar, e caminhamos em direção ao muro no fim da cobertura para nos protegermos.

– Preciso de um homem sábio hoje.

Damon riu.

– Então, sou sábio.

Observei Nova York lá embaixo.

– Não tem luz em lugar nenhum – sussurrei a mim mesmo. Daquele ângulo, a única evidência de que existia uma cidade ao nosso redor eram os trechos escuros que ocultavam as estrelas, os prédios próximos.

Com a luz de sua lanterna de cabeça, Damon se ajeitou em um banco encostado no muro e começou a mexer em meu celular, ligando cabos nele e em meus olhos de realidade aumentada. Quando a empresa de tecnologia mandou os óculos para mim, antes de tudo aquilo começar, pensei que poderia me divertir com eles; ao que parecia, eles poderiam salvar nossas vidas.

Eu me sentei ao lado de Damon, encolhendo-me para me proteger do frio, e olhei para a escuridão, imaginando os milhões de pessoas espalhadas por ela.

– Você sabe o que guiou o século 20, estabeleceu a base para o mundo como está hoje? – perguntei.

Damon mexeu em seu telefone.

– O dinheiro?

– Bem, sim, isso e a iluminação artificial.

Sem a iluminação artificial, os seres humanos eram animais assustados que se recolhiam em seus ninhos quando o sol se punha. A escuridão acordava os monstros que existiam em nosso imaginário coletivo primitivo, as criaturas embaixo da cama, que desapareciam com um toque no interruptor e a luz quente de uma lâmpada incandescente. As cidades modernas eram repletas de estruturas enormes e surpreendentes, mas sem a iluminação artificial, quem desejaria habitar seus interiores escuros?

– Você sabia que foi a luz que tornou Rockefeller um titã?

Como empresário, sempre tive fascínio pelo modo com que os homens de negócios tinham começado.

– Não foi o petróleo?

Damon havia colocado os óculos de realidade aumentada e virava a cabeça de um lado para outro, resmungando em voz baixa. Alguma coisa não estava dando certo.

– O petróleo foi a moeda, mas a luz foi o produto. Foi o desejo da América pela luz que colocou Rockefeller, bem, nos holofotes.

Damon riu com minha piada espontânea.

– Antes de ele começar a fornecer querosene a Nova York nos anos 1870, quando o sol se punha, os Estados Unidos ficavam no escuro. Querosene foi o primeiro modo barato e limpo de criar iluminação artificial. Antes disso, Rockefeller era só um empresário comum com um poço de petróleo em Cleveland, sem saber o que fazer com ele.

– Não sabia disso – Damon disse, sem prestar atenção.

– Sim, Cleveland foi a Arábia Saudita da América durante a era do Velho Oeste, e no início do século 19, ele produzia mais querosene do que podia ser consumido só para a iluminação, então, adivinhe o que veio em seguida?

– Rock Center?

– Os carros. Você sabia que os primeiros carros eram elétricos? Em 1910, havia mais carros movidos a eletricidade nas ruas de Nova York do que carros movidos a gasolina, e todo mundo, naquela época, acreditava que os carros elétricos fossem o futuro... o que era algo muito mais sensato do que os motores malucos acionados com explosões controladas de produtos químicos voláteis e tóxicos. Mas Rockefeller patrocinou a Ford para garantir que os carros movidos a gasolina, e não os elétricos, fossem o meio de transporte do futuro, para que ele tivesse um lugar para vender seu petróleo.

– Acho que consegui fazer funcionar – Damon disse. Ele estava com os óculos de novo e balançava a cabeça para a frente e para trás.

– E, puf, vieram o caos do século 20, o Oriente Médio, todas as guerras, a

dependência do mundo no petróleo, e uma boa parcela de aquecimento global. Talvez até o que está acontecendo agora. Tudo nasceu do desejo por luz.

– Isso porque ficar no escuro é um saco – Damon disse, sentando-se ao meu lado, entregando os óculos de realidade aumentada para mim. – Coloque-os.

Respirando fundo, eu os coloquei e acendi minha lanterna de cabeça. Olhando para o leste, vi pequenos pontos brilhantes vermelhos na escuridão no nível da rua, espalhados pela cidade.

– Carreguei os dados do mapa de nosso aplicativo de caça ao tesouro a estes óculos – Damon explicou. – Eles estão conectados agora, sem fio. Então, os locais onde você escondeu aquelas sacolas aparecerão como pontos vermelhos pelos óculos de realidade aumentada quando você olhar por eles.

– É, estou vendo.

Depois do que aconteceu com Chuck, decidimos que era perigoso demais sair durante o dia para pegar a comida que havíamos enterrado. Lauren me implorou para que eu não fosse, e prometi que não iria. Mas havíamos acabado de comer o resto de alimentos que tínhamos. Houvera conflitos nos centros de emergência, e eu não queria que ninguém fosse até eles. Apesar disso, precisávamos comer, e Lauren e Susie estavam planejando ir à Penn e ao Javits com as crianças no dia seguinte para esperar na fila de alimentos.

A menos que eu fosse buscar o que havíamos escondido à noite.

Nós havíamos subido à cobertura para confirmar se as ruas estavam tão escuras quanto imaginávamos, e para ver se havia luzes acesas. Tudo estava envolto no breu.

– Tem certeza de que não quer que Tony vá com você?

– Só temos um par de óculos de visão noturna. Duas pessoas andando no escuro correm riscos se uma delas não consegue enxergar. E, dos dois que enterraram os alimentos, sou o único disponível, então tenho mais chances de encontrar o lugar certo. – Fiz uma pausa. – De qualquer modo, com a lei marcial vigorando, devemos arriscar apenas um de nós.

Damon deu de ombros, concordando.

– Dessa forma, você não precisa olhar em seu telefone. É só caminhar na direção dos pontos vermelhos.

Na escuridão total nas ruas, meu telefone brilharia como um farol, atraindo atenção indesejada.

– Quando chegar perto de um dos pontos, toque a tela em seu bolso e os óculos de realidade aumentada vão passar as fotos que você tirou quando enterrou as sacolas. Se colocar os óculos de visão noturna sobre elas, poderá sobrepor as imagens com facilidade.

Peguei meu telefone da mão dele, toquei e uma série de imagens esmaecidas e sobrepostas das fotos que eu havia tirado quando escondi as sacolas apareceu.

– O que você estava falando é interessante, mas é passado – Damon disse.

Brinquei com o brinquedo novo, usando o zoom e rodando as imagens.

– Estou mais interessado no futuro, em conseguir prevê-lo.

– Você tem obsessão pelo futuro, não?

Damon suspirou.

– Se eu tivesse conseguido ver só um pouquinho do futuro, talvez pudesse tê-la salvado.

Às vezes, eu me esquecia do que havia acontecido com ele.

– Peço desculpas, Damon, não quis... bem...

– Não se desculpe. A propósito, tenho uma ideia de como poderíamos tirar o carro de Chuck daquela garagem vertical.

Eu estava sentindo muito frio, e me dei conta de que teria que me agasalhar mais se pretendesse passar algumas horas lá fora em minhas buscas. *Melhor eu pegar o .38 do Tony, só para garantir.*

– É mesmo? Qual é a ideia? Em termos gerais.

Sob a luz da minha lanterna de cabeça, Damon sorriu.

– Com um guincho, tudo é possível.

*

Caminhei lentamente pela paisagem congelada. Demorei meia hora para percorrer dois quarteirões até as sacolas enterradas mais próximas. Pelo menos,

com o frio intenso, as ruas não estavam fedidas, e não estava preocupado em cair num monte de fezes humanas se escorregasse.

Os óculos de visão noturna usavam uma combinação de imagens pouco iluminadas com iluminação quase infravermelha, então, mesmo no breu, eu conseguia enxergar bem. Com a lanterna de infravermelho no bolso, eu podia até iluminar o mundo com um verde brilhante, se precisasse.

O ponto vermelho indicando a localização da sacola mais próxima havia aumentado de tamanho conforme me aproximei, expandindo-se até se tornar um círculo vermelho de cerca de seis metros – a margem de erro aproximada do GPS.

Damon era um garoto esperto.

No meio do círculo, eu chutei um saco de lixo para o lado e toquei a tela do telefone no meu bolso. A imagem associada com aquele ponto apareceu nos óculos de realidade aumentada. Combinava com a frente da loja e o poste que eu via com os óculos de visão noturna. Quando voltei alguns passos e andei para a esquerda, as imagens de alinharam. *Perfeito*.

Ajoelhei-me, tirei minha mochila e peguei a pá dobrável de dentro dela. Com o cabo da pá, eu bati na superfície congelada algumas vezes até ela rachar, e então puxei pedaços de gelo e neve. Cavei na neve mais macia por baixo, aumentando a área escavada em uma espiral concêntrica.

Foi um trabalho pesado, e quando minha pá bateu na primeira sacola, minhas costas estavam muito doloridas. Afastei a neve com a mão protegida pela luva e puxei duas sacolas para fora. Sob a luz fantasmagórica dos óculos de visão noturna, olhei dentro de uma delas.

– Doritos – eu ri, balançando a cabeça. – Adoro Doritos.

Enfiei a mão e puxei as outras sacolas, e comecei a enfiá-las em minha mochila enquanto olhava para o próximo círculo vermelho, a cerca de cinquenta metros.

No céu, as estrelas brilhavam intensamente entre os prédios.

DIA 16: 7 DE JANEIRO

Inquieto, tentei encontrar uma posição confortável. Meus sonhos tinham sido agitados, e eu passara a maior parte da noite meio acordado e meio dormindo. Eu havia me deitado um pouco antes do amanhecer. Exausto, afofei o travesseiro, tentando outra posição nos lençóis sujos.

Ouvia um choro em meu sonho... e então, voltei à consciência e percebi que não era um sonho.

Abrindo os olhos, vi Lauren sentada em uma cadeira ao lado da cama, enrolada no cobertor de estampa de flores ao qual estava apegada. As pernas estavam dobradas sob seu corpo e ela estava se apoiando no berço de Luke, onde ele dormia profundamente. Ela puxava mechas de cabelo diante do rosto e as examinava, uma a uma, à luz fraca do início da manhã.

Ela chorava, balançando-se para a frente e para trás.

Respirando fundo, tentei afastar a confusão causada pelo sono de minha mente.

– Amor, você está bem? O Luke está bem?

Ajeitando os cabelos, ela secou as lágrimas dos olhos e fungou.

– Estamos bem. Eu estou bem.

– Tem certeza? Venha para a cama para conversar comigo.

Ela olhou para o chão. Eu respirei fundo de novo.

– Está brava porque eu saí ontem à noite?

Ela balançou a cabeça, negando.

– Eu ia lhe dizer, mas...

– Eu sabia que você estava planejando sair.

– Então, não está chateada por isso?

Ela balançou a cabeça mais uma vez.

– Você está machucada, não está se sentindo bem?

Ela deu de ombros.

– Lauren, o que foi? Fale comigo...

– Não me sinto bem, e meus dentes doem.

– É por causa da gravidez?

Olhando para o teto, ela assentiu e começou a soluçar de novo.

– E estou com piolho. Na cabeça inteira.

Toda a coceira da última semana ganhou novas proporções. Levei a mão à cabeça para coçar minha nuca, e senti o corpo todo infestado com a presença de invasores desconhecidos.

– O Luke também está cheio de piolhos – ela disse, chorando. – Meu bebê.

Eu me levantei e sentei ao lado dela na cadeira, abraçando-a e olhando para Luke. Pelo menos, ele parecia tranquilo. Depois de respirar fundo algumas vezes, ela se aquietou e endireitou o corpo.

– Sei que é só piolho, não o fim do mundo, e estou sendo uma tola...

– Você não está sendo tola.

– Acho que nunca passei um único dia sem tomar banho antes, pelo menos não me lembro.

– Eu também não. – Eu a beijei.

– E Luke e Ellarose estão com assaduras horrorosas.

Nós dois permanecemos sentados observando Luke. Eu me virei e olhei nos olhos dela.

– Você sabe qual é o projeto de hoje?

Ela suspirou.

– Um novo sistema de polias para trazer água para cima? Ouvi Damon falando sobre isso ontem...

– Não – eu ri –, o projeto de hoje é um belo banho quente de banheira para a minha esposa.

Ela abaixou a cabeça.

– Temos coisas muito mais importantes.

– Nada é mais importante do que você. – Encostei meu nariz nela. Ela riu.

– Estou falando sério. Dê-me uma ou duas horas e vou preparar uma banheira bem quentinha.

– É sério? – Ela começou a chorar de novo, mas, dessa vez, lágrimas de felicidade.

– Sério. Pode ficar no banho quanto tempo quiser, relaxar e limpar Ellarose de modo adequado, pode também levar Luke com o patinho de borracha dele. Quando vocês acabarem, usaremos a água para lavar roupas. Será ótimo. – Eu a abracei, e ela me apertou, ainda chorando.

– Por que não relaxa? – continuei. – Vou conversar com o Damon para saber como todos estão.

Ela se deitou na cama, enrolando-se embaixo dos cobertores. Eu saí e fechei a porta.

Na sala principal, Tony roncava no sofá, coberto por uma pilha de cobertores. Ele sempre fazia vigia à noite e estava na porta quando eu voltei, antes do amanhecer. As cortinas estavam fechadas, mantendo a sala escura, e eu não o acordei.

No corredor, quase todo mundo já havia partido em direção às estações de auxílio à procura de alimentos e água. Estava silencioso.

Rory estava enfiando a mão dentro de um dos barris de água no canto do hall do elevador, enchendo uma garrafa de água. Acenei com a cabeça para ele, e ele olhou para mim sem reação, mas em seguida também meneou e sussurrou um bom-dia antes de descer pela escada de emergência. Duas pessoas ainda dormiam sob um monte de cobertores do outro lado do hall.

Damon estava adormecido atrás da barricada de caixas que demarcavam nossa área, então passei por cima e bati à porta dos Borodin para ver como eles estavam. Segundos depois, Irena abriu a porta. Aleksandr estava dormindo na cadeira, e Irena preparava um chá. Ela me disse que eles estavam bem, perguntou se eu precisava de alguma coisa, e então perguntou como Lauren

estava se sentindo. Comentei sobre os piolhos, e ela disse que prepararia um unguento para Lauren e que seria mais fácil se os homens raspassem a cabeça.

Era curioso que ninguém pedisse nada aos Borodin. Eles pareciam ter um suprimento infinito de chá e biscoitos, mas deixavam claro que não importunariam ninguém, e ainda mais claro que não queriam que ninguém os importunasse. Ainda assim, frequentemente, eu flagrava Irena entregando um biscoito a uma das crianças no hall.

Depois de dez minutos e quase a mesma quantidade de biscoitos, enchi minha xícara de chá e voltei para o hall. Damon estava acordado, mas parecia atordoado.

– Você está bem? – perguntei.

– Não – ele resmungou. – Minha cabeça está latejando, minhas articulações doem... acho que estou doente.

Dei um passo para trás involuntariamente. *Gripe aviária? Talvez estivéssemos enganados.*

Damon riu.

– Não julgo você. Vá pegar as máscaras. Ainda que seja só uma gripe comum, não é o momento de corrermos riscos. – Olhando para mim, ele coçou a cabeça, sonolento.

Devo falar sobre os piolhos?

– Quer que eu traga um pouco de água, talvez uma aspirina, se encontrar?

Ele assentiu e voltou a se sentar, ainda se coçando.

– E um pouco de bacon com ovos? – eu brinquei.

– Talvez amanhã. – Ele riu embaixo das cobertas.

No apartamento de Chuck, eu caminhei até onde Tony roncava e o cutuquei no ombro.

– Damon não está se sentindo bem, e nem a Lauren – sussurrei enquanto Tony despertava. – Mantenha essa porta fechada, e use uma máscara se for sair.

Esfregando os olhos, ele assentiu. Eu peguei algumas máscaras e uma aspirina do banheiro, e uma garrafa de água de nosso estoque, e então sussurrei o

mesmo alerta a Susie, que dormia com Chuck.

Damon estava sentado ao computador quando voltei, já usando a máscara. Despejei água em uma xícara ao lado do laptop, e ele pegou a aspirina de minha mão, e então colocou a máscara.

– Os caras maus estão longe? – perguntei.

Ele pegou alguns mapas.

– Até agora, sim.

Parei, um pouco encabulado por ter que pedir ajuda.

– Você se sente bem o suficiente para me ajudar com algo?

Ele coçou a cabeça e suspirou.

– Claro. De que você precisa?

– De um banho.

*

– Posso entrar?

– Ah-hã – foi a resposta abafada.

Abri a porta do banheiro, sorri quando encontrei minha esposa relaxando sob as bolhas dentro de uma banheira quente.

Irena havia me dado um unguento e um pente de dentes finos, e me orientou quanto à melhor técnica para tirar piolhos dos cabelos: eu deveria começar nas raízes, e pentear de frente para trás.

Eu havia demorado bem mais do que o prometido para conseguir uma banheira cheia. Para começar, os barris de água congelada no hall do elevador estavam vazios. Fiquei irritado, e Damon permanecera em silêncio enquanto eu corria para fora acompanhado por ele, pronto para encher mais baldes e levá-los para cima.

Lá fora, compreendi por que os barris estavam vazios. A neve estava imunda e coberta por uma grossa camada de gelo sujo. Toda a neve perto das entradas da frente e de trás tinha sido retirada, e tentar pegar mais neve limpa não foi uma tarefa simples.

Para aquele dia, eu não precisava de água para beber, só água em que fosse possível se banhar, então comecei a encher baldes enquanto Damon os levava para dentro. Ao ar livre, Damon começara a se sentir melhor, mas trabalhar com as máscaras era difícil.

Richard estava de guarda no lobby naquela manhã, mas não me senti à vontade para dizer a ele que estava preparando um banheiro para Lauren. Só disse que estávamos enchendo os barris de água e mais nada. Ele dava a impressão de estar pensando que estávamos aprontando alguma, mas só nos observou enquanto subíamos com os baldes.

Eu não havia considerado tudo o que teria de ser feito. A banheira de Chuck era de tamanho médio, mas descobri que para enchê-la, precisaria de 190 litros. Derreter neve diminuía dez vezes o volume da água, por isso, para encher a banheira, seriam necessários doze barris de neve.

Damon aqueceu a água em nosso velho apartamento, usando um dos tambores de 180 litros sobre uma armação com chama a óleo que ele vinha testando, usando o combustível do aquecedor principal do porão.

No fim das contas, demoramos sete horas para subir a neve, derretê-la e aquecer a água, mas ver Lauren em meio às bolhas de sabão, sorrindo, fez tudo valer a pena.

– Vou ficar só mais um pouco – ela disse quando entrei no banheiro.

Estava quente, e os espelhos estavam cobertos pelo vapor. O banheiro estava iluminado por velas.

O que havia começado como uma ideia apenas para Lauren, acabou se transformando em um plano para que nosso grupo todo conseguisse se lavar. Nós vínhamos lavando as mãos e o rosto, tentávamos tomar banho com esponja, mas nos 11 dias desde que estávamos sem água, nenhum de nós havia tomado um banho direito.

– Fique o quanto quiser, amor. – Eu mostrei o pente e o unguento que Irena havia me dado. – E tenho uma surpresinha para você.

Ela sorriu e escorregou para trás para mergulhar a cabeça e os cabelos na

água. Ao fazer isso, seu corpo emergiu pela superfície da água, deixando exposta a barriga com uma leve, mas inconfundível, protuberância. Eu me lembrei dos livros sobre o desenvolvimento dos bebês de quando esperávamos Luke. *Catorze semanas, do tamanho aproximado de uma laranja, já tem braços, pernas, olhos e dentes, uma pessoa completa, totalmente dependente de mim.*

Lauren se sentou na banheira e passou a mão nos olhos, sorrindo para mim. Havia semanas que eu não via minha esposa nua, e ao vê-la naquele momento, quente e molhada, senti um arrepio por dentro.

– Você vai me dar essa surpresa totalmente vestido? – Ela riu, sorrindo sedutoramente. Inclinou-se na lateral da banheira e mexeu no telefone. Os acordes jazzísticos de uma canção de Barry White começaram a tocar.

– Não, senhora. – Abri meu cinto, que estava três furos acima do que eu usava antes de todo o caos começar. Tirei minha blusa, as meias e a calça jeans, e as segurei na frente do rosto antes de colocá-las sobre o balcão. *Nossa! Minhas roupas estão fedendo*. Seminu e de pé dentro da banheira de água quente, que exalava a fragrância do sabão de lavanda, eu me cheirei. *Na verdade, quem está fedendo sou eu.*

Tranquei a porta do banheiro, tirei o resto de minhas roupas e me sentei atrás de Lauren. A sensação da água quente envolvendo meu corpo foi indescritível. Gemi baixo de prazer enquanto a voz grave de barítono de Barry nos contava sobre o amor do qual ele não se cansava.

– Bom, não é? – Lauren murmurou, recostando-se em mim.

– Muito bom.

Peguei o unguento e o pente e comecei a aplicar o creme nos cabelos molhados de Lauren, e então os penteei para trás, examinando com cuidado para encontrar os piolhos. Lauren se manteve parada enquanto eu mexia em seus cabelos. Nunca pensei que procurar piolhos pudesse ser tão sensual. Pensei em macacos em uma floresta em algum lugar, tirando carrapatos do pelo de seu amado, e dei risada.

– Por que está rindo?

– Por nada. Amo você.

Ela suspirou e se recostou em mim.

– Mike, estou muito orgulhosa de você. – Com um movimento, ela se virou e me deu um beijo molhado. – Amo você.

Abaixei a mão e apertei as nádegas dela, e a puxei contra meu corpo. Eu estava excitado, e ela sorriu, mordendo meu lábio. Naquele momento, ouvimos uma batida alta na porta.

É sério?

– Quem é? – resmunguei. Lauren encostou o rosto em meu pescoço. – Pode nos dar um minuto? *Por favor*?

– Odeio ter que incomodá-los – Damon disse –, mas é meio urgente.

– Como assim?

Lauren lambeu meu peito.

– Acabaram de anunciar que há um surto de cólera na Penn Station.

Cólera? Parecia grave, mas...

– O que posso fazer a respeito? Saio daqui a pouco.

– Então, o problema é que Richard está lá embaixo com uma arma, recusando-se a permitir a entrada das vinte e poucas pessoas que vieram da Penn. Acho que ele vai atirar em alguém.

Lauren se sentou na banheira no mesmo instante. Eu fechei os olhos e respirei fundo. *Deus me odeia*.

– Tudo bem – respondi com a voz trêmula. – Já vou sair. – Levantando-me da banheira, eu disse a Lauren: – Vamos terminar isto depois?

Ela assentiu, mas desligou a música e se levantou comigo.

– Vou com você.

Por um momento, eu me permiti o prazer de observá-la nua, com o corpo molhado saindo da banheira.

– Não se esqueça de colocar uma máscara.

DIA 17: 8 DE JANEIRO

– Como está se sentindo?

– Grogue, mas bem – Chuck respondeu. – Você ainda acha que precisamos de criminosos na sociedade?

Eu ri.

– Não tanto, talvez não.

Depois de passar três dias perdendo e recobrando a consciência, Chuck havia retornado à terra dos vivos. Estava de pé e falante, brincando com Ellarose e Luke.

Nós o havíamos deixado de fora das tarefas de propósito, enquanto ele se recuperava, e eu esperava que sua “fraqueza e dor” não fossem causadas pela mesma coisa que estava acometendo o resto das pessoas em nosso prédio.

– Então, o que eu perdi?

Susie estava sentada atrás dele na cama, segurando Ellarose e acariciando o pescoço de Chuck. Lauren estava ao lado dela, e Luke, claro, corria de um lado a outro.

– O de sempre: praga, peste, um ataque a mão armada, e a ruína da civilização ocidental, mas nada que eu não consiga resolver.

A noite passada tinha sido uma mistura surreal, desde uma cena dos sonhos com vapor, velas e Barry White a um pesadelo saído de um apocalipse zumbi: um lobby escuro, mal iluminado por lanternas de cabeça, gritos e xingamentos, armas em punhos, um grupo de pessoas sujas e desgrenhadas que forçava as portas, batendo, implorando para entrar.

Felizmente, quando permiti que eles entrassem, nenhum cérebro foi comido.

Mas Richard tinha razão. Se a cólera tivesse aparecido na Penn Station, e aquelas pessoas tinham estado ali, deixá-las entrar no prédio era correr o risco de infeccionar todo mundo. Por outro lado, forçá-las a ficar do lado de fora era o mesmo que deixá-las para morrer.

No fim, eu havia convencido Richard de que podíamos isolar as pessoas que tinham retornado – Vicky e seus filhos estavam entre eles – no primeiro andar por dois dias, um período mais longo do que o de incubação da cólera. Eu havia pesquisado em um aplicativo de telefone sobre doenças infecciosas que Chuck havia me dado.

Havíamos voltado a usar máscaras e luvas de borracha, levamos um aquecedor a querosene para baixo, e isolamos os moradores em risco em uma das salas maiores do térreo perto do lobby de entrada. Quando fora vê-los naquela manhã, todo mundo estava mal e com dores, assim como todos os abrigados no hall do sexto andar. Mas os sintomas não eram os de cólera; eram mais parecidos com os de um resfriado, ou de uma gripe.

Expliquei a situação a Chuck, e ele balançou a cabeça.

– Você tem deixado o andar ventilado? Tem misturado diesel com querosene para fazer durar mais, certo?

– Tive que fechar as janelas ontem por causa do frio – admiti, percebendo o que havia feito. *Como pude ser tão idiota?* A fome dificultava o raciocínio coerente.

Chuck respirou fundo.

– A intoxicação por monóxido de carbono tem sintomas muito parecidos com os da gripe. Não estamos doentes aqui, porque estamos usando os aquecedores elétricos, mas todas as outras pessoas estão usando os aquecedores a gás.

Abri a porta do quarto e gritei.

– Damon!

Mesmo doente, ele estava mexendo no computador que era a estação de controle, monitorando as centenas de imagens que chegavam toda hora da cidade

inteira, e retransmitindo mensagens de emergência ao sargento Williams.

Damon espiou pela porta da frente. Eu havia deixado claro que ele não podia entrar ali, por isso ele olhou pela fresta, os olhos inchados e vermelhos.

– Você está mal, provavelmente em decorrência da intoxicação por monóxido de carbono – expliquei. – Abra algumas janelas e envie mensagem de texto a todos lá embaixo. E conte ao Tony.

Damon esfregou os olhos e assentiu, e então fechou a porta sem dizer nada. Estava cansado.

– Eles estarão melhores amanhã. Não sofrerão problemas duradouros – Chuck disse. – Mas foi uma boa ideia manter as pessoas que vieram da Penn Station em isolamento.

Assenti com a cabeça, ainda me sentindo um imbecil.

Chuck coçou a parte de trás do pescoço enquanto se sentava na cama.

– Meu Deus, cólera.

Susie esfregou as costas dele quando ele se inclinou para a frente.

– Tem certeza de que está se sentindo melhor, querido?

– Um pouco atordoado, mas não me sinto mal.

– Foi por pouco – eu disse. – O cara que nos atacou... não foi um acidente aleatório. Ele era do grupo do Paul.

Chuck se recostou.

– O quê?

– Temos uma foto do ataque...

– Você parou para tirar uma *foto*?

Eu havia me esquecido de que, depois de ficar apagado por alguns dias, Chuck vira apenas o início da rede de comunicação. Damon estimava que mais de cem mil pessoas estivessem conectadas agora.

– Não, não fui eu. Alguém que estava observando o ataque tirou uma foto. É o que as pessoas fazem agora, o modo com que estamos ajudando a manter as coisas sob controle.

Chuck demorou um instante para absorver o que eu estava dizendo.

– Talvez você devesse me explicar o que está acontecendo.

– Querem um chá quente? – Lauren ofereceu. – Depois, podemos deixar vocês conversando.

– Seria ótimo.

Susie pegou Ellarose da cama.

Eu expliquei a Chuck que a vigilância da vizinhança vinha se desenvolvendo na rede, as ferramentas de emergência e como estávamos mantendo um registro de tudo o que acontecia em laptops centralizados, como o de Damon.

– Você conseguiu pegar mais comida?

Comida era um assunto sobre o qual todo mundo pensava, principalmente depois de os centros de emergência terem sido isolados. A fome fazia com que o cérebro se concentrasse em qualquer migalha.

– Temos alimentos para cerca de três dias – informei. Nós havíamos nos tornado especialistas em racionar comida. – Saí ontem à noite, usando os óculos de visão noturna e as lentes de realidade aumentada para me locomover.

– Você fez o quê? Deixo vocês sozinhos por uns dias e...

Eu sorri.

– E tem mais.

– Ovos e bacon?

Balancei a cabeça, negando, mas ainda sorrindo.

– Quem me dera.

– O que é?

– O cara bolou um jeito de descer sua caminhonete.

– Está na hora de sairmos daqui, não é?

Eu assenti.

– Qual é a ideia?

Comecei a explicar o plano de Damon, mas antes de conseguir terminar, ouvimos o garoto gritar nossos nomes do lado de fora. Abri a porta do quarto, e a cabeça de Damon apareceu de novo na porta da frente.

– Eles morreram.

– Quem morreu? – perguntei, aterrorizado, imaginando um surto repentino de cólera que tivesse levado todos do isolamento. – As pessoas do primeiro andar?

Damon abaixou a cabeça.

– O grupo do segundo andar. Fui ver como estão, e estão todos mortos. – Ele fez uma careta. – O aquecedor a querosene estava ligado no máximo, e todas as janelas estavam fechadas.

Eu havia descido para visitar aquelas pessoas no dia anterior, e elas estavam esquentando o lugar com um gerador elétrico fora da janela, como nós.

– Onde eles conseguiram o aquecedor a querosene?

– Não sei, mas temos um problema maior.

Um problema maior do que nove pessoas mortas? O olhar de Damon me deu um nó na garganta.

– Paul está a caminho.

DIA 18: 9 DE JANEIRO

– Eles estão vindo.

Meu estômago roncou. Em uma parte maluca de minha mente, torci para que eles estivessem trazendo comida. *Se temos que lutar, pelo menos que haja um prêmio de comida no fim*. Um pensamento aleatório e ilógico – como perceber, enquanto estamos dirigindo, que poderíamos virar o volante e bater nos carros que vinham na direção oposta. Normalmente, não conseguia explicar por que ideias assim me ocorriam. Mas, dessa vez, eu sabia. A fome estava sobrepujando o fato de eu estar sendo caçado, de minha família estar sendo caçada.

Eu comia cada vez menos, fingindo para Lauren que estava comendo normalmente, mas guardava pedaços e migalhas. Quando Luke e eu brincávamos, eu dava os alimentos que escondia a ele. Valia tudo para ver um sorriso no rostinho dele.

– Você está prestando atenção? – Chuck perguntou. – Parece que eles estão em seis.

Assenti com a cabeça, observando uma série de pontos movendo-se na tela do laptop de Damon, e, então, peguei uma conta de vidro de uma tigela decorativa do balcão da cozinha, enfiei na boca e comecei a chupar.

Um vento frio entrou pela janela aberta no quarto de Chuck. Susie, Lauren e as crianças já tinham saído pela janela para a cobertura do prédio vizinho para se esconderem em um apartamento abandonado, e Damon estava ajudando Irena e Aleksandr a saírem. Dali, poderíamos descer pela escada de emergência e adentrar o prédio de novo em um andar mais baixo, pelas portas de fora que havíamos deixado entreabertas.

Íamos encurralar Paul e seu grupo. Os caçadores estavam virando caças.

Damon havia bolado o plano, e tinha sido decisivo para a nossa permanência por mais um dia, em vez de buscarmos a caminhonete. Nós queríamos tentar descê-la e escapar, mas, como não sabíamos quando Paul e seu grupo viriam, decidimos ficar e lutar.

Quando tomamos a decisão, dissemos a todos do sexto andar, e ao grupo de isolados no primeiro andar, que faríamos uma festa de aniversário a Luke. Era uma festa particular, dissemos, apenas nosso grupo tinha sido convidado, que não poderíamos vigiar e ficaríamos indisponíveis.

Se pareceu esquisito, ninguém disse nada, e recebemos apenas alguns olhares tortos de pessoas que achavam que faríamos um banquete sem convidá-las.

A desculpa tinha sido ideia de Chuck. Eu tinha certeza de que não daria em nada, mas um pouco antes das cinco da tarde, bem quando havíamos dito que a festa de Luke começaria, o grupo de pontos se reuniu no mapa de localização da rede de Damon. Aparentemente, alguém no nosso andar estava conversando com as pessoas que nos perseguiam.

Os pontos começaram a seguir em uma direção.

– Eles deixarão pelo menos um homem na entrada quando vierem – Tony disse. Ele era o único entre nós com treinamento para combate, por isso estava liderando a missão. – Vamos pedir a Irena e Aleksandr que cuidem dele. Nós quatro esperaremos até o resto subir a este andar, e então, apareceremos por trás deles. – Ele olhou para Chuck e para mim. – Vocês devem ficar na retaguarda, certo?

Tínhamos crianças e esposas, ele insistira, então ele e Damon ficariam na frente. Damon não foi contra, mas permaneceu calado durante todo o tempo em que planejamos aquilo.

Já estávamos vestidos para sair, e Tony e Chuck foram diretamente para a janela aberta e depois para a cobertura.

– E se eles se dividirem? – perguntei.

Damon saiu para colocar o laptop de volta em seu lugar, e então, rapidamente, voltou, abrindo o smartphone e entregando a mim os óculos de

realidade aumentada.

– É aqui que você entra. Você já está acostumado a usar estes óculos para localizar sacolas enterradas. Agora, as sacolas são os vilões.

Coloquei os óculos e olhei pela janela. Na escuridão, seis pequenos pontos vermelhos se moviam pela Nona avenida em nossa direção. O prédio à nossa frente encobria a Nona, então, os pontos estavam sobrepostos para indicar onde Paul e seu grupo estavam, como se eu conseguisse enxergar através do prédio.

– Pontos em uma tela são bons, mas com os óculos, você conseguirá ver através das paredes.

– E se nem todos tiverem smartphones na rede?

Damon pensou por um momento.

– Faremos uma checagem visual do telhado.

Subi na laje, onde a neve chegava à minha cintura, em seguida, ajudei Damon a sair. Estava escuro lá fora, mas ainda não havia anoitecido totalmente, conseguíamos enxergar. Nós nos escondemos no topo do prédio, na neve, e olhamos para baixo, para a rua 24, esperando que os homens aparecessem.

Assim que apareceram, fiz sinal de positivo com a mão. Cada um dos pontos de realidade aumentada correspondia à posição de um dos homens que dobravam a esquina.

Ao observá-los subir nossa rua, percebi que eu não estava respirando, e praticamente tive que me forçar a puxar o ar algumas vezes, em inspirações rápidas e curtas. Pela primeira vez em dias, eu me esqueci da fome.

O grupo chegou à entrada de trás de nosso prédio, a menos de cem metros de onde estávamos. Conseguia ver o rosto deles. Paul pegou chaves do bolso e se inclinou na direção da fechadura.

– Eu dei folga para o Manuel – Tony sussurrou. – Não tem ninguém cuidando da escada.

Assim que os homens entraram no prédio, saímos do local onde estávamos escondidos e descemos depressa pela escada de emergência. Minha respiração

estava pesada, meu coração batia forte. Eu conseguia ver os pontos vermelhos pelo muro de nosso prédio.

– Um deles está com uma escopeta – Tony sussurrou. – Você ainda consegue vê-los? Onde estão?

– Ainda no lobby.

Nosso plano era cruzar da escada onde estávamos até a do nosso prédio, no terceiro andar. Os pontos começaram a se mover.

– Não, esperem, eles estão começando a subir agora.

Como Tony havia previsto, um dos pontos permaneceu na entrada. Naquele momento, havíamos chegado ao terceiro andar. Enquanto os outros pulavam até a escada de emergência de nosso prédio, parei para enviar uma mensagem de localização do homem que ficou de guarda para Aleksandr e Irena, que estavam escondidos no segundo andar.

Quando me aproximei dos outros, Tony perguntou: – Eles pararam no isolamento no primeiro andar? – Estávamos todos preocupados com Vicky e seus filhos.

Eu balancei a cabeça, negando. Enquanto observava, os pontos vermelhos se tornaram maiores, parecendo subir diretamente pelo muro de tijolos aparentes à minha frente, até ele ficar todo vermelho.

– Eles estão bem à nossa frente – sussurrei.

Todo mundo se preparou.

A massa vermelha pulsante à minha frente se moveu e foi subindo, separando-se de novo em pontos individuais acima de minha cabeça.

– Eles não estão parando em nenhum dos outros andares. Parece que eles sabem exatamente onde estão indo.

Chuck e Tony assentiram, e quando dei o sinal, nós seguimos, imitando o movimento deles escada acima. O quinto andar era o máximo que poderíamos subir pelo lado de fora, por isso esperamos ali, atrás da porta da escada de emergência que levava diretamente para a escada, até que os homens entrassem em ação.

– Fale o que está vendo – Tony sussurrou.

– Parece que eles estão do lado de fora da porta no sexto andar, esperando.

– Eles serão rápidos – Tony disse –, provavelmente mandarão um ou dois deles para o apartamento de Richard e o resto para o de Chuck. Assim que eles abrirem aquela porta, você precisa dizer para entrarmos.

O vento assoviava enquanto esperávamos. Chuck afastou com a mão um pouco de neve que havia se acumulado desde que havíamos limpado aquele lugar algumas horas antes. Olhei para o muro, observando os pontos vermelhos. Finalmente, eles se moveram, avançando pela porta e se dispersando no hall do outro lado.

– Agora!

Chuck empurrou a porta. Tony entrou primeiro, seguido por Damon, com Chuck e eu atrás.

– Um deles foi na direção do apartamento de Richard – sussurrei enquanto subíamos a escada para o sexto andar. – Parece que o resto está esperando na frente do apartamento de Chuck.

Respirando com dificuldade, nós nos colocamos atrás da porta do sexto andar. Todo mundo segurava uma arma, e procurei a minha dentro de meu bolso.

– Assim que eles entrarem no apartamento de Chuck, você nos avisa – Tony disse. – Damon vai para o lado de Richard enquanto nós três surpreenderemos os quatro fora da casa de Chuck. Todo mundo entendeu?

Assenti, bem como os outros, mas mantive os olhos nos pontos vermelhos à minha direita. Eles eram grandes e se misturavam uns aos outros. *São três ou quatro pessoas*? Então, ouvi os invasores entrarem no apartamento de Chuck, gritando. Eu não precisei dizer nada. Tony abriu a porta e entrou no hall.

Esperei, assustado, mas me forcei a sair a tempo de ouvir Chuck gritar: – Os cuzões estão à nossa procura? Larguem as armas!

Corri até a porta de Chuck, tirando os óculos de realidade aumentada e segurando minha arma bem à minha frente. Três homens levantaram os braços,

olhando com cara de idiotas para nós. Reconheci um deles, era o agressor de Chuck. Um a um, eles soltaram as armas.

Tony passou correndo por mim, para ver Damon.

– Tudo limpo! – ele gritou instantes depois.

– Vocês estão com Paul? – Chuck gritou.

– Não, mas estamos com Stan!

Paul não estava entre os homens diante de nós. *Será que, de alguma forma, ele passou por nós e desceu a escada?*

– Onde está o sexto cara? – Damon perguntou, aproximando-se por trás de mim. Ele apontou os óculos de realidade aumentada que eu segurava.

Eu voltei a colocar os óculos. Três pontos vermelhos estavam à minha frente quando olhei para os três caras na sala, e virando, eu vi o ponto que representava Stan do outro lado do hall. Olhei para a esquerda e vi outro ponto vindo em nossa direção, que deveria ser Irena e Aleksandr subindo com o homem que tinham capturado lá embaixo. *São cinco. Onde está o sexto*?

– Só vejo cinco – eu disse, depois de checar duas vezes.

– Merda! – Chuck gritou. – Amarrem eles. Paul está aqui, em algum lugar.

Levamos os quatro homens capturados para dentro de meu apartamento, e os amarramos em nosso quarto pequeno. Enquanto isso, Aleksandr e Irena tinham chegado, empurrando diante deles o homem que haviam surpreendido lá embaixo.

– Onde está o Paul? – Chuck perguntou, olhando fixamente para os homens reunidos no chão.

Stan e os outros só nos olharam com cara feia, mas o homem que havia atacado Chuck não era tão valente sem uma arma na mão.

– Ele ficou lá fora – ele respondeu, retraindo-se. Parecia saber que nós o havíamos reconhecido. – Por favor, não me matem.

– É um pouco tarde para pedir isso – Chuck disse. – Por que o Paul ficou para trás?

– Ele disse que cuidaria para que ninguém fosse atrás de nós. Ele se

escondeu em uma porta, do outro lado do hall.

Chuck xingou, coçando a nuca com o .38.

– Por que vocês voltaram aqui? – ele perguntou a Stan.

Stan deu de ombros.

– Paul disse que vocês ainda tinham muitas coisa: comida, equipamento...

– E vocês se arriscaram a vir aqui de novo para isso?

Stan olhou para os próprios pés.

– E pelo laptop. Ele disse que tinha fotos de todos nós ali. – Ele olhou nos olhos de Chuck. – Por termos feito coisas, sabe, contra as pessoas...

Damon socou a parede.

– Merda! – Ele olhou no hall e ficou tenso. – Ele levou o laptop.

Tony e Chuck passaram por Damon, para procurar Paul no prédio, mas eu sabia que eles não o encontrariam. Eu tinha o pressentimento de que ele também se manteria fora da rede de comunicação.

– Então, o que faremos com esses caras? – perguntei a Chuck.

– Deixa isso comigo, Mih-kah-yal – Irena respondeu, cutucando Stan com a boca de seu rifle velho. – Temos certa experiência de *gulag*.

– É bom, finalmente, estar do outro lado – Aleksandr acrescentou sorrindo.

DIA 19: 10 DE JANEIRO

Revirei a conta de vidro em minha boca. *Quem disse que chupar pedrinhas diminuiria minha fome*? Eu a cuspi.

A neve caía de novo e, dessa vez, eu fiquei contente. Chuck e eu estávamos indo até sua caminhonete, para ver se a ideia de Damon funcionaria. Era bem cedo quando descemos a Nona avenida, e um carpete imaculado de neve branca cobria toda a dor e o caos nos quais a cidade havia se tornado.

Mal conversamos, ambos estavam distraídos pelos passos rítmicos na neve recém-caída.

Uma mensagem na rede de comunicação enviada na noite anterior dizia que os norte-americanos jogavam fora metade dos alimentos que levavam para casa – normalmente, eu consideraria isso um grande desperdício, mas agora era inimaginável. Atravessando pela neve, pensei a respeito de todos os alimentos comestíveis que eu costumava jogar fora depois de permanecerem na geladeira por alguns dias, sonhando acordado com eles.

Eu me sentia envergonhado por nossas refeições minguadas, com a impressão de que não estava sustentando minha família, mas Lauren sempre me beijava antes de comermos, como se estivéssemos diante de um banquete incrível. Um único Doritos havia se tornado um grande prêmio, e sempre que podia, eu escondia alguma coisa para dar a ela.

Tenho que perder uns quilos, pensei, *então, por que não?* Mas passar fome era uma situação nova para mim, e, subconscientemente, eu me flagrava comendo algo que deveria ter guardado, meu estômago sabotando minha força de vontade quando eu não estava prestando atenção.

– Olha ali – Chuck disse quando chegamos à esquina da rua Catorze. Ele apontou o que antes era o hotel Gansevoort.

Não íamos ao centro da cidade havia duas semanas, desde o dia depois do Natal, quando fomos para ver a caminhonete. A cidade estava quase irreconhecível. Na esquina da Nona com a 14, na frente da Apple Store, havia um parque urbano que eu sempre visitava para beber um café e observar o movimento de pedestres chegando e saindo de Chelsea. Agora, as copas das árvores baixas do parque apareciam no meio da neve a nossos pés, e semáforos cobertos por neve estavam à nossa altura, acima de montes de lixo congelado.

O prédio triangular na esquina da Nona com a Hudson se estendia como a proa de um navio, a neve e o lixo que se empilhavam contra ele eram como a água que subia das profundezas escuras de uma cidade subterrânea. Projetando-se do que parecia ser o centro do navio, estava a fachada queimada do Gansevoort. Os vidros estavam quebrados e manchas escuras se estendiam pelas laterais do prédio, e as paredes escurecidas eram provas de que um incêndio havia ocorrido ali dentro.

Na frente do hotel, havia um *outdoor*, ainda perfeito e intacto. Era uma propaganda de uma vodca premium, mostrando um homem sorridente trajando um smoking e uma mulher com um vestido preto e justo. Eles pareciam criaturas de outro mundo, rindo enquanto observavam as ruínas a seus pés e curtindo drinques às nossas custas.

Percebi algo se movendo no canto de meus olhos, me virei e vi alguém olhando para nós do segundo andar da Apple Store. Havia lixo empilhado contra as janelas que iam do chão ao teto. Enquanto eu observava, outra pessoa apareceu.

Puxei o braço de Chuck.

– É melhor irmos.

Ele assentiu e nós continuamos.

Levávamos pouca coisa, nada que parecesse valer a pena roubar. Nenhuma mochila, nenhum pacote. Vestíamos roupas desgrenhadas. As armas estavam à

vista, meu .38 em um coldre de couro e o rifle de Chuck atravessado atrás de suas costas. As armas eram um alerta para quem nos observasse. Eram a mensagem de que não queríamos ser perturbados. Eu me senti um pistoleiro do Velho Oeste em uma cidade sem lei e congelada.

A situação no hall havia piorado repentinamente quando o surto de cólera fora anunciado na Penn três dias antes, e todos os abrigos de emergência tinham sido isolados. Aquelas idas às filas de alimentos e água tinham dado aos dias uma rotina, um padrão, um motivo para que a maior parte das pessoas em nosso andar acordasse e agisse. Agora, elas permaneciam inertes nos sofás, nas cadeiras e nas camas, totalmente desligadas de qualquer contato externo.

Mas não era só a ausência de apoio de fora. Até alguns dias antes, nós estávamos nos dando bem. As pessoas estavam conseguindo sobreviver com o que tinham dentro do prédio: pouca comida, roupas, lençóis e cobertores limpos. Mas tais artigos estavam quase no fim: as peças de vestuário, roupas de cama e cobertores estavam cheirando mal e infestados de piolhos, e não havia mais comida no prédio.

Mais crítica ainda era a situação de nosso sistema de pegar e derreter neve para termos água para beber e cozinhar; tinha funcionado bem na primeira semana, sido administrável na segunda, mas entrávamos na terceira semana e a coisa estava feia. Os barris e contêineres de água estavam sujos, e a neve do lado de fora, imunda. Nós havíamos tentado ir ao rio Hudson, mas a água à beira dos píeres estava completamente congelada.

Inicialmente, havíamos isolado as pessoas que voltavam da Penn no andar de baixo, mas desistimos depois de pegar o grupo de Paul. Meia dúzia de nós mantinha trinta pessoas sob a mira de armas; e além disso, tinha sido impossível saber se elas estavam apresentando sintomas de cólera. Quase todo mundo estava doente, de um jeito ou outro, a maioria com diarreia por beber água suja.

As latrinas no quinto andar estavam mais do que nojentas, e as pessoas passaram a ir de banheiro a banheiro em cada apartamento abandonado, andar

por andar, procurando um que estivesse limpo. Todos os apartamentos estavam imundos.

E tínhamos nove pessoas mortas no segundo andar. Até então, eu só vira mortos em velórios, cuidadosamente preparados para que parecessem dormir um sono pacífico. Mas aquelas pessoas... a aparência delas não era de tranquilidade.

Nós havíamos aberto as janelas, transformando o apartamento do segundo andar, com eles dentro, em uma área fria. Eu torci para que carniceiros não entrassem – humanos ou não.

Nossa situação calamitosa se refletia no restante da cidade. A esperança evaporava no ar invernal, apesar de as emissoras de rádio do governo continuarem insistindo, dia após dia, que a eletricidade e o fornecimento de água seriam restaurados em breve, e para que as pessoas permanecessem dentro de suas casas, seguras e aquecidas. A frase já havia virado piada. “A energia vem logo, mantenha-se aquecido e em segurança!” era o que dizíamos uns aos outros como cumprimento. A piada já tinha perdido a graça.

*

– Ali está ela – Chuck disse, apontando sua caminhonete.

Era a primeira vez em dias que eu o via animado.

Um comboio do exército passou por nós, subindo para o centro pela West Side Highway. Antes, a presença deles era confortante, mas agora, só me deixava irritado. *O que diabos eles estão fazendo? Por que não estão nos ajudando*?

A rede de comunicação relatava boatos de que pacotes de emergência estavam sendo lançados por helicópteros, mas era muito difícil acreditar no que quer que fosse.

Quando o comboio desapareceu, olhei para a caminhonete de Chuck, ainda estacionada a quinze metros acima do solo. Sua posição acabou sendo excelente. Os carros estacionados mais abaixo tinham sido arrombados para que baterias, peças, qualquer coisa útil pudessem ser pilhadas, mas a caminhonete dele ainda parecia intacta.

– Você acha que podemos prender o cabo do guincho ali? – Ele apontou uma plataforma de *outdoor* presa na lateral de um prédio próximo.

– Não mais do que seis metros, talvez menos. Seu guincho aguenta dez toneladas, certo?

– O cabo de meia polegada aguenta doze toneladas, mas pode suportar muito mais do que isso por um instante. Minha belezinha está mais leve para melhorar o rendimento, mas ainda deve pesar três toneladas e meia com a grade de proteção.

– Vai ser por pouco.

Eu era o único engenheiro entre nós. Pelo que eu podia estimar, a energia da queda vertical seria convertida em uma velocidade para a frente quando balançasse, com força máxima na parte inferior do arco. Só começaria a balançar quando a caminhonete fosse empurrada para fora da plataforma, e minimizaríamos o quanto ela balançaria puxando o veículo com o guincho conforme ele caía. Pelos meus cálculos, ainda que fôssemos cuidadosos, a caminhonete exerceria uma força pelo menos cinco vezes maior do que seu peso em seu vetor para baixo. Era muito mais do que o guincho aguentaria. E ainda que ele não cedesse, havia outra variável com a qual contávamos: precisávamos que a plataforma do *outdoor* se soltasse da parede enquanto tudo isso acontecesse.

– Então, Damon se ofereceu para comandar essa festa? – Chuck perguntou, balançando a cabeça enquanto passávamos por baixo do *outdoor*.

Seria melhor se alguém estivesse dentro do caminhão para controlar o guincho se quiséssemos que aquilo desse certo – e nossas vidas dependiam do sucesso dessa empreitada. Acionar o guincho e soltá-lo sem ninguém dentro era arriscado, pois ele podia emperrar ou quebrar. Ainda assim, eu não teria me oferecido, mas Damon estava mais confiante em meus cálculos do que eu.

– E em troca, nós teríamos de levá-lo à casa dos pais dele, perto de Manassas – respondi, assentindo. – Pensei que, afinal de contas, é bem perto de onde vamos passar.

Ainda olhando para cima, Chuck começou a planejar.

– Hoje à noite, você pode sair para pegar mais alimentos, e eu vou começar a embalar o máximo de equipamentos que pudermos carregar.

Peguei meu smartphone. Nós ainda tínhamos conexão na rede de comunicação, mesmo tão longe. Damon estava cuidando das coisas usando um novo laptop, mas as milhares de imagens perdidas eram insubstituíveis. Eu estava enviando uma mensagem de texto a Damon, dizendo que parecia que seu plano funcionaria, quando recebi uma mensagem dele.

– Vamos precisar de muita água – Chuck continuou –, e...

– O presidente vai falar à nação amanhã cedo – anunciei, lendo a mensagem em meu telefone. – Será transmitido em todas as estações de rádio. Eles nos contarão o que está havendo.

Chuck suspirou longa e lentamente.

– Já estava na hora.

Guardei meu telefone.

– E se não der para descermos essa caminhonete, vamos fazer uma ligação direta em algum outro na rua, certo? Precisamos sair daqui.

– De um jeito ou de outro. Mas minha belezinha aqui ainda é a melhor aposta para chegarmos à minha casa perto do parque nacional de Shenandoah.

No céu, um zumbido começou, e nós nos afastamos do estacionamento para podermos olhar para cima. O barulho se tornou mais forte quando o helicóptero militar apareceu, sobrevoando o topo dos prédios. A tampa traseira estava abaixada, e enquanto observávamos, um *pallet* enorme foi empurrado de lá. Um paraquedas se abriu sobre ele conforme caía.

Chuck correu pela neve em direção à Nona avenida.

– Eles estão lançando mantimentos!

Eu o segui. Dobrando a esquina, olhando para a frente, vi uma fila comprida de caixas descendo em paraquedas. O vento arrastou a mais próxima de nós contra um prédio, e ela bateu nas janelas. Dezenas de outros helicópteros zuniam à distância, todos largando cargas em partes diferentes da cidade.

Observei, encantado.

– Não sei se devo ficar feliz ou preocupado.

A caixa mais próxima bateu na neve, e dezenas de pessoas apareceram do nada, seguindo em sua direção.

– Vamos lá – Chuck disse, assentindo –, vejamos o que conseguimos pegar. – Ele puxou o rifle das costas e correu para o meio da multidão, balançando a arma à frente dele.

Balançando a cabeça de um lado para o outro, eu o acompanhei.

DIA 20: 11 DE JANEIRO

– Você sabia que somos os únicos animais afligidos por três espécies de piolhos?

Coçando a cabeça, respondi: – Não sabia disso. – E cocei o ombro.

Damon estava ocupado observando sua blusa.

– É verdade, vi um especial do Discovery Channel sobre piolhos há algumas semanas.

Nós havíamos reunido todo mundo para ouvir o pronunciamento do presidente, marcado para as dez da manhã. O hall estava começando a esquentar. Desligávamos o aquecedor a querosene à noite. Era muito perigoso deixá-lo ligado enquanto dormíamos.

Vinte e sete pessoas se reuniram no hall, e Irena e Aleksandr vigiavam os cinco prisioneiros dentro do apartamento deles. Trinta e quatro almas em nosso prédio, até onde tínhamos conhecimento, todas no sexto andar, além dos nove mortos no segundo.

Os Borodin tinham se oferecido para deixar o grupo de Paul no banheiro do apartamento deles. Lauren queria que nós os mantivéssemos em algum lugar mais distante das crianças, mas não era prático nem seguro espalhá-los. Havíamos desistido de guardar a entrada e a escada e começamos a patrulhar só o nosso lado do corredor com a barricada.

Irena disse a Lauren para não se preocupar, pois se alguém mexesse na porta do quarto deles, eles atirariam, e que em um ou dois dias, os prisioneiros estariam fracos demais para reagir.

– O piolho doméstico e o piolho-do-púbis, ou chato, não são tão ruins – Damon prosseguiu –, mas o piolho do corpo – observando sua blusa com

atenção, ele pegou algo e o segurou para que eu o visse –, esses são uns diabinhos. – Amassou o piolho com os dedos.

As rádios piratas especulavam muito sobre o que o presidente nos diria – que estávamos em guerra, que tínhamos sido invadidos, que eram os russos, terroristas estrangeiros, os chineses, os terroristas do próprio país, os iranianos. Todos tinham uma teoria.

Ainda mais sinistros eram os relatos da rede de comunicação que diziam que centenas ou milhares de pessoas estavam mortas dentro da Penn e da Javits, e que a cólera havia se espalhado para a Grand Central Station. Havia rumores de febre tifoide.

– Acho que ainda não tenho chato – Damon disse, olhando para baixo. – Acho que não seria um grande problema se tivesse. Não tenho usado muito essa região, ultimamente. – Ele riu e olhou para mim. Eu sorri e balancei a cabeça.

Richard olhou para nós com os olhos arregalados.

– Podem parar de falar sobre piolhos? Estou tentando ouvir.

Se o ambiente físico havia se tornado péssimo, o interpessoal estava pior ainda. Estava envenenado.

– É só especulação idiota – Damon rebateu. O pronunciamento do presidente não havia começado ainda, e estávamos ouvindo um comentarista falar sobre o que o chefe da nação poderia dizer.

Tentei diminuir a tensão.

– Ele só estava brincando, tentando deixar a coisa mais...

– Já estamos cansados de suas atitudes – Richard resmungou –, usando a gente como iscas e nos espionando.

A informação de que vínhamos usando a rede de comunicação de Damon para acompanhar os movimentos de todos havia vazado, e também que nós havíamos planejado a captura do grupo de Paul sem contar o que estava acontecendo. Richard e Rory estavam lívidos, mas Chuck se sentia igualmente irritado.

– Com motivo! – Chuck não se conteve. – Um de vocês *é* espião a serviço

deles.

Ele não fez questão de se controlar, porque sabia que partiríamos na manhã seguinte. Era apenas mais um segredo que estávamos escondendo de nossos companheiros de andar.

– Um espião? A serviço *deles*? – Rory perguntou. – Quem são *eles*? Está ouvindo o que está dizendo?

Chuck apontou um dedo acusador a Rory.

– Não quero ouvir nem mais um pio. Você é o único que esteve perto do apartamento de Paul, e aquelas mensagens daqui para lá...

– Eu já disse, eu parei para conferir o lixo perto daquele apartamento. Eu não sabia que estávamos sendo vigiados.

– Seu mentiroso. Aquela coisa toda de hackers do *Anonymous*, e eu *vi* você lá embaixo conversando com o Stan antes de tudo isto começar.

– Você quer saber quem é amigo do Stan? – Rory apontou Richard. – Converse com ele.

– Não me enfie nisso – Richard disse, balançando a cabeça.

– Por que não? – perguntei.

Richard riu.

– Aposto que você estava usando aquele sistema para vigiar Lauren, não é?

Eu não consegui me conter.

– Cala a boca.

Lauren estava sentada a meu lado. Ela afastou a mão da minha e olhou para o teto.

– E o novo amigo? – Richard prosseguiu, apontando Damon. – O que vocês sabem sobre ele? Que do nada apareceu aqui, ninguém sabe de onde ele é. Se tem alguém que é...

Chuck ficou de pé.

– Esse *garoto* salvou sua vida, salvou muitas vidas. Sem nós, vocês todos estariam nas ruas, talvez morrendo na Penn agora, ou Paul teria roubado tudo que é seu. Mostrar um pouco de gratidão seria bacana.

– Oh, deveríamos ser gratos a você? *Eu* estou cuidando de pessoas. – Ele gesticulou na direção do grupo que agora habitava seu apartamento. – E vocês estão se fechando em seu palácio. Sabemos que vocês têm um suprimento secreto de alimentos. E desde quando são a polícia? Por que não nos dão armas com as quais possamos nos proteger?

Aquele era um ponto sensível. Desde o começo, nós havíamos controlado as armas, e quando Chuck começou a suspeitar de nossos vizinhos, ele proibiu todo mundo de se armar.

No sofá no meio do hall, os filhos pequenos de Vicky começaram a chorar.

– Vou dizer por que somos a polícia – Chuck disse, sorrindo. – Porque temos as armas!

Rory riu.

– Então, caiu a máscara. Os que têm armas criam as regras. Você é paranoico, isso sim.

– Vou mostrar o paranoico – Chuck resmungou.

– Vocês podem, *por favor*, parar com isso? – Susie segurou o braço de Chuck, pedindo para que ele se sentasse. – Já temos brigas demais ocorrendo aqui e não precisamos piorar as coisas. Este é o nosso *lar*, e, gostando ou não, estamos juntos, por isso sugiro que vocês aprendam a conviver.

Ellarose começou a gritar. Susie olhou para Chuck com raiva e levou a bebê para dentro do apartamento, acalmando-a. Chuck se sentou, com os ombros caídos, e a tensão no hall foi diminuindo.

No silêncio, ouvimos o rádio.

"*Dentro de alguns momentos, o presidente falará com o país. Por favor, esperem. Começaremos em um instante.*"

As crianças no sofá soluçavam, assustadas e incomodadas.

Olhei para a família chinesa sentada no canto atrás de Richard. Em três semanas, eles não tinham se dirigido a nenhum nós além de Richard. No começo, eram magros, mas agora estavam macilentos. Eles olhavam para nós com a mesma expressão vaga que muitos outros refugiados tinham começado a

demonstrar. Pensei que eles temessem as circunstâncias, mas, naquele momento, minha perspectiva havia mudado. Sempre vi o nosso grupo como o grupo dos provedores, os protetores, mas para eles, nós éramos as pessoas das armas, dos equipamentos, da informação... do poder. Aquele era o nosso espaço, a nossa casa, e escondíamos coisas deles, e os vigiávamos e acompanhávamos. Nós havíamos nos tornado quem eles temiam.

"*Meus irmãos americanos*", disse a voz grave do presidente. Damon se inclinou para a frente para aumentar o volume do rádio enquanto Susie e Ellarose voltavam para perto de nós.

"É com grande tristeza que faço este pronunciamento a vocês neste momento, que talvez seja o pior que esta nação já enfrentou. Sei que muitos de vocês estão com medo, com frio, fome, no escuro, tentando entender o que está acontecendo, e sinto muito por termos demorado tanto para falar com vocês."

A voz pausou, e a lâmpada no corredor piscou quando o gerador pareceu falhar. Chuck se levantou para checar.

"*As comunicações foram quase totalmente derrubadas no que agora passamos a chamar de 'o evento', algo que descobrimos se tratar de um ciberataque coordenado à infraestrutura deste país e à Internet do mundo todo."*

– Diga algo que não sabemos – Damon disse baixinho. O gerador voltou a funcionar normalmente, e a luz voltou. Chuck estava ao lado de Susie, apoiando a mão em seu ombro.

"Ainda não compreendemos sua dimensão, nem a dimensão da invasão de nossos limites territoriais por intrusos desconhecidos. Falo com vocês agora não de Washington, mas de uma localização secreta até que consigamos entender nossos adversários de modo mais claro."

Isso fez as pessoas começarem a cochichar na sala.

"*Apesar de todo o território norte-americano, na verdade todo o mundo, ter sido afetado por esse evento, nem todas as áreas foram afetadas de modo igual. A queda de energia foi temporária a oeste de Mississippi, e já foi restaurada na*

maior parte do Sul, mas New England e Nova York foram muito atingidas, e a situação se tornou indescritivelmente pior devido a uma série de intensas nevascas."

Era consolador, de certo modo, saber que nem todo o país se encontrava na mesma situação em que estávamos.

"*O exército de nosso país decretou o nível DEFCON 2 durante o evento, o mais alto de nossa história, mas já baixamos para o DEFCON 4. Muitos de vocês podem estar tentando entender por que nosso exército não conseguiu ajudar com mais homens por região. O motivo é: precisamos ficar atentos a ataques*."

– Eu disse – Chuck sussurrou. – Estamos morrendo aqui dentro enquanto eles guardam as malditas fronteiras.

"*A única coisa que podemos dizer, depois de semanas de investigação, é que parece que muitos dos ataques, senão todos, tiveram origem em organizações associadas ao Exército de Libertação do Povo Chinês, ou controladas por ele*."

Aquilo causou mais cochichos. Todo mundo olhou para a família chinesa, mas, em seguida, desviamos o olhar quando percebemos o que estávamos fazendo.

"*No momento, temos quatro grupos de combate posicionados no mar do sul da China, esperando a resolução de um impasse multinacional na ONU e na OTAN. Não vamos nos submeter, nem permitir que nossos cidadãos continuem sofrendo. Tenho boas notícias – mobilizei forças emergenciais especiais para restabelecer a energia e os serviços de abastecimento a Nova York e à Costa Leste dentro dos próximos dias, não importa o que aconteça.*"

Comemoramos.

"*Mas*", ele prosseguiu, "*sinto em informar os cidadãos nova-iorquinos que o CDC pediu, no curto prazo, um isolamento temporário da ilha de Manhattan devido a uma série de surtos de doenças transmitidas pela água, e eu aprovei essa medida. Esse isolamento não durará mais do que um ou dois dias, e*

imploro aos cidadãos de Nova York que fiquem dentro de casa, aquecidos e em segurança, e vamos socorrê-los em breve. Que Deus abençoe todos nós".

O rádio se silenciou.

DIA 21: 12 DE JANEIRO

Estava nevando de novo.

Eu havia subido no telhado de manhã com Tony para brincar com Luke e enfiar neve limpa em um barril para transformá-la em água para bebermos. Flocos de neve caíam do céu silenciosamente, cobrindo uma cidade que parecia ter sido extirpada do mundo como um tumor canceroso.

Mas ali estávamos nós.

Depois da mensagem do presidente, nós permanecemos juntos no hall pelo resto do dia, ouvindo a discussão na rádio pirata. Primeiro, vieram o choque e a negação, mas depois de ouvirmos sobre barricadas que o exército montara para impedir que pessoas saíssem da ilha, começamos a sentir raiva e a pensar. Uma boa parte dos melhores advogados dos Estados Unidos estava presa em Manhattan, e ameaças de processos por violação dos direitos humanos e da Constituição tomavam a rede de comunicação e as ondas do rádio.

Ainda assim, o mais interessante de se ouvir eram as reclamações cheias de conspirações. Se os norte-americanos eram bons em alguma coisa, era em criar teorias da conspiração. Os teoristas a respeito da invasão desconhecida eram meus preferidos – *"Isso não tem nada que ver com os chineses, iranianos, ou qualquer pessoa da Terra; o governo está escondendo uma invasão alienígena, pura e simplesmente"* –, mas nem mesmo essas teorias conseguiam melhorar o humor.

Chuck declarou que passaria pela fronteira, armado, e queria ver quem o impediria. A nossa impotência naquela situação começou a ficar clara quando as primeiras notícias de conflitos e incidentes na ponte George Washington começaram a surgir na rede de comunicação. À noite, Nova York havia deixado

de lado a raiva e passado a ficar deprimida e desanimada. As pessoas se viram forçadas a esperar, e quando anunciaram que elas *não podiam* sair, que estavam presas como animais, repentinamente todo mundo *precisava* sair. Fotos de pessoas caindo na neve no rio East apareceram no laptop de Damon, imagens de pequenos barcos presos no gelo, de pessoas se afogando como ratos.

Os túneis subterrâneos não serviram. Sem eletricidade, a maioria dos túneis de Lower Manhattan, e além de Chelsea, inundou depois de alguns dias. Com as temperaturas baixas, a maioria deles também estava congelada. Algumas pessoas deveriam estar tentando se esconder ali, mas não ouvimos nada a respeito, e não fomos explorar para descobrir.

De manhã, uma grande agitação tomou conta do hall. Eu havia dormido ali fora, e Lauren e Luke se aconchegaram comigo e com Damon. Por nos sentirmos abandonados pelo mundo, queríamos ficar juntos.

Nem sequer conversamos sobre os planos para reaver a caminhonete. Seria inútil.

Chuck ficou sentado, olhando para as paredes, enquanto Damon estava grudado à tela de seu laptop. Já era quase meio-dia, e eu mexia no aplicativo de rádio em meu smartphone, passando de estação em estação.

"Não acredito em nenhuma palavra dita pelo presidente. Acho que está acontecendo mais alguma coisa e eles não querem nos contar. Aquilo foi só um pronunciamento para Nova York, para nos manter em ordem, para explicar por que eles estão nos mantendo aqui..."

Troquei de estação.

"... leve esses malditos para o East Village e mostre a eles o que está acontecendo. Como podem nos deixar aqui? Por que ninguém está ajudando...?"

Troquei de novo.

"... acreditam? Se o restante dos Estados Unidos estivesse bem, vocês acham que o presidente estaria se escondendo? Podemos curar o câncer, pelo amor de Deus, por que estão com tanto medo de uma doença antiga..."

– Pode sintonizar a rádio pública? – Damon perguntou, ajeitando-se. – Depressa.

Troquei de emissora e ajustei o volume. Rory aumentou o volume no rádio principal. Pam permanecera acordada a noite toda, cuidando do modo que podia de nossas infecções, problemas estomacais e gripes, e estava dormindo ao lado de Rory, mas remexeu-se levemente quando aumentamos o volume.

"... o grupo Ashiyane iraniano está assumindo a responsabilidade pelo vírus Scramble, que derrubou os sistemas de logística, e o grupo declara que eles iniciaram..."

– Viram? Eu disse que foram os árabes – Tony disse, sentando-se.

– Eles não são árabes – Rory disse.

"... vingança do ataque dos Estados Unidos ao Irã com os ciberataques Stuxnet e Flame dos anos anteriores..."

Susie se acomodou ao lado de Chuck. Ellarose e Luke estavam dormindo juntos em um pequeno berço improvisado na frente dela.

– Então, não foram os chineses?

"... o ataque inicial tinha como alvo as redes do governo norte-americano. Rapidamente se espalhou a sistemas secundários..."

– Iranianos são persas, não árabes – Rory repetiu. – Eles praticamente inventaram a ciência e a matemática. E o grupo Ashiyane sobre o qual estão falando não é o governo iraniano.

"... a OTAN ainda está pensando em uma atitude de defesa coletiva, enquanto o governo norte-americano está prestes a adotar uma ação unilateral..."

– Você parece saber muito sobre esses caras – Chuck disse a Rory.

Rory deu de ombros.

– Eu escrevo sobre isso no *Times*. É o meu trabalho. A GRI tem uma unidade de assuntos cibernéticos muito sofisticada.

"... apesar de a Internet no mundo estar muito lenta, a Europa começou a agir e a conexão a rádio foi restaurada na maior parte da Costa Leste..."

– GRI?

Rory diminuiu o volume do rádio.

– O exército iraniano, a Guarda Revolucionária Iraniana. É uma mistura de Partido Comunista, de KGB e de máfia. Imagine se Halliburton e a Gestapo se casassem... a GRI seria filho deles.

– Eles são tão bons assim? Poderiam ter feito tudo isso? – perguntei.

– Talvez tenha sido uma tática. Um grupo do Oriente Médio assumindo responsabilidade por algo além de sua capacidade, fazendo barulho para nos distrair do que deveria ser nosso foco.

Rory riu.

– O Comandante Rafal, que cuida da divisão cibernética, é de primeira. Vocês têm que entender que os Estados Unidos não têm habilidade técnica no que diz respeito à cibernética. Nossa mentalidade militar se baseia na ideia de superioridade técnica e numérica, mas no cibermundo, tudo isso desaparece.

– Mas nós inventamos a Internet, não foi?

– Claro que sim, mas agora ela é mundial. Você pode gastar bilhões de dólares em um equipamento militar moderno, mas um cara esperto com um laptop pode desativá-lo.

– Então, você está dizendo que pode ter sido eles?

– Os iranianos mudaram as regras do jogo atacando alvos civis por meio de ciberarmas... o ataque Shamoon que arrasou cinquenta mil computadores na Saudi Aramco... isso não estaria muito fora das operações deles, principalmente como vingança pelos ciberataques norte-americanos.

– Então, você acha que é justificado? – Chuck perguntou, incrédulo.

– Claro que não. Só estou dizendo que faria sentido. Mas o que você não percebe é a *importância* de alguém admitir algo. Talvez eles possam começar a desfazer esse nó.

– Então, é ciberguerra – eu disse. – Suja, fedorenta, doente, em quarentena...

Rory assentiu sem nada dizer. Estava muito magro e parecia frágil. Não comia direito há semanas, enlouquecidamente tentando manter sua dieta vegana.

Eu tive dificuldade para imaginar que era ele quem andava passando informações a Paul, que ele tinha algum motivo secreto.

– Pode aumentar o volume de novo? – Richard pediu do outro lado do hall. – É bom ouvir a opinião de vocês, mas quero descobrir o que está acontecendo.

Rory ajustou o rádio, e caminhei até a metade do hall. Vicky havia saído com um dos filhos, e o outro, um menino que não tinha mais do que quatro anos, estava sentado no sofá, brincando com o caminhão de bombeiros do Luke. Eu não havia conseguido falar com ele ainda.

– Como você está?

Ele olhou para mim de modo desafiador.

– A mamãe disse para eu não falar com estranhos.

– Mas estamos... – comecei a dizer, e então balancei a cabeça, sorrindo, e estendi a mão. – Sou o Mike.

O menininho olhou para a minha mão, pensando. Seu rosto estava descascando, e as roupas pareciam ser dois tamanhos maiores do que o adequado, como se ele fosse um menino de rua. Estava com olheiras escuras por não dormir direito. Ele apertou a minha mão.

– Sou o Ricky. Prazer em conhecê-lo.

– O prazer é meu. – Eu ri.

No fundo, ouvia-se pelo rádio: *"O exército norte-americano agora está pensando na possibilidade de agir em três frontes, algo que estava preparado para fazer, mas que nunca foi testado..."*.

– Meu pai é da Marinha. Está lutando – Ricky disse de modo casual. – Vou ser da Marinha, um dia.

– É mesmo?

Ele assentiu e começou a brincar com o caminhão de bombeiros de novo. A porta da escada se abriu, e Vicky apareceu, segurando a irmã dele nos braços.

– Está tudo bem? – ela perguntou ao me ver perto de Ricky.

– Está tudo bem, Vicky. Só estamos batendo um papo.

Ela sorriu.

– Espero que ele esteja bonzinho.

– Ele é um garoto forte – eu disse, despenteado os cabelos de Ricky. – Como o pai dele.

O sorriso de Vicky desapareceu.

– Espero que não.

Eu disse algo errado. Nós nos entreolhamos num silêncio desconfortável.

Naquele momento, recebi uma mensagem de texto do sargento Williams perguntando como estávamos. Eu me despedi de Vicky e voltei para o nosso lado no hall, respondendo à mensagem, perguntando se ele tinha alguma ideia de como poderíamos sair da ilha.

DIA 22: 13 DE JANEIRO

Levantei os óculos, parei e hesitei, observando a noite a olho nu. A noite estava muito escura e silenciosa, e minha mente parecia desligada. Sozinho, olhando para o vazio, me tornei um pontinho de vida flutuando solitário no universo. A princípio, a sensação foi aterrorizante, minha mente em confusão, mas logo ficou reconfortante. *Talvez a morte seja assim. Solitária, pacífica, flutuando, flutuando, sem medo...*

Ao colocar os óculos de visão noturna diante dos olhos de novo, vi flocos verdes fantasmagóricos de neve caindo delicadamente ao meu redor.

Minha fome tinha sido grande de manhã, a ponto de quase me fazer sair durante o dia. Chuck me impediu, conversou comigo, me acalmou. Eu expliquei que não era por mim, era por Luke, Lauren e Ellarose – qualquer coisa que me permitisse conseguir uma dose, como se eu fosse um viciado.

Eu ri. *Sou viciado em comida.*

Os flocos de neve que caíam eram hipnóticos. Fechando os olhos, respirei fundo. *O que é real? O que é a realidade, afinal?* Eu sentia que estava alucinando, minha mente não conseguia se fixar em nada e vagou. *Segure a onda, Mike. Luke está contando com você. Lauren está contando com você.*

Abri os olhos, forcei-me a me concentrar no momento e toquei o telefone que estava em meu bolso para abrir o *display* de realidade aumentada. Um campo de pontos vermelhos se abriu a distância e, respirando fundo mais uma vez, coloquei cuidadosamente um pé na frente do outro, e segui pela rua 24, na direção de um amontoado de pontos na Sexta avenida.

Em saídas anteriores, na pressa de desenterrar as sacolas de comida e ir para casa, eu não havia pensado em marcar os locais já visitados. Nós havíamos

marcado quarenta e seis pontos no total, e, até aquele momento, eu havia tentado chegar a catorze deles em quatro viagens. Em quatro pontos, não consegui encontrar nada. Talvez as pessoas tivessem nos visto escondendo as sacolas ali e se servido, ou talvez os produtos tivessem ficado expostos, ou talvez eu até já tivesse passado por ali. Minha mente não estava clara. De qualquer modo, eu imaginava que um quarto dos pontos restantes estaria vazio. Mesmo assim, significava que cerca de vinte locais ainda guardariam algo para nós nos alimentarmos. Eu encontrava três ou quatro sacolas por local, e cada sacola representava um dia de alimentação para nosso grupo.

Os números rodopiavam em minha mente. *Lauren precisa de duas mil calorias, e as crianças precisam dessa quantidade também. Mas eu preciso comer mais.*

Eu havia me sentido zonzo o dia todo, febril. Eu não ajudaria ninguém se morresse de fome. Comia apenas poucas centenas de calorias por dia, mas certa vez eu lera que exploradores do Ártico precisavam de até seis mil calorias diariamente no frio.

E *estava* frio. O vento piorava as coisas, e eu tinha a impressão de que ele poderia me levantar e me carregar como uma folha.

Olhando para cima, estreitei os olhos tentando identificar uma placa de rua quando passei. *Oitava avenida*. A placa atrás dela zombava de mim: *Burger King*.

Imagine um belo hambúrguer suculento, com todos os temperos, maionese e catchup. Tive que me controlar para não entrar pela porta aberta e escavar pela neve que chegava à metade da parede do lado de dentro. *Será que alguém deixou passar um hambúrguer por ali? Será que eu conseguiria acender uma grelha de propano?*

Afastando meus pensamentos dos hambúrgueres, continuei andando. Nós havíamos enterrado comida em oito pontos na neve da Sexta avenida. Era praticamente uma mina de ouro, e era onde eu estava indo caçar. Voltei a pensar

nos números. Se eu pudesse reaver todas elas, de todos os vinte pontos, teríamos um estoque de doze dias antes de ficarmos como eles.

Como *eles*.

Como as outras pessoas em nosso andar.

Já fazia cinco dias desde que as estações de emergência tinham se fechado, onde os outros grupos de nosso andar conseguiam o único alimento confiável. Eu imaginava que já fazia cinco dias desde que eles tinham comido algo considerável. Na maior parte do tempo, eles só dormiam.

Pela manhã, eu havia ido ver Vicky e seus filhos, afastando os cobertores do sofá no meio do hall. As crianças piscaram ao me verem à luz fraca, com os lábios rachados e inchados, vermelhos e infectados.

A desidratação era pior do que a inanição.

Damon e eu havíamos passado a maior parte do dia reunindo o máximo de neve que conseguíamos, puxando-a para cima com as polias. Chuck tentara ajudar, mas ele não havia se recuperado do golpe na cabeça, e a mão quebrada estava inchada de novo.

O hall cheirava a excrementos humanos.

Por piores que as condições tivessem se tornado, ainda havia pequenos gestos de gentileza. Susie oferecia água a todos, surrupiava restos de comida, fazia o que podia. Eu vi Damon levar um cobertor que passara horas limpando para dar a Vicky e seus filhos. Ele dividia comida com eles também.

Durante todo o dia, a porta do apartamento de Richard não tinha sido aberta nem uma vez. Fomos checar para ter certeza de que eles estavam bem, mas ele nos mandou embora.

Ao chegar na Sétima avenida, olhei para os dois lados da rua, mas a visibilidade era limitada a cerca de vinte metros na neve que caía. Quando toquei a tela do telefone, o *display* de meus óculos de realidade aumentada passou a mostrar uma visão aérea de onde eu estava.

Posso subir Sétima e e então dar a volta na Sexta pela 23.

Quando caminhei para o cruzamento dos caminhos abertos por passos no

meio das ruas, minha mente foi tomada por imagens dos corpos mortos que havíamos empilhado no apartamento do segundo andar.

Durante o dia, as emissoras de rádio tinham retransmitido uma parte de um noticiário da CNN, transmitido nas redes de televisão do mundo. Descrevia as condições em Nova York como difíceis, mas estáveis, e dizia que mantimentos estavam sendo entregues, que os surtos de doenças estavam sendo contidos. A verdade era bem diferente disso. A diferença gritante alimentava a especulação de que o governo estava escondendo algo.

Como eles não conseguem ver o que está acontecendo aqui?

Eu não me importava mais. Minha vida havia se reduzido a cuidar de Lauren e Luke, e depois, de Susie, Ellarose e Chuck. Nossa situação deixava minhas prioridades muito claras. Eu deixara de lado qualquer artificialidade, ignorando todas as coisas sem importância que antes eu via como essenciais.

Fui tomado por uma forte sensação de *déjá vu*, mas não por nada que eu já tivesse vivido. Parecia que eu estava vivendo as histórias que Irena me contara a respeito do sítio a Leningrado, setenta anos antes. Aquela ciberguerra não parecia ter nada que ver com o futuro, mas, sim, ser parte do passado, como se estivéssemos retrocedendo em direção à infindável habilidade que os seres humanos têm de infligir sofrimento uns aos outros.

Para ver o futuro, bastava olhar para o passado.

Chegando à esquina da Sexta com a 23, encontrei os restos de uma caixa lançada por um helicóptero. Nós havíamos saído para pegar tudo o que conseguíssemos quando cada carga era anunciada, mas tais eventos tinham se tornado guerras violentas por comida. Rory havia se ferido reunindo poucos suprimentos, e a metade deles era composta por itens inúteis, como mosquiteiros.

Um grande círculo vermelho brilhava à minha frente. Eu toquei no telefone em busca da imagem que marcaria a localização exata que eu procurava, encontrei o ponto e, então, cai de joelhos e comecei a cavar. Depois de cerca de

dez minutos, fui recompensado. Batatas. Castanhas de caju. Itens aleatórios que tínhamos pegado das prateleiras em outro mundo.

Salivei enquanto me imaginava comendo um pouco das castanhas – *só algumas, ninguém vai notar* –, mas enfiei tudo na mochila e segui em direção ao próximo círculo vermelho, descendo a Sexta avenida.

Uma hora depois, eu havia recuperado todas as sacolas daquele ponto. Descansei, servindo-me de alguns amendoins e de uma garrafa de água que Lauren havia colocado em minha mochila, e segui em frente.

O grande círculo vermelho seguinte brilhou sob um andaime à margem de um prédio incendiado. Quando me aproximei, um cheiro forte de madeira e plástico me forçou a colocar a bandana sobre o nariz. Depois de alguns minutos, encontrei os prêmios e os tirei da neve: sacolas e sacolas de frango. *Isso mesmo... de quando invadimos o açougue na rua 23.*

Minhas costas doíam de ficar curvado. A mochila estava cheia, provavelmente pesava 25 quilos. *Hora de ir para casa... frango no café da manhã.*

Uma voz surgiu repentinamente em meio à escuridão.

– Quem está aí?

Desequilibrado, ainda ajeitando a mochila, eu me virei, procurando minha arma. Rostos fantasmagóricos apareceram à luz esverdeada de meus óculos de visão noturna – rostos e mãos estendidas. Na pressa de começar a escavar quando cheguei àquele ponto, não olhei ao redor. Eu estava em um acampamento improvisado. As pessoas que viviam ali deveriam ter fugido do prédio incendiado.

– Ouvimos você cavar. O que encontrou?

Eu me afastei até encostar na madeira compensada do andaime.

– É nosso, seja o que for. *Dá* isso aqui! – outra voz sibilante foi ouvida.

Dezenas de rostos verdes me rodearam no escuro. Eles não conseguiam me ver – estava muito escuro –, mas conseguiam me ouvir, sentir que havia alguém ali. Suas mãos se esticavam no espaço entre nós, seus pés se arrastavam na neve,

seus olhos não enxergavam. Eu mantinha a arma em meu bolso. *Deveria atirar em um deles?*

Soltei minha mochila e procurei dentro dela. As mãos mais próximas estavam a poucos metros de mim.

– Afastem-se! Estou armado!

Isso os deteve, mas temporariamente.

Peguei um pacote de castanhas de caju e o joguei contra uma das pessoas mais próximas. O rosto dela era magro, com olhos fundos e encolhidos, e ela não usava luvas. Suas mãos pareciam pretas e sangrando sob a luz fosforescente de meus óculos. O pacote de castanhas bateu em seu corpo e pousou em algum lugar ponto atrás dela. Ela se virou e mergulhou para pegá-lo, colidindo com outras duas pessoas. Joguei mais alguns pacotes atrás delas, e todos se viraram de costas para mim.

Corri para longe da emboscada, arrastando a mochila comigo. Em poucos segundos, eu estava de volta à rua, ocultado pela neve que caía. Respirando fundo para acalmar meu coração acelerado, segui para casa.

Enquanto eu fugia, olhei por sobre meu ombro uma vez e os vi brigando como uma matilha de cães selvagens pela comida. As lágrimas vieram do nada. Eu estava soluçando, tentando ao máximo fazer silêncio enquanto atravessava a neve no breu – sozinho, mas cercado por milhões de pessoas.

DIA 23: 14 DE JANEIRO

"A Empresa de Energia de Nova York afirma que o fornecimento de eletricidade será restaurado em muitas partes de Manhattan dentro de uma semana", prometeu o locutor da rádio, acrescentando: *"Mas todos nós já ouvimos isso antes, não é? Mantenham-se aquecidos e em segurança..."*.

– Vocês querem um pouco mais de chá? – Lauren perguntou.

Pam assentiu, e Lauren se aproximou dela com a chaleira e encheu sua xícara.

– Mais alguém?

Não quero mais chá, mas adoraria comer uns biscoitos. Sentado em um dos sofás no hall, eu sonhava acordado com biscoitos. *Biscoitos cobertos com chocolate, como os que minha avó costumava fazer na época de festas.*

– Sim, mais chá, por favor – o jovem chinês disse no fim do hall.

Lauren caminhou, pisando entre pernas, pés e cobertores enquanto seguia. A barriga de grávida era perceptível mesmo sob a blusa de lã, pelo menos para mim – *quinze semanas*. Eu já havia diminuído quatro furos do cinto, e estava tão magro quanto era na época da faculdade. A minha barriga diminuía e a dela aumentava.

Um alerta da rede de comunicação fez meu telefone apitar, anunciando uma reunião para troca de remédios na esquina da Sexta com a 34. *É melhor que haja proteção ali.* Muitas pessoas queriam o que estava sendo trocado.

O chá na hora do almoço foi ideia de Susie. Ferver a água significava que a estaríamos esterilizando, e Lauren e Susie queriam ter contato com todos pelo menos uma vez por dia. O hall havia se tornado um tipo de ala de convalescência para grevistas de fome, com muitos rostos macilentos espiando por baixo de

cobertores manchados. No chá, havia pedacinhos de sujeira flutuando, mas ele hidratava e esquentava o corpo e também a alma, como era a intenção de Susie.

Chuck disse que unir corpos quentes em uma sala ajudava a aquecer. Cada corpo humano, ele explicou, emitia quase tanto calor quanto uma lâmpada de 100 watts. Então, 27 corpos equivaliam a 2.700 watts de calor, metade do calor que nosso gerador produzia.

Não falávamos de onde toda aquela energia vinha. Usávamos menos energia se nos movêssemos o menos possível, mas usávamos muito mais, se estivesse frio, ele me disse.

Depois de três semanas, mesmo com a nossa frugalidade, todo o suprimento de querosene de Chuck havia terminado, e quase não tínhamos mais diesel. O tanque de 760 litros lá embaixo estava quase vazio depois de três semanas alimentando dois pequenos geradores, além de aquecedores e fogões, mais o que os ladrões tinham levado.

Não estávamos mais acionando o gerador elétrico com a mesma frequência. O hall era iluminado por lamparinas movidas a óleo da fornalha do porão. Era praticamente a única coisa para a qual podíamos usar o óleo, já que era viscoso demais para ser usado no gerador. Acionar os aquecedores de querosene apenas com óleo diesel gerava calor, mas também liberava fumaças insuportáveis, por isso tínhamos que deixar as janelas abertas, o que anulava o propósito.

“*Em poucos minutos, passaremos as últimas novidades sobre a investigação do ciberataque, com...*”

Susie diminuiu o volume do rádio.

– Acho que isso já é o suficiente.

– Eu não acho – Lauren disse, apoiou a chaleira no balcão e se sentou ao meu lado.

Nós havíamos tirado metade da barricada, mas ainda mantínhamos parte dela ali: uma mesa de canto virada e algumas caixas demarcavam qual lado do hall estava fechado para outras pessoas. Lauren estava fazendo o melhor que podia

para manter nosso lado limpo, deixando roupas e cobertores no alvejante de roupas, o que causava um cheiro forte que quase fazia os olhos lacrimejarem.

Lauren se inclinou para a frente para olhar para todos.

– Por que eles simplesmente não tornaram a Internet mais segura?

Era uma pergunta que rodava pela rede de comunicação, feita com cada vez mais raiva, e a maior parte da culpa estava sendo jogada sobre o governo inapto que deveria ter nos protegido.

– Vou dizer o porquê – Rory resmungou embaixo dos cobertores. – Vocês podem tentar jogar a culpa em quem quiserem, mas o principal motivo pelo qual a Internet não é segura é porque nós não *queremos* que ela seja.

Chuck se alterou.

– Como assim, "nós"? Eu sou totalmente a favor da Internet segura.

Rory se endireitou um pouco.

– Você pode pensar que quer uma Internet segura, mas não quer, de fato, e isso é parte do que impossibilita a segurança. No fim, uma Internet *realmente* segura não é interesse do público em geral nem dos produtores de software.

– Por que os consumidores não desejariam uma Internet segura?

– Porque uma Internet verdadeiramente segura não serviria o interesse comum da liberdade.

– Parece que agora, serviria – Tony disse. Luke estava deitado, dormindo em cima dele no colchão ao lado de Lauren e eu.

– Agora, sim, mas tem a ver com o que estávamos falando antes, sobre a privacidade ser o marco da liberdade. Cada vez mais, nossa vida está sendo levada para o ciberespaço, e precisamos preservar o que temos no mundo físico para entrarmos no cibermundo. Uma Internet perfeitamente segura implica uma série de informações em algum lugar, sempre acompanhando o que você está fazendo.

Eu não havia pensado naquilo daquele modo. Uma Internet completamente segura seria a mesma coisa que o mundo com câmeras em todos os cantos e em todas as casas, gravando todos os nossos movimentos, mas seria ainda mais

intrusiva. Um registro perfeito de *toda* interação que tivéssemos daria a alguém a capacidade de espiar nossos pensamentos.

– Eu estaria disposto a abrir mão de minha privacidade online para evitar essa bagunça – Tony disse. Luke se remexeu nos cobertores em cima dele, e Tony sussurrou para ele, pedindo desculpas.

– Espere aí, isso não contradiz o que você disse antes a respeito de precisar deixar a Internet *mais* segura? – perguntei.

– O problema é que estamos tentando usar a mesma tecnologia, a Internet, para as redes sociais *e* para administrar as usinas nucleares. São duas atividades diferentes. Precisamos torná-la o mais segura possível sem colocar toda a responsabilidade em um poder centralizado – Rory respondeu com uma voz cansada. – Estamos falando sobre um ato de equilíbrio, uma tentativa de dificultar o abuso aos direitos de indivíduos no cibermundo do futuro. Até mesmo isto – Rory balançou os braços sob a luz da vela. – O que está acontecendo agora será consertado em breve.

Rory parecia fraco demais para ficar de pé, mas, mesmo assim, falava com muita confiança.

– O maior problema é que as empresas de software não querem que os consumidores fiquem seguros – Damon disse. Ele estava inclinado sobre o laptop, o rosto iluminado pelo brilho suave. O aparelho continuava ligado em modo econômico, e ele o carregava durante a noite, quando ligávamos o gerador.

– Você está dizendo que as empresas de tecnologia querem uma Internet que não seja segura? – perguntei.

– Elas querem que a Internet seja protegida dos hackers – Damon respondeu –, mas não querem que os consumidores sejam protegidos *deles*. Eles criam portas para atualizar e modificar o software remotamente. É um risco básico de segurança que eles criam de propósito. A ciberarma Stuxnet explorou isso.

– Claro que não querem que os consumidores sejam protegidos. – Rory riu. – Eles nos dão todos aqueles softwares gratuitos especificamente para que nós *não*

estejamos protegidos deles... para que possam nos observar, ver nossas informações.

Damon olhou para a tela de seu computador.

– Se você não paga por um produto, então *você é* o produto.

– Como alguém que acompanha minhas compras online pode afetar a segurança? – Susie perguntou, perplexa.

Damon deu de ombros.

– São as pequenas brechas, todos os ganchos e modos de acompanhar sua atividade e entrar em seu computador que são colocados ali por empresas de software. São as coisas que os hackers exploram.

– E você entende do que está falando, certo? – Richard resmungou do outro lado do hall.

Nós o ignoramos.

No dia anterior, soubemos que ele tinha dado o aquecedor a querosene ao grupo do segundo andar em troca do gerador deles, que pusera dentro de seu quarto. Ele foi incisivo ao dizer que os havia orientado para que ventilassem o local, mas não parecia pedir desculpas, como seria o esperado de alguém que talvez tivesse sido responsável pela morte de nove pessoas.

– Mas e o governo? Ele não deveria nos proteger disso? – Lauren perguntou. – O que está acontecendo agora não é só uma conta bancária hackeada.

– Proteger o que, exatamente? – Rory perguntou.

– Para começar, eletricidade e água.

– O governo não comanda mais essas coisas. Não é responsabilidade dele.

– Não é tarefa do exército nos proteger?

– Em teoria, sim, o exército de um país deve proteger seus cidadãos e sua indústria de outras nações, estabelecer um limite e proteger o que estiver dentro dele, mas isso não funciona mais. É difícil definir as fronteiras no ciberespaço. – Rory respirou fundo. – Antes, o governo e o exército *eram* responsáveis por proteger uma fábrica de ataques de governos estrangeiros, mas, agora, estão pedindo à indústria privada para assumir essa responsabilidade no ciberespaço. –

Ele deu de ombros. – Mas quem vai pagar por isso? E até que ponto uma empresa privada pode se proteger de uma nação hostil? Podemos, como cidadãos, agir como nossas próprias forças armadas? E o que acontece quando as empresas são tão poderosas quanto as nações?

Damon assentiu.

– Nós reclamamos dos chineses e iranianos, mas usamos ciberarmas avançadas, como Stuxnet e Flame, neles primeiro. Podemos mesmo ficar tão surpresos porque agora são eles quem as estão usando contra nós?

Aquilo pareceu familiar, e me fez pensar em algo.

– "Se você decidir usar fogo em batalha, cuide para que tudo de que você precisar não seja inflamável."

– Sun Tzu? – Rory perguntou.

Eu assenti com a cabeça, pensando: *Quanto mais as coisas mudam, mais continuam iguais.*

– Bem, então – Rory riu –, deveríamos ter sido mais cuidadosos, porque somos o país mais ciberinflamável do mundo.

Ninguém além dele achou graça no comentário.

DIA 24: 15 DE JANEIRO

– Você tem comida?

A voz me assustou, e quase larguei a carga de neve que estava puxando para cima. Reconheci a voz. Era Sarah, a esposa de Richard, e eu me virei, mas me assustei de novo. A voz era de Sarah, mas o rosto e o corpo...

À luz fraca da escada, olhos desesperados me encaravam a partir de órbitas fundas. Encurvada, ela ajeitou um cobertor rasgado e manchado ao redor dos ombros. Vi que os cabelos dela estavam empesteados de lêndeas. Ela olhou furtivamente para trás, e então se virou para mim, tentando sorrir com os lábios inchados e rachados. Os dentes estavam amarelos, sujos, e, com a mão esquelética, ela tocou uma lesão avermelhada na lateral do rosto. Sua pele estava tão fina e ressecada que eu imaginei que rasgaria se ela se coçasse.

– Por favor, Michael – ela sussurrou.

– Hum, claro – murmurei, horrorizado. Amarrei a corda para que a carga de neve não caísse. No bolso, eu tinha um pedaço de queijo que estava guardando para Luke. Eu o entreguei a ela, que o enfiou na boca, assentindo com a cabeça em agradecimento.

– SARAH!

Ela se retraiu como um animal assustado. Richard apareceu na porta, e ela se afastou dele, encostando-se no corrimão da escada.

– Venha, Sarah, você não está bem – Richard disse, estendendo a mão e me ignorando.

Ela levantou um braço, que estava com hematomas e era só pele e osso, para se defender.

– Não quero.

Richard olhou para ela com os olhos arregalados, e então se virou para mim, sorrindo. Usava uma blusa quente e aparentemente confortável e calças da North Face, e seu rosto corado e barbeado radiava saúde.

– Ela está doente – ele explicou, dando de ombros.

Ele deu um passo à frente e agarrou o cobertor que a envolvia. Ela choramingou quando ele se abaixou e a pegou no colo. Ele se virou para mim, com a esposa nos braços.

– Você acha que poderia deixar um pouco de água do nosso lado quando terminar?

Observei embasbacado quando ele se afastou.

– O que foi isso? – Chuck subia a escada levando um galão de quinze litros de diesel com a mão boa.

– Sarah queria comida.

– Ela e todo mundo. – Chuck riu bem-humorado. Ele balançou o galão ao começar a subir o último lance de escada. – Só mais alguns destes e ficaremos sem.

– Ela não está bem – eu disse, ainda olhando para a porta aberta.

– Nenhum de nós está bem – Chuck respondeu, subindo. – Você viu o que estão comendo no hall?

Alguns dos refugiados tinham começado a pegar ratos no lobby do térreo. Irena havia ensinado a fazer isso, e disse que eles deveriam esmigalhar comprimidos para dormir e outros venenos nos montes de lixo; os ratos eram rápidos e agressivos demais para se pegar com as mãos. E se as pessoas estavam comendo os ratos, estavam comendo também os venenos dados aos ratos. Eu havia encontrado uma grande pilha de ossos de ratos em um canto de um dos apartamentos usados como latrina.

Ouvi mais uma porta se fechar: a do apartamento de Richard.

– Você foi ao apartamento deles ultimamente? – eu perguntei a Chuck.

Ele parou, pousando o galão no chão.

– Você, com certeza, não parece nada bem.

Eu *não estava* me sentindo bem, mas ninguém estava. O mundo começou a girar, e segurei o corrimão com força para me equilibrar.

– Ei, você está bem?

Respirando fundo, eu assenti.

– Só preciso levar essa neve para cima e colocá-la em baldes para que seja derretida, e então vou me deitar.

Chuck me observou.

– Por que não se deita e procura algo para comer?

Naquela manhã, nós havíamos empanado um pouco do frango. Pensar nisso me fez salivar a ponto de eu sentir dor. Tentamos esconder o que estávamos fazendo, cozinhando em um pequeno fogão a butano no canto do quarto de Chuck e Susie, mas eu tinha certeza de que o cheiro havia se espalhado pelas paredes. Provavelmente foi o que fez Sarah sair de seu esconderijo.

– Falando sério, por que você não vai pegar algo para comer? Deixa que eu termino isto – Chuck disse.

Ele pousou o galão de combustível no chão e olhou, por cima do corrimão, para meu balde de neve. Damon e eu estávamos tentando pegar o máximo de neve que conseguíamos. Precisávamos de mais água.

Quando saí de nosso apartamento naquela manhã, quase vomitei ao sentir o fedor. Se eu achava que já estava acostumado, que não tinha como piorar, eu estava errado. Duas das pessoas que dormiam no hall tinham defecado nas calças, embaixo dos cobertores, e estavam em péssimas condições. Pam havia dito que era por conta da desidratação, e eu torcia para que não fosse nada além disso. Ela havia tentado limpá-los, mas foi uma tarefa impossível. Nós havíamos chamado todos que estavam disponíveis para ajudar a buscar mais água.

Uma onda de náusea sobrepujou a fome que fazia meu estômago arder. Eu me preparei e esperei que ela passasse.

– Você ainda está pensando em ir atrás de Paul? – perguntei.

Chuck assentiu.

– Mas deixe que Tony e eu cuidamos disso. Reaver o laptop é algo que

devemos a todos.

Ele estava falando muito sobre o laptop, sobre como era importante ter todos os registros e documentos dos acontecimentos guardados ali. Mas nós sabíamos que era uma questão pessoal, que Chuck tinha sede de vingança.

Com o colapso da autoridade do governo, a responsabilidade pela justiça havia passado para os grupos tribais que espontaneamente criamos. Controlar os esquentadinhos de nosso grupo exigia poder e autoridade, mas e se essa autoridade fosse o esquentadinho?

A única coisa que tínhamos em abundância era tempo para pensar, e saber que Paul estava solto por aí não saía da cabeça de Chuck, como uma fome que substituía a outra. Eu não conseguia mais reunir energia para discutir com ele. Precisávamos nos concentrar em sobreviver, não em buscas infrutíferas, mas acabei não dizendo nada.

– Vou me deitar um pouco. – Sorrindo para Chuck, eu me virei para voltar para o nosso apartamento.

– E não – Chuck disse –, eu não estive no apartamento de Richard. Ele disse que, por termos erguido a barricada, ele não vai permitir a entrada de Susie nem de ninguém na casa dele.

Assenti com a cabeça sem me virar, respirei fundo e fui para o hall. O rádio estava ligado com o volume baixo.

"*... segundo relatos, pelo menos uma dezena de pessoas se afogou enquanto os grupos de resgate fazem o melhor que podem para salvar...*"

Que piada – fazem o melhor que podem para nos salvar.

A quarentena que deveria ter durado um ou dois dias já estava no quarto, e as pessoas tentavam escapar da cidade pelos rios. Uma ampla camada de gelo circundava a ilha de Manhattan, impossibilitando a passagem de barcos, então as pessoas estavam caminhando em cima das banquisas, empurrando e arrastando o que conseguissem fazer flutuar. Muitas estavam caindo em buracos no meio do gelo e emborcavam nas águas congelantes.

O desespero delas mostrava como a situação havia se tornado insustentável.

Com os grandes centros de emergência fechados, a população sem-teto nas ruas havia aumentado. Alguns novos centros tinham sido abertos, mas era tarde demais. Mais prédios tinham se incendiado, e sem aquecimento, água e alimentos, a briga pelos mantimentos lançados pela força aérea era intensa.

Nós não íamos para a rua de jeito nenhum.

Dezenas de milhares de mortos. As emissoras de rádio não estavam dizendo nada, mas eram esses os números mencionados nas mensagens da rede de comunicação. Uma epidemia mortal se espalhava.

Quando voltei para o apartamento de Chuck, encontrei Lauren ajudando a preparar o chá do meio-dia para todos. Ela olhou para mim, e seu sorriso desapareceu.

– Meu Deus, Mike, você está bem?

Assenti. Minhas pernas estavam fracas e quase cediam com meu peso.

– Estou bem. Só vou me deitar um pouco.

Meu telefone bipou no bolso, e o peguei. Era uma mensagem do sargento Williams. *"Encontrei um modo de tirar sua família da ilha, mas preciso ir até aí."*

Eu tive dificuldades para ler o que estava na tela, mas me recostei no batente para responder, pedindo a ele que nos visitasse.

Um modo de sair daqui! Eu quis contar a Lauren e dei um passo à frente. Quando dei por mim, meu rosto estava batendo no chão. Ouvi Susie e Lauren gritando.

Meu mundo foi engolido pelas trevas.

DIA 25: 16 DE JANEIRO

O bebê gritava em meus braços de novo.

Com as mãos sujas, tentei limpá-lo, passando a mão sem parar. Eu estava vagando por uma floresta, pisando em um carpete de folhas amarelas entre os caules brancos de bétulas. O bebê estava molhado, eu estava molhado, e estava frio.

Onde está todo mundo?

Eu entrei em um vilarejo de casebres de palha e ruas enlameadas. A fumaça subia das fogueiras, e crianças apareciam com os rostos sujos de terra, pareciam animaizinhos curiosos. O próximo vilarejo estava muito longe.

Será que eu deveria parar?

Eu precisava continuar andando.

E então, eu estava voando, deixando o vilarejo para trás. Abaixo de mim, as copas das bétulas balançavam ao vento, e as últimas folhas se mantinham firmes nos galhos mais altos.

O bebê desapareceu, ficou no vilarejo.

Uma cidade apareceu à minha frente, um castelo de pedra cercado por casas de pedra, agigantando-se sobre as florestas contra um fundo de montanhas cobertas por neve. Com mais dois passos amplos, voei pelo céu, pousando em pedras molhadas em um beco. Um homem distraído passou por mim, puxando um cavalo preso a uma carroça, e ou não me viu ou não se importava com minha presença. A carroça estava cheia de cadáveres empilhados como palitos de fósforo, e os gritos silenciosos dos amaldiçoados ressoavam pelas ruas vazias.

Tudo na vida deles depende de mim, e ainda assim, eles não se importam.

A sociedade havia ruído, mais uma Idade das Trevas começara.

Seguindo rua acima, subi por degraus de pedra na lateral do castelo. Gaivotas guinchavam ao longe quando o sol começou a se pôr, e eu ouvia homens na floresta, lenhadores, golpeando as árvores. Uma a uma, as árvores caíam, e a queda reverberava pelos muros dos castelos.

Chegando ao topo da escada, abri uma porta de madeira e entrei. Estava quente; eu senti o calor. Uma televisão estava ligada em uma sala vazia. "*As últimas previsões do tempo erraram novamente, ou pelo menos não conseguiram dar resultados concretos"*, dizia o âncora do telejornal. "*Parece que seremos afetados pelas emissões lançadas há vinte anos, e os cientistas agora preveem um aumento na temperatura mundial de cinco a sete graus no fim do século. O Ártico está sem gelo pela primeira vez em um milhão de anos. Ninguém sabe o que acontecerá..."*

Toc!

Eu sabia o que aconteceria. Éramos uma nação de aproveitadores, 98% de nós não produzíamos alimentos e dependíamos dos 2% que produziam qualquer coisa comestível. Havia chegado o momento de os 98% pagarem sua parte, e isso seria feito com sangue.

Squawk!

Eu estava do lado de fora de novo, entre os lenhadores. Onde antes ficava a floresta, agora havia uma paisagem sem fim de tocos, e suas sombras se estendiam na terra ao pôr-do-sol. Apenas uma árvore restava, e um dos homens cortava seu tronco, rindo.

Squawk!

– Entre.

Squawk!

Abrindo os olhos, vi Chuck passar pela porta.

A porta do nosso quarto.

Lauren estava sentada à minha frente, com os olhos tomados de preocupação e medo. Quando abri os meus, ela colocou uma mão sobre seus próprios lábios e

lágrimas desceram por seu rosto. No fundo da mente, eu ainda ouvia o som do machado, um metrônomo desaparecendo.

– Você nos assustou, amigo – Chuck disse. Ele estava sentado na cama ao lado de Lauren.

– Beba um pouco de água – Lauren sussurrou.

Minha boca estava muito seca, e eu tossi. *Estou muito fraco*.

Gemendo, eu me apoiei em um cotovelo. Segurando minha cabeça, Lauren levou um copo a meus lábios. A maior parte da água vazou pelas laterais, molhando meu rosto, mas consegui beber um pouco, e senti que ela desgrudava minha língua e lavava minha garganta. Eu me sentei, peguei o copo da mão dela e bebi mais.

– Viu? – Chuck disse. – Eu disse que ele estava melhorando.

– Quer comer alguma coisa? – Lauren perguntou. – Acha que consegue comer?

Eu pensei na frase. *Conseguiria comer? Queria comer?*

– Não sei – respondi. Eu estava nu sob os lençóis e encharcado de suor. Olhei para baixo e mal reconheci meu corpo. Eu estava magérrimo. Os ossos começavam a aparecer. – Mas vamos tentar.

– Você poderia pegar um pouco do arroz com frango? – Lauren pediu a Chuck.

Ele assentiu.

– Vamos dar um jeito em você agora mesmo.

– Vocês tiveram notícias do... – comecei a dizer, mas tossi antes de conseguir terminar.

Chuck parou à porta.

– De quem?

– Williams. Do sargento Williams.

Ele balançou a cabeça, negando.

– Por que, deveríamos ter recebido?

Eu queria explicar, mas estava muito fraco.

– Shh – Lauren murmurou. – Descanse, querido. Descanse por enquanto.

– Ele vai vir para nos tirar da ilha.

Fechando os olhos, ouvi Chuck dizer: – Vou ficar de olho. Você deve descansar.

E então, os sonhos começaram outra vez, de saltos e voos sobre florestas enquanto o mundo morria abaixo de mim.

DIA 26: 17 DE JANEIRO

Ouvi gritos.

Estou sonhando? Conforme tentei acordar, o teto de nosso quarto entrou em foco, e pisquei, ouvindo o silêncio. *Que horas são*? Estava escuro. *Deve ter sido um sonho*.

– FOI ELE!

Luke começou a chorar no berço ao meu lado.

Não foi um sonho. Por puro reflexo, estendi o braço, procurando Lauren, mas ela não estava ali.

– Sente-se, acalme-se – ouvi alguém dizer no hall.

É a Lauren.

Mais vozes abafadas e então, com clareza: – Dê-me a arma.

É o Chuck.

Eu me sentei, mas me senti tonto e precisei deitar de novo. Rolando na direção de Luke, falei com ele, dizendo que tudo estava bem, mas não o toquei. Eu não sabia ao certo o que havia de errado comigo, mas também não tinha certeza de que estava tudo bem. Reunindo todas as minhas forças, me sentei lentamente com as pernas para fora da cama.

Meu smartphone estava ligado na tomada ao lado da cama. Eu o peguei. *20:13. Nenhuma mensagem.*

A gritaria havia parado, substituída por alguém soluçando de tanto chorar. Lá fora estava escuro, mas eu conseguia ver minúsculos flocos cristalinos passando pela janela sob a luz fraca da luminária. Nosso quarto estava tomado por caixas e montes de roupas largadas, além de lençóis e cobertores. Ouvi o ronronar do gerador ao fundo.

Eu me inclinei para a frente e encontrei minha calça jeans. Estava imunda, mas a vesti mesmo assim, procurando as meias mais limpas para calçar. Peguei uma blusa de lã, fiquei de pé e me firmei, testando o equilíbrio, e então saí para ir à sala principal, que estava vazia, e espiei no hall.

Chuck, Susie e Lauren rodeavam Sarah, que estava no sofá à frente do nosso apartamento. Eles olharam para mim surpresos quando abri a porta.

– O que foi? – ofeguei. – Vocês estavam esperando o Luke? O que aconteceu?

Chuck se levantou de onde estava. Segurava uma pistola grande.

– Vamos deixá-las sozinhas por um minuto – ele disse para mim, abrindo a porta na qual eu me recostava. Olhou para as nossas esposas.

Ellarose estava nos braços de Susie. Os olhos dela estavam inchados e vermelhos, e encrustados com pus, e a pele estava enrugada, descascada, fina como papel. Permanecia calada, mas parecia assustada, e parecia minúscula, encolhida.

– O que está acontecendo? – perguntei de novo ao passar pela porta para dentro do apartamento mais uma vez. – Ellarose está bem?

Chuck parecia ter envelhecido dez anos na última semana.

– Pam disse que ela está bem, mas perdendo muito peso, e não quer comer.

– Onde estão Damon e Tony?

– Na casa do Richard... ou o que costumava ser a casa do Richard.

– Como assim? – Eu o segui até o balcão da cozinha, onde ele encheu uma chaleira com água e ligou a chama do fogão portátil.

– Quase sem butano – ele murmurou. Olhou para mim. – A Sarah matou o Richard.

– O quê? – Minha mente teve dificuldade para processar aquela informação. – Como?

– Com isto. – Ele colocou a arma sobre o balcão. Não era uma das nossas.

– Ela diz que ele roubou o laptop, não Paul, e era ele quem os estava ajudando.

Eu me sentei em um dos bancos da cozinha, ainda tonto.

– Então, o Richard está morto?

Chuck assentiu.

– E era ele quem estava conversando com o Paul? Foi ele quem ajudou a organizar os ataques a nós?

Ele assentiu de novo. Eu nunca acreditei que alguém de nosso prédio estivesse ajudando Paul. Parecia melhor que aquilo continuasse sendo fruto da paranoia de Chuck.

– Por quê?

– Não está claro ainda, mas parece que ele estava deixando as pessoas do lado dele com fome, inclusive a esposa. Guardava tudo para si. Sarah disse que ele estava envolvido em um esquema de roubo de identidade com Paul e Stan, e que as coisas saíram do controle.

Suspirei e me encostei no balcão, esfregando os olhos. Sentia uma dor de cabeça muito forte.

– É bom ver você de pé, amigo – Chuck ajustou a chaleira com a mão boa. – Você ficou fora de combate por mais de dois dias.

Tossindo, olhei para ele.

– Como vocês estão se virando?

– Damon também esteve doente. Lauren e Susie têm assumido as tarefas, e Tony saiu e buscou mais comida ontem à noite. Mas o hall está ficando muito pior, e a cidade... – Ele não terminou, apenas observou a água da chaleira começar a ferver.

Ficando muito pior?

– Seu amigo Williams apareceu. – Ele esfregou os olhos e apontou uma pilha de objetos de plástico amarelo no sofá. – Ali está nossa passagem.

Estreitando os olhos, observei com mais atenção.

– Trajes de proteção?

– Isso. – Ele colocou um saco de chá na chaleira e desligou o butano. – Ele disse que, se conseguirmos descer a caminhonete, ele pode colocar nossos

nomes na lista de operários de emergência e nos levar à barricada na ponte George Washington. Todo mundo que entra e sai usa macacões de proteção, então, se usarmos estes, estaremos na lista e sairemos.

Faz sentido, desde que ele consiga nos colocar na lista, mas...

– E as crianças?

– Teremos que escondê-las.

– Escondê-las?

Ele assentiu.

– Lauren é totalmente contra. Ela acha que é arriscado demais. Eu compreendo. – Ele olhou para o teto. – No rádio, disseram que a energia e a água voltaram a algumas áreas de Manhattan, mas nossas torneiras não têm nada.

Eu não confiava no rádio.

– E a rede de comunicação?

– Aos poucos, ela está morrendo. As pessoas não conseguem mais carregar seus telefones. Alguns dizem que a água está voltando, mas talvez seja história. Talvez eles queiram nos manter aqui.

– O que você acha?

– Acho que devemos sair daqui. Bastam algumas horas de viagem e podemos chegar à minha casa nas montanhas sobre o parque Shenandoah.

– Também acho.

– Você vai precisar falar com a Lauren.

Assentindo, eu apoiei a cabeça no balcão.

Ele pegou a chaleira e me serviu uma xícara. Eu olhei para a mão quebrada dele. Estava péssima.

– Você nos assustou de verdade. – Ele me deu um tapa nas costas com a mão boa. – Por que não se deita de novo?

Levantando a cabeça, pedi: – Pode pedir à Lauren para falar comigo quando, bem, você sabe.

Os soluços no hall ficaram mais altos.

– Tivemos que afastar dois grupos de refugiados ontem sob a mira de armas

– Chuck disse, levantando-se para levar o chá às mulheres. – Converse com a Lauren. Precisamos ir embora.

– Pode deixar.

– E descanse mais.

– Pode deixar.

– Fico feliz por ver que você está se sentindo melhor.

– Somos dois.

DIA 27: 18 DE JANEIRO

– O que aconteceu, querida?

Lauren estava encolhida em posição fetal na cadeira perto da cama. Era manhã, e o céu nublado lá fora enchia a sala com uma luz monótona e fraca. Eu estava me sentindo melhor naquele dia, mas, quando acordei, percebi que ela estava chorando. Luke ainda dormia.

Ela não respondeu.

– Está brava comigo?

Na noite anterior, nós havíamos brigado. Ela se recusara a pensar em sair da cidade, dizendo que a eletricidade logo voltaria, que a água estava voltando, e que era perigoso demais ir embora. De jeito nenhum ela enfiaria Luke dentro de uma bolsa para escondê-lo enquanto passássemos pela barricada na ponte George Washington.

Ela estava com medo, e eu também.

– O que aconteceu? É por causa do Richard?

Por mais chato que ele fosse, ele tinha sido amigo de Lauren. Eu não fazia ideia do que ela estava sentindo.

Ela balançou a cabeça, negando. Respirando fundo, ela engoliu em seco.

– Eu fui levar um pouco de água a eles. Pam e Rory... – Foi só o que ela conseguiu dizer antes de começar a chorar outra vez.

– Aconteceu alguma coisa com eles?

Ela balançou a cabeça para negar, mas deu de ombros ao mesmo tempo. Alguma coisa a havia assustado. Como um soldado exaurido pela batalha, descobri que o desconhecido não me assustava mais da mesma maneira de antes, então decidi ver se conseguia descobrir o que a havia abalado.

Vesti algumas roupas e fui para a sala principal. Tony e Damon estavam no sofá, e ambos dormiam com o zunido constante do gerador ao fundo. Tony abriu os olhos, mas sussurrei que estava tudo bem. Peguei uma lanterna de cabeça e, depois de hesitar por um segundo, também levei a arma de Tony. Ele abriu os olhos de novo, e mais uma vez murmurei para que ele não se preocupasse.

Sempre deixávamos uma luz noturna fraca acesa no hall, e mantive minha lanterna desligada ao passar pelos corpos inertes e pelos cobertores. O hall cheirava como um esgoto a céu aberto. Como não ligávamos mais os aquecedores a querosene à noite, estava tão frio, que eu conseguia ver minha respiração.

Ao passar pelas estantes no meio do hall, algo embaixo do rádio me fez lembrar uma caixa de donuts que eu sempre levava ao escritório para meu pessoal. Apesar do fedor, eu me peguei pensando em donuts cheios de creme e cobertos com chocolate, e xícaras de café bem quente.

Pelo menos, estou sentindo fome de novo. Eu sentia aquela dor familiar no estômago. *E estou muito sedento.* O fundo de minha garganta estava ressecado, e, passando a língua pelos lábios, pude sentir as bolhas.

Chegando ao apartamento de Rory, acendi minha lanterna, respirei fundo e entrei, empurrando a porta com força para afastar qualquer lixo que estivesse acumulado atrás dela.

Ali dentro, o cheiro era diferente, não tão forte quanto o do hall. Ainda era um cheiro de excrementos, mas também um pouco metálico. Eu me lembrei dos dias que passei, na adolescência, ajudando meu tio a consertar o encanamento no bairro, e pensei que, talvez, Rory e Pam tivessem tentado pegar água. O cheiro também me fez pensar em outra coisa. Eu havia encontrado uma sujeira fedorenta em um dos apartamentos de latrina nos andares inferiores, um pouco até nas paredes, e o fedor ali deixara o mesmo ressaibo metálico no fundo da garganta.

Será que eles sofreram um acidente?

O apartamento deles era um estúdio. Duas pessoas, vizinhos do quarto andar,

estavam se abrigando ali e deviam estar sob os montes de cobertores que vi no sofá. A cama de Rory e Pam ficava em uma plataforma elevada no lado mais distante do apartamento. Também estava cheia de cobertores, e dava para ver as cabeças deles para fora. Eles estavam imundos, o rosto manchado de preto.

Cutuquei Rory.

– Vocês estão bem?

Ele estreitou os olhos sob a luz de minha lanterna de cabeça.

– Mike, é você?

– Sim. Vocês estão bem?

Olhando com mais atenção, vi que as manchas no rosto deles não eram pretas, afinal. Ele estava coberto por algo vermelho...

– Vá embora. – Ele colocou a mão sobre a minha lanterna e me empurrou.

A camisa dele também estava manchada, e não era de um vermelho fraco. Era vermelho-sangue. Afastei os cobertores. Rory estava deitado atrás de Pam, e os dois estavam todos sujos de sangue, inclusive no rosto.

– Vocês se machucaram? O que aconteceu?

– Vá embora – ele repetiu, voltando a cobrir os dois. – Por favor.

Pisei em algo que fez um barulho sob meus pés. Olhei para baixo, e vi uma bolsa de plástico grosso cheia de um líquido preto. *Não é preto... é vermelho*. Havia dezenas de bolsas espalhadas pelo chão ao redor da cama. Onde eu já tinha visto aquelas bolsas antes?

No banco de sangue da Cruz Vermelha, onde Pam trabalhava.

Eles estavam bebendo sangue humano.

Nauseado, eu me afastei. O sofá estava tomado por bolsas como aquelas, e, na parede mais distante, vi dezenas de outras empilhadas, cheias e inchadas como sanguessugas.

Apesar de minha repulsa, uma parte de mim se sentiu atraída a elas. *Talvez não para beber, mas poderíamos cozinhar, talvez fazer salsichas de sangue. O sangue tem bastante ferro e proteína, não tem?* Luke não saberia o que era, e Lauren precisava de ferro. Meu estômago roncou, mas então estremeci. *Eu doei*

sangue no dia em que toda aquela confusão começou. Eu imaginei Pam bebendo meu sangue, seu rosto pálido, com as presas para fora, os olhos felinos me observando...

– Precisamos sair – alguém sibilou atrás de mim. – Precisamos sair logo.

Eu me virei, meio esperando ver uma criatura da noite, mas a luz da lanterna revelou o rosto de Chuck.

– Eles estão bebendo sangue – sussurrei.

– Eu sei.

– Você sabe?

– Não é uma ideia totalmente ruim, mas tenho tentado guardar segredo para não assustar as pessoas. O sangue se conserva por quarenta dias no frio, e tem feito muito frio aqui.

Como ele sabe dessas coisas? A sensação de irrealidade ficou mais forte, e tive a sensação de que perdia a consciência.

– Mike – Chuck disse. – Acorde e me ouça. Você está fora de combate há um tempo, e as coisas pioraram *muito*.

Pioraram muito. Pelo jeito como ele dizia...

– O que você não me contou?

– Você precisa convencer a Lauren a irmos embora. *Agora.*

Fiquei olhando para ele.

– O que *mais*?

Chuck respirou fundo.

– Sabe aquelas nove pessoas mortas no segundo andar?

– O que tem elas?

– Agora só tem cinco corpos.

Não precisei perguntar o que havia acontecido com elas. Os corpos humanos eram a última fonte de calorias restante em Nova York. Encostei na parede, empalidecendo, com os dedos formigando. Irena havia mencionado isso quando conversamos sobre Leningrado, de grupos de carniceiros atacando e comendo pessoas.

– E o Richard desapareceu – Chuck sussurrou –, ou, pelo menos, partes dele.

Partes dele. Tremi horrorizado.

– Você sabe quem?

Ele negou balançando a cabeça.

– Quem parece mais saudável? Talvez as pessoas aqui, talvez as pessoas lá fora. Esse seria o meu palpite. – Soltando o ar, ele acrescentou em voz baixa: – Ou minha esperança.

– Não conte a Lauren.

Ela provavelmente já sabe.

– Então, convença-a a ir embora.

O sangue voltava a meu rosto, que ardia. Eu ainda não estava me sentindo bem.

Chuck olhou bem em meus olhos.

– Vamos embora amanhã cedo.

DIA 28: 19 DE JANEIRO

– Tem certeza de que quer fazer isso?

Damon assentiu.

Por cima da estrutura do estacionamento, parecia bem mais longe do que olhando do chão. Chuck teria se virado melhor lá em cima do que eu, mas ele ainda não podia usar uma das mãos. Damon e eu demoramos meia hora só para tirar a neve e o gelo da caminhonete.

Tony tinha acabado de voltar ao chão depois de subir na plataforma do *outdoor*, arrastando o cabo do guincho. Ele era o único forte o bastante para puxá-lo – o cabo de 24 metros pesava mais de 50 quilos.

Prendemos o cabo perto da parede para minimizar a força que tentaria arrancar o *outdoor* do prédio. A parede ficava a noventa graus da plataforma do estacionamento, e o *outdoor* se projetava a partir dele, portanto balançaríamos o cabo em um espaço aberto. Quando chegou lá embaixo, Tony fez sinal de positivo com a mão, retribuí o sinal e assenti para Damon.

Colocando a caminhonete em ponto morto, Damon acionou o guincho. O veículo foi para a frente.

– Devagar! – gritei quando ele puxou o freio de mão e desligou o guincho. – Por que você não puxa o freio de mão e deixa o guincho fazer o trabalho?

– Boa ideia – Damon respondeu. Ele estava usando um capacete de moto que havíamos encontrado na garagem. Junto com um cachecol comprido enrolado no pescoço e jogado para trás, ele estava hilário. – Vou empurrá-la para a frente.

Na teoria, aquilo parecera arriscado, mas possível, porém na prática... guinchar uma caminhonete de três toneladas e meia de um guindaste de ponte quinze metros acima do solo era ridículo. Depois de subir e ter uma noção da

enormidade da tarefa, eu disse a Chuck que era maluquice, insistindo que deveríamos desistir.

Mas não havia volta, não mais.

Damon ligou o guincho de novo e logo em seguida desligou, olhando para mim para ter certeza de que estava tudo certo.

– Faltam cerca de trinta centímetros para que os pneus da frente passem! – gritei.

Ele assentiu, acionando o botão de novo.

O dia anterior tinha sido cheio. Nós havíamos conseguido água suficiente para nos lavarmos e barbearmos. Lauren havia cortado os cabelos de todos, e Susie e Chuck vasculharam os apartamentos à procura de roupas limpas. Tínhamos que parecer trabalhadores bem asseados, não moradores em condições precárias quando chegássemos à barricada militar, para o caso de eles decidirem nos revistar.

Tony saiu à noite para reaver todos os mantimentos que conseguisse. Ele os havia deixado ali perto da caminhonete, escondidos na neve. Carregar alimentos pelas ruas teria aumentado a chance de sermos atacados no caminho de volta. Carregar o resto de diesel já seria bem perigoso.

Com um baque, os pneus dianteiros da caminhonete passaram pela estrutura. O veículo tombou alguns centímetros para a frente, e então parou. Damon olhou para mim e sorriu.

– Você está bem? – perguntei, balançando a cabeça. Meu coração estava acelerado.

Damon estava incrivelmente calmo.

– Perfeito – ele respondeu.

Ele sorria, mas a mão no botão do guincho tremia. Ele o acionou e desligou de novo, movimentando a caminhonete mais alguns centímetros para a frente.

O trajeto até ali tinha sido surreal. A última vez em que qualquer um de nós havia se aventurado além da rua 24, além de nossa porta dos fundos, tinha sido quando Chuck e eu havíamos ido ver a caminhonete dez dias antes. Naquele dia,

Nova York parecia um campo desolado e congelado, cheio de lixo e excremento humano, mas, desde então, havia se transformado em uma zona de guerra. A neve estava pisada e suja, coberta por imundície. Prédios incendiados emolduravam o cânion da Nona avenida, com janelas quebradas e os restos de caixas lançadas pelos helicópteros. A temperatura estava acima de zero, e cadáveres apareciam entre a neve derretida, amontados com o lixo.

– Mais trinta centímetros e estaremos nos pneus traseiros!

A caminhonete deslizou mais um pouco para a frente, parando com os pneus de trás a poucos centímetros da borda da plataforma de metal, e a parte da frente da caminhonete estava suspensa e balançava no ar. O Land Rover se estendia a alguns centímetros além dos pneus de trás, então, mesmo quando os pneus passassem, a ponta de trás da caminhonete deveria permanecer na plataforma, até a parte final do para-choque passar.

Pelo menos, era o planejado.

Matilhas cada vez maiores de cães e gatos de rua haviam se unido aos ratos nos montes de lixo. Chuck atirara a esmo quando viu os primeiros animais comendo os cadáveres, mas precisávamos economizar munição, e os tiros chamavam atenção. De qualquer modo, os animais se dispersavam quando viam pessoas se aproximando, talvez por sentirem que também corriam o risco de serem devorados.

Nós éramos um grupo esquisito. Eu havia voltado a usar o sobretudo feminino com babados que pegara no hospital. Até aquele momento, nós havíamos saído de dois em dois, no máximo, mas agora, todos precisávamos de casacos, então não podíamos escolher. Nós caminhamos olhando para o chão, com as armas à mostra.

A jornada tinha sido longa, e eu ainda não estava totalmente recuperado. Subir na plataforma do estacionamento esgotara quase todas as minhas forças, mas a adrenalina corria pelas minhas veias.

Damon acionou o guincho de novo. Os pneus de trás escorregaram da plataforma, e as 3,5 toneladas da caminhonete aterrissaram na estrutura de trás

com uma batida forte que chacoalhou toda a estrutura do estacionamento. Ela escorregou um pouco para a frente e então parou.

A caminhonete estava inclinada com a parte da frente a cerca de 30 graus, e Damon estava suspenso no espaço pelo menos 2,5 metros da beira da estrutura de estacionamento, no banco do motorista. A ponta da caminhonete estava a menos de 3 metros da plataforma do *outdoor*.

– Isso! – gritei para Damon. – Quais são suas últimas palavras?

– Esperem um segundo.

– Essas são suas últimas palavras?

Damon sorriu para mim, e eu retribuí.

No chão, Lauren e Susie olhavam para cima. Elas pareciam tão pequenas. Luke parecia menor ainda. Um grupo de cerca de dez curiosos havia se reunido, e vi outros se aproximando. Tony e Chuck gritavam, apontando as armas, mandando todos se afastarem, dizendo que não tínhamos comida.

– O tempo é só uma ilusão – Damon disse. E com isso, ele voltou a acionar o guincho.

Que rapaz esquisito.

Um lado do para-choque saiu da plataforma antes do outro, fazendo com que o veículo girasse de cabeça para baixo. Com o repuxo, o outro lado se livrou, virando a caminhonete num arco para baixo, mas também lateralmente enquanto ia em direção à parede do prédio que segurava a plataforma do *outdoor*. Eu não havia levado em consideração a possibilidade daquele movimento em meus cálculos apressados, e isso provavelmente salvou tudo, transferindo muita da força inicial para o prédio. O som do metal rangendo foi ouvido, e a plataforma do *outdoor* se curvou com o peso conforme a caminhonete descrevia um grande arco para baixo.

Bang! Primeiro, uma escora de metal saiu da parede que apoiava a plataforma, espalhando pedaços de tijolos, e, então – *bang!* –, uma segunda se soltou quando a caminhonete atingiu o zênite de sua virada.

Damon havia guinchado a caminhonete em direção à plataforma para

minimizar a força pendular, mas quando ela se moveu na minha direção, com a frente do veículo quase na plataforma, ele reverteu a função do guincho e começou a descer a caminhonete. Foi bem na hora. A plataforma começou a se soltar da parede. O *outdoor* lentamente se soltou da parede quando a caminhonete, girando, desceu em direção ao chão.

Com um baque, a caminhonete pousou sobre o para-choque traseiro, girando na neve. Felizmente, enquanto Damon a descia pelos últimos metros, ela parou com as rodas no chão, não com o capô. A plataforma do *outdoor* caiu ao mesmo tempo, e a ponta presa ao cabo do guincho bateu na neve a poucos metros do veículo, enquanto a outra ponta ainda ficou precariamente presa ao prédio.

E então, silêncio.

– Isso foi *incrível*! – Damon gritou, aparecendo pela janela da caminhonete, olhando para mim com o punho em riste.

A plataforma tremeu e rangeu.

– Mike, desça aqui! – Chuck gritou. O grupo de curiosos crescia. – Precisamos sair daqui!

Expirando, percebi que não havia respirado durante o número de Damon. Retomando os sentidos, caminhei pela plataforma de metal até a escada na parte de trás da estrutura. Quando desci, Susie e Lauren já estavam no banco de trás com as crianças, e Tony colocava as últimas sacolas de alimentos e galões de diesel na parte traseira. Damon estava no teto da caminhonete, soltando o cabo do guincho.

Corri pela neve, escorregando e deslizando, e cheguei quando Damon estava entrando de novo na caminhonete. Chuck abriu a porta para mim, e entrei. O guincho grunhiu, e o cabo rolou de volta para a frente do veículo.

Tony havia dirigido tanques militares no Iraque. Ligando a caminhonete, ele olhou para nós.

– Todos prontos?

– Prontos – Chuck respondeu.

Prendi a respiração.

Os curiosos rodeavam a caminhonete, e Tony avançou com ela, dispersando quem havia se posicionado na frente. Algumas pessoas bateram nas janelas, implorando para que parássemos, para que as levássemos conosco, implorando por comida.

Conforme saíamos pela rua Gansevoort, o único obstáculo à nossa liberdade foi o enorme banco de neve na beira da West Side Highway. Era mais alto do que um homem, mas tinha sido desgastado no meio pela passagem de pessoas. Tony pisou no acelerador.

– Ela vai passar – Chuck disse, incentivando Tony a seguir em frente. – Pessoal, segurem-se!

A caminhonete chegou ao banco e começou a subir, dando a leve impressão de que estávamos caindo para trás. Então, passamos para o outro lado. Descendo o monte, deslizamos e paramos na pista em direção ao norte da West Side Highway... no asfalto recentemente limpo.

Tony mudou de marcha, virou a caminhonete e seguiu para o norte em direção à ponte George Washington. Encontraríamos sargento Williams no lado sudeste do Javits Center. Ele nos levaria dali até a barricada militar.

– Vamos vestir os trajes – eu disse a todos.

Luke estava ao meu lado, entre Lauren e eu na terceira fileira de assentos. Seu rostinho expressava medo. Olhando para seus lindos olhos azuis, soltei seu cinto de segurança e o sentei em meu colo.

– Quer brincar de esconde-esconde?

Os operários da emergência não podiam estar acompanhados de crianças. Luke sorriu para mim. *Como vou colocá-lo dentro de uma bolsa?* Minha mente trabalhava de modo frenético, mas Lauren o pegou de mim, deu um beijo em mim e outro nele.

– Você deve vestir seu macacão. Eu cuido do Luke.

Franzi o cenho olhando para ela.

– Fiz um berço para eles, seu bobo. Vista-se.

Soltando o cinto, eu vesti a roupa de proteção amarela.

A ponte George Washington apareceu ao longe.

DIA 29: 20 DE JANEIRO

– Coma um pouco disto.

Irena me entregou um prato de carne quente. Morrendo de fome, eu o aceitei. Havia um caldeirão fervendo no fogão dela, e encantado, eu a segui em direção a ele enquanto observava o que havia em meu prato. Havia ossos grandes na panela, e a água fervia ao redor deles. *Esses ossos são grandes, grandes demais...*

– Precisamos sobreviver, Mih-kah-yal – Irena disse, sem cerimônia, mexendo o conteúdo da panela.

Havia alguém sentado na despensa atrás dela. *Não, não estava sentado*. Era Stan, do grupo de Paul, e ele estava cortado pela metade. Só seu torso da cintura para cima ainda estava inteiro, e os olhos me encaravam, sem enxergar, opacos.

Uma trilha de sangue se estendia pelo chão, empoçando-se sob os pés de Irena.

– Você precisa acordar – Irena disse, coberta de sangue, mexendo os ossos –, se quiser sobreviver.

– Acorde.

Acorde.

– Você está sonhando, querido – Lauren disse. – Acorde.

Abrindo os olhos, percebi que ainda estava no banco de trás da Land Rover, envolto por cobertores. Estava escuro. O sol nascia. A luz de dentro da caminhonete estava acesa, e Susie estava no assento da frente, alimentando Ellarose. Os caras estavam do lado de fora, conversando, encostados em um muro de concreto.

Cocei meu pescoço e resmunguei.

– Você está bem? – Lauren perguntou. – Você estava falando.

– Estou bem, só estava sonhando.

Sonhando com os Borodin.

Irena e Aleksandr pareciam ter entrado em um tipo de modo hibernação, mal se mexiam, sobreviviam com seus biscoitos e raspando a neve do lado de fora das janelas. Eles permaneciam na sala de estar com sua arma e seu machado, cuidando da porta que levava ao quarto deles, onde os prisioneiros estavam.

Quando dissemos a eles que sairíamos da cidade, Irena pegara a *mezuzah* da porta da frente para me dar, pedindo para que eu a mantivesse comigo e pendurasse na porta de onde quer que ficássemos. Foi a primeira vez que eu a vira discutir com Aleksandr, e eles não falaram em russo, mas em uma língua que me pareceu arcaica, que talvez fosse hebraico. Ele ficou incomodado, não queria que ela tirasse a *mezuzah* dali. Eu tentei recusar, mas Irena insistiu.

Estava no bolso de minha calça jeans.

– Onde estamos?

Meu cérebro ainda estava organizando o que havia acontecido no dia anterior.

Cruzar a barricada militar na ponte George Washington tinha sido tenso, mas no fim, quase anticlimático. Nós havíamos encontrado o sargento Williams conforme o combinado. Ele colara alguns adesivos da polícia de Nova York nas laterais da caminhonete, e nós passamos pela multidão até o ponto de checagem.

Não tinha sido totalmente tranquilo. Tivemos que esperar por uma hora, aproximadamente. Nossos nomes não estavam na lista, e as carteiras de habilitação indicavam que éramos moradores de Nova York, mas depois de um pouco de discussão e algumas ligações para o Javits, eles nos deixaram passar.

Lauren havia feito um berço com caixas de papelão, e o forrou com cobertores, escondendo Luke e Ellarose dentro dele. Nós os havíamos alimentado e calculado bem o tempo, de modo que eles dormiram durante todo o trajeto.

– Estamos ao lado de um viaduto de acesso para a entrada da I-78 – Lauren

respondeu, Eu estivera meio entorpecido na hora da travessia no dia seguinte, fraco, mas fazendo o melhor que podia para sorrir e parecer normal. Lembranças da ponte George Washington, como uma catedral sobre o rio Hudson, flutuavam em minha mente, e então, a sensação de alívio quando nos liberaram.

Já era fim de tarde quando conseguimos passar. Nós havíamos seguido pela I-95, a única estrada principal que havia sido mantida desobstruída, até Nova Jersey em direção ao aeroporto de Newark. O pináculo do Empire State Building era visível ao longe, a Torre da Liberdade mais para baixo, com Nova York aninhada entre os dois.

Estamos livres, eu me lembrei de ter pensado, e então, devo ter adormecido.

– Eu me lembro de termos chegado aqui. O que aconteceu? Pensei que a ideia fosse nos afastarmos o máximo possível de Nova York.

– Quando saímos da 95 e pegamos o acesso para a 78, a estrada ficou bem pior, e o sol estava se pondo. Em vez de nos arriscarmos no escuro, Chuck escolheu este lugar para passarmos a noite. Você estava dormindo.

– Como estão Luke e Ellarose?

– Eles estão perfeitos.

Graças a Deus.

Eu me espreguicei.

– Vou conversar com os rapazes, o.k.? – Eu me inclinei para a frente e, afastando os cobertores, peguei uma garrafa de água e a beijei.

– Como está se sentindo? – ela perguntou, devolvendo o beijo.

– Bem. – Respirei fundo. – Muito bem. – Eu a beijei de novo e abri a porta, olhando na direção do horizonte.

O sol nascia sobre o Financial District. A Torre da Liberdade brilhava a distância, além dos conveses congelados e das gruas do porto de Nova York. Olhando para a esquerda, tentei identificar os prédios familiares dos píeres de Chelsea perto de nosso apartamento, nossa prisão no último mês.

Estamos livres, mas...

– Como estão as estradas? Podemos atravessá-las?

Os rapazes se viraram, distraídos numa conversa.

– Oi, Bela Adormecida! – Chuck brincou. – Decidiu se unir a nós, hein?

– Pois é.

– Está se sentindo bem?

Assenti. Talvez fosse só o ar fresco, mas eu estava me sentindo bem, como não me sentia há semanas.

– Estão cobertas de neve, mas dá para passarmos – Chuck respondeu –, pelo menos a minha belezinha consegue. Prepare-se. Vamos partir em cinco minutos.

Eu me afastei deles, espreguiçando-me, dei a volta na caminhonete para despertar. A neve cobria o acostamento da estrada, mas a pista estava marcada pelos pneus. Outras pessoas tinham passado, mesmo depois de o limpa-neve ter deixado de passar, e a neve derretia depressa. Desviando o olhar do sol que nascia em Nova York, eu olhei para o viaduto na I-78, além de um depósito de contêineres e em direção à Nova Jersey e Pensilvânia.

*

Estávamos na estrada.

Apesar das objeções de Lauren, nós havíamos parado no aeroporto de Newark. Chuck insistira para que pelo menos procurássemos o pai e a mãe dela. Lauren repetiu que tinha certeza de que eles tinham saído dali, mas tentamos mesmo assim. Ao passarmos por um dos guichês de entrada abandonados e cobertos pela neve, atravessamos o viaduto de acesso e paramos no terminal principal. Damon e eu permanecemos na caminhonete enquanto Chuck e Tony entraram. Do lado de fora, o local parecia abandonado. Em menos de uma hora, eles voltaram. Ninguém havia se aproximado de nós enquanto esperávamos, e eles não encontraram os pais de Lauren. Mas Chuck e Tony estavam muito calados. Só ficamos imaginando o que eles tinham visto, e o trajeto de volta à estrada foi feito em silêncio.

A estrada estava tomada por veículos de construção abandonados – niveladores, roladores e caminhões – todos cobertos por uma grossa camada de

neve. Casas e árvores pontuavam a estrada, e passamos por um grupo de pessoas que rachavam o que parecia ser lenha. Eles acenaram para nós, e retribuímos.

A I-78 era uma estrada profunda naquele trecho, e passamos por baixo de vários viadutos, todos eles com bandeiras dos Estados Unidos – algumas novas, outras em trapos –, e faixas nas quais se lia “Não vamos ceder” e “Sejam fortes”. Imaginei as pessoas famintas e com frio que as haviam colocado ali, escrevendo suas mensagens com spray nos lençóis velhos. Eram mensagens para mim, para nós. *Vocês não estão sozinhos*, elas diziam. Eu agradeci a elas em silêncio, desejando que estivessem bem onde se encontrassem.

Seriam cerca de 110 quilômetros pela I-78 até Phillipsburg e a fronteira de Nova Jersey com a Pensilvânia, e então, mais 110 quilômetros até onde a I-78 encontrava a I-81 ao sul, em direção a Virgínia. Depois dali, seriam pouco menos de 270 quilômetros até as montanhas Shenandoah e à casa da família de Chuck.

Em condições normais, a viagem toda seria feita em quatro horas, mas conforme atravessávamos as pistas com obstáculos no meio da estrada, imaginei que demoraríamos cerca de dez. Isso se as condições das estradas não piorassem. Mas Chuck estava decidido a chegar em um dia. Independentemente do que acontecesse, estaria escuro quando chegássemos, por isso ele cuidou para que Tony seguisse o mais rápido possível.

Foi uma viagem difícil, turbulenta, e aninhei Luke em meu colo.

Ele estava feliz. Parecia uma aventura de novo, e acho que ele estava feliz por termos saído de nosso apartamento fedorento. Parecia um sonho, na verdade. O sol brilhava, e as janelas estavam abertas, e aproveitávamos o clima mais quente. Chuck estava tocando Pearl Jam.

A paisagem se abriu, a estrada voltou ao nível do solo, revelando montes e a zona rural. Passamos por chaminés, caixas-d’água elevadas e torres de telefonia que pontuavam o local – e nenhuma delas funcionava. Fiquei checando meu celular, mas não havia sinal em nenhum ponto. As torres de energia eram as mais altas, seus cabos se estendiam pela estrada e além.

Pequenas cidades e vilarejos começaram a aparecer, e a fumaça saía das chaminés ao longe. Víamos pessoas caminhando nas ruas.

Pelo menos, eles têm muito a queimar. As florestas pareciam infinitas. *A vida está normal aqui?*

Então, passamos por uma fazenda onde vacas mortas estavam sobre manchas vermelhas contra os campos brancos. Um grupo de pessoas com machadinhas atingiam a carcaça ao lado de um depósito de grãos, e uma delas agitou a faca enorme para nós quando passamos, pedindo para que parássemos.

Não paramos e não acenamos de volta.

Damon mexia no rádio enquanto seguíamos, alternando entre música e procurando as ondas de rádio para encontrar emissoras em transmissão, mas só conseguimos sintonizar as emissoras do governo de Nova York e as rádios piratas. Quando encontrávamos rádios assim, ouvíamos, às vezes um anúncio da comunidade, às vezes uma reclamação, mas ficou evidente que também não havia eletricidade nem comunicação ali.

Mas havia pessoas em todas as partes, caminhando pelo acostamento, puxando cargas em esquis, mas não passamos por nenhum outro veículo. Cochilei de novo, minha mente registrava apenas imagens – McDonald's de beira de estradas e *outdoors* da Quiznos, um trem descarrilado na encosta de um monte, e vermelho e o amarelo de uma roda-gigante em um parque de diversão.

As condições da estrada melhoravam conforme nos afastávamos da costa. Quando chegamos à I-81 no meio da tarde, estávamos dirigindo no asfalto. A I-81 não tinha sido limpa já fazia algum tempo, mas havia bem menos neve ali. Paramos uma vez para completar o tanque do carro com diesel que havíamos levado em contêineres. Tínhamos pouco mais de 320 quilômetros a percorrer, menos do que a capacidade do tanque cheio da caminhonete, mas era melhor prevenir.

Começamos a ver motoristas seguindo no sentido contrário quando a noite chegou, com faróis aparecendo no breu e passando por nós. O mundo quase

parecia normal, mas a zona rural estava totalmente na escuridão. A lua cheia brilhava, lançando sombras fantasmagóricas pela paisagem.

Chuck anunciou que estávamos quase chegando quando escureceu, e pegou uma saída da estrada principal. Seria um trajeto de meia hora montanha acima, segundo ele, que estava animado, falando sobre todos os mantimentos que tinha escondido, sobre a ótima refeição que faríamos, e sobre o conforto de sua casa. Damon disse que estava ansioso para usar o rádio de ondas curtas, para ouvir as estações do mundo todo e descobrir o que estava acontecendo.

Lauren se aconchegou em mim. Segurávamos Luke, que estava envolto em um cobertor. Um peso enorme estava sendo retirado de meus ombros. *Refeição quente, cama limpa*. Mais à frente, pela luz dos faróis, vi que estávamos seguindo por uma estrada de terra estreita e coberta por gelo. Havia neve na floresta, mas só em algumas partes.

Quando estacionamos na frente da casa dele, Chuck me contava sobre a pesca no rio Shenandoah, sobre como aquele período seria quase igual a férias. Saímos e começamos a pegar nossas bolsas, e Chuck subiu a escada da frente. Era uma bela casa de madeira. Rapidamente, Chuck entrou, com a lanterna de mão e a de cabeça acesas. Começamos a colocar as coisas na varanda.

– Não! – Chuck gritou de dentro.

Todos paramos, e Tony puxou seu .38.

– Você está bem?

– Malditos!

– Chuck, você está bem? – Tony repetiu.

Peguei Luke e Ellarose e me afastei em direção à caminhonete, que ainda estava ligada. Lauren e Susie me seguiram, todos olhando a porta. Chuck apareceu, com o rosto contorcido e irritado.

– O que foi? – Susie perguntou.

– Levaram tudo.

– O quê?

Chuck abaixou a cabeça.

– Tudo.

DIA 30: 21 DE JANEIRO

– Esperamos tempo demais.

– Não é assim que você deve pensar.

Era o meio da manhã, e estávamos na parte de trás da casa, enchendo uma jacuzzi movida a lenha com pedaços de madeira.

Só o Chuck para ter uma jacuzzi à lenha... Eu ri pensando.

O ar fresco da montanha era incrível, e estava quente, pelo menos dez graus acima de zero. Entre as bétulas e os pinheiros, o sol brilhava acima de nós. Havia aves cantando.

– Estamos todos aqui, quase saudáveis – continuei. – E daí se não temos algumas coisas?

Havia água limpa, neve da montanha derretida, descendo em um pequeno riacho perto de nós, e tínhamos comida para alguns dias. Chuck havia mostrado como usar um aplicativo para identificar plantas comestíveis na mata, e podíamos pescar e pegar animais também.

Eu não fazia ideia de como preparar armadilhas para animais, mas também havia um aplicativo que ensinava isso.

Chuck pegou outro pedaço de madeira com uma das mãos, segurando a mão machucada contra o corpo. Jogou a madeira dentro do compartimento de lenha na lateral da jacuzzi. A casa ficava em um terreno relativamente plano. Estávamos pegando lenha de uma pilha embaixo do deque nos fundos, sobre as folhas.

– Você tem razão. – Ele riu e balançou a cabeça. – Inacreditável, não é?

Luke estava perto de nós. Ele havia encontrado um graveto e corria de um lado a outro, batendo alegremente nas folhas. Com seu vocabulário de dez

palavras, ele não conseguia descrever sua felicidade por estar fora daquele hall, mas seu sorriso dizia tudo. Eu também sorria enquanto o observava. Seu rosto estava sujo de lama, com a cabeça raspada e roupas desgrenhadas, gritando na mata, como um animalzinho selvagem. Mas, pelo menos, parecia feliz.

Quem quer que tivesse entrado na casa de Chuck não levara *tudo*. A sala de estocagem tinha sido arrombada, mas ainda havia roupas nos armários do andar de cima, e os quartos estavam intactos. A maior parte dos alimentos e do equipamento de emergência dos armários de estocagem tinha sido levada, assim como o combustível do gerador e os galões de propano. Mas o café havia sido deixado.

Depois de dormir como um bebê em lençóis limpos, acordei cedo e passei a manhã na poltrona suspensa na varanda, fervendo uma jarra de café em uma chama aberta de uma fogueira. Estávamos a mais de seiscentos metros acima do nível do mar e, da varanda da frente, tínhamos uma bela vista para o leste, por sobre a cadeia de montanhas em direção a Maryland. Já fazia mais de uma semana desde meu último café, e beber uma xícara, sentado em uma cadeira de balanço, respirando o ar da montanha sob um céu azul era algo mágico.

Lembrei-me de ter lido que algumas pessoas achavam que o Renascimento se devia, em parte, à introdução do café na Europa, graças ao revigorante efeito que a cafeína tinha na psique. Eu ri. Naquela manhã, podia acreditar naquilo. Foi quase o suficiente para me fazer esquecer o horror pelo qual nós havíamos passado, para que eu parasse de me perguntar se o mundo estava ruindo ao nosso redor.

Sentado com minha xícara, percebi uma fumaça preta subindo ao longe. Chuck me disse que deveria ser da chaminé de seus vizinhos, os Baylor.

– Quanto tempo você acha que o Tony vai demorar? – perguntei a Chuck.

Nós havíamos prometido a Damon que o levaríamos à casa de seus pais. Tony havia se oferecido para levá-lo a Manassas, onde eles viviam, ou o mais perto que conseguisse chegar com segurança. Eles tinham partido há cerca de duas horas, depois de despedidas chorosas e promessas de que manteríamos

contato. Se Damon não tivesse entrado em nossa vida, as coisas teriam terminado de outro jeito, e provavelmente bem piores. Sob muitos aspectos, nós devíamos a ele a nossa vida, e a partida dele era como perder um membro da família.

Chuck e eu discutimos se um de nós também deveria ir, mas eu não queria deixar Lauren e Luke, e Chuck se sentia da mesma maneira em relação a Susie e Ellarose. O GPS da caminhonete estava funcionando, por isso Tony não teria dificuldade para encontrar o caminho de volta.

– Deve chegar a qualquer momento, dependendo de quão longe ele conseguiu chegar. – Chuck ergueu as sobrancelhas. – *Se* ele voltar.

Chuck achava que Tony poderia tentar partir para a Flórida, onde sua mãe estava.

Naquele momento, ouvimos o ronco de um motor. Chuck pegou a escopeta sobre o monte de lenha, mas logo relaxou. Era o barulho da *nossa* caminhonete. Tony estava de volta.

Eu ri.

– *Se* ele voltar, né?

– Vocês estão esquentando isso para mim? – Ouvimos uma voz musical comentar conforme a porta de trás da casa se abriu.

Era Lauren. Ela riu, deliberadamente passando a mão na cabeça raspada.

Quando chegamos na noite anterior, depois de acalmarmos Chuck, tiramos nossas roupas infestadas de piolhos e as deixamos em uma pilha na lateral da varanda, e vestimos o que encontramos nos armários lá dentro.

Todos raspamos as cabeças, até as mulheres.

– Isto é só para você, amor. – Eu ri, batendo na lateral da jacuzzi. Era a primeira vez na vida que eu havia raspado a cabeça, e passei a mão pela careca suada.

A jacuzzi estava coberta e ainda cheia de água quando chegamos. Aquilo foi uma benção, porque não havia água no sistema de abastecimento da cidade que serpenteasse e subisse pela estrada, e encher a jacuzzi com a água do riacho teria

demorado um ou dois dias. Não estávamos aquecendo a água da jacuzzi para relaxar dentro dela. Chuck havia feito uma checagem na despensa, e os tabletes de cloro ainda estavam ali, por isso estávamos preparando a água para tentar lavar nossas roupas e tomarmos um banho.

Ouvi a caminhonete passar pela entrada da garagem, e o motor sendo desligado. Uma porta se abriu e se fechou.

– Estamos aqui atrás! – gritei.

Depois de alguns segundos, Tony apareceu sob a luz mosqueada pela lateral da casa. Ele estava hilário. Tony era alguns centímetros mais alto e bem mais robusto do que Chuck, então as roupas do armário mal serviam nele. A calça jeans era cinco centímetros mais curta e justa demais, e a jaqueta e a camiseta também eram pequenas. Com a cabeça recém-raspada, ele mais parecia um fugitivo da cadeia.

Ele nos viu sorrindo e riu.

– Estou me sentindo como se tivesse entrado para uma seita: cabeças raspadas se escondendo nas montanhas.

– Só não beba o suco batizado. – Chuck riu, indicando a jacuzzi com um meneio de cabeça. Ele se inclinou para a frente e observou o compartimento da lenha, que agora queimava vigorosamente.

Luke viu Tony e correu para seus braços.

– Está tudo bem? – perguntei.

Tony assentiu.

– Tinha muita gente por lá, e eu não queria confusão, então assim que chegamos perto da casa dele na estrada principal, ele desceu.

– Você viu alguma coisa? – Susie perguntou. – Conversou com alguém?

– Ninguém tem eletricidade, nem sinal no celular. Não quis correr o risco de parar para conversar, não sozinho.

Não havia emissoras de rádio para ouvirmos ali, nem rede de comunicação nem de telefonia. Estar ali era melhor do que ficar preso na armadilha mortal de Nova York, mas estávamos desconectados de qualquer contato com o mundo.

Nós havíamos deixado o gerador no apartamento – ele era pesado demais para carregarmos –, então, a única maneira de gerarmos eletricidade era com a caminhonete. Chuck havia ligado todos os nossos telefones no carregador veicular, por isso todos estavam com as baterias cheias. Podíamos usar os telefones para nos comunicarmos uns com os outros, como uma minirrede de comunicação, e eles ainda serviam como lanternas e para os guias de sobrevivência que havíamos guardado neles.

– Qual é o plano? – Tony perguntou.

– Vamos tomar um banho, lavar as roupas, fazer uma lista do que temos... e relaxar – Chuck disse. – Amanhã, iremos à casa de nossos vizinhos ali embaixo, para ver como as coisas estão aqui na região.

– Ótimo. Mas tem uma coisa. Acho que o escapamento está solto, provavelmente por ter caído de traseira na neve. – Tony riu. – Aquilo foi bem espetacular.

– Pegarei as ferramentas do porão para dar uma olhada – falei. Eu sabia algumas coisas sobre carros.

– Perfeito – Chuck disse, sorrindo. – Vamos ao trabalho, então.

Nunca mais tínhamos falado sobre os corpos desaparecidos do segundo andar, mas agora a lembrança vinha à tona. Eu queria me esquecer, fingir que não tinha acontecido. Tudo parecia tão distante agora.

Segui em direção ao porão, olhando para o carpete amarelo de folhas sob as bétulas. De certo modo, alguma coisa não parecia bem. Respirei fundo e balancei a cabeça, atribuindo a sensação ao estresse, e abri as portas bambas do porão.

DIA 31: 22 DE JANEIRO

– Vocês vão adorar esse pessoal!

Lauren e eu caminhávamos com Chuck em direção à casa dos Baylor. A família de Chuck havia construído aquele chalé antes de a área ter sido declarada floresta nacional, e havia poucas casas na montanha.

Vimos fumaça saindo da chaminé dos Baylor mais uma vez naquela manhã e, depois de tomarmos um café da manhã completo e de lavar e pendurar todas as nossas roupas velhas atrás da casa, estava na hora de descermos para dizer oi.

– Eles passam o ano todo aqui – Chuck continuou. – Randy é militar aposentado, talvez até da CIA. Se tem alguém que pode saber o que está acontecendo, é ele. Eles são tão bem equipados que provavelmente nem sequer perceberam que a energia foi cortada.

Não era longe, menos de um quilômetro, por isso decidimos ir a pé. Susie e Tony ficaram na casa para começar a misturar a água da jacuzzi, agora cheia de cloro, com água do riacho, para que as crianças pudessem nadar. O dia estava bonito. O frio forte do Natal dera espaço a um calor incomum para aquela época do ano, além disso, estávamos mais ao sul.

A vegetação rasteira nas laterais da estrada de terra que desciam a encosta estava tomada por insetos e vida, e a umidade dela se misturava ao cheiro da terra sob nossos pés. Com o sol, eu suava. *Queria poder passar protetor solar na cabeça*, ri sozinho. *Minha careca nunca tomou sol*.

Chutando algumas pedras pelo caminho, Chuck estava animado. Eu me sentia um novo homem, e Lauren e eu estávamos caminhando de mãos dadas, balançando-as. Quando dobramos uma esquina, a casa dos Baylor apareceu entre

as árvores desfolhadas. Subimos o caminho serpenteante até a entrada, na direção de dois carros estacionados na frente, e subimos na varanda.

Chuck bateu à porta.

– Randy! – ele gritou. – Cindy! Sou eu, Charles Mumford!

Ninguém respondeu, mas havia alguém em casa. Uma música *country* tocava na parte de trás da casa.

– Randy! Sou eu, Chuck! – ele gritou mais alto.

Eu senti o cheiro de algo sendo cozido.

– Vou olhar lá atrás. Pode ser que eles estejam no quintal, cortando lenha, ou coisa assim. Fiquem aqui.

Ele pulou a varanda e desapareceu. Lauren apertou minha mão. Caminhamos até o outro lado da varanda, sentindo o cheiro do que estava sendo preparado. Espiando pelas janelas com cortinas na cozinha, vi que havia uma panela grande – um *caldeirão* – com vapor saindo de dentro. Havia ossos aparecendo na borda.

Senti uma dor na mão e, quando olhei para baixo, vi os nós dos dedos de Lauren brancos, as unhas me afundando em minha carne. Segui o olhar dela para dentro da sala de jantar perto da cozinha, e vi uma bagunça. Tentei entender o que estava olhando, virando a cabeça para ter uma visão melhor entre as cortinas.

– Quem é você? – Ouvi Chuck dizer com uma voz abafada. Pela porta corrediça de vidro nos fundos da casa, eu o vi protegendo os olhos para olhar para alguém.

– Faço a mesma pergunta a você. – Ouvi outra voz responder de algum ponto nos fundos.

– Vamos sair daqui – Lauren disse.

– Precisamos esperar o Chuck – eu sussurrei respondendo.

As unhas dela se afundaram ainda mais em minha mão.

Mexi a cabeça para ter uma visão mais clara da sala de jantar. Parecia que alguém estava deitado no chão – *coberto de sangue, desmembrado*. O cheiro da carne fervendo me envolveu, e quase vomitei.

– Cai fora daqui, porra! – mais uma voz, diferente, gritou da parte de trás.

Chuck estava segurando a arma agora, um de seus .38, e a apontava na direção de alguém subindo a escada para a parte de trás.

Esse alguém apontava uma arma para ele.

– Onde estão os Baylor? – Chuck gritou, afastando-se, apontando a arma para uma pessoa e então para a outra. – O que vocês fizeram com eles?

Aquela sensação de irrealidade me tomou de novo diante do terror da situação.

– Dissemos para você *sair* daqui, cara!

– Não vou sair! Diga o que vocês...

Com um *crack* e um *boom*, a arma de Chuck e a escopeta da outra pessoa atiraram quase ao mesmo tempo. Chuck levou um tiro à queima-roupa, e, mesmo de longe, vimos o sangue espirrar quando ele foi erguido no ar e caiu girando no chão. Lauren gritou ao meu lado, e nós nos abaixamos.

– Corra! – eu sussurrei a Lauren, empurrando-a à minha frente. – CORRA!

Nós nos abaixamos e corremos pelos carros estacionados e descemos pelo caminho, e então nos endireitamos, correndo de volta para a estrada, mexendo braços e pernas. Meus pulmões ardiam. Eu me sentia meio desconectado do que estava acontecendo.

Eu deveria ter trazido uma arma. Por que não vim armado? Se estivesse armado, provavelmente também já estaria morto.

Corra.

Atrás de mim, ouvi a comoção, os gritos. Eles deveriam ter nos visto.

Corra mais rápido!

Depois do que pareceu uma eternidade, chegamos ao caminho da casa de Chuck. Maroon 5 tocava no rádio da caminhonete, cujos vidros estavam abaixados, e Adam Levine cantava “Moves Like Jagger”. Ao longe, ouvi mais alguma coisa. Um motor. Eles estavam vindo atrás de nós.

Parei na caminhonete para pegar o outro .38 do porta-luvas.

– Vá por trás! Eles devem estar na jacuzzi!

Nós fomos correndo e encontramos Susie dançando com Luke, e Tony estava ajoelhado segurando as mãos de Ellarose.

– Abaixem-se! Precisamos sair daqui! – eu gritei.

Tony olhou para nós chocado.

– O que aconteceu?

– Abaixem-se! Precisamos chegar à caminhonete!

Lauren já pegava Luke.

– Onde está o Chuck? – Susie perguntou, com a voz tomada de medo. Ela pegou Ellarose de Tony, e eles desceram o deque na nossa direção.

– Vamos! – gritei.

Mas era tarde demais. Sobrepondo a música vinda da caminhonete, escutei um veículo passando pelo cascalho na frente da casa.

O que eu devo fazer?

– Onde está o Chuck? – Susie perguntou de novo, implorando.

– Ele levou um tiro. Está na outra casa – respondi, tentando pensar. – Tony, pegue a arma e leve todo mundo o porão, vou conversar com eles.

– Conversar com *quem*? O que diabos aconteceu?

Ouvimos portas de carros sendo fechadas na frente da casa.

Susie estava à beira das lágrimas.

– Leve Ellarose – ela disse ofegante a Tony, entregando a bebê. Beijou a filha, com lágrimas escorrendo por seu rosto. – Preciso encontrar o Chuck.

– O que você está fazendo? Ele está morto, está...

Mas ela saiu correndo pelo outro lado da casa, longe de nós.

Empurrei Tony e Lauren à minha frente, e me abaixei para abrir as portas do porão, e eles desceram, quando três pessoas apareceram no canto da casa, duas delas armadas. Deixando uma das portas do porão aberta, fiquei de guarda.

Talvez isso tenha sido só um acidente. Talvez aqueles ossos...

– O que vocês querem? – gritei, empunhando minha arma. Sem nada dizer, um deles atirou, e senti um baque horrível quando o tiro passou por mim.

Aterrorizado, saltei da escada para o porão e fechei as portas, passando uma

tábua de madeira pelas alças em uma tentativa de mantê-las fechadas.

Precisamos de algo para mantê-los afastados.

Ao lado da escada, havia uma estante de metal cheia de lenha. Com as mãos trêmulas, eu comecei a arrastá-la de modo que ela bloqueasse as portas se estas fossem forçadas.

Deve haver um jeito de sair daqui por trás.

Mas quando puxei a estante, ela caiu para a frente, em cima de mim.

Lauren gritou.

– Estou bem – resmunguei, tentando sair.

– Pelo amor de Deus, não permita que eles levem as crianças!

Lauren segurava Ellarose, agachada em um canto, o mais longe da porta que conseguia. Estava escuro ali, e o cheiro era de serragem e óleo, além de ferramentas antigas. Luke estava ao lado dela, com o rosto sujo de lama, mudo de medo. Eu me retorci para tirar a perna presa debaixo da pilha de lenha.

– Não se preocupe, Mike, não vou deixar ninguém entrar aqui. – Tony estava de pé na escada, espiando pelas frestas na porta de madeira, pelas quais a luz do sol passava. – Eles são quatro.

– Matamos seu amigo – uma voz estridente foi ouvida.

Lauren começou a chorar, agarrando as crianças ainda mais.

– Saibam que não queríamos fazer isso – a voz prosseguiu. – Isso tudo foi uma confusão.

– Deixem-nos em paz! – gritei. Tony deu um passo para trás na escada, apontando o rifle para a porta do porão.

– Mande essas crianças e sua mulher saírem.

Eu me esforcei de novo para puxar a perna presa, sentindo uma dor lancinante. Lauren balançava a cabeça sem parar, pedindo para que eu não obedecesse.

E então, silêncio – só meu coração batendo em meus ouvidos e o som de folhas sendo amassadas por passos do lado de fora. Eu tentei me firmar,

bloqueando a dor, verificando se a trava havia sido tirada do .38. Tony olhou para mim, assentindo, indicando que estava pronto.

Com um rugido aterrorizante, uma das portas do porão foi destruída. Tony caiu para trás, apoiado em um dos joelhos. Mais um tiro, e ele caiu de lado, mas ainda assim conseguiu levantar o rifle e puxar o gatilho. Gritos de dor foram dados do lado de fora, seguidos por mais um tiro e outro, pela porta do porão.

Tony gemeu e tentou sair do caminho, caindo à minha frente. Segurei a mão dele e o puxei na minha direção, mas era tarde demais. Seu corpo convulsionou. Olhando em meus olhos, ele piscou, as lágrimas escorreram e ele parou de se mexer.

– Tony! – eu gritei, tentando puxá-lo na minha direção. Os olhos dele se viraram para mim, sem ver. *Meu Deus, você não pode estar morto, Tony! Acorde! Vamos...*

– Seu maldito, você arrancou a orelha do Henry! – uma voz de fora disse. – Ou você tira sua mulher e essas crianças daí, ou vamos botar fogo na casa inteira!

Em pânico, tentei me livrar de novo, rasgando a carne de minha perna, mas não consegui. Lauren chorava de medo, Luke me observava de olhos arregalados ao lado dela.

– E então, cara, como vai ser?

Rangendo os dentes, soltei a mão de Tony e me abaixei em cima da pilha de madeira. *Isso não pode estar acontecendo, não pode estar acontecendo...*

Um tiro foi dado do lado de fora, batendo na terra.

– Que merda é essa? – a voz estridente foi ouvida de novo.

Ouvi pessoas correrem para a mata, confusas e aos berros.

– Tem alguém na casa!

Mais tiros, o barulho de vidro se despedaçando. E então, um *crack* forte ecoou pelas árvores, uma arma diferente, mais distante, e mais tiros e estampidos. Depois de um silêncio curto, ouvi o motor de um carro e o ronco rouco de nossa caminhonete.

Com um último esforço aflitivo, puxei minha perna da pilha de lenha e subi a escada mancando. O ronco do motor da caminhonete ficou mais alto, e, pela porta do porão, eu a vi passar. Bateu no deque dos fundos, destruindo-o. A casa estremeceu sobre nós, e os barulhos começaram a desaparecer.

Espiei e então abri as portas do porão, colocando a cabeça para fora.

Susie estava ali, com a arma na mão, olhando para o caminho que levava montanha abaixo. Ela se virou em minha direção.

– Tudo bem. Eles se foram – ela disse a alguém que estava no canto da casa.

Essa pessoa segurava uma escopeta.

– Ele está armado! – gritei para Susie, abaixando a cabeça de novo. – Saia daqui!

Silêncio.

– Sou eu, idiota – Chuck disse com a voz rouca.

Senti um grande alívio, mas voltei para o lado de Tony, abrindo sua camisa. *Devo fazer respiração boca a boca?* Seu corpo estava todo ensanguentado. Lauren ainda estava no canto do porão, agarrada às crianças e olhando fixamente para mim e para Tony.

Ele tem pulsação? Com as mãos tremendo, estendi dois dedos cheios de sangue e os encostei no pescoço dele para ver se estava respirando. *Não tem pulsação. Não está respirando.*

– Desçam aqui! – gritei.

DIA 32: 23 DE JANEIRO

Lauren escolheu um lugar bonito para enterrar Tony. Foi em uma clareira na mata, ao norte do chalé, ao lado de cornisos, que estavam desfolhados agora, mas em pouco tempo, na primavera, floresceriam e se abririam, segundo Susie.

Seria um lugar bonito para descansar.

Bonito, sim, mas sob alguns centímetros de folhas caídas, a terra estava repleta de raízes em nós, além de pedras. Para escavar o necessário para enterrarmos Tony, tivemos que cortar as raízes e nivelar as pedras. Foi um trabalho difícil, piorado pela situação em que nos encontrávamos.

Tony havia se oferecido para ficar em nosso prédio, mesmo podendo ter partido para o Brooklyn. Eu tinha certeza de que ele havia ficado por nossa causa, e pelo Luke. Se não tivesse ficado, estaria na Flórida, no calor, com sua mãe. Mas em vez disso, nós estávamos cavando sua cova.

Não conseguimos fazer nada por Tony. Ele havia morrido quase instantaneamente. Eu tentara limpá-lo, mas me conformei em cobri-lo com um cobertor. Eu me sentei e chorei nos degraus do porão, conversando com o corpo inerte dele, agradecendo por ter tentado nos proteger. Não tolerava a ideia de deixá-lo ali, sozinho, por isso levei um colchonete para baixo e dormi a seu lado.

O sol brilhava no céu azul e os pássaros piavam animados acima de nós enquanto Susie e eu puxávamos o cadáver de Tony pelas folhas. Ele era pesado, tinha mais de cem quilos, por isso o arrastamos no cobertor com o qual eu o cobrira. Quando chegamos à clareira, a algumas dezenas de metros da casa, eu estava suando, arqueado e ofegante pelo esforço feito. Susie e eu fizemos o melhor que conseguimos para colocá-lo na cova, mas ele escorregou de um modo esquisito, com as pernas dobradas para um lado.

– Vou ajeitá-lo – Susie se ofereceu.

Agilmente, ela entrou no buraco e ajeitou Tony em uma posição confortável. Eu me sentei nas folhas, olhando para o céu enquanto recuperava o fôlego.

– Está tudo bem? – Lauren perguntou ao longe.

Susie saiu da cova, esfregando as mãos sujas na calça jeans. Ela assentiu para mim.

– Estamos bem! – eu respondi gritando, pensando o contrário.

Recompondo-me, fiquei de pé. Pelas árvores desfolhadas, vi Lauren segurando Ellarose, e Chuck caminhando lentamente em nossa direção. Então, vi Luke, correndo com seus passos desengonçados. Ele havia perguntado sobre Tony naquela manhã. Eu não soube o que dizer.

Passei a mão imunda por minha cabeça careca e senti o calor do sol em meu rosto. Minha mente ainda estava entorpecida, eu não sabia o que sentir além de medo.

Mas estávamos vivos.

*

A noite caía, e a lua crescente aparecia. Eu me sentei na varanda da frente, na cadeira de balanço, vigiando com uma arma. Uma chama estava acesa na lareira da sala de estar.

Pelo menos, estávamos aquecidos.

Chuck usara um colete à prova de balas que o sargento Williams havia dado a ele quando entregou os macacões de proteção. Ele não tinha certeza por que o vestira – disse que estava só sendo cuidadoso –, mas talvez por isso tivesse sido tão corajoso, encarando aquelas pessoas, seja lá quem fossem, na casa dos Baylor. Mesmo com o colete, ele havia se ferido gravemente, e ficou com fragmentos de bala em seu braço e ombro.

O ferimento na minha perna não tinha sido tão sério, apenas hematomas e um corte profundo onde um prego me atingira. Susie havia feito um curativo, e eu quase não mancava.

O que diabos vamos fazer agora? Não tínhamos carro, quase não tínhamos alimentos – metade de nossos suprimentos estava na caminhonete. Dias antes, aquele lugar parecera mágico, mas agora parecia diabólico, ameaçador. Eu acreditara que talvez a loucura estivesse apenas em Nova York, que o resto do mundo ainda estava bem, mas parecia que em outros lugares, a situação era a mesma.

E então, uma das estrelas se moveu. E piscou. Seguindo a luzinha, eu a vi descer enquanto meu cérebro tentava compreender o que estava vendo.

É um avião! Tinha que ser. Encantado, vi quando ele desceu em uma parte brilhante no horizonte, e algo me deu um clique. Saí da cadeira de balanço, corri para a porta da frente, abri e subi a escada correndo.

– Eles voltaram? – Chuck gritou enquanto eu subia.

– Não, não – falei rapidamente. Lauren e as crianças estavam dormindo. – Está tudo bem.

Abri a porta de um quarto e encontrei Chuck deitado, coberto com panos cheios de sangue. Susie estava inclinada sobre ele, com uma pinça em uma mão e um frasco de álcool esterilizador na outra.

– O que foi? – ele perguntou.

– O que vocês conseguem ver no horizonte, daqui?

Chuck olhou para Susie e então para mim.

– À noite, pode-se ver Washington, que fica a cerca de cem quilômetros daqui. Pelo menos, dá para ver quando as luzes da cidade estão acesas. Por quê?

– Porque eu consigo ver Washington.

DIA 33: 24 DE JANEIRO

– O que acontece se você não voltar? – Lauren me perguntava.

– Eu vou voltar, a questão é essa. Ficarei fora um ou dois dias, e prometo que não conversarei com ninguém.

Sentada em um tronco tombado, ela segurava Luke firmemente em seu colo.

– Prometa que não vai conversar com ninguém.

– Eu prometo. Vou direto ao Capitólio, e se alguém me impedir, mostrarei isto a eles, certo? – Ergui a carteira de habilitação dela. Ela era uma Seymour, a sobrinha do congressista Seymour, e sua identidade deveria bastar para trazer a cavalaria para nos ajudar. A família dela deveria estar preocupadíssima.

Ela ainda não estava convencida.

– Não podemos ficar aqui sem fazer nada – argumentei. – Aqueles imbecis voltarão depois que lamberem suas feridas, e o que vai acontecer?

– Não sei. Nós nos esconderemos?

– Não podemos nos esconder aqui para sempre, Lauren.

Usando uma lona, nós havíamos feito um acampamento improvisado na mata, longe da casa. Dali, tínhamos uma boa vista da rua e da estrada abaixo. Era apenas uma solução temporária. Precisávamos agir, por isso decidi ir a Washington. Era uma atitude desesperada, mas as nossas alternativas eram desesperadoras.

Chuck havia discutido comigo, dizendo que era arriscado demais. Ele acreditava que deveríamos esperar, mas isso me assustava mais. O pouco alimento que tínhamos terminaria em alguns dias, e depois? Ele demoraria a se recuperar, então eu teria que pescar e caçar para nós? E talvez ele não se

recuperasse. Precisava de cuidados médicos, assim como Ellarose, que estava cada vez mais debilitada.

O tempo havia se tornado nosso inimigo, e eu estava cansado de não saber o que estava acontecendo.

– Um dia, só isso. Chego lá em um dia, e não correrei riscos, não conversarei com ninguém.

Lauren segurou Luke com mais força.

– Prometa que vai voltar para nós. Prometa, por favor.

DIA 34: 25 DE JANEIRO

Saí antes do amanhecer.

Em toda a minha vida, não conseguia me lembrar de ter andado mais do que alguns quilômetros de uma vez, talvez uma caminhada à tarde aqui e ali, mas tinha certeza de que poderia andar 100 quilômetros: 6,5 quilômetros por hora, 15 horas, 100 quilômetros.

Eu poderia caminhar 100 quilômetros em um dia.

Um dia.

Em um dia, eu poderia descobrir o que estava acontecendo com o mundo, por que aquilo havia acontecido conosco. Pelas últimas notícias que havíamos recebido, o presidente havia deixado Washington, mas as luzes ali estavam acesas, e o tio de Lauren era membro do Congresso. Eu só precisava chegar ao Capitólio, explicar quem eu era, quem era a família de minha esposa. Apenas um dia e eu conseguiria ajuda.

A lua ainda estava no céu quando saí de casa. Percorri a rua de terra na semiescuridão com a lanterna de cabeça acesa. Passei pela casa dos Baylor, com o coração na boca, mas as luzes não estavam acesas, não havia movimento nenhum. Quando cheguei à estrada principal, descendo a montanha, a luz do dia se espalhava.

Estabeleci um ritmo apressado, apesar de mancar um pouco.

Lá embaixo, não nevava mais. Montes, campos e florestas se espalhavam à minha frente. Aos poucos, a escuridão deu lugar a uma explosão de cores conforme o sol aparecia no horizonte diante de mim. Gotas de orvalho enfeitavam a grama que emoldurava a estrada, e me senti energizado, revigorado.

Depois de tudo pelo que havíamos passado, eu só tinha que aguentar mais um dia.

Não havia como eu me perder. Tinha que descer as montanhas e seguir a leste, seguindo a I-66 até chegar ao centro de Washington, até eu ver o Monumento a Washington. Então, deveria passar pelo Mall e subir até o Capitólio.

Estava levando meu telefone celular comigo e o GPS estava funcionando, mas sem uma base de dados não tinha como consultar os mapas, apenas aqueles de Nova York que Chuck havia instalado manualmente. Mesmo assim, eu o levei comigo, por precaução... talvez as redes de telefonia funcionassem em algum lugar.

Caminhei, caminhei, caminhei.

O sol estava alto no céu, banhando-me com seu calor. No meio da manhã, comecei a ver carros pela estrada. Eu estava seguindo uma estrada que corria paralela à I-66, tentando me manter escondido.

Abaixe a cabeça, não chame atenção, continue andando.

De vez em quando, um carro zunia ao longe, aproximando-se para passar por mim na estrada principal. Por um lado, eu queria acenar, parar e conversar, mas por outro lado, mais forte, sentia medo. Luke e Lauren contavam comigo, e eu prometera que não conversaria com ninguém.

Não podia me arriscar.

Andar, andar, andar... *Quantos quilômetros já percorri*?

Eu fixava os olhos em um morro, algum lugar no horizonte, e então observava. Durante muito, muito tempo, ele permanecia do mesmo tamanho, mas depois começava a aumentar e eu passava por ele, e escolhia um novo morro para o qual olhar. Em um bolso estava a *mezuzah* de Irena e, de vez em quando, eu a segurava, imaginando que algum poder secreto nos protegia.

Meus pés doíam, e a ferida em minha perna ardia.

Na hora do almoço, o sol me fustigava e eu estava banhado em suor. Levava uma pequena mochila cheia de garrafas de água. A mochila me dava tanto calor

que eu a tirava de vez em quando para esfriar o rio de suor que descia pelas minhas costas.

Depois de cinco semanas de frio congelante, não pensei que pudesse esquentar tanto. *Vou. Por que não?* Com certo embaraço, tirei a calça jeans e olhei para minha panturrilha direita. Toquei a beirada do ferimento. Doía. Calçando os tênis de novo, examinei as pernas pálidas e magricelas e as meias que não combinavam.

Minha cueca estava larga no quadril. Eu havia perdido tanto peso, que havia feito mais um furo no cinto para segurar a calça – cinco furos no total. Eu provavelmente tinha perdido cerca de quinze centímetros de cintura. Precisei enrolar o elástico da cueca para que ela não caísse, mas o vento fresco nas pernas fazia tudo valer a pena.

Eu tinha um pouco de comida, uns amendoins, mas também levava dinheiro e cartões de crédito. Se as luzes estivessem acesas, e a cidade viva, eu poderia comprar alguma coisa. Fiquei pensando na minha primeira compra, talvez um hambúrguer bem suculento, ou talvez eu parasse em algum lugar para comer um filé. Então, pensei na carne sendo fervida na panela ontem, e meu estômago embrulhou.

Quem fizera aquilo conosco? Quem nos transformara em animais? Não podia ser apenas um acidente, não do modo com que havia se desenrolado: o ataque à logística, a queda da Internet, os alertas de gripe aviária, e então uma invasão do espaço aéreo norte-americano e a derrubada das redes de energia. Não podiam ser criminosos... o que eles ganhariam? Terroristas? Aquilo era coordenado demais, planejado demais.

À tarde, a dor em minhas pernas era intensa, e a canalizei em raiva. *Só podia ser a China*. O combate no mar do sul da China, todas as notícias da infiltração deles em nossas redes de computadores, *roubando de nós*. Conforme eu me aproximava de Washington, a pergunta se tornava mais insistente, e a resposta, mais clara.

Mal podia esperar para que o sol se pusesse, para que o ar esfriasse. A

paisagem mudou de sopés de montanhas para colinas ondulantes, e as florestas e campos tinham se tornado fazendas e periferias de pequenas cidades. No fim da tarde, vi outra pessoa pela primeira vez. Mantive a cabeça abaixada quando passamos um pelo outro na estrada. Mais tarde, parei e voltei a vestir a calça. Quando o sol se pôs, havia várias outras pessoas na estrada comigo, caminhando à minha frente e também atrás de mim. Todo mundo se mantinha afastado.

Não havia eletricidade em lugar nenhum. A maioria das casas que eu conseguia ver estava escura, mas algumas janelas brilhavam com luzes fracas que eu imaginava serem de velas. No horizonte, descendo a I-66, o céu brilhava, e a luz estava mais próxima, muito mais próxima.

Mas ainda longe demais.

Devo continuar me esforçando? A dor havia se tornado quase insuportável. Minhas pernas, meus pés, minhas costas... tudo doía. Eu rangi os dentes. *Consigo caminhar a noite toda?*

Olhei para o horizonte. Era longe demais. Eu precisava descansar. *Chegarei lá amanhã.*

A lua crescente voltara ao céu, lançando sombras fracas na noite. Mais adiante, uma massa escura se confundia com as árvores que demarcavam a estrada. Mancando, eu me aproximei dela, observando. Era um celeiro antigo ou um galpão, com placas de madeira desgastadas pelo tempo. Não havia porta. Tirei minha lanterna de cabeça da mochila e a acendi.

– Olá! – eu chamei.

O interior estava repleto de itens descartados de maneira descuidada – quadros, sapatos velhos, um triciclo enferrujado. Havia uma caminhonete Chevy antiga em um canto, sem rodas e sobre blocos, coberta por lixo.

– Olá!

Minha voz ecoou sem resposta. Eu estava exausto. Mais do que exausto. Caminhei para o fundo do galpão. À luz da lanterna de cabeça, passei por algo que parecia um cobertor velho – *Talvez fosse uma cortina*? – e o peguei. Estava duro de tão sujo, mas eu o sacodi e limpei da melhor maneira que consegui.

Estremeci, o suor frio ainda em minhas costas, resfriando meu corpo sob o ar gélido da noite.

Chegando à Chevy, subi e abri a porta. Havia um banco comprido ali dentro, e sorri, entrando. Posicionei minha mochila para servir de travesseiro, fechei a porta e me deitei, puxando a cortina sobre meu corpo.

Algo em meu bolso me incomodou, e percebi que era a *mezuzah* dos Borodin. Eu me apoiei em um cotovelo e a enfiei em um buraco enferrujado na lateral da porta da caminhonete. *Isso conta como porta, não conta*?

Quando deitei a cabeça na mochila, o sono veio depressa.

DIA 35: 26 DE JANEIRO

O Monumento a Washington. Pude ver sua ponta acima das árvores à frente quando saí debaixo de um viaduto. Eu havia acordado durante a madrugada, morrendo de frio e com a garganta seca. Depois de tomar o resto da água e comer os amendoins, voltei para a estrada para prosseguir com a caminhada. Quase me esqueci da *mezuzah*, mas voltei para pegá-la um pouco depois de sair do abrigo.

Quando me aproximei de Washington, comecei a ver postos de gasolina e lojas de conveniência pontuando a estrada. A maioria estava abandonada, mas vi uma fileira de carros vazios estacionados à frente de um daqueles estabelecimentos. Sem conseguir conter a curiosidade e a fome, eu me aproximei da construção. Ali dentro, as prateleiras estavam vazias, e um homem atrás do balcão me informou que haveria combustível no dia seguinte.

Ele encheu minhas garrafas de água e, quando eu estava saindo, ofereceu um sanduíche, provavelmente seu almoço. Eu aceitei e o devorei. Ele disse que não havia nada para mim em Washington, e que eu não deveria ir, pois seria mais seguro permanecer na zona rural.

Eu agradeci e segui meu caminho.

O tráfego de pedestres a pé tomava uma pista da estrada enquanto nos aproximávamos da cidade, e eu caminhava em meio aos outros.

Já era meio-dia. À minha direita, prédios de escritório se estendiam em direção ao céu cinzento acima, com equipamentos de construção abandonados entre eles. À minha esquerda, havia uma fileira de árvores muito finas, com vinhas verdes. Havia placas indicando a ponte Roosevelt à frente, e placas indicavam o Pentágono e Arlington à direita.

Eu estava quase lá.

O que eles estão fazendo no Pentágono? Estava bem ali, a menos de um quilômetro e meio. *Há um plano? Homens e mulheres corajosos estão sendo enviados para defender nossa nação?*

Eu nunca havia feito nada corajoso na vida, não no sentido físico, pelo menos.

Isso é ter coragem? Caminhar por cem quilômetros no desconhecido? O medo me levara a fazer aquilo, mas o que mais me assustara fora deixar Luke e Lauren, principalmente depois de ela me implorar para não ir.

Caminhei com cada vez mais pessoas no acostamento da estrada, um corredor marcado por muros altos e cobertos por vinhas. Éramos um rio de refugiados quando passamos por Fairfax e Oakton e também por Vienna a caminho da cidade. Meu amor por Lauren e Luke foi, em grande parte, o que me fez seguir em frente naquela manhã, o que fez com que minhas pernas se movessem apesar da dor, o que fez com que eu colocasse um pé na frente do outro.

Outra coisa que me guiava era minha raiva. Antes, eu só tentava sobreviver, mas conforme me aproximava de Washington, e a perspectiva de aquilo chegar ao fim se tornava real, comecei a pensar em vingança. *Alguém vai pagar por isso, por ferir minha família*.

Segui a estrada subindo a ponte sobre o rio Potomac. A maré estava baixa, e as gaivotas voavam ao longe. À frente, o Monumento a Washington rasgava o céu. Segui a multidão pela Lincoln Memorial, afunilando em direção a um destino desconhecido.

Estávamos sendo pastoreados.

Uma chuva leve começou a cair. Nuvens baixas e pesadas tinham substituído o sol forte da manhã. Os veículos iam e vinham na estrada, metade deles do exército. Resisti ao ímpeto de estender o braço e parar um deles.

Mas quem pararia por mim? Eu era apenas mais um entre tantos, andando na chuva e, de qualquer modo, minha missão estava quase completa. *Só mais uns*

cinco quilômetros.

Vistas familiares e confortantes apareceram: a Casa Branca, visível entre as árvores e o topo do Smithsonian mais à frente, na rua.

Mas à minha direita, o National Mall, o espaço aberto de verde que se estendia do Lincol Memorial até o Capitólio, estava totalmente obscurecido por uma cerca alta com arame farpado. A cerca estava coberta, mas eu conseguia ver entre os espaços que havia muita atividade atrás dela.

O que eles estão escondendo?

A polícia estava posicionada nos cruzamentos, fazendo o trânsito seguir, mas como eu havia prometido a Lauren, não conversei com ninguém. Quando me aproximei do museu de História Natural, no Mall, vi andaimes montados em uma das laterais. Eu queria ver o que havia atrás das cercas, por isso passei a um lado da rua e, conferindo se ninguém estava me observando, caminhei ao longo da cerca e passei por baixo do andaime.

Um pano azul cobria o andaime, então, quando me abaixei, fiquei escondido. Subi um andar e depois mais um, ascendendo pela lateral do prédio. Quando já estava bem acima, subi à laje e me deitei perto da beirada para observar.

O National Mall era uma cidade imensa de tendas de lona, veículos militares e estruturas de alumínio. Ele se estendia até o prédio do Capitólio e, à minha direita, cercava o Monumento a Washington e continuava ao longe, engolindo o Espelho D'água e o Lincoln Memorial. *Deve ser a mobilização militar*.

Mas havia algo errado. Os caminhões não pareciam do exército americano. Quando tentei entender aquilo que estava vendo, um helicóptero decolou do meio da área militar, erguendo um equipamento. E então, olhei para os soldados atrás da cerca, a menos de trezentos metros. *Aquilo não é um uniforme americano*.

Eles eram chineses. Fiquei olhando sem acreditar, meu corpo formigava. Esfreguei os olhos, respirei fundo e olhei de novo. Todos, até onde consegui ver, eram asiáticos. Alguns usavam uniformes cáqui, outros usavam um uniforme cinza e muitos outros vestiam roupas de camuflagem, mas todos tinham

identificação vermelha na lapela. E todos usavam bonés com uma estrela vermelha no meio.

Eu estava vendo uma base do exército chinês, bem no centro de Washington.

Conforme me abaixei atrás de uma mureta, tive dificuldade para assimilar o que tinha visto. Os intrusos não identificados no espaço aéreo norte-americano, o motivo pelo qual o presidente havia deixado Washington, o motivo por que havíamos sido largados em Nova York, o porquê de só haver eletricidade em Washington, todas as mentiras e informações confusas, tudo fazia sentido. Nós tínhamos sido invadidos.

Remexendo-me, peguei o telefone do bolso e tirei umas fotos.

Não fazia sentido ir ao Capitólio. Não haveria ajuda ali. Se eu fosse preso, nunca conseguiria voltar para Lauren. Precisava sair dali.

A adrenalina tomou conta de mim enquanto eu descia do andaime, e voltei para a rua, de volta ao fluxo de refugiados, tentando não chamar atenção. Ninguém parecia me notar, por isso parei de andar e observei as cercas ao longo do Mall. Havia um policial a alguns metros de mim, e não consegui me conter.

– O exército está ali? – perguntei, apontando as cercas, chamando a atenção dele. Ele assentiu. – O exército *chinês*?

– Eles estão aqui – ele respondeu, aparentemente conformado. – E não vão a lugar algum.

As palavras dele me acertaram como um soco no estômago. Olhei para ele sem acreditar, o Monumento a Washington atrás dele sob a chuva que caía.

– Você só precisa se acostumar com isso, amigo – ele acrescentou quando me viu olhando. – Agora, continue andando.

Balançando a cabeça, incrédulo, continuei a olhar, querendo fazer alguma coisa. *O que essas pessoas estão fazendo*? Elas caminhavam de cabeça baixa. Ninguém falava. Derrotadas, como se tivessem desistido.

Os Estados Unidos desistiram? Comecei a andar e depois, a correr. *Não é possível. Como pode ser?*

Eu precisava voltar para Lauren e para Luke. Era só o que importava.

Confuso, caminhei sob a chuva, de volta ao rio Potomac, e então atravessei, deixando DC para trás. Mas em vez de voltar pela I-66, em meu estupor, subi a ponte algumas centenas de metros ao sul e me vi na entrada do cemitério Arlington.

Eu estava à beira de um grande gramado na ponta do caminho. Estava tomado por gansos canadenses. Eles grasnaram quando passei por eles. A rua ampla era pontuada por arbustos altos e bem cuidados, cheios de frutinhas pequenas e vermelhas. *Será que posso comê-las?* Elas provavelmente fariam com que eu passasse mal.

Atrás dos arbustos, galhos desfolhados de árvores se estendiam ao céu. Passei por um memorial ao 101st Airbourne, uma águia de bronze voando acima dele, e tentei imaginar onde aqueles homens estavam agora. Nossa bandeira ainda estava a meio mastro em cima da construção de colunas beges no meio do cemitério, no topo de uma elevação no meio.

Preciso continuar andando, ganhar certa distância.

Chegando à beira do cemitério, parei na frente de uma fonte circular. Estava vazia, e não havia mais ninguém ali. Havia quatro entradas arqueadas ao espaço, e escolhi uma à minha esquerda. Eu me aproximei de uma escada e descobri que a parte de dentro do arco era uma construção com paredes de vidro. Vi uma parede interior cheia de fotos e quadros, uma homenagem visual à “Maior Geração”, como estava escrito em um pôster. Homens como o meu avô, que haviam lutado nas praias da Normandia, me observavam enquanto eu subia a escada.

Quando cheguei ao topo, fui recebido por fileiras e mais fileiras de lápides de mármore branco em um gramado ainda perfeitamente bem cuidado.

Cada lápide era decorada com uma guirlanda fresca e um laço vermelho. Pareciam muito bem cuidadas. As lápides se erguiam no monte à minha frente, espalhadas entre os carvalhos e eucaliptos. *Nossos heróis jaziam ali, testemunhando essa abominação.*

Andei entre os túmulos, lendo os nomes. Subi o monte, passando pelos

túmulos dos irmãos Kennedy e pela Arlington House. Parei no topo para olhar ao redor. Na chuva deprimente, o Potomac se estendia languidamente à distância, e Washington ficou atrás.

Balancei a cabeça e comecei a descer pelo outro lado. *O que devo fazer?*

Percebi como estava sedento. Chovia mais pesado agora, e minha língua estava grudando no céu da boca. Nas ruas atrás do cemitério, a água corria pelo bueiro, e eu me ajoelhei com uma de minhas garrafas vazias, tentando enchê-la. Alguém se aproximou de mim na calçada mas abriu uma boa distância conforme passava. *Como deve estar minha aparência, prostrado feito um animal, com as roupas rotas e sujas, cabeça raspada?* Senti vontade de gritar com a pessoa, minha raiva extravasada.

Por que ela está caminhando tão devagar? Aonde está indo? Será que ela não percebia que o mundo havia terminado?

A adrenalina começou a diminuir quando voltei para a estrada, e a longa jornada à minha frente pesou. Eu estava fraco e encharcado. Não conseguiria voltar andando à casa de Chuck. O frio e a exaustão tomavam meus ossos, músculos, e a raiva diminuiu. Além de não ser capaz de voltar andando, eu duvidava de que conseguiria sobreviver.

Chegando à estrada, decidi que tentaria pegar uma carona. Teria que arriscar. Com a cabeça baixa, segui mancando, fazendo um sinal com o dedo para pedir carona. Eu tremia sem parar. *Preciso encontrar um abrigo logo.*

Perdido em meus pensamentos, mal notei quando uma caminhonete diminuiu a velocidade e parou bem à minha frente. Um homem colocou a cabeça para fora da janela.

– Precisa de carona?

Fiz o melhor que pude para me aproximar da janela, assentindo. A temperatura caía, e eu estava ensopado.

– Para onde? – um dos rapazes na frente perguntou. Eles eram três, e uma música *country* tocava no rádio. *Que rapazes bacanas.* Eu me encolhi.

– Eu, você está bem, amigo?

– S-sim – gaguejei. – Saída 18, depois de Gainesville.

Ele se virou para os outros no carro, conferindo com eles. Fiquei na chuva, esperando.

– Você está sozinho? – ele perguntou, voltando a falar comigo e esticando o pescoço para fora da janela para olhar no acostamento.

Assenti.

Ele indicou a parte de trás da caminhonete com o polegar.

– Podemos deixar você lá. Não temos espaço aqui, só lá atrás. Você ficará na caçamba com mais algumas pessoas, mas pelo menos é coberta. Pode ser?

Eu não tinha escolha. Dei a volta por trás e vi que alguém já tinha aberto a traseira, então entrei e a caminhonete partiu.

À luz fraca, vi os outros reunidos atrás: cinco pessoas aglomeradas, sentadas sob lençóis e roupas sujas. Eu me sentei num canto da caçamba, longe de todo mundo. Permaneci em silêncio por um tempo, e pretendia me calar, mas não consegui.

– Há quanto tempo os chineses estão aqui? Há quanto tempo eles invadiram Washington?

Ninguém me disse nada, mas um deles jogou um cobertor para mim. Murmurei um agradecimento e me cobri, ainda tremendo.

Posso confiar nessas pessoas? Não tinha muita escolha. Molhado e congelando, eu morreria se ficasse sozinho. Aquela caçamba era a única salvação para mim no momento. Precisava voltar para as montanhas.

– Há quanto tempo eles estão aqui? – perguntei de novo, batendo os dentes.

Silêncio.

Eu estava prestes a desistir quando um rapaz de cabelos loiros e um boné respondeu.

– Há algumas semanas.

– O que aconteceu?

– Uma cibertempestade, foi isso o que aconteceu – um rapaz de moicano disse. Ele tinha cerca de dez piercings, e eram só os que eu conseguia ver. – De

onde você veio?

– Nova York.

Uma pausa.

– As coisas estavam bem intensas por lá, não?

Eu assenti... todo o horror resumido em um gesto.

– Onde está o nosso exército? – perguntei. – Como eles permitiram que fôssemos *invadidos*?

– Estou contente por eles estarem aqui – Moicano respondeu.

– Você está *contente*? – gritei. – Qual é o seu problema?

O loiro se ajeitou.

– Ei, cara, acalme-se. Não queremos problemas, tudo bem?

Abismado, balançando a cabeça, eu puxei o cobertor ao redor do corpo. *Esses garotos são o futuro?* Não era à toa que tudo aquilo tinha acontecido. Semanas atrás, os Estados Unidos pareciam indestrutíveis, mas agora...

De algum modo, nós havíamos fracassado.

O mais importante agora era encontrar minha família, mantê-los em segurança. Suspirando, fechei os olhos e me virei, encostando o rosto no metal frio, ouvindo o ronco que me puxava noite adentro.

Quando dei por mim, alguém cutucava meu ombro.

– Ei, amigo – um dos caubóis da parte da frente disse. A tampa de trás estava abaixada e ele estava no acostamento.

Estávamos em uma saída. Estariam me enxotando antes da hora?

– Esta é a sua saída.

Balançando a cabeça, percebi que tinha dormido. Não havia mais ninguém na caçamba da caminhonete. Os rapazes tinham partido. Eu estava coberto por muitos cobertores, e um deles estava até dobrado embaixo de minha cabeça. Eles deveriam tê-lo colocado ali para mim enquanto eu dormia. Eu me senti mal por ter me irritado com eles.

– Obrigado – murmurei, afastando os cobertores e pegando minha mochila. Desci. Já havia parado de chover, mas escurecia de novo.

Ele viu quando olhei para o céu.

– Demoramos um pouco mais do que eu previa. Tivemos que deixar aquele pessoal pelo caminho...

– Obrigado – eu disse. – Muito obrigado.

Ele olhou para as montanhas.

– Você vai para lá?

– Não – eu disse, apontando a base das colinas. – Ali.

Eu temia que eles me seguissem, ou pior, que fossem na minha frente.

Ele olhou para mim de um jeito esquisito, deu de ombros e se aproximou. Eu me retraí, pensando que ele pegaria minha mochila, mas só me abraçou.

– Cuide-se, está bem? – o caubói disse.

Eu permaneci imóvel enquanto ele me abraçava com força.

– Certo. – Ele riu e me soltou. – Tome cuidado.

Calado, eu o observei entrar na caminhonete. Eles se foram.

Eu não havia notado, mas meus olhos estavam marejados.

Colocando a mochila nas costas, olhei para a estrada que subia a montanha. Estava escurecendo, e eu teria dificuldade para encontrar o caminho. Naquela noite, a luz da lua seria insuficiente para me ajudar. Comecei a andar em direção à casa, com o coração pesado, mas feliz porque em breve estaria com Lauren e Luke.

Havia mais uma coisa, algo em que eu estava procurando não pensar. Era o trigésimo aniversário de Lauren. Eu queria levar um presente a ela, algo que prometesse libertação de toda a dor e do medo das últimas semanas, mas eu voltava de mãos vazias. Pior do que vazias. Mas, pelo menos, eu estava voltando.

Torci para que tudo estivesse bem lá em cima.

Apesar da dor, apressei o passo.

DIA 36: 27 DE JANEIRO

O brilho no horizonte parecia zombar de mim. Eram quase dez da noite, e estávamos na varanda na frente da casa de Chuck, olhando para Washington que reluzia ao longe. Alguns dias antes, o brilho parecera um farol da salvação; agora, ele havia se tornado um símbolo de desespero.

Susie olhou para as luzes.

– Não posso acreditar.

Estendi meu telefone a ela.

– Veja as fotos.

Ela balançou a cabeça.

– Eu já vi as fotos. O que quero dizer é que não posso acreditar que isso tenha acontecido, de fato.

Luke ainda estava de pé, e brincava perto da fogueira. Enfiava um graveto nas chamas.

– Luke – Lauren chamou, começando a se levantar da cadeira –, não...

Segurei o braço dela, para que permanecesse sentada.

– Ele precisa aprender sozinho. Deixe-o. Pode ser que nem sempre estejamos aqui para protegê-lo.

Ela pareceu querer discordar e me afastar, mas parou. Sentou-se, ainda observando Luke, mas em silêncio.

Na noite anterior, eu havia me perdido ao tentar encontrar o caminho no escuro, mesmo com a lanterna de cabeça. Tudo parecia igual e, no fim, eu me deitei ao ar livre, cobri meu corpo com as folhas na tentativa de me aquecer, esperando o sol nascer. Choveu de novo, mas consegui dormir, e quando acordei,

quase não consegui me mexer, meus braços e minhas pernas estavam quase paralisados por causa do frio.

Quando encontrei nosso acampamento improvisado à luz da manhã, Susie quase atirou em mim. Eles estavam esperando um comboio de resgate, helicópteros e comida quente, mas cheguei sozinho, meio morto de frio e delirando. Eu estava com hipotermia, exausto, murmurando algo sobre os chineses, dizendo bobagens.

Voltamos para a casa e acendemos o fogão a lenha, e eles me deitaram na frente dele em um sofá, com alguns cobertores por cima. Deixaram que eu dormisse até o fim da tarde. Quando acordei, a primeira coisa que fiz foi dizer a Lauren o quanto eu a amava, e então brinquei com Luke no sofá por um tempo, tentando imaginar como seria o futuro para ele.

Todo mundo queria saber o que havia acontecido, mas pedi um tempo para mim, para que eu conseguisse processar e encontrar uma maneira de dizer que não haveria ajuda, que estávamos sozinhos.

Que talvez nós não mais vivêssemos nos Estados Unidos.

Por fim, simplesmente mostrei a todos as fotos em meu telefone. Havia muitas perguntas, mas eu não tinha respostas.

– Então, eles simplesmente deixaram você ir embora? – Chuck perguntou.

Os ferimentos dele não estavam sarando muito bem, e passar dois dias na mata deixaram as coisas muito piores. Susie não havia conseguido tirar todos os estilhaços de seu braço, e a mão quebrada também parecia estar bem dolorida. Ele mantinha o braço em uma tipoia.

– Sim, deixaram.

– Você viu nosso exército, a nossa polícia lá? E ninguém estava fazendo nada?

Pensei em minha ida a Washington. Tudo o que eu tinha visto ganhara novo sentido ao encontrar a base do exército chinês. Repassando tudo em minha mente, tentei perceber a verdade das coisas que tinha visto, mas que talvez não tivesse entendido na ocasião.

– Nossa polícia estava ali, certamente norte-americanos que estavam direcionando o fluxo de refugiados. Vi alguns soldados na estrada, mas acho que eram chineses.

– Você viu brigas?

Neguei balançando a cabeça.

– Todo mundo parecia derrotado, como se tudo já tivesse acabado.

Luke havia parado de brincar com o graveto e subiu a escada correndo em direção ao colo de Lauren.

– Então, não havia construções bombardeadas? Estava tudo intacto?

Assenti com a cabeça, tentando me lembrar de tudo o que vira.

– Como eles podem ter desistido sem lutar? – Chuck perguntou. Ele estava tendo dificuldade para aceitar. Acreditava em mim, mas não conseguia assimilar que tudo tivesse acabado tão depressa. Eu também ainda não acreditava.

– Seria difícil reagir se os chineses incapacitassem as comunicações do exército e os sistemas de armas eletronicamente. – Eu havia pensado naquilo. – Passaríamos a ser homens das cavernas tentando lutar contra um exército moderno.

– Então, Washington parecia normal? – Lauren perguntou, aconchegando Luke, tentando entender. – Você foi ao Capitólio?

– Não. Como eu disse, fiquei com medo. Pensei que eles estivessem nos levando a um campo de detenção. Achei que não conseguiria voltar.

– Mas havia pessoas, norte-americanos, simplesmente andando por ali. *Dirigindo*? – Chuck perguntou.

Eu havia descrito as pessoas que vi nas ruas, algumas delas caminhando como se nada tivesse acontecido, e contei sobre os caubóis que me trouxeram de volta.

Susie suspirou.

– É difícil imaginar, mas acho que a vida continua.

– A vida continuou na França ocupada durante a Segunda Guerra Mundial – argumentei. – Paris também desistiu sem resistir. Sem bombardear, sem lutar;

livre um dia e, então, ocupada no dia seguinte. As pessoas continuavam a comprar baguetes, bebiam vinho...

– Deve ter acontecido quando estávamos em Nova York – Lauren disse. – *Fazia* mais de um mês que estávamos isolados. Isso explica a falta de informação, o modo como as coisas aconteceram.

Explicava muito, sim.

Não nevava mais, mas ainda era inverno, e não havia insetos nem grilos emitindo sons nas florestas escuras. O silêncio era ensurdecedor.

Suspirei.

– Não importa o que aconteça, foi melhor ter saído de Nova York. Parece que eles deixarão tudo por lá apodrecer.

– Malditos! – Chuck gritou, levantando-se da cadeira. Ele balançava o braço sadio contra a luz no horizonte. – Não vou me entregar sem lutar.

– Acalme-se, querido – Susie sussurrou, e ficou de pé para abraçá-lo. – Nada de luta por enquanto.

– Mal conseguimos sobreviver. – Eu ri. – Como vamos rebater?

Chuck olhou para o horizonte.

– As pessoas já fizeram isso antes. O *underground*, a resistência.

Lauren olhou para Susie.

– Acho que já basta por hoje, não é?

Susie concordou.

– Acho que deveríamos dormir.

Chuck abaixou a cabeça, e virou-se em direção à porta.

– Avise quando você for para a cama, Mike, que eu desço para vigiar.

Lauren se abaixou para me beijar.

– Sinto muito por ter deixado seu aniversário passar em branco ontem – eu disse.

– Você ter voltado em segurança foi o maior presente de todos.

– Eu queria tanto...

– Eu sei, Mike, mas o importante é que estamos juntos. – Ela beijou Luke e

ficou de pé, aconchegando-o em seus braços. Ele dormia.

Permaneci em silêncio. Olhando para o batente, vi que alguém havia colocado a *mezuzah* dos Borodin ali.

– Quem colocou aquilo ali? – perguntei, apontando.

– Eu – Lauren disse.

– Um pouco tarde, não acha?

– Nunca é tarde demais, Mike.

Suspirei e voltei a olhar para o horizonte.

– Vou ficar um pouco aqui embaixo. Tudo bem? – perguntei a ela.

– Não demore muito.

– Pode deixar.

Fiquei sentado e olhando para a luz de Washington ao longe, repassando as imagens da viagem de ida e de volta na mente. Eu havia ficado fora por apenas dois dias, mas pareceram anos. Uma eternidade havia se passado em minha cabeça, e o mundo havia mudado.

Permaneci ali por uma hora, aproximadamente, e a raiva aumentava dentro de mim. Por fim, me levantei, dei as costas para Washington, e entrei.

DIA 40: 31 DE JANEIRO

O céu estava outra vez nublado e o clima, úmido... péssimo para sair, mas bom para pescar.

– Eles não devem ter tido escolha – Susie disse, ainda tentando entender o que havia acontecido.

Estávamos descendo até o rio Shenandoah, pela montanha e em direção ao vale a oeste. Uma névoa fina pairava no ar.

Espero que não comece a chover. Qualquer coisa que se molhasse permaneceria molhada por dias. A neblina se estendia à distância entre as árvores. Havia apenas mais dois chalés naquele lado da montanha, e ficamos longe deles, seguindo uma trilha cercada por árvores conforme descíamos.

– Talvez você esteja certa – respondi. – Talvez a guerra seja assim agora. Gostaria de ter me preparado melhor.

Conflito moderno terminava antes de o primeiro tiro ser dado. Minha mente não parava de revolver minhas memórias, o que já lera sobre ciberameaça, e me arrependia por não ter levado nada daquilo a sério. Eu deveria ter feito muitas coisas de outro modo, deveria ter protegido Lauren e Luke de modo melhor. Era minha culpa.

Chegando no rio, a trilha se tornava lamacenta, e procurei por outras pegadas. Nenhuma parecia recente.

– Não é possível se preparar para tudo – Susie disse depois de pensar um pouco. – E talvez tenha sido melhor dessa forma.

A pele no rosto dela estava pálida, fina como papel e translúcida, mesmo sob a luz mais fraca. Descascava perto do couro cabeludo. Ela reparou que eu estava

observando, e desviei o olhar, percebendo frutos ovais e marrons pendurados em arbustos perto da trilha.

– Podemos comer esses frutos? – perguntei.

– São mamões – Susie disse. – Muito me surpreende os esquilos não os terem comido.

Nós nos aproximamos do arbusto, e ela os puxou.

– Mas estão estragados. A época deles é no outono. – Mesmo assim, ela os guardou no bolso.

– Então, o que quer dizer com talvez tenha sido melhor? – perguntei enquanto pegava mais mamões.

– Quero dizer que um ciberataque é melhor do que ser incinerado por uma bomba.

Permaneci calado enquanto voltávamos para o rio. Pensei em como os Borodin estariam, tentei imaginar como os capturados estavam – se os Borodin os haviam soltado ou se eles tinham morrido de fome.

Susie se abaixou e puxou uma das linhas de pesca que havíamos colocado nos arbustos. Ela balançou a cabeça, e nós avançamos à seguinte. Bétulas altas e finas se estendiam além das margens do Shenandoah. Folhas amarelas cobriam o chão da floresta. Passamos por uma série de corredeiras que borbulhavam e gorgolejavam. Nós havíamos disposto várias linhas nas piscinas naturais para onde a água fluía. O guia de sobrevivência de meu telefone explicava que elas eram bons locais para se pescar.

– Talvez devêssemos nos entregar – Susie disse.

– A quem, exatamente?

– Aos chineses?

– Você quer caminhar cem quilômetros para se entregar?

– Deve haver alguém com quem possamos falar.

– Acho que não é uma boa ideia.

Depois do que havia acontecido em nosso primeiro dia ali, ficamos com medo de nos aproximar de outras casas. Às vezes, víamos outras pessoas pelas

árvores, mas mantínhamos distância.

– Sempre há esperança, Mike – Susie disse, como se tivesse lido minha mente.

Ainda que nos entregássemos, para onde iríamos? Um acampamento chinês para presos seria melhor? Lembrei-me dos grupos de refugiados perto dos quais eu havia caminhado enquanto seguia para Washington. Aonde eles estavam indo? Minha mente foi tomada por imagens vagas de filmes antigos de guerra, campos de concentração em florestas quentes no Vietnã. Era mais seguro ficarmos onde estávamos. Tínhamos que nos esconder, sobreviver e fazer o que pudéssemos.

– Eles acabarão indo embora – ela acrescentou, pensando o que eu estava pensando. – Eles têm que sair. De jeito nenhum a ONU ou a OTAN permitirão que eles fiquem.

Subi em uma rocha na água, no fim das correntezas, e puxei uma das linhas. Senti um peso, como se ela estivesse presa. Em seguida, ela começou a repuxar.

– Opa! Pegamos um! E parece grande!

O peixe-gato no Shenandoah podia pesar entre nove e treze quilos.

– Viu? – Susie disse, sorrindo. – Sempre há esperança.

Puxei o peixe-gato para fora da água, e ele balançou à nossa frente, preso por algo que ele não compreendia. *Eu deveria estar mais bem preparado. Não deveria ter permitido que isso acontecesse à minha família*. Quando o peixe girou na linha, olhei em seus olhos, agarrei-o pela cauda e bati sua cabeça contra uma pedra.

DIA 47: 7 DE FEVEREIRO

A floresta ganhou vida à luz da lua cheia.

Passei silenciosamente pelas árvores. Pequenas criaturas corriam no escuro e uma coruja arrulhava, um som assombroso que ecoava no ar frio. Uma tapeçaria de estrelas se estendia acima de mim, visível pelos galhos nus das árvores. As estrelas não pareciam distantes; pareciam próximas, como se eu pudesse subir no topo das árvores e tocá-las.

Eu aprendera a respeito dos ciclos da lua. Dormindo em nosso quarto, eu sentia as mudanças na pressão do ar e os ventos que sinalizavam a iminência de uma chuva. Semanas antes, meus sentidos estavam adormecidos, alheios à natureza, mas eu estava mudando.

Estava me tornando um animal.

A violência que vimos não deveria ter me surpreendido. Os seres humanos eram violentos. Éramos os maiores predadores, e cada um de nós só estava vivo porque nossos ancestrais tinham matado e comido outros animais, vencido todo o resto para sobreviver. Todas as criaturas de quem descendemos, desde os primórdios da Terra, tinham sobrevivido matando antes de serem mortos. Éramos o último elo em uma corrente de milhões de assassinos.

A tecnologia não podia regredir, mas os seres humanos sim, e com uma facilidade e rapidez surpreendentes quanto os vestígios do mundo moderno desapareciam. O animal tribal sempre esteve ali, escondido por baixo da superfície de nossa existência, dos cafés, dos telefones celulares e da TV a cabo.

Passei a dormir durante o dia: em meus sonhos, estava preso no hall imundo e cheio de piolhos de nosso prédio. Lauren flutuava à minha frente na banheira cheia de espuma, limpa e intocável. E sempre havia o bebê, escorregadio e frio.

Durante o dia, eu dormia para espantar a fome, mas quando o sol se punha e a lua chegava, minha fome e minha raiva voltavam.

A lua cheia havia me despertado naquela noite. Senti que ela me arrastava para fora como uma mão invisível, e os pelos de minha nuca se arrepiaram. Ela me levou à casa dos Baylor com uma faca na mão, pronto para esfaquear e matar.

Mas não havia ninguém ali.

Peguei o caminho da floresta descendo e dando a volta na montanha, em direção a um chalé que notara por entre as árvores, durante nossas idas ao rio. Eu voltava ali, noite após noite, para observar, como um caçador espreitando sua presa. A casa brilhava à minha frente, e me abaixei na mata, esperando. Vi uma vela acesa em uma das janelas, sua chama tremeluzindo de modo hipnótico. Um homem apareceu, o rosto refletido na luz da vela. *Será que ele é um dos que estavam na casa dos Baylor?* Não sabia. Ele olhou pela janela na minha direção, e prendi a respiração. Mas ele não me viu, não podia me ver.

Ele estava falando. Havia mais alguém ali.

Eu havia passado por um espelho no quarto naquele dia e fiquei assustado com o que vi. Outra pessoa olhava para mim – rosto magro, cabeça raspada, costelas aparecendo, pele flácida nos braços. Vi um detento de alguma prisão, e só os olhos eram meus, observando, chocados.

A lua que se erguia todas as noites me dava forças, alimentando uma raiva que crescia gradualmente.

Por que eu deveria desistir? Meu avô havia lutado na Segunda Guerra Mundial. Como saber quais horrores ele teve que encarar para sobreviver? Minha avó dizia que ele nunca falava sobre a guerra, e eu começava a entender o porquê.

O homem na janela se inclinou para a frente e soprou a vela.

Apertei a faca que segurava. Não contei a ninguém que o caubói que me levara de volta havia me abraçado ao se despedir. Ele tinha sido gentil, mas o olhar triste dele me deixou irado naquele momento.

Eu não precisava de pena.

Agachado no escuro, com minha intuição alertando para que eu voltasse para a casa, pensei naquele jovem caubói e em sua delicadeza comigo.

Olhando para a casa, imaginei pessoas dormindo ali dentro e comecei a chorar.

O que vou fazer? Matá-las? Talvez tivessem crianças ali e, ainda que não fosse o caso, o que aquelas pessoas tinham feito contra mim? O que estava se passando pela minha cabeça? Meu estômago roncou de fome. Afastei-me, partindo pela noite.

Eu era um animal, mas também era humano.

DIA 53: 13 DE FEVEREIRO

Eu só queria dormir.

– Tem certeza? – Lauren perguntou. Ela queria que eu visse as armadilhas de esquilos com ela. – O Luke vem comigo.

Antigamente, eu teria questionado a necessidade de levar nosso filho de dois anos para encontrar roedores presos em armadilhas, mas só rolei para o lado, de costas para ela. Olhar para ela era difícil.

– Não – respondi depois de uma pausa, revirando-me embaixo dos cobertores. – Estou bem cansado.

Esperei que ela saísse.

– Você está dormindo há dias. Tem certeza? Você sabe que dia é amanhã?

Eu não fazia ideia, e puxei os cobertores para cobrir a cabeça, tentando bloquear o sol que brilhava e cuja luz entrava pelas janelas.

– Por favor, só estou cansado, tudo bem?

Por muito tempo, ela ficou ali – tive a impressão de que ela queria me dizer que dia era amanhã –, mas, por fim, ouvi os passos dela ao se afastar e o ranger das escadas enquanto ela descia. Eu me contorci, tentando encontrar uma posição confortável, mas os piolhos haviam voltado, infestando tudo. Se eu ficasse bem parado, o sono viria e eu os ignoraria.

Eu queria ignorar tudo.

Sempre fui alguém que consertava as coisas, alguém que resolvia os problemas. Se você me dissesse algo que o incomodava, eu encontraria uma solução. Mas não havia como consertar aquilo, minha mente não conseguia encontrar um jeito de sair daquele labirinto. Eu me imaginava andando para o

sul, para o norte, procurando uma bicicleta, conversando com alguém na estrada – mas toda opção era tomada pelo perigo e pela incerteza.

Então, eu dormia.

Eu só me levantava para comer, mas já tinha me cansado de comer “verdes da floresta”, como Susie as chamava. Estávamos comendo ervas. De vez em quando, comíamos um peixe-gato. Tínhamos que comer tudo em um ou dois dias, para não apodrecer. Susie estava tentando salgar o que não comeríamos imediatamente, mas os resultados não eram promissores.

A carne de esquilo era melhor, mas eles não eram fáceis de pegar. Nós havíamos conseguido alguns, mas eles eram espertos e tinham aprendido uma maneira de evitar nossas armadilhas.

Não éramos os únicos lutando para sobreviver.

Mas não importava. Tudo o que eu encontrava para comer, tentava guardar para Lauren. Enquanto a minha barriga continuava roncando, a dela continuava crescendo. A barriga de grávida dela agora era totalmente visível, mesmo sob as roupas.

Tentei me lembrar de que dia era, de que semana. *Que dia é amanhã?* Por que ela havia me perguntado isso? As baterias dos telefones tinham acabado, e, como ninguém tinha um relógio, o tempo começava a perder o sentido.

Vinte e duas semanas. Ela está na vigésima segunda semana de gravidez. Metade do caminho.

E depois? O que faremos quando ela entrar em trabalho de parto?

Ela tinha razão. Nós deveríamos ter feito um aborto. Mas era tarde demais.

Virando-me, fechei os olhos com mais força, encolhendo-me em posição fetal.

Dormi.

DIA 59: 19 DE FEVEREIRO

O cheiro me acordou – um cheiro incrível e delicioso.

Ele quase me fez levitar da cama. Estava frio, por isso fui ao armário ver o que poderia vestir. Encontrei fileiras de roupas dobradas, e peguei uma blusa. Ela ficou larga como um saco em meu corpo magro. Vi que nosso quarto havia sido varrido e estava organizado. Os lençóis embolados na cama eram a única bagunça – além de mim.

O que é esse cheiro? Bacon?

Do lado de fora, ouvi o barulho de alguém cortando lenha, e fui até a janela, puxei as cortinas. Vi minha esposa grávida, as mangas da camiseta enroladas e os cabelos presos para trás com um lenço, pegando lenha e equilibrando-a em um tronco maior por baixo. O sol brilhava no céu azul. Com as costas de uma mão, ela secou o suor da testa. Com a outra, segurava um machado. Afastando as pernas, ela girou a ferramenta, e então, *toc*! –, o machado pousou no centro da madeira, dividindo-a ao meio.

Pela primeira vez em mais tempo do que conseguia me lembrar, senti minha mente desanuviada, e eu estava com muita fome. Pela porta aberta de nosso quarto, ouvi algo chiando e estalando. *Ainda estou sonhando*? Até o barulho era de bacon na frigideira.

Calçando os tênis, desci o corredor escuro. Sem pensar, levei a mão ao interruptor na parede e ri de mim mesmo. O instinto de acender as luzes e checar meu telefone ainda persistia.

No fim da escada, havia um espaço aberto com piso de madeira, tapetes no chão e quadros de tinta a óleo de paisagens e velhos sapatos de neve nas paredes. Havia uma lareira de pedra de um lado, e Chuck estava sentado de pernas

cruzadas na frente dela enquanto as brasas ardiam na grelha. Quando me ouviu, ele se virou, segurando uma haste comprida de ferro que estava sobre as brasas. Ele a segurava com a mão boa, com o cabo envolvido por um pano de prato. A mão ferida ainda estava apoiada em uma tipoia.

– Pensei que isso acordaria você – ele disse, sorrindo. – Venha me ajudar a virá-los. Acho que estão queimando.

– O que é?

– Bacon.

Praticamente saí voando pela sala. Chuck deixou a haste no chão de madeira e me deu um garfo.

– Bem, não é exatamente bacon, porque não foi defumado e curado, mas é pele e gordura de porco. Quer um pedaço?

Eu me agachei perto dele, sentindo o calor do carvão em meu rosto. Hesitei. *Devo guardar isto para a Lauren, para o bebê.*

– Vá em frente – Chuck me incentivou. – Você precisa comer, amigo.

Garfei uma faixa de carne fumegante. Eu estava desidratado e me retraí sentindo dor quando comecei a salivar, mas o sabor se espalhou por minha língua.

– Não precisa chorar – Chuck riu.

Lágrimas rolaram por meu rosto pela intensidade da experiência.

– Pode comer mais. Pegue a panela toda. Eu estava fritando isso para conseguir um pouco de gordura para fritar o restante da carne. E pegue pão também.

Inclinando-se para o balcão ao lado, ele pegou uma casca de pão queimada. Eu peguei outro pedaço de bacon e o enfiei na boca com o pão.

– Onde você conseguiu esse bacon? E o pão?

– O pão é de farinha de tifa. Posso mostrar como fazer, e com uma de nossas armadilhas perto do rio, pegamos um porco pequeno. Fiquei sabendo que havia muitos porcos selvagens nessas matas. Os jornais de Gainesville reclamavam deles nos últimos anos, mas hoje não estou reclamando, de jeito nenhum.

– Um porco inteiro?

Ele assentiu.

– Na verdade, um filhote de porco. Susie está no porão destrinchando-o agora. Fritei esses pedaços de pele para começar.

– *Susie* o está cortando? – Sempre pensei que ela fosse enjoada para essas coisas.

Chuck riu.

– Quem você acha que está cuidando das coisas por aqui? Eu sou um aleijado e você... – ele disse, pausando –, bem, você esteve de folga. Nossas mulheres têm caçado e pescado, cortado lenha, mantido a casa aquecida e de pé. E ainda nos alimentam.

Eu não tinha pensado nisso.

– Pegue algumas ervas dali – Chuck disse, indicando um monte de folhas no sofá. – Vamos fritá-las com a gordura do bacon, alimentar você muito bem.

Peguei dois punhados e os despejei na panela. Elas começaram a fritar conforme ele devolveu a panela ao fogo. Soltou o cabo, o pano de prato e olhou para o chão, coçando a cabeça.

– Sabemos que, às vezes, você sai à noite – ele disse.

Eu havia quase me esquecido.

– Para ser sincero, estou me cansando de pedir para a minha esposa ir atrás de você. Você precisa parar, Mike.

– Me desculpa, não sei...

– Não precisa se desculpar – Chuck disse. – Mas estou feliz por vê-lo de volta. Você esteve morto para o mundo durante duas semanas.

Eu não soube direito o que dizer.

– Por que não me tirou da cama, me mandou parar com isso?

Ele mexeu as folhas.

– Cada um está enfrentando seus próprios problemas. Imaginamos que você estava enfrentando os seus. Não podíamos *consertar você*. Você precisava se consertar sozinho.

– Vocês viram alguma coisa acontecer? Conversaram com alguém? – perguntei.

Talvez as coisas tivessem mudado desde que eu me afastara.

– Temos observado Washington à noite. Não há sinal de luta, nem evacuações em massa. Não sei se alguma coisa mudou. E não conversamos com ninguém.

– Qual é o plano, então?

Ele mexeu as folhas, pegou uma para que eu experimentasse.

– Esperamos. Deve haver uma Resistência ou um *underground* ou coisa assim. Talvez apenas a Costa Leste esteja ocupada.

– Então, vamos esperar?

Chuck olhou para mim.

– Podemos fazer isso, Mike. Estamos sobrevivendo. E a Lauren é incrível. – Ele assentiu em direção à porta. – Por que não vai falar com ela?

Respirando fundo, eu me espreguicei, sentindo o ar encher meus pulmões.

– Não é sua culpa, Mike. Você não pode consertar isso. Vá ver sua família. Saia.

Olhei na direção da porta e vi partículas de poeira girando na luz. Aquilo era a vida, e estava na hora de seguir com ela.

– Certo – respondi, e me levantei.

Pela janela, Lauren me viu e sorriu. A barriga de grávida bem proeminente. Acenei, e ela largou o machado, correndo em direção à porta.

Ela estava tão linda.

DIA 63: 23 DE FEVEREIRO

– Podemos comer isso? – perguntei a Chuck.

Eu estava observando um cogumelo embaixo de um tronco de árvore podre ao lado do rio. Eu o cheirei e cutuquei sua base, revelando um monte de minhocas.

– Não sei, não – ele respondeu.

Por algum motivo, lembrei-me de ter lido que o corpo tinha dois cérebros. Um na cabeça, aquilo que chamamos de cérebro, e o outro ao redor das vísceras, que chamamos de sistema nervoso entérico, nosso cérebro mais antigo. Do mesmo modo com que havia me tornado consciente do céu, do clima e das fases da lua, também sentia que havia começado a ouvir essa parte antiga de mim, e, naquele momento, ela mandava uma mensagem a minha mente consciente: *Não coma esses cogumelos*. Mas as minhocas...

Com uma colher que levava no bolso, comecei a escavar as criaturas para guardá-las em um saco plástico.

Estávamos no rio, conferindo as linhas de pesca e as armadilhas. Outros animais desciam dos montes até a água de vez em quando, por isso aquele era o melhor lugar para caçar e montar armadilhas. O rifle estava sobre meu ombro, para o caso de vermos um veado ou um porco e, claro, para nos protegermos em um conflito.

Àquela altura, todas as outras casas em nossa área estavam vazias, até mesmo aquela que eu havia visitado durante minhas incursões noturnas. Estávamos sozinhos, com exceção da luz no horizonte que observávamos todas as noites, esperando por sinais de atividade ou mudança enquanto tentávamos sobreviver.

– Para que servem os sacos de lixo que estão na varanda? – perguntei. Eu os vira naquela manhã quando saímos. Estávamos fazendo a compostagem de qualquer coisa orgânica, e não tínhamos lixo, propriamente dito.

– É um dos projetos de sua esposa. Amarre roupas e lençóis dentro de sacos de lixo por duas semanas para matar todos os piolhos, até mesmo os ovos. Eles nascem e morrem.

Assenti enquanto analisava a floresta em busca de qualquer coisa comestível. Havia muitas possibilidades: frutos, castanhas, folhas, brotos. Sempre pensei que fora o cérebro humano que nos permitira conquistar o planeta, mas foram nossos estômagos, nossa capacidade de comer quase qualquer coisa. O problema era que comer determinadas coisas podia nos matar. Ou nos deixar doentes, o que era a mesma coisa, dadas as nossas circunstâncias.

– Talvez eu não me importe em ser chinês – falei.

Eu vinha pensando nisso cada vez mais. Que diferença faria? A China havia se tornado mais ocidental, com o dinheiro e riquezas advindas de bens materiais, enquanto os Estados Unidos se tornaram mais parecidos com os chineses, espiando nossos cidadãos. Talvez tivéssemos chegado a um meio-termo; talvez não importasse mais quem estivesse no controle.

– Sino-americano ou americano-chinês, hein? – Chuck riu. – É nisso que está pensando?

– Não conseguiremos sobreviver aqui por muito mais tempo – respondi.

O riacho perto da casa havia secado quando o resto da neve derreteu, reduzindo-o a um caminho lamacento pela floresta. Para conseguirmos água, tínhamos que caminhar até o rio, que ficava a quilômetros da casa. Chuck havia encontrado um pouco de iodo para desinfetar a água, mas já havia acabado, e agora tínhamos que fervê-la. Era difícil ferver tudo o que precisávamos diariamente, por isso começamos a beber água não tratada e a sofrer acessos de diarreia. Estávamos enfraquecendo e, lentamente, morrendo de fome.

Não encontramos nada em nossas linhas de pesca e armadilhas, por isso enchemos garrafas de água e nos sentamos à beira do rio perto da área das

correntezas. Tínhamos que descansar um pouco antes de começar a longa subida de volta à montanha, de mãos vazias.

– Como você está se sentindo? – Chuck perguntou depois de um longo silêncio. O ruído suave das correntezas acalmava.

– Bem – menti. Eu me sentia mal, mas pelo menos minha cabeça voltara ao mundo.

– Com fome?

– Não muita – menti de novo.

– Você se lembra daquele dia, antes de tudo isto começar, quando fui a sua casa com o almoço?

Minha mente buscou aquela lembrança. Pensar em Nova York era como me lembrar de um filme sobre um local fictício no qual eu imaginara viver por um tempo. O mundo real era ali, aquele mundo de dor e fome, de medo e dúvida.

– Quando eu estava dormindo no sofá com o Luke?

– Isso.

– Quando você levou batatas fritas e *foie gras*?

– Exatamente.

Nós permanecemos em silêncio, lembrando dos montes de patês, revivendo o sabor.

– Nossa, que delícia – Chuck resmungou, imaginando a mesma coisa que eu, e nós dois rimos.

Rangendo os dentes, senti dor na boca. Esfreguei o rosto; meus dentes estavam moles, e meu dedo saiu com sangue.

– Sabe de uma coisa?

– O quê?

– Acho que estou com escorbuto.

Chuck riu.

– Eu também. Não quis dizer nada. Quando a primavera vier, talvez encontremos frutas.

– Você sempre tem um plano, hein?

– Pois é.

Fizemos silêncio de novo.

– E acho que estou com vermes – Chuck disse com um suspiro.

Silêncio mais uma vez.

– Sinto muito por você ter ficado conosco, Chuck. Poderia ter chegado aqui antes. Toda aquela preparação, estraguei as coisas para você.

– Não diga isso. Vocês são nossa família. Estamos juntos.

– Você poderia ter partido mais para oeste. Tenho certeza de que os Estados Unidos ainda funcionam lá.

Um gemido de dor me interrompeu, e eu olhei para Chuck. Ele segurava seu braço.

– Você está bem? – perguntei. – O que foi?

Ele fez uma careta ao tirar o braço da tipoia. Ele o mantinha coberto. Vi que a mão estava inchada, e a pele, enegrecida.

– Está infeccionado. Acho que algum estilhaço ficou na minha pele, infeccionou minha mão.

A mão dele não havia se curado da pancada sofrida na escada de nosso prédio em Nova York. Estava três vezes maior do que deveria, com manchas escuras subindo pelo braço sob a pele clara.

– Isso começou há alguns dias, e está ficando bem feio.

– Talvez possamos encontrar uma colmeia de abelhas na floresta.

Eu lera no aplicativo de sobrevivência que o mel era um antibiótico potente. Chuck não respondeu, e ficamos em silêncio de novo, dessa vez por mais tempo. Uma águia voou acima das árvores ao longe. Nuvens brancas se espalhavam pelo céu azul.

– Você vai ter que amputar minha mão, talvez todo o braço abaixo do cotovelo.

Observei a águia.

– Não posso fazer isso, Chuck. Meu Deus, não faço ideia...

Ele me agarrou.

– Você tem que fazer isso, Mike. A infecção está se espalhando. Se chegar ao meu coração, vai me matar. – O rosto dele estava banhado em lágrimas.

– Como?

– O arco de serra no porão. Ele pode cortar o osso...

– Aquela coisa enferrujada? Vai piorar a infecção. E você morreria.

– Vou morrer de qualquer modo – ele chorou, rindo, olhando para o outro lado.

A águia voava em círculos à distância.

– Cuide de Ellarose para mim, e de Susie. Tente cuidar delas. Promete?

– Você não vai morrer, Chuck.

– Prometa que cuidará delas.

A águia ficou embaçada através de minhas lágrimas.

– Prometo.

Respirando fundo, ele colocou o braço na tipoia de novo.

– Já chega disso – ele disse e se levantou. O rio gorgolejava e espirrava. – Vamos voltar.

Secando os olhos, eu me levantei e voltamos pela trilha.

O sol estava se pondo.

DIA 64: 24 DE FEVEREIRO

Eu estava fora de casa quando ouvi o barulho das caminhonetes.

Lauren havia encontrado pacotes velhos de sementes, de cenoura, pepino e tomate, escondidos em um canto do porão. Os pacotes eram antigos e estavam amarelados, mas talvez as sementes ainda estivessem boas. Então, saímos e escavamos uma área que recebia mais luz do sol, e começamos a plantá-las.

Chuck estava em casa, descansando, e Lauren preparava uma fogueira para fazer chá de casca de árvore. Ellarose estava deitada de costas na grama, olhando para as nuvens e mordiscando um raminho que Susie havia dado a ela. Ela parecia um bebê de cem anos, enrugada e pequena, com pele vermelha e descascando. Estava com febre e chorava a noite toda. Susie estava sempre perto dela. Era de cortar o coração.

Nós havíamos dado a Luke uma espátula para que ele usasse como pá, e ele cavava concentrado, sorrindo para mim toda vez que tirava terra, e então, um rosnado estranho surgiu entre as árvores. Uma brisa suave farfalhou as folhas, e eu parei o que estava fazendo para escutar.

– O que é isso? – Susie perguntou.

O vento parou de soprar, e escutamos de novo... um ronco baixo, um ronco *mecânico*.

– Leve as crianças para o porão. Agora!

Ela também escutou o ronco, e se levantou, pegou Ellarose e Luke. Eu corri até a casa, passando pela varanda destruída dos fundos.

– Lauren, vá para o porão! – gritei ao entrar pela porta dos fundos. – Tem alguém vindo! Apague essa fogueira!

Ela olhou para mim, chocada, e peguei uma garrafa de água do balcão e a despejei nos gravetos em chamas na fogueira.

– Quem é? – ela perguntou. – O que está acontecendo?

– Não sei – berrei enquanto subia a escada correndo para chamar Chuck. – Desça com as crianças e Susie.

Chuck estava acordado e espiando pela janela.

– Parecem caminhões do exército – ele disse quando entrei no quarto. – Eu os vi por um momento lá embaixo. Eles chegarão em um minuto.

Eu o ajudei a descer a escada, pegando o rifle enquanto passávamos para a varanda da frente. Não conseguia vê-los, mas ouvia o barulho, que ficava cada vez mais alto.

– Deixe-me aqui – Chuck disse. – Vou conversar com eles, ver o que querem.

Neguei, balançando a cabeça.

– Não, vamos para o porão. Eles não podem saber que estamos aqui. Vamos nos esconder para tentar ver quem é.

Chuck assentiu e fomos até o porão. Susie havia feito um bom trabalho consertando as portas com compensado. Nossas esposas olharam para nós do fim da escada. Susie segurava um .38, assim como Lauren. Fechamos as portas assim que escutamos as caminhonetes passarem pelas pedras da entrada. Subi a escada, tentando ver o que estava acontecendo lá fora, através de uma fresta.

– São duas caminhonetes – sussurrei. Ouvimos o som de pés no cascalho e as portas se fechando. Parecia haver muitas pessoas ali.

– São soldados de nosso país? – Chuck perguntou apressado.

– O que eles querem? – Susie perguntou, segurando Ellarose, tentando mantê-la calma.

Virei a cabeça para ver pela fresta minúscula. Os homens na frente do chalé vestiam uniformes cáqui, mas sem identificação. Então, vi um rosto – de um asiático –, que logo se virou. Eu me abaixei.

– São os chineses – sibilei, descendo a escada.

Peguei meu rifle e me ajoelhei no chão de terra. Ouvimos vozes abafadas e

passos de botas dando a volta pela casa acima de onde estávamos.

Chuck estreitou os olhos sob a luz fraca, prestando atenção.

– São os chineses?

Ouvimos alguém subir a escada e então voltar para a varanda.

– Talvez eles só estejam vasculhando – Lauren disse com esperança.

E então...

– Mike! – alguém gritou de lá de fora.

Ele está gritando meu nome? A voz parecia familiar. Olhei para Chuck franzindo o cenho e ele deu de ombros, sem entender.

– Mike! Chuck! Vocês estão aqui? – a voz foi ouvida de novo.

Olhei para todos no porão. *É o Damon*?

– Estamos aqui embaixo – Susie disse.

– Shh! – protestei, bravo, mas era tarde demais. Ouvimos passos na grama, e então, uma das portas do porão se abriu. Afastando-me, estreitando os olhos para ver sob a luz, apontei a arma para a porta, e a cabeça de Damon apareceu.

29 DE JUNHO

A bebê gritava sem parar em meus braços, escorregadio e ainda molhada. Mas eu a segurei... e sorri.

– É uma menina – anunciei, prestes a chorar. – É uma menina!

Lauren estava banhada em suor, mas eu estava quase igualmente ensopado.

– Ela é tão linda. – Eu a coloquei nos braços de Lauren. – Qual será o nome dela?

Lauren olhou para a bebê, rindo, chorando.

– Antonia.

Sequei algumas lágrimas.

– Tony é um bom nome.

– Podemos levá-la? – a enfermeira perguntou, inclinando-se para pegar Antonia de Lauren.

– Ela parece perfeitamente saudável – o médico disse. Ele se aproximou das janelas. – Posso?

Assenti com a cabeça e ele afastou as cortinas, revelando os muitos rostos; Damon, Chuck, sargento Williams, a mãe e o pai de Lauren. Estávamos no Presbyterian Hospital, em Nova York, o mesmo lugar que havíamos evacuado no que parecera ser um mundo diferente, meses antes. Susie levantava Luke para ele poder ver. Fiz sinal de positivo com as duas mãos, e todos começaram a comemorar.

– Você está bem? – perguntei a Lauren.

A enfermeira e o médico limparam Antonia e fizeram exames rápido antes de devolvê-la a nós. Depois de tudo o que havíamos enfrentado, decidimos não

descobrir o sexo do bebê antes da hora. Ela era um presente que queríamos desembrulhar um pouco por vez.

– Chamem seus amigos, se quiserem – o médico disse. – Está tudo perfeito. É um pequeno milagre depois de tudo pelo que ela passou.

Eu sorri para o médico, e então para Antonia, antes de fazer um sinal para que todos entrassem.

Chuck veio primeiro, trazendo uma garrafa de champanhe na mão artificial, e quatro taças na outra. Por fim, a mão dele teve de ser amputada, mesmo depois de ter recebido tratamento no hospital, mas ele tinha dinheiro e um bom plano de saúde. A prótese robótica que colocaram no lugar de sua mão era incrível. Ainda melhor do que a mão antiga, Chuck gostava de dizer brincando.

Ele tirou a rolha enquanto todos entravam na sala para parabenizar Lauren e conhecer Antonia. Caminhei em sua direção enquanto ele enchia duas taças, e o champanhe transbordou e caiu no chão.

– Um brinde a nunca desistir! – Ele riu, entregando uma taça a mim. – E, claro, a Antonia.

Damon se aproximou, pegando uma taça de Chuck.

– E um brinde a estar errado.

Ri e balancei a cabeça.

– A estar errado.

Era a primeira vez que ríamos sobre tudo aquilo, e foi bom. Bebendo, observamos os outros amigos se reunirem ao redor de Lauren e da bebê.

Eu estivera errado, mas o mundo todo errou comigo.

No centro de Washington, D.C., havia e não havia uma base do exército chinês. Os chineses tinham sido convidados para montar um acampamento temporário no meio da cidade. Permaneceram ali por algumas semanas, como parte de um esforço de ajuda humanitária internacional para auxiliar a Costa Leste a sair da “Cibertempestade”, como a imprensa passou a se referir ao caso.

O tamanho do desastre não ficara aparente nas duas primeiras semanas, pelo menos não fora de Nova York. As comunicações do mundo todo tinham sido

desligadas e as poucas notícias que conseguiam ser transmitidas indicavam que a eletricidade, a água e os serviços de emergência seriam restaurados rapidamente. E foi o que aconteceu na maior parte do país, menos na Costa Leste, e principalmente em Manhattan.

Em qualquer desastre, sempre ocorre uma reação atrasada, um intervalo que a mente coletiva precisa para compreender algo nunca visto antes, e não foi diferente com os acontecimentos em Nova York. As ciberinterrupções por si só teriam sido ruins por um período curto, mas houve também o problema da infraestrutura em ruínas de Nova York, em que o encanamento antigo, corroído pela água do mar, estourou quando congelou durante a interrupção do fornecimento de água e por conta das baixas temperaturas, somado à ação da neve pesada e do gelo que derrubou a rede elétrica e as linhas de telefone, além de bloquear as estradas. Tudo isso combinado criou uma armadilha mortal que matou dezenas de milhares de pessoas.

– Você está bem, Mike? – Chuck perguntou.

Eu sorri.

– Você não está mais bravo?

– Nunca fiquei bravo *com você*, mas sim com a situação. Eu só precisava de um pouco de tempo. Todos nós precisamos.

Fazia quatro meses que tínhamos sido resgatados, e foram quatro meses difíceis. Ellarose tinha sido hospitalizada por desnutrição depois de perder praticamente metade de seu peso corporal, e Chuck passou mais de um mês no hospital também. Todos nós estávamos doentes.

Eu me virei para Damon.

– Ainda não sei como te agradecer.

Na casa da família de Damon, a energia tinha sido restaurada dentro de uma semana e as coisas tinham começado a voltar ao normal. Ele havia tentado nos encontrar e, por fim, fez contato com a família de Lauren. Ninguém tinha notícias nossas, por isso eles procuraram o chalé de Chuck, mas os registros eletrônicos de território não tinham sido reestabelecidos na Internet e ninguém

conseguiu descobrir o endereço. Damon tinha uma vaga ideia de como chegar lá, por isso teve que liderar um grupo de buscas pelas montanhas.

Damon olhou para o chão.

– Eu é quem deveria agradecer a vocês. Vocês também salvaram a minha vida quando permitiram que eu ficasse no prédio.

Do porão, eu vira o que acreditei ser um soldado chinês, mas, na verdade, era um soldado asiático-americano, descendente de japoneses, como se provou mais tarde. Mas minha mente paranoica só conseguiu ver uma coisa.

A mesma coisa havia acontecido quando caminhei até Washington. Concluí que os chineses tinham nos atacado, então minha mente moldou tudo o que vi para reforçar tal ideia. No telhado do museu, eu tinha visto a Corporação de Engenheiros Chineses. Eles estavam ali porque a China era o único país com substitutos para os geradores elétricos de vinte toneladas que tinham sido destruídos, e a mão de obra qualificada para instalá-los.

Se eu tivesse me dado o trabalho de olhar além do Mall enquanto estava em cima do telhado, teria visto soldados indianos, japoneses, franceses, russos e alemães também. Toda a comunidade internacional havia se unido para ajudar os Estados Unidos quando a dimensão do desastre ficou clara, principalmente quando os fatos a respeito *do que* havia acontecido começaram a surgir.

Deixei a taça em uma mesa de canto. Depois de passar a noite sem dormir, o álcool estava me deixando zonzo.

– Acho que vou pegar um café. Alguém quer?

– Não, obrigado – Chuck respondeu. – Quer que eu vá com você?

– Por que não ficam com a Lauren? Já volto.

Chuck e Damon assentiram e se aproximaram do grupo ao redor da cama, e eu saí. Fechei a porta e caminhei até a máquina de café. A edição daquele dia do *New York Times* estava em uma mesa de canto, e a manchete era: “Conselho de Segurança da ONU Divulga Ciberarmistício e Anistia”. Eu a peguei.

Ironicamente, foram os iranianos que salvaram o dia ao serem os primeiros a assumir parte da responsabilidade do ciberataque. Claro, eles provavelmente *não*

tiveram a intenção de nos salvar, mas era difícil saber qual seria a reação neste novo mundo, em que nada era o que parecia ser.

Como soubemos pelo rádio no que parecia ter sido em outra vida, no começo da terceira semana da Cibertempestade, o grupo Ashiyane assumira ter lançado o vírus Scramble para atacar os sistemas de logística dos Estados Unidos, em retaliação pelo uso das ciberarmas Stuxnet e Flame que os Estados Unidos tinham usado contra o Irã, alguns anos antes. Para piorar as coisas, eles o haviam lançado ao mesmo tempo em que a rede hacker *Anonymous* havia começado seu ataque de negação de serviço contra a FedEx.

Investigadores forenses na China conseguiram desvendar uma série de eventos, incluindo um ciberataque realizado na mesma época contra os Estados Unidos por um grupo dissidente de seu próprio Exército de Liberação. Seguindo o caminho de volta à origem, os investigadores descobriram que tudo havia começado com uma queda de energia em Connecticut, e relacionaram isso a um ataque de um grupo criminoso russo. Os russos haviam invadido os sistemas de *backup* de empresas de fundos multimercado em Connecticut, inserindo um *worm* feito para modificar os *backups* de registros financeiros quando a energia elétrica das sedes das empresas fosse interrompida. Aquele grupo criminoso havia iniciado as primeiras interrupções de eletricidade em Connecticut em uma tentativa de desviar dinheiro dos fundos multimercado.

Os administradores dessas empresas teriam descoberto, provavelmente mais depressa do que os criminosos teriam sido capazes de extrair os fundos, e os russos sabiam disso. Então, para aumentar a chance de sucesso, eles fizeram duas coisas: iniciaram o ataque na véspera de Natal, quando poucas pessoas estariam trabalhando, e lançaram um alerta falso de emergência sobre um surto de gripe aviária.

O alerta da gripe aviária havia criado mais pânico do que eles esperavam, assim como o corte de fornecimento da energia, que se espalhou rapidamente pelo sistema. O grupo russo tinha sido *muito* bem-sucedido, e eles deixaram de ser criminosos e se tornaram terroristas.

A CIA estava atrás deles.

Naquela época, com porta-aviões chineses e americanos apinhando o mar do sul da China, foi impossível não encarar o corte de eletricidade em Connecticut, a epidemia de gripe aviária e o ataque à logística como sendo um ataque coordenado pelos chineses em retaliação às forças americanas que ameaçavam seu “protetorado”.

Quando o trem da Amtrak colidiu, resultando na morte de civis, o Comando Cibernético dos Estados Unidos iniciou um ataque à infraestrutura chinesa em resposta. Mesmo assim, o Politburo Chinês emitiu um alerta rígido que impedia a ação retaliatória: eles sabiam que não haviam atacado os Estados Unidos primeiro e estavam tentando entender o que havia acontecido.

Os boatos online diziam que o governador da Província de Shanxi havia ordenado um grupo dissidente do Exército de Libertação a iniciar um ataque de resposta à infraestrutura norte-americana depois do ataque norte-americano à China. Parecia que o oficial também teria sabotado a represa em sua região, destruindo um vilarejo para tentar justificar suas ações.

Já se sabia que o grupo dissidente havia derrubado os geradores elétricos e comprometido os sistemas de fornecimento de água a Nova York. Sob condições normais, aquilo teria causado grandes problemas, mas com uma das mais intensas séries de nevascas que atingiram a Costa Leste, a Cibertempestade se transformou em um desastre mortal.

Por fim, a Cibertempestade foi uma confusão de eventos simultâneos tanto no domínio cibernético como no físico. Se pareceu uma enorme coincidência, não foi. Milhões de ciberataques ocorriam na Internet todos os dias, como ondas no mar. Por leis simples de probabilidade, uma série de ondas de ciberataques havia coalescido, assim como ondas gigantescas apareciam de vez em quando no mar, aparentemente vindas de lugar nenhum, mas causando grandes prejuízos.

Na sala de espera comigo, havia vários jornalistas. Eles não estavam ali por minha causa... estavam atrás de Damon, que ficara famoso por ser o fundador da rede de comunicação que salvara inúmeras vidas, ajudando a manter a ordem

quando tudo ruiu. Milhões de chamadas desesperadas e mensagens de socorro tinham sido registradas na rede, bem como centenas de milhares de imagens. As pessoas agora vasculhavam esses arquivos à procura de imagens de seus entes queridos, tentando entender o que havia acontecido no caos. As autoridades as estavam usando como recurso para encontrar pessoas que tinham cometido crimes. A DamonNet, como eles a chamaram, ainda estava em operação.

Peguei umas moedas no meu bolso, enfiei algumas na máquina de café e escolhi uma opção.

Jornalistas. Eles tinham sido a metade do problema, parte do motivo pelo qual havia demorado tanto para que a dimensão da emergência fosse compreendida. Sem comunicação e com as nevascas atingindo a cidade, os jornalistas não tinham como saber o que estava acontecendo em Manhattan. A CNN e outros canais haviam se estabelecido no Queens e em outros locais mais afastados, transmitindo as condições desses lugares. Mas ninguém sabia, de fato, quão desesperadora a situação estava em Manhattan. Então, o mundo ouvia relatos de que Nova York estava passando por dificuldades, mas a impressão era de que Manhattan dormia sob um cobertor de neve. A extensão da catástrofe só ficou clara quando a ilha entrou “temporariamente” em quarentena e o mundo assistiu, horrorizado, às pessoas morrendo afogadas e congelando, tentando escapar pelos rios Hudson e East.

Peguei meu café com leite e o soprei para esfriar.

Foi um desastre em parte natural e em parte causado pelo homem, apesar de que até mesmo essa diferenciação era discutível. Alguns climatologistas declararam que as tempestades foram o resultado de uma mudança climática. Nesse caso, o clima também fora modificado pelo homem, assim como a Cibertempestade que havia colidido com ele.

E se todos tinham culpa, ninguém era culpado?

4 DE JULHO

– Quer ver o tio Damon? – perguntei a Antonia.

Ela enfiou alguns dedinhos na boca.

– Vou considerar isso como um sim.

Eu ri e a coloquei no *baby sling* contra meu peito. Ela era tão pequenininha, e aquele seria seu primeiro passeio fora de casa, a primeira vez que ela veria Nova York. Eu queria que fosse especial. Íamos ao Central Park para ver as comemorações do 4 de Julho.

Nosso apartamento estava repleto de caixas de mudança, e com Antonia acomodada, parei, reservando um momento para me despedir.

A energia e a água tinham sido restauradas a nossa área alguns dias depois de partirmos para Virgínia. A água, na verdade, já tinha sido restaurada quando partimos, mas os canos de nosso prédio tinham estourado. Deveríamos ter ficado, mas todos os dias, desde o início, eles diziam que o fornecimento se restabeleceria. Não havia como sabermos se aconteceria de fato.

As temperaturas tinham começado a subir antes mesmo de nós termos saído da cidade, e quando voltamos a Nova York, na primeira semana de março, eles já tinham energia e serviços há quase seis semanas, não mais nevava e a cidade havia sido quase totalmente limpa. As únicas coisas que nos lembravam da tragédia eram os prédios incendiados que pontuavam a paisagem, e um clima pesado de perda.

A maioria das pessoas de nosso prédio havia conseguido partir antes de Nova York ser isolada. Quando voltaram, encontraram o que parecia ser uma zona de guerra, mas agora o lixo já tinha sido coletado, as portas e as janelas tinham sido consertadas, e tudo estava sendo pintado.

Houve uma urgência quase doentia de abafar o ocorrido e deixá-lo no passado, fingir que nada havia acontecido. Os pais de Lauren, enquanto nos procuravam, haviam contratado alguém para limpar nosso apartamento e o hall. Quando voltamos, tudo estava igual ao que era antes da Cibertempestade, como se tudo não tivesse passado de um pesadelo.

Tudo como era antes... tudo, menos Tony.

Suspirei e olhei mais uma vez. Os funcionários da empresa de mudança levariam nossas coisas para um novo apartamento no Upper West Side. Fechei a porta ao sair e bati à porta dos Borodin. Eu havia tentado devolver a *mezuzah*, mas Irena insistiu para que eu a colocasse na entrada de nossa nova casa.

– Ah, Mih-kah-yal, Antonia – Irena disse. Aleksandr havia ligado a televisão, mas não estava dormindo. Assentiu para mim, sorrindo, e eu acenei. – Ficar para comer?

– Outra hora – prometi. – Só queria me despedir e agradecer de novo.

Eles mantiveram o grupo de Paul em sua casa até o sargento Williams levá-los presos. Os prisioneiros quase morreram de fome, como todo mundo, mas, no fim, saíram nas mesmas condições que nós.

Os Borodin pareciam não ter sido afetados, como se não compreendessem tanta comoção, mas eles já tinham sobrevivido a algo muito mais horripilante. No sítio a Leningrado, a população de 3 milhões de pessoas da cidade havia passado por um evento que durou 900 dias, enquanto a população norte-americana havia enfrentado apenas 36 dias de sofrimento. Mais de 600 mil pessoas morreram em Leningrado, mas só 70 mil morreram nos Estados Unidos.

Só 70 mil. Mas poderia ter sido muito pior.

– Veremos vocês, sim? Vamos visitar Antonia e Luke – Irena disse, ficando na ponta dos pés para beijar minha bochecha e dar um beijinho na cabeça rosada de Antonia.

– Quando quiserem – respondi.

Nós nos entreolhamos por um momento, e então, ela voltou a cozinhar, deixando a porta entreaberta. Eu segui pelo hall.

O hall.

Em minhas lembranças, eu ainda conseguia ver os sofás e as cadeiras ali, tomados de pessoas embaixo de cobertores. A lembrança mais viva era o cheiro. Os carpetes tinham sido arrancados, o papel de parede trocado, mas eu ainda conseguia sentir o cheiro. Mesmo assim, ali havia sido nosso santuário, e uma parte de mim se lembrava dos dias em que havíamos passado juntos, dividindo medos e migalhas, com um toque de sensibilidade.

Pam e Rory tinham sobrevivido; na verdade, todo mundo que ficou no prédio quando deixamos Nova York ficou bem. Visitamos os dois, mas não falamos sobre o sangue. Não era necessário. De um modo estranho, eles haviam se mantido fiéis aos princípios veganos do modo que conseguiram – o sangue tinha sido doado voluntariamente, portanto eles não prejudicaram ninguém.

A única pessoa que não vimos foi Sarah. Ela havia desaparecido quando voltamos.

O sargento Williams fez questão de cuidar do caso de Paul pessoalmente, um caso que se tornou um homicídio múltiplo com base nas evidências da rede de comunicação. Quando ele foi preso, a história toda veio à tona. Apesar de Richard ser de família abastada, ele tinha dívidas, por isso dera início a um esquema de roubo de identidade com Stan e Paul, tendo como alvos os empresários de fora da cidade que usavam os serviços de limusine da oficina. Ninguém nos perguntou onde Richard estava, e ele se tornou apenas mais um dos milhares de desaparecidos.

Richard tinha sido o responsável pelo roubo de identidade de Lauren, e era por esse motivo que ele gostava de paparicar a família dela, para obter informações. Tudo saiu do controle quando o desastre teve início. Paul havia ameaçado Richard, dizendo que contaria às pessoas o que ele fizera se Richard não o ajudasse a roubar mantimentos. Suspeitávamos de que as mortes das nove pessoas do segundo andar não tinham sido tão inocentes quanto Richard quisera fazer parecer, mas era só especulação nossa.

Chegando aos elevadores, apertei o botão para descer, mas mudei de ideia e

fui pela escada. O som familiar de passos na escada de metal ecoou em meus ouvidos enquanto eu descia. No lobby, o jardim japonês havia sido restaurado. Mas saí pela porta dos fundos.

Lá fora, fui recebido por uma rajada de ar quente e pelo burburinho de Nova York. Era possível ouvir uma britadeira ao longe, além de uma cacofonia de buzinas e um helicóptero sobrevoando a área. Olhando na direção do Hudson, vi um barco a vela navegando.

A normalidade parecia ter voltado, mas as coisas nunca mais seriam como antes.

Ao caminhar pela 24, atravessei a Nona avenida e olhei na direção do Financial District. Os criminosos russos estavam mirando apenas as empresas de fundos multimercado em Connecticut, mas tinham derrubado todo o sistema. Surpreendentemente, quando a energia voltou e as redes foram limpas, a maior parte da indústria financeira conseguiu começar de novo.

A fileira de prédios incendiados já havia sido demolida, e andaimes tinham sido montados para novas construções. Em poucos meses, a cidade havia voltado quase totalmente ao normal, mas ainda víamos cicatrizes por todos os lados – prédios demolidos e danificados, áreas ainda restritas.

O prejuízo da Cibertempestade estava estimado na casa das centenas de bilhões de dólares, eclipsando qualquer outro desastre anterior na história norte-americana, isso sem falar nas dezenas de bilhões de dólares de lucro perdido e nos custos de limpeza das redes e da restauração da Internet. Mas o maior prejuízo foi em vidas humanas. Com mais de setenta mil mortos, foi mais fatal do que a Guerra do Vietnã.

A imprensa, no entanto, já estava fazendo comparações com guerras e outros desastres climáticos, como a onda de calor na Europa em 2003, que matou setenta mil pessoas; em Paris, foi preciso abrir galpões refrigerados para manter os cadáveres, porque os necrotérios estavam lotados. Eu me lembrava de ter lido sobre aquilo, algumas linhas pelas quais passei os olhos certa manhã enquanto tomava café para começar o dia. Agora, pessoas de todo o mundo provavelmente

estavam fazendo a mesma coisa em relação às notícias a respeito de Nova York; era só uma notícia em meio a todas as outras de todos os dias.

Chegando à esquina da Oitava avenida, virei em direção ao norte e conferi as horas em meu telefone. *Duas e dez.* Eu me encontraria com Damon e Lauren na entrada do Central Park na Columbus Circle às três da tarde. Tínhamos tempo suficiente para curtir um passeio.

Subi e caminhei por alguns quarteirões, e logo passei pelo Madison Square Garden. Estava fechado e provavelmente nunca mais reabriria, mas o local estava repleto de pessoas. O quarteirão foi cercado por um enorme memorial de flores que atulhava a rua, com fotos e cartas presas do lado de fora dos muros.

Damon e seus seguidores tinham criado uma ciberversão da mesma coisa, um site-memorial no qual centenas de milhares de imagens registradas por celular da Cibertempestade tinham sido organizadas. As pessoas obtinham respostas sobre o paradeiro de entes queridos, até entravam em contato com quem tirara as fotos para descobrir o que havia acontecido. Milhares de pessoas estavam sendo levadas à justiça pelos crimes cometidos, e as testemunhas eram chamadas através de suas contas na rede de comunicação.

No mundo físico, muitos caminhões da FEMA ainda ocupavam o quarteirão do memorial improvisado. A FEMA fez tudo o que pôde, mas não existia um plano de contingência para resgatar sessenta milhões de pessoas em meio à neve, sem energia, sem comida, e muitas sem água. O que piorava o problema era a perda de comunicação e das redes de computadores; as equipes de resgate não sabiam onde estavam os recursos, como chegar a eles, nem como entrar em contato com as pessoas, e as estradas estavam cheias de neve e intransitáveis.

Foram necessárias duas semanas para que os sistemas de informação e a capacidade de comunicação fossem recuperados para obter uma resposta significativa, e os esforços tinham começado em Washington e em Baltimore. Apenas quando partimos, começaram a dar atenção a Nova York.

Uma quantidade exorbitante de recursos e esforços humanos foi dedicada a Nova York quando ficou claro o que havia acontecido, mas não havia como

chegar à cidade nas primeiras semanas. Não eram apenas os ciberataques: milhares de linhas de telefone, de eletricidade e torres de celular tinham sido derrubadas pela neve e pelo gelo.

Os principais sistemas de água haviam ficado desabastecidos por apenas uma semana, mas, nesse tempo, os canos estouraram em todas as partes devido ao frio extremo. Quando a água voltou a ser fornecida, uma quantidade ínfima chegava a Manhattan, por isso decidiram interromper o fornecimento para fazer reparos. Em uma cidade coberta por metros de neve e gelo, sem comunicação, sem operários e sem eletricidade, aquela tarefa se tornou impossível.

Depois das falhas iniciais, o presidente invocou de imediato o Ato de Stafford, para que o exército pudesse operar dentro de nossas fronteiras, mas durante algumas semanas, estivemos à beira da guerra com a China e com o Irã, e o exército ficara de mãos atadas.

Além disso, somou-se as leituras dos radares que indicaram uma brecha no espaço aéreo norte-americano no primeiro dia do ataque. A maioria dos analistas acreditava ser um tipo de ataque automatizado de *drones*, uma nova ameaça que eles começavam a compreender. Foi preciso um mês para confirmar que os alertas dos radares tinham sido criações de uma infecção viral dos sistemas de radares da força aérea em McChord Field, no estado de Washington.

Quando um esboço do ocorrido foi delineado, quatro semanas depois da catástrofe, e as equipes de cibersegurança norte-americana e chinesa puderam discutir alguns pontos, um resgate de ampla escala foi iniciado. Este incluiu equipes chinesas que tinham trazido peças de substituição e homens para consertar a rede de energia elétrica da Costa Leste.

Passando pela rua 47, vi os ônibus vermelhos de dois andares da empresa New York Sightseeing na rua. Estavam repletos de turistas, mas não como antes – aqueles eram “turistas sombrios”, que queriam ver a reconstrução de nossa cidade, o mesmo tipo de visitantes que ficavam fascinados indo a Auschwitz.

Ao longe, na direção de Midtown, as placas de neon da Times Square brilhavam mesmo à luz do dia, e acima de mim, um outdoor digital mostrava a

seguinte manchete: *Audiências de Investigação no Senado Começam Abordando Por Que a Ciberameaça Não Foi Levada Mais a Sério*.

Eu ri baixinho, balançando a cabeça ao ler. *O que eles vão discutir?* O governo, na verdade, havia levado a sério a ciberameaça, mas antes da Cibertempestade, o termo "ciberguerra" tinha um sentido mais metafórico, como "a guerra contra a obesidade". Não era mais o caso, agora que o prejuízo tinha sido calculado, os custos relacionados e os horrores testemunhados.

Tudo não passou de uma série improvável de acontecimentos? Talvez, mas eventos incomuns estavam acontecendo no mundo com uma regularidade assustadora. Mesmo com todas as análises posteriores, ninguém conseguia entender como tudo havia dado errado de uma vez.

Tudo estava interconectado, e as cidades grandes dependiam de sistemas complexos em pleno funcionamento o tempo todo. Quando os sistemas não funcionavam bem, os cidadãos começavam a morrer depressa. A perda de algumas fundações criava problemas grandes demais para se consertar, terminando em uma pane sem uma degradação graciosa para sistemas e tecnologias mais antigas.

Uma geração atrás, para conter o perigo assustador das armas nucleares, os políticos e militares criaram regras de envolvimento com base em dissuasão. Mas não havia um protocolo similar para lidar com os ciberataques. Qual era o alcance de uma ciberarma? Como saber quem a havia manejado? O vácuo de regras e acordos internacionais tinha sido tão culpado quanto as circunstâncias para criar a Cibertempestade.

As pessoas, claro, sempre encontravam uma maneira de sobreviver. A mídia chegou a falar sobre canibalismo, e de fato ocorrera, mas ao invés de execrá-lo, a imprensa começou a normalizá-lo, citando incidentes históricos comparáveis.

Houve uma investigação nos chalés próximos ao nosso na Virgínia. Os Baylor estavam de férias, e as pessoas que tínhamos encontrado eram intrusas. Elas provavelmente tinham roubado equipamentos e mantimentos da casa de Chuck, mas nós também havíamos roubado aquilo de que necessitamos de

nossos vizinhos de Nova York. Não havia evidência de canibalismo por lá, apenas os ossos de porcos que eles deveriam ter pegado, como nós fizemos. Nós havíamos tirado conclusões precipitadas por conta de nossos medos e dos horrores que havíamos testemunhado.

Cheguei ao Columbus Circle, e fiquei observando carros e caminhões passarem. Mais acima, as árvores do Central Park pareciam um cânion verde entre os arranha-céus, e o monumento no meio do cruzamento se agigantava à nossa frente enquanto as fontes espirravam água ao redor. Havia pessoas sentadas nos bancos, aproveitando o sol.

A vida seguia.

Esperando que o farol mudasse, olhei para o muro cinza do Museu de Arte e Design à minha direita. Uma mensagem pichada com letras enormes e cheias de floreios estendia-se do chão ao teto. Podia-se ler: “Às vezes, as coisas dão errado para que coisas melhores aconteçam”. E mais abaixo, a frase era atribuída a “Marilyn Monroe”.

Apontei a mensagem: – Viu aquilo, Antonia? Você acha que coisas melhores estão vindo?

Eu esperava que viessem, pelo bem dela, mas uma intranquilidade profunda havia tomado minha alma.

Como acontecia com coisas horrorosas, alguma coisa boa poderia ser tirada da catástrofe, aparentemente. Mudanças nas leis internacionais eram uma promessa. Pelo menos, era o que os jornais diziam. Veríamos se algo aconteceria, de fato.

A separação entre o mundo cibernético e o mundo físico estava desaparecendo. Ciberbullying era só *bullying*, e a ciberguerra era só guerra; a verdadeira era cibernética começaria quando parássemos de usar *ciber* como prefixo.

Caminhando pelo Columbus Circle, vi Lauren perto de Damon e acenei. Ela segurava uma trela com o cão que havíamos acabado de adotar, Buddy. Os

abrigos estavam lotados com animais depois do desastre, e aquela era uma pequena maneira de reduzirmos o sofrimento.

– Olha lá a mamãe!

Eu não conseguia acreditar que tinha sido tão cego, tão limitado a ponto de acreditar que Lauren estivesse sendo infiel quando ela só tentava melhorar sua vida e a minha. Era o mesmo tipo de pensamento ilusório e limitado que quase custara nossas vidas quando não consegui entender o que vira em Washington como algo além de uma invasão chinesa.

– Oi, querida! – falei. – Antonia e eu fizemos um ótimo passeio!

Lauren correu até nós e me beijou. Damon apareceu em seguida, empurrando Luke em um carrinho.

O dia estava lindo, com um céu azul perfeito. Bandeiras americanas decoravam a entrada do Central Park. Estávamos ali para assistir às comemorações do Dia da Independência e para ver Damon receber a chave da cidade de Nova York das mãos do prefeito.

Entramos no parque. Perto da multidão que se reunia ao redor do palco à espera da cerimônia, encontramos Chuck e Susie.

– Vamos – eu disse a Damon enquanto nós nos cumprimentávamos. – Seu tempo de fama começou.

Ele riu.

– Tempo é, sem dúvida, a palavra de ordem.

Continuava sendo um garoto esquisito. Balancei a cabeça quando ele correu em direção aos bastidores. Muitas pessoas se aproximaram, e peguei Antonia do *baby sling* para segurá-la em meu colo.

– Veja – falei, erguendo a bebê e apontando o palco. Damon parecia encabulado na frente das pessoas. – Aquele é seu tio Damon.

Antonia bocejou e babou em mim. Ri, maravilhado ao perceber como uma coisinha tão pequena podia ser tão linda.

Um limite havia sido cruzado, e o mundo nunca seria o mesmo. Apesar de todos os apertos de mãos e rostos sorridentes na TV, já havia rumores de novos

conflitos, e eu, de certo modo, duvidava que as lições que tínhamos aprendido seriam lembradas por muito tempo.

Olhando ao redor, poderia se imaginar que tudo aquilo não tinha acontecido. Lembrei-me de uma viagem que fiz a Varsóvia, certa vez. Quando saíram da cidade no fim da guerra, os nazistas destruíram todo o centro urbano, arrasando o máximo de construções que conseguiram: Hitler estava determinado a varrer a Varsóvia do mapa. No entanto, depois, seus moradores a reconstruíram, tijolo por tijolo, apagando Hitler do mesmo modo como ele havia tentado apagá-los.

Nova York parecia a mesma, mas não era e nunca voltaria a ser.

De pé, à luz do sol com as pessoas que tinham sido minha família durante o desastre, meus olhos se encheram de lágrimas.

Antonia riu em meus braços. Setenta mil pessoas tinham morrido, mas pelo menos uma vida havia sido salva. Se nada daquilo tivesse acontecido, Lauren talvez tivesse feito um aborto, e eu nunca ficaria sabendo. Eu nunca teria Antonia em minha vida, nunca saberia que ela havia existido, e provavelmente teria perdido Lauren também.

Olhando nos olhos de Antonia, percebi que minha vida também tinha sido salva.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer às muitas pessoas que emprestaram tempo e conhecimento e me ajudaram a criar um cenário realista para um caso de grave conflito cibernético, incluindo: Richard Marshall, ex-diretor mundial de Cibersegurança, US Department of Homeland Security [Departamento de Segurança Nacional dos Estados Unidos]; Curtis Levinson, agente de ligação de ciberdefesa dos Estados Unidos com a OTAN; Major Alex Aquino, diretor de ciberoperações do US Air Force Western Air Defense Sector [Defesa Aérea do Setor Ocidental das Forças Aéreas dos Estados Unidos]; e Erik Montcalm, diretor de Tecnologias de Segurança, SecureOps.

Muito obrigado à Harper Collins Canada – a Lorissa Sengara e a Noelle Zitser – por todo o esforço para preparar o *Cyberstorm* para o mundo, e também a meu editor da primeira edição, Gabe Robinson, e a Allan Tierney e Pamela Deering, que também ajudaram no processo de edição.

Obrigado a todos os meus leitores-beta (e me desculpem por não saber o sobrenome de todos): Adam, Adi, Alison Hodge, Amber, Amit, Ashvin, Barry Sax, Bill Mather, Bill Parker, Brian Lomax, Charles, Chrissie, Colby Zoeller, Craig Haseler, Daryl Clark, David King, Sra. Dayfield, Ed Grbacz, Edwina, Erik Montcalm, Em, Harold Kelsey, Haydn Virtue, Hector, Jim Duchek, John Jarrett, Jon, Josh Brandoff, Joy Lu, Julie Parsons, Julie Schmidt, Junko, Justin, Kimmerie, Lance Barnett, Leonard, Leonardo, Lowell, Luke, Marjolein, Matt, Max Zaoui, Michelle, Mike, Mircea, Mog, Naveen, Niels Pedersenn, Niki, Or Shoham, Peter, Philip Graves, Rob Linxweiller, Robin, Sam Romero, Samantha, Shabnam Penry, Sohna Ravindran, Stefano, Tara, Tim McGregorus, Tom Giebel, Warrick Burgess, William e William McClusky.

E, claro, por último, mas igualmente importante, minha linda e inteligente namorada Julie Ruthven, por aguentar todos os serões noturnos e por todas vezes que não passeei com os cachorros.

MATTHEW MATHER

É um entusiasta de tecnologia. Já trabalhou com segurança de computadores, criação de games, nanotecnologia e até sistemas de inteligiencia social. É conhecido pela série best-seller de ficção científica *The Atopia Chronicles*. Em 2013, autopublicou *Cyberstorm*. A obra obteve um sucesso tão grande que será adaptada para o cinema pela 20th Century Fox.

Hope e *cash*, em inglês, respectivamente, são esperança e dinheiro. (N. T.)

DEFCON: DEFCON é um acrônimo para Defense Condition. É usado para medir o nível de disponibilidade e alerta das forças armadas norte-americanas em caso de emergência, e seus níveis variam de acordo com a gravidade da situação (DEFCON 5 é considerado um estado normal, e o DEFCON 1, estado de ataque iminente). (N. de T.)

FEMA: Federal Emergency Management Agency, agência de auxílio em casos de emergência. (N. de T.)

John Appleseed (1774 – 1845): John Chapman, também conhecido como John Appleseed [semente de macieira], foi um americano que introduziu o cultivo de macieiras em várias regiões dos Estados Unidos. Tornou-se uma lenda em razão de sua gentileza e generosidade, por dar valor à conservação das árvores e pela importância simbólica que atribuía às maçãs. [N. de T.]

Amanhecer violento: Filme norte-americano de 1984, no qual, durante a Terceira Guerra Mundial, um grupo de jovens cria uma milícia para defender o país dos ataques dos soviéticos. [N. de T.]

Gulag: Campo de concentração para onde dissidentes do regime da antiga União Soviética eram levados e, muitas vezes, executados. (N. de T.)

CYBERSTORM

TÍTULO ORIGINAL: Cyberstorm
CAPA, PROJETO E DIAGRAMAÇÃO ORIGINAL: Desenho Editorial
PREPARAÇÃO DE TEXTO: Opus Serviços Editoriais
REVISÃO: Ana Cláudia de Mauro | Isadora Prospero
VERSÃO ELETRÔNICA: Natalli Tami
EDITORIAL: Daniel Lameira | Mateus Duque Erthal | Katharina Cotrim | Bárbara Prince | Júlia Mendonça
DIREÇÃO EDITORIAL: Adriano Fromer Piazzi

COPYRIGHT © MATTHEW MATHER, 2013
COPYRIGHT © EDITORA ALEPH, 2015
(EDIÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA PARA O BRASIL)

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS.
PROIBIDA A REPRODUÇÃO, NO TODO OU EM PARTE, ATRAVÉS DE QUAISQUER MEIOS.

ALL RIGHTS RESERVED INCLUDING THE RIGHTS OF REPRODUCTION IN WHOLE OR IN PART IN ANY FORM.

EDITORA ALEPH

Rua Lisboa, 314
05413-000 – São Paulo/SP – Brasil
Tel.: [55 11] 3743-3202
www.editoraaleph.com.br

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGACÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Mather, Matthew
Cyberstorm [livro eletrônico] / Matthew Mather ; tradução Carolina Caires Coelho. -- São Paulo : Aleph, 2015.
750 Kb; ePUB
Título original: Cyberstorm
ISBN: 978-85-7657-234-3
1. Ficção inglesa I. Título.
15-08112 CDD-823
Índices para catálogo sistemático:
1. Ficção : Literatura inglesa 823